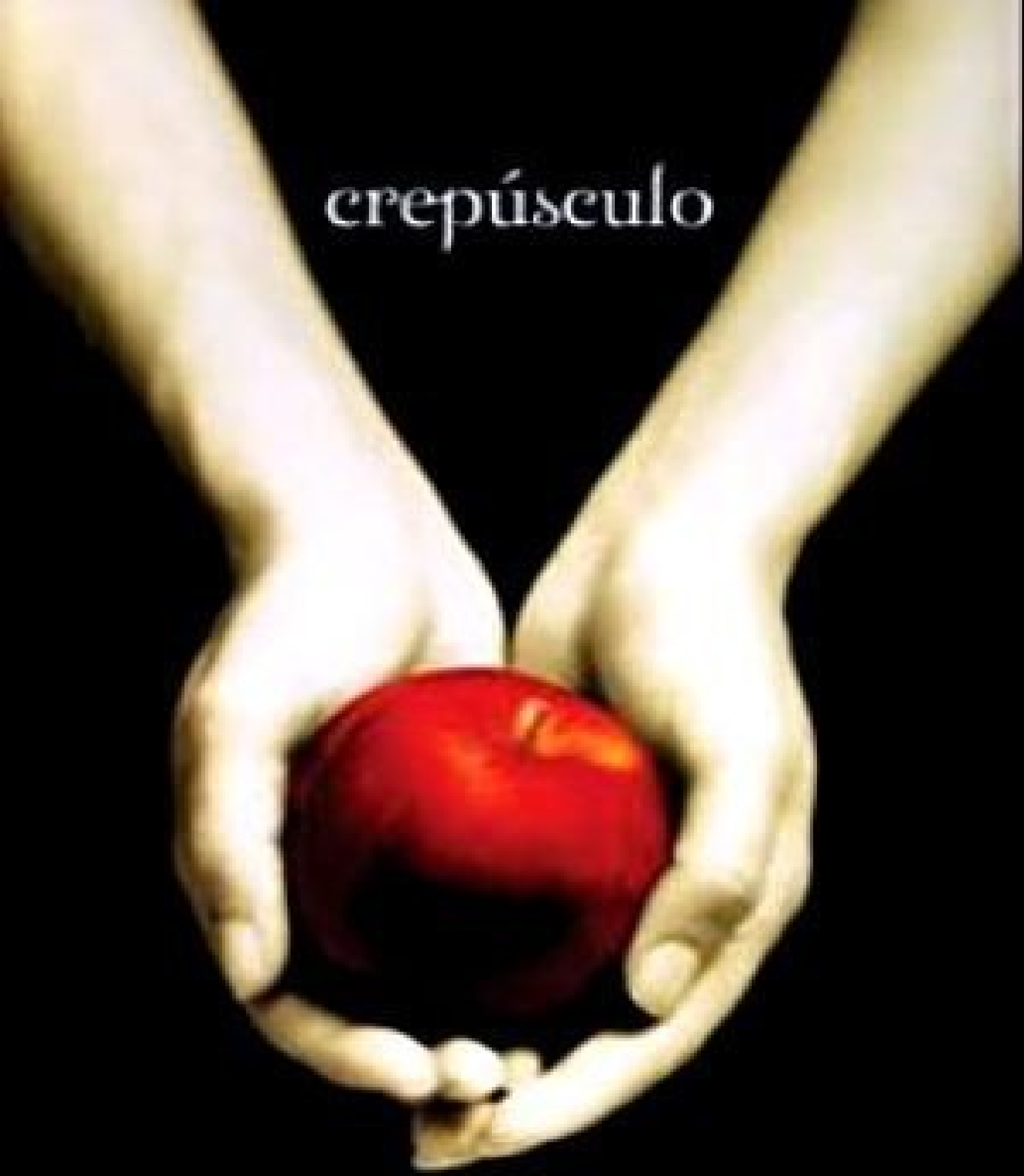
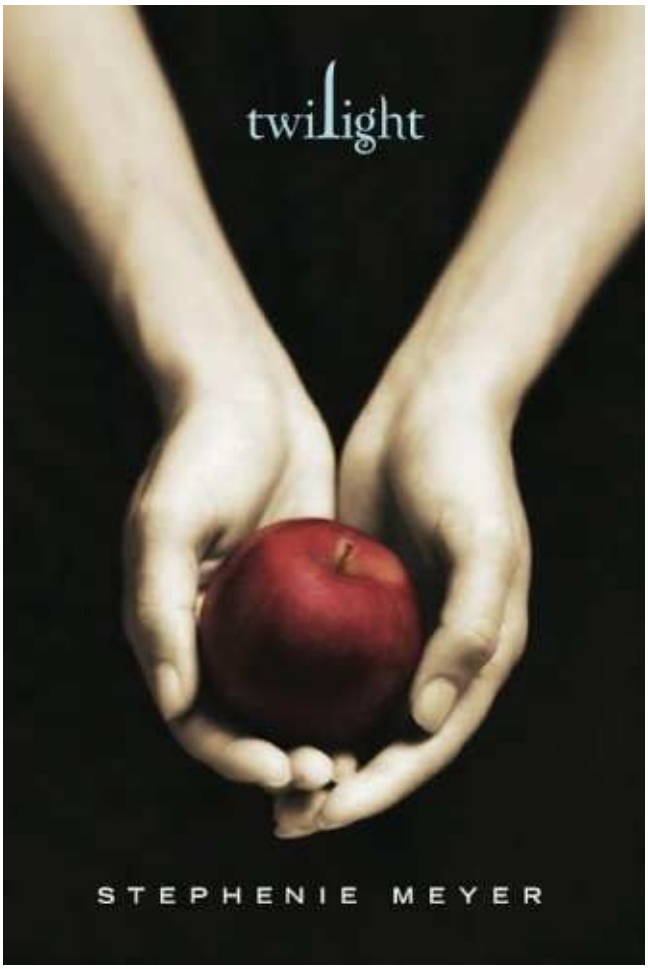
crepúsculo



STEPHENIE MEYER



ÍNDICE

1. À PRIMEIRA VISTA
..... 4

2. LIVRO ABERTO
..... 14

3. FENÔMENO
..... 24

4. CONVITE
..... 31

5. TIPO SANGUÍNEO
..... 39

6. HISTÓRIAS ASSUSTADORAS
..... 50

7. PESADELO
..... 58

8. PORT ANGELES
..... 68

9. TEORIA
.....
80

10. INTERROGAÇÕES
..... 88

11. COMPLICAÇÕES
..... 98

12. OSCILANDO
..... 106

13. CONFISSÕES
..... 117

14. A MENTE DOMINA A MATÉRIA
..... 128

15. OS CULLEN
..... 139

16. CARLISLE
..... 148

17. O JOGO
..... 154

18. A CAÇADA
..... 166

19. DESPEDIDAS
..... 172

20. IMPACIÊNCIA
..... 178

21. TELEFONEMA
..... 186

22. ESCONDE-ESCONDE
..... 190

23. O ANJO
.....
198

24. UM
IMPASSE.....
201

EPÍLOGO: UM ACONTECIMENTO ESPECIAL
..... 211

PREFÁCIO

Eu nunca pensei muito sobre como eu iria morrer - achei que eu tinha motivos suficientes nos últimos meses - mas mesmo que eu não tivesse, eu não iria imaginar assim. Eu encarei sem respirar através do longo aposento, dentro dos olhos escuros do caçador, e ele olhou agradavelmente de volta pra mim.

Com certeza essa foi uma boa forma de morrer, no lugar de outra pessoa, outra pessoa que eu amava.

Nobre, até. Que deve ser levado em conta pra alguma coisa.

Eu sabia que se eu nunca fosse para Forks, eu não estaria encarando a morte agora. Mas, aterrorizada como eu estava, eu não podia me fazer lamentar a decisão.

1. À PRIMEIRA VISTA

Minha mãe me levou ao aeroporto com as janelas abaixadas. Estava fazendo 24°C em Phoenix, o céu estava um azul perfeito e sem nuvens. Estava vestindo minha camiseta preferida: sem mangas, de renda furadinha. Usava-a como um gesto de despedida. Minha bagagem de mão era um parka.

Na Península Olímpica, no noroeste do estado de Washington, nos Estados Unidos, existe uma cidadezinha chamada Forks que está quase que constantemente coberta por nuvens. Nessa cidade desimportante chove mais do que em qualquer outro lugar do país. Foi dessa cidade e da sua sombra depressiva e onipresente que minha mãe fugiu comigo quando eu tinha só alguns meses de vida. Era nessa cidade que eu era obrigada a passar todos os verões até completar 14

anos. Aquele foi o ano em que bati o pé. Então, nos últimos três verões, meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia.

Agora era em Forks que ia me exilar, algo que fiz com muito custo. Eu detestava Forks. Eu amava Phoenix. Amava o sol e o calor escaldante. Amava a cidade vigorosa e grande.

- Bella - minha mãe me disse - pela milésima vez - antes de eu entrar no avião. - Você não precisa fazer isso.

Minha mãe parece-se comigo, exceto pelo cabelo curto e pelo rosto risonho. Senti um espasmo ao encarar os olhos infantis e bem abertos dela. Como poderia deixar minha amorosa, errática e ingênua mãe para se cuidar sozinha? Claro, ela tinha o Phil agora, então as contas provavelmente seriam pagas, haveria comida na geladeira, gasolina no carro, e alguém pra ligar quando ela se perdesse, mas ainda assim...

- Eu quero ir - eu menti. Sempre fui uma péssima mentirosa, mas já estava contando essa mentira tão freqüentemente por esses dias que agora já soava quase convincente.

- Diz 'oi' para o Charlie por mim.

- Pode deixar.

- Verei você logo - ela insistiu. - Pode voltar pra casa quando quiser. Virei assim que você

precisar.

Mas pude perceber o sacrifício em seus olhos, por trás da promessa.

- Não se preocupe comigo - eu pedi - Vai ser ótimo. Amo você, mãe. Ela me abraçou apertado por um tempo, então entrei no avião e ela se foi. De Phoenix para Seatle o vôo dura quatro horas, mais uma hora num pequeno avião até

Port Angeles, e então uma hora de carro até Forks. O vôo não me incomodava, já passar uma hora num carro com Charlie estava me preocupando.

Charlie estava sendo até legal sobre essa história toda. Ele parecia genuinamente feliz que eu iria morar com ele quase que permanentemente pela primeira vez. Ele já tinha me matriculado na escola e ia me ajudar a arranjar um carro.

Mas com certeza ia ser estranho morar com Charlie. Nenhum de nós era o que se poderia chamar de falantes, e nem sei o que haveria para ser dito. Sabia que ele estava mais do que confuso com a minha decisão - como minha mãe já havia feito antes de mim, eu nunca tinha escondido que não gostava de Forks.

Quando o avião pousou em Port Angeles, estava chovendo. Não achei que fosse um mau presságio, só era inevitável. Já tinha me despedido do sol.

Charlie estava me esperando no carro-patrulha. Já era de se esperar. Charlie é o Chefe de Polícia para os bons cidadãos de Forks. Meu motivo maior para comprar um carro, apesar da escassez dos meus rendimentos, era que eu me negava ser levada pela cidade num carro com luzes vermelhas e azuis em cima. Nada melhor pra fazer o trânsito andar devagar do que um policial.

Charlie me deu um abraço meio estranho, de um braço só, quando sai tropeçando do avião.

- Bom te ver, Bells. - ele disse sorrindo, enquanto automaticamente me segurava para eu não cair. - Você não mudou muito. Como vai Renée?

- Mamãe vai bem. É bom te ver também, pai. - ele não me deixava chamá-lo de Charlie.

Só tinha trazido algumas malas. A maior parte das roupas que usava no Arizona eram muito permeáveis para usar em Washington. Minha mãe e eu tínhamos nos

juntado para suplementar meu guarda-roupa com roupas de inverno, mas ainda tinha pouca coisa. Coube tudo na mala do carro-patrulha, facilmente.

- Achei um bom carro para você, bem barato. - ele anunciou quando já estávamos no carro.

- Que tipo de carro? - achei suspeito a maneira como ele disse "carro bom para você", ao invés de só "carro bom".

- Bem, na verdade é uma caminhonete, um Chevrolet.

- Onde o achou?

- Lembra-se de Billy Black, de La Push? - La Push é a pequena reserva indígena na costa.

- Não.

- Ele costumava ir pescar conosco no verão. - Charlie ofereceu ajuda. Isso explicaria porque eu não lembrava dele. Me dou bem em bloquear da minha memória coisas dolorosas e desnecessárias.

- Ele está numa cadeira de rodas agora - Charlie continuou quando não respondi - então não pode dirigir mais, por isso se ofereceu para vender a caminhonete bem barato.

- De que ano é? - pude ver pela mudança de expressão que essa era uma pergunta que ele esperava que eu não fosse fazer.

- Bem, Billy trabalhou bastante no motor - só tem alguns anos.

Esperava que ele não fosse achar que eu desistiria assim tão fácil. - Quando ele comprou a caminhonete?

- Acho que foi em 1984.

- Era nova quando ele comprou?

- Na verdade, não. Acho que era nova no começo dos anos 60 - ou no fim dos 50, no máximo. - ele admitiu, envergonhado.

- Ch... pai, não sei muito sobre carros. Não saberia consertar nada se estragasse, e não poderia pagar um mecânico...

- Realmente, Bella, a coisa anda direito. Não fazem mais carros como aquele. A coisa, pensei comigo mesma... era uma possibilidade - como apelido, no mínimo.

- Barato é quanto? - afinal, essa era a parte onde eu não podia abrir mão.

- Bem, querida, eu meio que já comprei ele pra você. Um presente de boas-vindas. - Charlie espiou para o meu lado, com uma expressão esperançosa no rosto. Uau. De graça.

- Não precisava fazer isso, pai. Eu ia comprar o carro eu mesma.

- Eu não me importo. Quero que você seja feliz aqui. - Ele olhava em frente na estrada quando falou isso. Charlie não ficava confortável ao expressar suas emoções em voz alta. Eu herdei isso dele. Então olhava bem pra frente quando respondi.

- Isso foi muito legal, pai, obrigada. Fico muito agradecida. - não precisava adicionar que eu ser feliz em Forks era uma impossibilidade. Ele não precisava sofrer comigo. E eu nunca recusaria uma caminhonete de graça.

- Bem, então, de nada. - ele murmurou, envergonhado com o meu agradecimento. Trocamos mais alguns comentários sobre o tempo, que estava molhado, e era isso em termos de conversa. Ficamos olhando pela janela em silêncio.

Era lindo, claro, não podia negar isso. Tudo era verde: as árvores, os troncos cobertos de musgo, os galhos pendurados formando uma cobertura, o chão coberto com plantas. Até mesmo o ar ficava meio verde ao passar pelas folhas.

Era muito verde - um planeta alienígena.

Finalmente chegamos na casa do Charlie. Ele ainda vivia na casa pequena, de dois quartos, que ele comprara com minha mãe logo que se casaram. Esse foi o único período do casamento deles. Ali, estacionada na rua em frente à casa que nunca mudara, estava minha nova - bem, nova para mim - caminhonete. Era uma cor vermelha desbotada, com uma grande cabina e enormes calotas. Para minha

grande surpresa, eu amei. Não sabia se ela ia andar, mas conseguia

me imaginar dentro dela. Ainda por cima, era uma daquelas coisas sólidas de ferro, que nunca se amassam - do tipo que se vê num acidente nem arranhada, circundada pelos pedaços do carro que ela tinha destruído.

- Uau, pai, adorei! Obrigada! - agora meu dia horrível que seria amanhã iria ser um pouco menos horroroso. Eu não precisaria escolher entre andar na chuva por mais de três quilômetros ou aceitar uma carona no carro-patrulha para chegar no colégio.

- Fico feliz que você tenha gostado. - Charlie disse, envergonhado de novo. Só precisou uma viagem para levar todas as minhas coisas para o andar de cima. Fiquei com o quarto que tinha janela para o pátio da frente. O quarto me era familiar. Era meu desde que tinha nascido. O chão de madeira, as paredes azul claro, o teto curvado, as cortinas de renda já

amareladas - tudo isso fez parte da minha infância. As únicas mudanças que Charlie tinha feito fora por eu ter crescido: mudou o berço por uma cama e colocou um escrivaninha. A escrivaninha agora tinha um computador de segunda-mão, com o fio do telefone para a internet grampeada pelo chão até chegar na tomada de telefone mais próxima. Isso tinha sido estipulado por minha mãe, para que pudéssemos manter contato fácil. A cadeira de balanço dos meus tempos de bebê

ainda estava num canto.

Havia somente um pequeno banheiro no andar de cima, o qual teria que dividir com Charlie. Tentava não pensar muito nisso.

Uma das coisas boas sobre Charlie é que ele não fica me cuidando. Ele me deixou sozinha para desfazer minhas malas e me ajeitar, uma coisa que seria completamente impossível para minha mãe. Era bom poder estar sozinha e não ter que ficar sorrindo e parecer feliz. E era um alívio poder olhar com desânimo para a chuva na janela e deixar escaparem algumas lágrimas. Não estava afim de começar uma choradeira. Guardaria isso para a hora de dormir, quando fosse pensar na manhã que estava por vir.

A Escola de Forks tinha o aterrorizante total de apenas trezentos e cinquenta e sete - agora cinquenta e oito - alunos. Só no meu ano, lá em Phoenix, havia mais

de setecentos alunos. Todo mundo aqui tinham crescido juntos - seus avós tinham sido bebês juntos. Eu seria a garota nova da cidade grande. Uma curiosidade, uma aberração. Talvez se eu parecesse com uma garota de Phoenix isso poderia ser uma vantagem. Mas fisicamente eu nunca me encaixaria em lugar algum. Eu deveria ser bronzeada, esportiva, loira - jogadora de vôlei, ou líder de torcida, talvez - essas coisas associadas ao vale do sol. No lugar disso, eu tinha pele branca apesar do sol constante, sem nem ter a desculpa de ter olhos azuis ou cabelos ruivos. Sempre fora meio magra, mas nem tanto, obviamente não era atleta. Não tinha a coordenação motora necessária para praticar esportes sem me humilhar - e machucar a mim mesma ou qualquer um parado muito perto de mim.

Quando terminei de colocar minhas roupas no velho guarda-roupa de pinho, peguei minha bolsa de produtos de beleza e fui ao banheiro comunal para me lavar depois do dia de viagem. Olhei para meu rosto no espelho enquanto penteava meu cabelo embaraçado e úmido. Talvez fosse a luz, mas eu já parecia mais pálida, pouco saudável. Minha pele poderia ser bela - era bem clara, parecia transparente - mas tudo dependia da cor, e eu não tinha isso. Encarando meu reflexo pálido no espelho fui obrigada a admitir que estava mentindo para mim mesma. Não era só fisicamente que eu nunca me encaixaria. E seu eu não conseguia achar um lugar para mim numa escola com três mil pessoas, quais eram minhas chances aqui?

Eu não me relacionava bem com pessoas da minha idade. Talvez a verdade fosse que eu não me relacionava bem com as pessoas, ponto. Até minha mãe, que era a pessoa mais próxima de mim no planeta, nunca estava em harmonia comigo, nunca estávamos exatamente de acordo. As vezes imaginava se eu via as mesmas coisas através de meus olhos que o resto do mundo via com os deles. Talvez houvesse um problema no meu cérebro. Mas o motivo não importava. O que importava era o resultado. E amanhã seria só começo.

Não dormi bem naquela noite, mesmo depois de ter chorado tudo que precisava. O barulho constante da chuva e do vento no telhado não saiam da minha mente. Puxei a coberta desbotada

sobre minha cabeça e depois adicionei o travesseiro também. Mas não consegui dormir até depois da meia-noite, quando a chuva finalmente diminuiu para um chuvisco. Cerração fechada era tudo que conseguia ver pela minha janela de manhã, e pude sentir a claustrofobia começada. Não se podia ver o céu aqui, era

quase uma jaula. O café-da-manhã com Charlie foi um evento silencioso. Ele me desejou boa-sorte na escola. Eu agradeci, sabendo que as esperanças dele eram inúteis. Boa-sorte tinha a tendência de me evitar. Charlie saiu primeiro, indo para o posto policial que era sua esposa e família. Depois que ele saiu, sentei à velha mesa quadrada em uma das três cadeiras que não combinavam entre si e examinei sua pequena cozinha, suas paredes com painéis escuros, armários amarelo brilhante, e piso de linóleo branco. Nada mudara. Minha mãe pintara os armários dezoito anos antes na tentativa de trazer alguma luz para a casa. Sobre a pequena lareira, na sala do tamanho de um lenço que ficava logo ao lado da cozinha, havia uma fileira de fotos. A primeira era uma do casamento de Charlie e minha mãe em Las Vegas, uma de nós três no hospital quando eu nasci, tirada por uma enfermeira prestativa, seguida de uma procissão de fotos escolares minhas até o último ano. Essas eram embaraçosas de se ver - teria que ver se convencia Charlie a colocá-las em outro lugar, pelo menos enquanto eu estivesse morando aqui.

Era impossível, estando nessa casa, não perceber que Charlie nunca tinha superado minha mãe. Isso me fazia ficar desconfortável.

Eu não queria chegar cedo demais na escola, mas não podia ficar mais na casa . Vesti meu casaco - que me fazia sentir como numa roupa anti-nuclear - e sai para a chuva. Ainda chuviscava, mas não o suficiente para me molhar muito enquanto procurava pelas chaves da casa que sempre ficavam escondidas nas plantas perto da porta e a trancava. O barulho das minhas novas botas à prova d'água era irritante. Sentia falta do barulho normal de cimento quando caminhava. Não pude parar para admirar minha nova caminhonete como queria. Estava com pressa para sair da névoa molhada que rondava minha cabeça e se grudava no meu cabelo por baixo do capuz.

Dentro da caminhonete estava seco e bom. Obviamente, Billy ou Charlie tinham limpado o carro, mas os assentos ainda cheiravam vagamente à tabaco, gasolina e menta. O motor ligou rápido, para meu alívio, mas bem alto, ganhando vida ruidosamente e então chegando ao volume máximo. Bom, uma caminhonete velha assim tinha que ter um defeito. O rádio velho funcionava, uma vantagem que eu não esperava.

Achar a escola não foi difícil, apesar de nunca ter estado lá antes. Ela ficava, assim como a maioria das coisas, bem perto da estrada. Não era obviamente uma escola, foi o painel, onde dizia

"Escola de Forks", que me fez parar. Parecia uma coleção de casas geminadas, construídas com tijolos marrons. Havia tantas árvores e moitas que não pude perceber seu tamanho logo no início. Onde estava a aparência de lugar público? Me perguntava nostalgicamente. Onde estavam as cercas e os detetores de metais?

Estacionei em frente ao primeiro prédio, onde havia uma pequena placa que dizia

"secretaria". Não havia mais carros estacionados ali, então tive certeza de que era proibido, mas decidi que pegaria instruções lá dentro ao invés de ficar andando em círculos na chuva como uma idiota. Saí a contragosto da caminhonete quentinha e fui por um caminho de pedra circundado por uma sebe escura. Respirei fundo antes de abrir a porta.

Lá dentro estava bem iluminado e bem mais quente do que imaginava. A secretaria era pequena, com uma pequena sala de espera com cadeiras dobráveis, carpete laranja, avisos e prêmios abarrotados pelas paredes e um grande e ruidoso relógio. A sala era partida ao meio por um grande balcão, cheia de cestas de arame repletas de papéis e anúncios coloridos colados na parte da frente. Havia três mesas atrás do balcão, uma delas ocupada por uma mulher ruiva e grande, usando óculos. Ela vestia uma camiseta roxa, que imediatamente me fez sentir com roupas demais.

A ruiva olhou para mim. - Posso ajudá-la?

- Sou Isabella Swan - informei-lhe, e vi seus olhos demonstrarem reconhecimento imediato. Eu era esperada, tópico de fofocas, com certeza. A filha da ex-mulher do chefe de polícia finalmente retorna à casa.

- Claro - ela disse. Ela percorreu uma pilha precária de documentos em sua mesa até achar os que procurava. - Seu horário está aqui, e um mapa da escola. - Ela trouxe várias folhas até o balcão para me mostrar.

Ela me ditou todas as minhas aulas, mostrando-me no mapa a melhor maneira de chegar até elas, e me deu um papel para que todos os professores assinassem, que deveria trazer de volta no fim do dia.

Ela sorriu para mim e desejou, como Charlie, que eu gostasse de Forks. Sorri de volta da maneira mais convincente possível.

Quando cheguei de volta na caminhonete, outros alunos começavam a chegar. Fui atrás do tráfego, contornando a escola. Fiquei feliz ao ver que a maior parte dos carros eram velhos como o meu, nada muito chique. Em casa eu morava num dos poucos bairros de classe baixa que estavam incluídos no Distrito Paradise Valley. Era comum ver um Mercedes ou Porsche novo no estacionamento dos alunos. O carro mais legal aqui era um brilhante Volvo, que se sobressaia. Mesmo assim, logo que estacionei desliguei o motor, para que o barulho enorme não chamasse atenção para mim.

Olhei para o mapa na caminhonete, tentando memorizá-lo agora, esperando que não fosse precisar andar com ele colado no nariz o dia todo. Enfiei tudo dentro da mochila, coloquei a alça sobre o ombro e respirei bem fundo. "Posso fazer isso", menti muito mal para mim mesma. Ninguém ia me morder. Eu finalmente exalei e sai do carro.

Fiquei com o rosto coberto pelo capuz enquanto caminhava até a calçada, cheia de adolescentes. Meu casaco preto e simples não se destacava na multidão, percebi com alívio. Assim que cheguei no refeitório era fácil de ver o prédio três. Um grande "3" estava pintado num quadrado branco no casto leste do prédio. Senti minha respiração acelerar cada vez mais enquanto me aproximava da porta. Tentei segurar minha respiração enquanto seguia duas capas de chuva unisex através da porta.

A sala de aula era pequena. As pessoas na minha frente pararam assim que entraram na sala para pendurar seus casacos numa longa fileira de ganchos. Fiz o mesmo. Eram duas garotas. Uma loira com pele de porcelana, outra, também com a pele clara, tinha cabelos castanho claro. Pelo menos a minha pele não se destacaria aqui.

Levei o papel para o professor, um homem alto e calvo. Sua mesa tinha uma placa que o identificava como Sr. Mason. Ele ficou me olhando assim que leu meu nome - o que não era encorajador - e lógico que fiquei vermelha igual a um tomate. Mas pelo menos ele me mandou sentar numa classe vazia no fundo da sala sem me apresentar à turma. Era mais difícil para meus colegas ficarem me encarando enquanto eu estava no fundo da sala, mas de alguma forma eles conseguiam. Fixei meu olhar na lista de leitura que o professor tinha me dado. Era bem básica: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Já tinha lido todos. Isso era reconfortante... e chato. Fiquei pensando se minha mãe me mandaria minha pasta de trabalhos velhos, ou se ia pensar que isso era colar. Fiquei

pensando em diferentes discussões que teria com ela enquanto o professor falava.

Quando bateu o sinal, um garoto meio desajeitado, alto, com problemas de pele e cabelo preto como carvão se encostou no batente da porta para falar comigo.

- Você é Isabella Swan, não é? - ele parecia do tipo muito prestativo, parte do clube de xadrez.

- Bella - corrigi. Todo mundo em volta se virou para me olhar.

- Onde é sua próxima aula - ele perguntou.

Precisei olhar na mochila. - Hm, Governo, com o professor Jefferson, no prédio seis. Não havia para onde olhar sem encontrar olhos curiosos.

- Estou indo para o prédio quatro, posso te mostrar o caminho... - definitivamente muito prestativo.

- Sou Eric. - Ele adicionou.

Sorri discretamente. - Obrigada.

Pegamos nossos casacos e saimos para a chuva, que tinha ficado mais forte. Poderia jurar que muitas das pessoas andando atrás de nós estavam perto o bastante para ficar ouvindo a conversa. Desejei não estar ficando paranóica.

- Então, aqui é bem diferente de Phoenix, hein? - ele perguntou.

- Muito.

- Não chove muito lá, não é?

- Três ou quatro vezes por ano.

- Uau, como será que é isso? - ele ficou imaginando.

- Ensolarado. - eu lhe disse.

- Você não parece bronzeada.

- Minha mãe é parte albina.

Ele analisou meu rosto com apreensão e eu suspirei. Parecia que nuvens e senso de humor não se misturavam. Alguns meses disso aqui e eu esqueceria como se usa sarcasmo. Andamos de volta ao redor do refeitório, em direção aos prédios que ficavam no sul, ao lado do ginásio. Eric me levou até a porta, apesar de estar bem claro que aquele era o prédio.

- Bem, boa sorte. - Ele disse enquanto eu alcançava a maçaneta. - Talvez tenhamos outras aulas juntos. - Ele soava esperançoso.

Sorri vagamente para ele e entrei.

O resto da manhã passou da mesma maneira. Meu professor de trigonometria, o Sr. Varner, a quem eu detestaria de qualquer forma por causa da matéria que ensinava, foi o único que me fez ficar na frente da turma e me apresentar. Eu gaguejei, fiquei vermelha, e tropecei no caminho para a minha classe.

Depois de duas aulas, comecei a reconhecer muitos dos rostos em cada uma delas. Sempre havia aqueles que eram mais corajosos e vinham se apresentar e me perguntar se estava gostando de Forks. Tentei ser diplomática, mas o que mais fiz foi mentir bastante. Pelo menos não precisei usar o mapa.

Uma garota sentou do meu lado em ambas Trigonometria e Espanhol, e foi comigo até o refeitório na hora do almoço. Ela era bem baixinha, com vários centímetros do que os meus 1,65m, mas o cabelo escuro e encaracolado ajudava a balancear nossa diferença de alturas. Não conseguia lembrar o nome dela, então eu sorria e balançava a cabeça enquanto ela discorria sobre os professores e sobre as aulas. Não tentei acompanhar a conversa. Sentamos no final de uma mesa cheia dos amigos dela, os quais ela me apresentou. Esqueci os nomes assim que ela os disse. Eles pareciam impressionados com a coragem dela para falar comigo. O garoto do Inglês, Eric, acenou para mim do outro lado do refeitório. Foi ali, sentada no refeitório, tentando conversar com vários estranhos curiosos, que eu os vi pela primeira vez.

Eles estavam sentados num canto do refeitório, o mais longe possível de onde eu estava. Eram cinco. Não conversavam e não comiam, apesar de cada um deles ter uma bandeja intocada de comida na sua frente. Eles não estavam me encarando, como a maior parte dos outros alunos, então era seguro ficar olhando para eles sem ter medo de encontrar um par de olhos excessivamente

interessado. Mas não foi nenhuma dessas coisas que chamou, e prendeu, minha atenção.

Eles não se pareciam em nada. Dos três garotos, um era grande - musculoso como um levantador de peso profissional, com cabelo escuro e encaracolado. Outro era alto, mais magro, mas ainda musculoso, e com cabelo loiro escuro. O outro era mais magro, menos musculoso, com cabelo cor de bronze, meio bagunçado. Ele parecia mais jovem do que os outros, que pareciam que poderiam estar na faculdade, ou até mesmo serem professores ao invés de alunos. As garotas eram opostos. A mais alta era maravilhosa. Ela tinha uma silhueta linda, do tipo que se vê na capa da revista Sports Illustrated, na edição de roupas de banho, e daquelas que fazem as outras garotas se sentirem mal consigo mesma só por estarem na mesma sala. O cabelo

dela era dourado, gentilmente balançando até o meio das costas. A outra garota era mais baixa e parecia uma fadinha. Bem magra, com feições pequenas. O cabelo dela era totalmente preto, cortado curtinho e apontando para todas as direções.

E ainda assim, eles se pareciam muito. Todos eram muito pálidos, os mais pálidos de todos os alunos dessa cidade sem sol. Mais pálidos do que eu, a albina. Todos tinham olhos bem escuros, apesar da diferença na cor dos cabelos. Além disso, eles tinham olheiras - sombras arroxeadas, como machucados. Como se todos eles tivessem passado a noite em claro, ou quase se recuperando de ter o nariz quebrado. Apesar de seus narizes, de todas as partes de seus corpos, serem perfeitamente retos e angulares.

Mas não era por causa de tudo isso que não conseguia tirar os olhos deles. Eu os olhava por que seus rostos, tão diferentes, tão iguais, eram todos devastadoramente, inumanamente lindos. Eram rostos que você nunca espera encontrar além de, talvez, nas páginas editadas de uma revista de moda. Ou pintadas por um dos velhos mestres como a face de um anjo. Era difícil decidir quem era o mais belo - talvez a perfeita loira, ou o garoto com cabelos cor de bronze.

Estavam todos olhando para longe - longe um dos outros, longe dos outros alunos, longe de qualquer coisa em particular que eu pudesse ver. Enquanto eu olhava a garota mais baixa levantou com a bandeja - o refrigerante fechado, a maçã inteira - e foi embora com um passo rápido e gracioso que deveria estar em

uma passarela. Eu fiquei olhando, maravilhada com os passos de dançarina dela, até ela largar a bandeja e sair pela porta de trás, mais rápido do que eu imaginava ser possível. Meus olhos voltaram logo para os outros, que estavam lá, sem mudanças.

- Quem são eles? - perguntei à garota da aula de espanhol, de quem eu não lembrava o nome.

Enquanto ela olhava para ver de quem eu estava falando - apesar de já saber, provavelmente, por causa do meu tom de voz - de repente ele olhou para ela, o mais magro, o mais garoto de todos, talvez o mais jovem. Ele olhou para a garota do meu lado por só uma fração de segundo e então seus olhos escuros se dirigiram aos meus. Ele olhou para longe bem rápido, mais rápido do que eu conseguiria, apesar de numa onda de vergonha eu tenha baixado meus olhos na mesma hora. Naquele pequeno instante, seu rosto não aparentou interesse - era como se ela tivesse chamado o nome dele, e ele olhara numa resposta involuntária, já tendo decidido que não ia responder.

A garota do meu lado riu envergonhada, olhando para a mesa, assim como eu.

- Aqueles são Edward e Emmett Cullen e Rosalie e Jasper Hale. A que foi embora é Alice Cullen. Todos vivem juntos com o Dr. Cullen e a esposa dele. - Ela falou isso meio entre os dentes. Olhei meio de lado para o garoto lindo, que agora olhava para a bandeja dele, picando um pãozinho com dedos pálidos e longos. Seus lábios se moviam rapidamente, seus lábios perfeitos mal se abrindo. Os outros três ainda olhavam para longe, ainda assim eu sentia que ele estava falando com eles.

Nomes estranhos e pouco populares, eu pensei. Os tipos de nomes que avós tinham. Mas talvez fosse moda aqui - nomes de cidade pequena? Finalmente lembrei que a garota ao meu lado se chamava Jessica, um nome perfeitamente comum. Havia duas garotas chamadas Jessica na minha aula de História, em Phoenix.

- Eles são... muito bonitos. - lutei contra a óbvia falta de intensidade do que disse.

- Sim! - Jessica concordou dando outro risinho. - Mas eles já estão juntos - Emmett e Rosalie, e Jasper e Alice. E moram juntos. - A voz dela continha todo o choque e reprovação de uma cidade pequena, pensei criticamente. Mas se eu

fosse honesta, teria que admitir que até em Phoenix algo assim seria motivo de fofocas.

- Quais são os Cullens? - perguntei - Eles não se parecem...

- Ah, mas não são. O Dr. Cullen é bem jovem, tem uns 20 ou 30 e poucos. São todos adotados. Já os Halle são irmão e irmã, gêmeos - são os loiros - e vivem com eles.

- Eles não são um pouco velhos pra isso?

- Agora sim, Jasper e Rosalie já têm dezoito anos, mas vivem com a Sra. Cullen desde que tinham oito. Ela é tia deles ou algo assim.

- Isso é bem legal - deles cuidarem de todas essas crianças assim, sendo tão jovens.

- Acho que sim. - Jessica admitiu relutantemente, e fiquei com a impressão de que ela não gostava do doutor e da esposa dele por algum motivo. Com os olhares que ela dava na direção deles, imaginei que o motivo fosse inveja. - Mas acho que a Sra. Cullen não pode ter filhos. - ela disse, como se isso diminuísse a bondade deles.

Durante toda essa conversa, meus olhos iam e voltavam para a mesa onde a estranha família estava sentada. Eles continuavam olhando para as paredes e não comendo.

- Eles sempre moraram em Forks? - perguntei. Com certeza eu os teria notado em algum dos meus verões aqui.

- Não. - ela disse num tom de voz que implicava que isso era óbvio, até alguém recém chegado como eu deveria saber. - Eles vieram para cá dois anos atrás, vindos de algum lugar no Alasca.

Senti uma onda de compaixão, e alívio. Compaixão porque, apesar de serem lindos, eram de fora, claramente não eram aceitos. Alívio porque eu não era a única novata aqui, e certamente não a mais interessante.

Enquanto eu os analisava, o mais novo, um dos Cullens, olhou para mim e nossos olhos se encontraram, dessa vez com uma expressão evidente de

curiosidade. Enquanto eu esquivava meu olhar, me pareceu que no dele havia alguma expectativa não alcançada.

- Qual deles é o garoto de cabelos castanhos avermelhados? - perguntei. Espiei com o canto do olho e ele ainda me encarava, mas não como os outros alunos tinham feito durante todo o dia - a expressão dele era meio frustrada. Olhei para baixo novamente.

- Aquele é Edward. Ele é maravilhoso, lógico, mas não perca tempo. Ele não namora. Nenhuma das garotas daqui são bonitas o suficiente para ele, aparentemente. - ela desdenhou, um caso claro de rejeição. Fiquei me perguntando quando ele tinha rejeitado ela. Mordi o lábio para esconder um sorriso, e então olhei para ele novamente. Seu rosto estava virado para o outro lado, mas me pareceu, pelos músculos do rosto, que ele sorria também. Após mais alguns minutos os outros quatro deixaram a mesa juntos. Todos eram notoriamente graciosos - até mesmo o grandalhão. Era algo desconcertante de se observar. O que se chamava Edward não olhou para mim novamente.

Fiquei na mesa com Jessica e seus amigos mais tempo do que ficaria se estivesse sozinha ali. Estava ansiosa para não chegar atrasada nas aulas no meu primeiro dia. Uma das minhas novas conhecidas, que gentilmente me lembrou que seu nome era Angela, tinha Biologia II comigo no próximo período. Fomos juntas para a aula, em silêncio. Ela era tímida também. Quando entramos na sala de aula, Angela foi sentar-se numa mesa de laboratório, com tampa preta, exatamente como as que eu estava acostumada. Ela já tinha um par. Na verdade, todas as mesas estavam ocupadas, com a exceção de uma. Ao lado da fileira do meio, reconheci Edward Cullen por seu cabelo peculiar, sentado ao lado da única cadeira vazia. Enquanto fui até o professor para me apresentar e pedir para que ele assinasse meu papel, secretamente observava Edward. No momento em que passei, ele ficou rígido de repente. Ele me encarou novamente, seus olhos encontraram os meus com a mais estranha das expressões em seu rosto - era hostil, furiosa. Olhei para longe rapidamente, chocada, ficando vermelha novamente. Tropecei num livro e precisei me segurar em uma mesa. A menina sentada ali riu. Tinha notado que os olhos dele eram negros, como carvão.

O Sr. Banner assinou meu papel e me entregou um livro sem o besteirol das apresentações. Pude prever que nos daríamos bem. Obviamente, ele não tinha escolha a não ser mandar eu me sentar na única classe vazia no meio da sala. Mantive meu olhar baixo enquanto ia sentar ao lado dele, confusa com o olhar

maldoso que ele tinha me dado.

Não olhei para cima enquanto colocava o livro na mesa e me sentava, mas vi, com o canto do olho, sua postura mudar. Ele estava se inclinando para longe de mim, sentado bem na ponta da cadeira e virando a cara como seu eu tivesse cheiro ruim. Discretamente, cheirei meu cabelo.

Tinha cheiro de morangos, que era o perfume do meu xampu preferido. Parecia um cheiro inocente o bastante. Deixei meu cabelo cair sobre meu ombro direito, criando uma cortina escura entre nós, e tentei prestar atenção no professor.

Infelizmente a aula era sobre anatomia celular, algo que eu já tinha estudado. Fui fazendo anotações mesmo assim, sempre olhando para baixo.

Não conseguia me conter e, de vez em quando, olhava para o garoto estranho ao meu lado, através da cortina de cabelo. Durante a aula toda ele não relaxou de posição, sentado na ponta da cadeira, o mais longe possível de mim. Pude ver que sua mão sobre a perna esquerda estava em punho, os tendões se destacando sob a pele clara. Também não relaxou a mão sequer uma vez. As mangas da sua camisa branca estavam puxadas até os cotovelos, e seu braço era surpreendentemente musculoso. Ele não era tão frágil quanto parecia quando comparado com o irmão.

A aula parecia se arrastar mais do que as outras. Será que era por que o dia estava finalmente acabando ou por que esperava que seu pulso fosse relaxar? Ele nunca o fez. Ele estava tão imóvel que parecia que não respirava. Qual era o problema dele? Será que isso era o comportamento normal dele? Me questionei sobre o que tinha pensado sobre a amargura de Jessica durante o almoço. Talvez ela não fosse tão rancorosa como eu pensava. Não poderia ser comigo. Ele nunca tinha me visto na vida.

Espiei de novo e me arrependi. Ele estava me olhando novamente, seus olhos negros cheios de repulsa. Enquanto me afastava dele, me espremendo na cadeira, a frase "se olhar matasse" cruzou minha mente.

Naquele momento o alarme bateu alto, me assustando, e Edward Cullen já tinha se levantado. Ele era muito mais alto do que tinha imaginado, e de costas para mim ele se foi fluidamente. Antes que qualquer um dos outros estivesse de pé, ele já tinha saído pela porta. Fiquei congelada no lugar, olhando para ele. Ele era muito mau. Não era justo. Comecei a juntar minhas coisas devagar, tentando

bloquear a raiva que me consumia, para não acabar chorando. Por algum motivo, meu humor tinha ligação com meus canais lacrimais. Geralmente chorava quando estava com raiva, uma mania humilhante.

- Você não é Isabella Swan? - perguntou uma voz masculina.

Olhei para ver um garoto bonitinho, com cara de bebê, o cabelo loiro claro cuidadosamente moldado com gel, sorrindo para mim de um jeito amigável. Ele, com certeza, não achava que eu cheirava mal.

- Bella. - corrigi com um sorriso.

- Sou Mike.

- Oi, Mike.

- Precisa de ajuda pra encontrar sua próxima aula?

- Na verdade, estou indo para o ginásio. Acho que consegui achá-lo.

- Essa é minha próxima aula também. - ele parecia extasiado, apesar de não ser muita coincidência numa escola tão pequena.

Fomos para a aula juntos. Ele era um conversador - ele falava bastante, o que facilitava para mim. Ele tinha morado na Califórnia até os dez anos, então ele me entendia com relação ao sol. E

ele estava na minha aula de inglês também. Tinha sido a pessoa mais legal que conhecera aquele dia.

Mas enquanto entrávamos no ginásio ele perguntou - Então, você fincou o lápis no Edward Cullen ou o quê? Nunca o vi agir assim.

Então não tinha sido só eu que notara. E, aparentemente, não era assim que ele se comportava normalmente. Decidi bancar a desentendida.

- Era o garoto sentado do meu lado em biologia? - perguntei ingenuamente.

- Sim. - ele disse - Parecia que ele estava com dor ou algo parecido.

- Não sei. - respondi - Nunca conversei com ele.

- É um cara estranho. - Mike ficou por ali ao invés de ir para o vestiário. - Se eu tivesse tido a sorte de sentar do seu lado, teria conversado com você.

Sorri para ele antes de ir para o vestiário das meninas. Ele era legal e claramente gostava de mim, mas isso não foi o bastante para diminuir minha irritação. O professor de Educação Física, Treinador Clapp, me deu um uniforme mas não me fez vesti-lo para a aula. Em Phoenix, só dois anos de EF eram obrigatórios, aqui, era obrigatório durante todos os anos. Forks literalmente era o meu inferno na Terra. Assisti a quatro jogos de vôlei ao mesmo tempo. Lembrando quantas vezes tinha machucado a mim mesma - e os outros - jogando vôlei, me senti nauseada.

O sinal tocou finalmente. Fui lentamente até a secretaria para entregar minha papelada. A chuva tinha parado, mas o vento estava mais forte e mais frio. Me enrolei mais nas roupas. Quando entrei na quente secretaria, quase me virei e saí de novo. Edward Cullen estava parado à mesa logo na minha frente. Novamente reconheci aquele cabelo cor de bronze e desarrumado. Ele pareceu não perceber a minha entrada. Me encostei na parede, esperando a recepcionista poder me atender.

Ele estava conversando com ela numa voz baixa e atraente. Logo peguei o motivo da conversa: ele queria trocar o período da aula de biologia para outro horário, qualquer outro. Não podia acreditar que era por minha causa. Tinha que ser outra coisa, algo que acontecera antes de eu entrar na sala. A expressão em seu rosto tinha que ser por outro motivo. Era impossível que esse estranho tivesse me detestado tanto assim, tão subitamente. A porta abriu novamente, e o vento frio entrou de repente, levantando os papéis sobre a mesa, jogando meu cabelo sobre meu rosto. A garota que entrara simplesmente chegou na mesa, colocou um bilhete na cesta de arame e saiu novamente. Mas Edward Cullen ficou rígido e se virou lentamente para me olhar - o rosto dele era absurdamente lindo - com olhos fulminantes e cheios de ódio. Por um instante senti puro medo, levantando os pêlos dos meus braços. O olhar só durou um segundo, mas me congelou mais do que o vento enregelante. Ele se virou novamente para a recepcionista.

- Deixa para lá, então. - ele disse apressadamente com uma voz aveludada. - Vejo que é

impossível. Muito obrigado pela ajuda. - se virou sem olhar para mim de novo e

saiu pela porta. Fui calmamente até a mesa, meu rosto branco ao invés de vermelho, e entreguei o papel assinado.

- Como foi seu primeiro dia, querida? - a recepcionista perguntou, maternalmente.

-

Bem.

-

menti

com

a

voz

fraca.

Ela

não

pareceu

convencida.

Quando cheguei na caminhonete, era praticamente o último carro no estacionamento. Ela era como um refúgio, a coisa mais perto de um lar que eu tinha nesse buraco verde e úmido. Sentei lá

dentro por um tempo, simplesmente olhando pelo vidro. Mas logo estava frio o bastante para precisar do aquecedor, então virei a chave e o motor ganhou vida. Peguei meu caminho de volta para a casa do Charlie, lutando para não chorar durante todo o caminho.

2. LIVRO ABERTO

O outro dia foi melhor...e pior.

Foi melhor porque não estava chovendo ainda,apesar de as nuvens estarem densas e opacas. Foi mais fácil porque eu já sabia o que esperar do meu dia. Mike veio se sentar ao meu lado em Inglês, e me acompanhou até a minha próxima aula, com Eric do clube de xadrez encarando ele o tempo inteiro; era uma reclamação. As pessoas não ficaram me olhando tanto quanto ontem. Eu sentei com um grande grupo que incluia Mike, Eric, Jessica e muitas outras daquelas pessoas cujos nomes e rostos eu lembrava agora. Eu comecei a sentir que agora eu andava na água, ao invés de afundar nela.

Foi pior porque eu estava cansada; eu ainda não conseguia dormir com o vento ecoando ao redor da casa. Foi pior porque o Sr. Varner me chamou em Trigonometria quando a minha mão não estava levantada e eu dei a resposta errada. Foi infeliz porque eu tive que jogar Vôlei, e na única vez que eu não fugi da bola eu atingí a minha parceira de time na cabeça com ela. E foi pior porque Edward Cullen não estava na escola durante a manhã inteira eu estive temendo o almoço, sentindo seus olhares bizarros. Parte de mim queria confrontá-lo e ordenar que ele disesse qual era o problema. Enquanto eu estava deitada acordada na cama, eu até imaginei o que eu diria. Mas eu me conhecia bem demais pra achar que eu teria a coragem de fazer isso. Eu fiz o leão covarde do Mágico de Oz parecer o Exterminador.

Mas quando eu entrei na cafeteria com Jéssica tentando evitar que os meus olhos vasculhassem o lugar procurando por ele, e falhando miserávelmente eu ví que seus quatro irmão estavam sentados juntos na mesma mesa, e ele não estava com eles. Mike nos recebeu e nos guiou até a mesa dele. Jessica parecia alegre pela atenção, e as amigas dela rapidamente se juntaram á nós. Enquanto eu tentava ouvir a conversa fluente deles, eu estava terrivelmente desconfortável, esperando nervosamente pelo momento que ele chegaria. Eu esperava que ele simplesmente me ignorasse quando chegasse, e provasse que as minhas suspeitas eram falsas.

Ele não veio, e com o passar do tempo eu fiquei mais e mais nervosa. Eu fui para Biologia mais confiante quando, ao final do almoço, ele ainda não havia aparecido. Mike, que estava agindo como um cão de guarda, andou fielmente ao meu lado até a sala de aula. Eu segurei o fôlego na porta, mas Edward Cullen também não estava lá. Eu exalei e fui me sentar. Mike me seguiu, falando de uma viagem á praia que estava pra acontecer. Ele se curvou na minha mesa até

que o sinal tocou. Aí ele sorriu tristemente pra mim e foi sentar perto de uma garota de aparelho e com um penteado ruim. Parecia que eu teria que fazer alguma coisa em relação á Mike, e não seria fácil. Em uma cidade como essa, em que todo mundo vive em cima de todo mundo, diplomacia é essencial. Eu nunca tive muito tato; eu nunca tive muita prática em lidar com garotos amigáveis demais.

Eu estava aliviada que teria a mesa para mim mesma, que Edward estava ausente. Eu disse isso para mim mesma repetidamente. Era rudiculo, e egoísta, pensar que eu podia afetar alguém desse jeito. Era impossível. E ainda assim eu não conseguia parar de pensar que fosse verdade. Quando o dia na escola finalmente acabou, e as minhas bochechas não estavam mais coradas por causa do incidente no Vôlei, eu rapidamente coloquei as minhas calças jeans e o meu suéter azul marinho. Eu saí correndo do vestiário feminino, contente de ver que momentaneamente eu havia conseguido afastar o meu amigo cão de guarda. Eu caminhei rapidamente até o estacionamento. Agora estava cheio de alunos. Eu entrei na minha caminhonete e procurei na minha mochila pra ver se eu tinha tudo que eu precisava. Noite passada eu descobrí que Charlie não sabia cozinhar nada além de ovos fritos e bacon. Então eu pedí pra tomar conta dos detalhes da cozinha enquanto durasse a minha estada. Ele ficou feliz o suficiente pra me passar a chave da sala do banquete. Então eu estava com a minha lista de compras e o dinheiro do jarro no armário onde havia DINHEIRO DA COMIDA escrito, e estava á caminho da Thriftway (axu q é o nome de uma loja).

Eu dei ingnição no motor barulhento, ignorando as cabeças que viraram em minha direção e dei ré cuidadosamente e entrei na fila de carros que esperava para sair do estacionamento. Enquanto eu esperava, tentando fingir que o barulho ensurdecedor estava vindo do carro de outra pessoa, eu ví os dois irmãos Cullen e os dois gêmeos Hale entrando no carro deles. Era um Volvo novinho em folha. É claro.

Eu nunca havia reparado nas roupas deles antes eu estava hipnotizada demais com os rostos deles. Agora que eu havia olhado, era óbvio que todos eles se vestiam excepcionalmente bem; simples, mas com roupas que claramente eram assinadas por estilistas famosos. Com os seus rostos notáveis e com o estilo com que se comportavam, eles podiam usar trapos e ainda ficarem bem. Parecia demais pra eles ter tanto beleza quanto dinheiro. Até onde eu podia dizer, era assim que a vida funcionava na maioria da vezes. No caso deles, isso não parecia ter comprado aceitação por aqui.

Não, eu não acreditava inteiramente nisso. A isolação deve ser desejo deles; eu não podia imaginar nenhuma porta que não estivesse aberta á esse grau de beleza. Eles olharam para a minha caminhonete barulhenta quando eu passei por eles, igual a todo mundo. Eu mantive os meus olhos virados para a frente e fiquei aliviada quando finalmente estava livre da escola.

A Thriftway não era longe da escola, só algumas ruas ao sul, fora da estrada. Era bom estar dentro do supermercado; parecia normal. Eu fazia as compras em casa, e me moldei aos padrões da tarefa familiar alegremente.

A loja era grande o suficiente pra me fazer não ouvir a chuva no telhado e esquecer de onde eu estava.

Quando eu cheguei em casa, eu descarregeui as compras e enfiei elas em qualquer espaço vazio que consegui achar. Eu esperava que Charlie não se incomodasse. Eu embrulhei batatas em papel alumínio e coloquei no forno pra assar, cobri bifes com molho marinado e equilibrei-os em cima de uma caixa de ovos, em uma frigideira.

Quando eu terminei de fazer isso, eu subí com a minha mochila. Antes de começar a fazer o meu dever de casa, eu me troquei colocando uma calça seca e prendendo o meu cabelo em um rabo de cavalo, e chequei meus e-mails pela primeira vez. Eu tinha três mensagens.

"Bella", minha mãe escreveu...

ME ESCREVA ASSIM QUE CHEGAR. ME DIGA COMO FOI O SEU VÔO. ESTÁ CHOVENDO? JÁ

SINTO A SUA FALTA. JÁ ESTOU QUASE TERMINANDO DE FAZER AS MALAS PARA A FLÓRIDA, MAS NÃO CONSIGO ACHAR A MINHA BLUSA ROSA.

VOCÊ SABE ONDE EU DEIXEI? PHIL DIZ OI. MAMÃE.

Eu suspirei e fui para a próxima mensagem. Foi mandada oito horas depois da primeira.

"Bella",ela escreveu...

PORQUÊ VOCÊ AINDA NÃO ME RESPONDEU? O QUE VOCÊ ESTÁ ESPERANDO?

MAMÃE.

A última foi de hoje de manhã.

ISABELLA, SE EU NÃO TIVER NOTÍCIAS DE VOCÊ ATÉ 5:30 DE TARDE DE HOJE, EU VOU

LIGAR PARA CHARLIE.

Eu olhei para o rélógio. Eu ainda tinha uma hora, mas minha mãe era bem conhecida por agir precipitadamente.

MÃE

SE ACALME. EU ESTOU ESCREVENDO AGORA. NÃO FAÇA NADA IMPRUDENTE.

BELLA.

Eu enviei essa e comecei de novo.

MÃE,

TUDO ESTÁ ÓTIMO. É CLARO QUE ESTÁ CHOVENDO. EU ESTAVA ESPERANDO POR ALGO

SOBRE O QUE ESCREVER. A ESCOLA NÃO É RUIM, SÓ UM POUCO REPETITIVA. EU CONHECÍ UM

PESSOAL LEGAL QUE SENTA COMIGO NO ALMOÇO.

SUA BLUSA ESTÁ NA LAVANDERIA-VOCÊ DEVIA TER IDO BUSCAR ELA SEXTA FEIRA. CHARLIE COMPROU UMA CAMINHONETE, DÁ PRA ACREDITAR? EU ADOREI. É MEIO VELHA, MAS TEM PORTE, O QUE É BOM, SABE, PRA MIM.

TAMBÉM SINTO SUA FALTA. EU VOU ESCREVER DE NOVO EM BREVE, MAS NÃO VOU FICAR

CHECANDO OS MEUS E-MAILS A CADA CINCO MINUTOS. RELAXE, RESPIRE. EU TE AMO. BELLA.

Eu decidí ler O MORRO DOS VENTOS UIVANTES-o romance que estamos estudando atualmente em Inglês-de qualquer forma era só pela diversão, e era isso que eu estava fazendo quando Charlie chegou em casa. Eu perdí a noção do tempo, e corrí para tirar as batatas do forno e colocar o bife pra grelhar.

- Bella? , meu pai chamou quando me ouviu descer as escadas.

Quem mais? Eu pensei comigo mesma.

- Oi, pai, bem vindo ao lar.

- Obrigado. - Ele tirou o colete da arma e tirou as botas enquanto eu entrava na cozinha. Até

onde eu sabia, meu pai nunca usou sua arma no trabalho. Mas ele a mantinha pronta. Quando eu vinha aqui quando criança ele sempre tirava as balas assim que entrava em casa. Acho que agora me considerava velha o suficiente pra não atirar em mim mesma por acidente, e não deprimida o suficiente para não atirar em mim mesma de propósito.

- O que tem para o jantar? - ele perguntou cautelosamente. Minha mãe era uma cozinheira imaginativa e os experimentos dela não eram sempre comestíveis. Eu estava surpresa, e triste, que ele parecia se lembrar daquela época.

- Bife e batatas - eu disse e ele pareceu aliviado.

Ele pareceu se sentir estranho de pé na cozinha sem fazer nada; ele foi pra a sala de estar assistir TV enquanto eu trabalhava na cozinha. Ficávamos os dois mais confortáveis desse jeito. Eu fiz uma salada enquanto os bifes grelhavam, e fiz a mesa.

Eu o chamei quando o jantar estava pronto, ele cheirou apreciadoramente enquanto entrava na cozinha.

- O cheiro é bom, Bell.

- Obrigada.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos. Não era desconfortável. Nenhum de nós estava incomodado por estar quieto. Em alguns sentidos, nós servíamos para morar juntos.

- Então, você gostou da escola? Você fez amigos? - ele perguntou como que pra passar o tempo.

- Bem, eu tenho algumas aulas com uma garota chamada Jéssica. Eu sento com as amigas dela no almoço. E tem esse garoto, Mike, que é muito amigável. Todos parecem ser muito legais. - Com uma excessão.

- Esse deve ser Mike Newton. Bom garoto. Boa família. O pai dele é dono da loja de suplementos esportivos que fica fora da cidade. Ele faz um bom dinheiro por causa daqueles mochileiros que vêm á cidade.

- Você conhece a família Cullen? - eu perguntei hesitante.

- A família do Dr.Cullen? Claro. O Dr. Cullen é um ótimo homem.

- Eles... as crianças são um pouco diferentes. Eles não parecem se adequar muito bem na escola.

Charlie me surpreendeu parecendo um pouco irritado.

- As pessoas dessa cidade. - ele murmurou. - Dr.Cullen é um cirurgião brilhante que poderia provavelmente trabalhar em qualquer hospital do mundo, ganhando dez vezes mais do que o salário dele aqui. - ele continuou, falando mais alto - Temos sorte por tê-lo, sorte que a esposa dele quis viver numa cidade pequena. Ele é um aditivo á comunidade e todos aqueles garotos são bem comportados e educados. Eu tive as minhas dúvidas quando eles vieram pra cá, com todos aqueles adolescentes adotados. Eu pensei que teríamos problemas com eles. Mas eles são todos muito maduros, eu nunca tive nenhuma espécie de problema com nenhum deles. Isso é mais do que eu posso dizer de algumas crianças cujas famílias viveram aqui por gerações. E eles ficam juntos do jeito que uma família deve ficar, acampando ás vezes nos finais de semana... Só porque eles são novos na cidade as pessoa têm que ficar falando.

Foi o discurso mais longo que eu já ví Charlie fazendo. Ele deve ser fortemente contra o que quer que as pessoas estão dizendo.

Eu dei pra tras. - Eles pareceram bons o suficiente pra mim. Eu só reparei que eles ficam muito sozinhos. Eles são todos muito atraentes. - eu adicionei isso tentando parecer complementar.

- Você devia ver o doutor - Charlie disse rindo - Que bom que ele é feliz no casamento. Muitas enfermeiras se esforçam em se concentrar em seus trabalhos quando ele está por perto. Nós continuamos em silêncio até terminarmos de comer. Ele limpou a mesa enquanto eu comecei a lavar os pratos. Ele voltou para a TV, e depois que eu terminei de lavar os pratos á

mão, nada de lavadora de pratos, eu subí sem vontade pra fazer o meu dever de Matemática. A noite finalmente estava quieta. Eu caí no sono rapidamente, exausta. O resto da semana foi sem novidades. Eu me acostumei á rotina das aulas. Na sexta eu já

era capaz de reconhecer, se não nomear, quase todos os alunos da escola. Na ginástica, os garotos do meu time aprenderam a não me passar a bola e a entrar rapidamente na minha frente se o outro time tentasse se aproveitar da minha fraqueza. Eu ficava alegremente fora do caminho deles.

Edward Cullen não voltou á escola.

Todos os dias eu observava ansiosamente quando os outros Cullen entravam na cafeteria sem ele. Então eu podia relaxar e aproveitar a conversa da hora do almoço. Na maioria das vezes a coversa era sobre uma viagem ao Parque Oceanográfico de La Push dentro de duas semanas que Mike estava planejando. Eu fiu convidada e tive que aceitar, mais por educação que por vontade. Praias têm que ser quentes e secas.

Na sexta eu já me sentia confortável entrando na sala de Biologia, sem me preocupar que Edward pudesse estar lá.

Até onde eu sabia, ele havia desistido da escola. Eu tentei não pensar nele, mas eu não podia suprimir totalmente a preocupação de que eu pudesse ser a responsável por sua ausência, por mais ridiculo que parecesse.

Meu primeiro fim de semana em Forks passou sem incidentes. Charlie, desacostumado á

ficar na casa normalmente vazia, trabalhou a maior parte do fim de semana. Eu

limpei a casa, adiantei o dever de casa e escreví mais e-mails com bobagens alegres para a minha mãe. Eu dirigí

até a biblioteca pública no sábado, mas o estoque era tão pobre que eu nem me encomodei em fazer um cartão; eu teria que arranjar uma data pra visitar Olympia ou Seattle em breve e achar uma boa loja de livros.

Eu pensei á toa quantas milhas a caminhonete faria com um litro de gasolina...e tremí com o pensamento.

A chuva permaneceu leve durante o fim de semana, quieta, então eu pude dormir bem. As pessoas me cumprimenteram no estacionamento da escola na segunda de manhã. Eu não sabia todos os nomes deles, mas eu acenei de volta e sorrí pra todos. Esta manhã estava mais frio, mas felizmente não chovendo. Em Inglês, Mike sentou no assento de costume ao meu lado. Tivemos uma arguição sobre O Morro dos Ventos Uivantes, eu estava adiantada, muito fácil. Tudo por tudo, eu estava me sentindo muito mais confortável do que eu imaginei que sentiria a esse ponto. Mais confortável do que eu jamais esperei me sentir aqui.

Quando saímos da sala, o ar estava cheio de pedaços brancos rodando. Eu podia ouvir as pessoas gritando excitadamente umas para as outras. O vento mordeu minhas bochechas, meu nariz.

- Uau - Mike disse - Está nevando.

Eu olhei para os pedacinhos de algodão que estavam se alojando na calçada e dançando errôneamente enquanto passavam pelo meu rosto.

- Eca. - Neve. Lá se vai meu bom dia.

Ele pareceu surpreso. - Você não gosta de neve?

- Não, significa que está frio demais para chover. - Obvio. - Além do mais, eu pensei que elas deviam descer como flocos sabe, unicos e essa coisa toda. Esses parecem contonetes usados.

- Você nunca viu a neve cair? - ele perguntou sem acreditar.

- Claro que já - eu pausei - na TV.

Mike riu, e então uma grande, molhada bola de neve derretendo atingiu a parte de trás da sua cabeça. Eu tinha minhas suspeitas sobre Eric, que estava andando pra longe, de costas pra nós na direção errada para a sua próxima aula. Aparentemente, Mike era da mesma opinião. Ele se curvou e começou a juntou uma pilha de neve branca.

- Eu te vejo no almoço tá? - Eu continuei caminhando enquanto falava. - Quando as pessoas começam a atirar coisas molhadas, eu vou pra dentro.

Ele só acenou com a cabeça, seus olhos na figura se distanciando de Eric. Durante a manhã, todos falavam excitadamente sobre a neve; aparentemente era a primeira nevasca do ano. Eu mantive minha boca fechada. Claro, era mais seca do que a chuva, até que derretia nas suas meias.

Eu caminhei em alerta para a cafeteria com Jéssica. As bolas de neve voavam por todo lugar. Eu mantive uma pasta na minha mão, pronta para usá-la como escudo se necessário. Jessica achou hilário, mas algo na minha expressão não permitiu que ela mesma me atingisse com uma bola de neve.

Mike nos alcansou quando passamos pela porta, rindo, com gelo derretendo pelos seus cabelos arrepiados. Ele e Jéssica converssavam animadamente sobre a guerra de neve quando entramos na fila para comprar a comida. Eu olhei para a mesa no canto por puro hábito. E

congelei onde eu estava. Haviam cinco pessoas na fila.

Jéssica me puxou pelo braço.

- Alô? Bella? O que você quer?

Eu olhei para baixo; minhas orelhas estavam quentes. Eu não tinha motivos para me sentir constrangida, eu lembrei a mim mesma. Eu não fiz nada errado.

- Qual o problema com Bella? - Mike perguntou a Jéssica.

- Nada - eu respondí. - Hoje eu só quero um refrigerante. - Eu me aproximei do fim da fila.

- Você não está com fome? - Jéssica perguntou.

- Na verdade, eu estou me sentindo um pouco enjoada. - eu falei, meus olhos ainda no chão.

Eu esperei que eles pegassem suas comidas, e então segui eles até a mesa, meus olhos nos meus pés.

Eu bebi o meu refrigerante devagar, meu estômago revirando. Mike perguntou duas vezes, com preocupação desnecesséria, como eu estava me sentindo. Eu disse a ele que não era nada, mas estava imaginando se eu deveria usar isso como desculpa para fugir para a enfermaria e ficar lá durante a próxima hora.

Ridículo. Eu não devia precisar fugir.

Eu decidí me permitir dar uma olhada para a mesa da família Cullen. Se ele estivesse me encarando, eu iria faltar Biologia como a covarde que eu era. Eu mantive minha cabeça abaixada e olhei pra cima por baixo dos meus cílios. Nenhum deles estava olhando na minha direção. Eu levantei a cabeça um pouco. Eles estavam rindo. Edward, Jasper e Emmett todos eles estavam inteiramente cobertos com neve derretendo. Alice e Rosalie se afastaram enquando Emmett balançava o cabelo pingando

dele na direção delas. Eles estavam aproveitando o dia de neve, igual a todo mundo-só que eles pareciam mais com a cena de um filme do que o resto de nós.

Mas, sem contar os risos e brincadeira, havia algo diferente, e eu não conseguia apontar qual era essa diferença. Eu examinei Edward mais cuidadosamente. A pele dele estava menos pálida, eu decidí-talvez corada pela guerra de neve-os círculos embaixo dos olhos dele estavam muito menos visíveis. Mas havia algo mais. Eu refletí, encarando, tentando notar a diferença.

- Bella, pra onde você tá olhando? - Jéssica se intrometeu, acompanhando os meus olhos. Nesse preciso momento os olhos dele brilharam e se encontraram com os meus. Eu deixei minha cabeça cair, deixando meus cabelos cairem pra cobrir meu rosto. Eu tinha certeza, no entanto, no momento que nossos olhos se encontraram, que ele não parecia severo ou hostil como ele estava da última vez que eu o ví. Ele parecia curioso de novo, insatisfeito de alguma forma.

- Edward Cullen está te encarando - Jéssica deu uma risadinha no meu ouvido.

- Ele não parece estar com raiva parece? - eu não pude deixar de perguntar.

- Não - ela respondeu parecendo confusa com a minha pergunta. - Ele deveria estar?

- Eu acho que ele não gosta de mim - eu confidenciei. Eu me sentí enjoada. Eu coloquei minha cabeça abaixada no meu braço.

- Os Cullen não gostam de ninguém... bem,eles não prestam atenção suficiente em ninguém pra gostar deles. Mas ele ainda está te encarando.

- Pare de olhar pra ele - eu sussurei.

Ela sorriu mas parou de olhar pra ele. Eu levantei minha cabeça o suficiente pra ter certeza que ela faria isso, disposta a usar de violência se ela se opusesse. Mike nos interrompeu ele estava planejando uma batalha épica do temporal no estacionamento da escola e queria que nós nos juntássemos. Jéssica concordou alegremente. O jeito como ela olhava para Mike não deixou muitas dúvidas de que ela toparia qualquer coisa que ele propusesse. Eu fiquei em silêncio. Eu teria que me esconder no ginásio até que o estacionamento estivesse vazio.

Pelo resto do horário do almoço eu mantive meus olhos muito cuidadosamente na minha própria mesa. Eu estava decidida a honrar o negócio que fiz comigo mesma. Já que ele não parecia estar com raiva eu podia ir para a aula de Biologia. Meu estômago deu cambalhotas quando eu pensei em sentar perto dele de novo.

Eu não queria muito ir para a sala de aula com Mike como sempre-ele parecia ser um alvo popular para os atiradores de bolas de neve-mas quando nós foi para a porta, todos menos eu gemeram em coro.

Estava chovendo, lavando todos os traços de neve, levando-a embora em uma tira de gelo que se estendia pela calçada. Eu levantei meu capuz, secretamente satisfeita. Eu estaria livre para ir direto pra casa depois da Ginástica.

Mike continuou uma sequência de reclamações no caminho para o prédio quatro. Uma vez dentro da sala de aula, eu ví aliviada que a minha mesa continuava vazia. A aula não começou por alguns minutos e a sala zumbia com a conversa. Eu mantive os meus olhos longe da porta, batucando á toa na capa do meu caderno.

Eu ouví muito claramente quando a cadeira próxima a mim se moveu, mas os

meus olhos se mantiveram cautelosamente no que eu estava fazendo.

- Olá - disse uma voz calma, musical.

Eu olhei pra cima, abismada porque ele estava falando comigo. Ele estava sentando tão longe de mim quanto a mesa permitia, mas sua cadeira estava virada pra mim. O cabelo dele estava pingando de tão molhado, desgrenhado-mesmo assim, parecia que ele havia acabado de gravar um comercial de gel pra cabelo. Seu rosto estonteante era amigável, aberto, um leve sorriso nos seus lábios indefectíveis. Mas seus olhos eram cautelosos.

- Meu nome é Edward Cullen - ele continuou. - Eu não tive a oportunidade de me apresentar na semana passada. Você deve ser Bella Swan.

Minha mente estava girando de tão confusa. Eu inventei a coisa toda?

Ele era perfeitamnete educado agora. Eu tinha que falar; ele estava esperando. Mas eu não consegui pensar em nada convencional pra dizer.

- C-como você sabe o meu nome? - eu gaguejei.

Ele sorriu um sorriso leve, encantador.

- Oh, eu acho que todo mundo sabe o seu nome. A cidade inteira esteve esperando você

chegar.

Eu fiz uma careta. Eu sabia que havia sido algo assim.

- Não - eu insistí estupidamente. - Eu quis dizer, porque você me chamou de Bella?

Ele pareceu confuso. - Você prefere Isabella?

- Não, eu gosto de Bella - eu disse. Mas Charlie-quer dizer meu pai-deve me chamar de Isabella pelas costas-é assim que todos parecem me conhecer - eu tentei explicar, me sentindo como a mais burra entre as burras.

- Oh - ele deixou sair. Eu olhei pro outro lado me sentindo estranha. Por sorte, o

Sr. Banner começou a aula nessa hora. Eu tentei me concentrar na experiência que faríamos na aula hoje. Os slides na caixa estavam fora de ordem. Trabalhando como parceiros de laboratório, nós tinhamos que separar os slides em tipos de raizes das espécies de células das fases da mitose que eles representavam e etiquetálas adequadamente. Nós não podíamos usar os nosso livros. Em vinte minutos ele voltaria pra ver quem havia acertado.

- Comecem - ele ordenou.

- Primeiro as damas, parceira? - Edward perguntou. Eu olhei pra cima pra vê-lo sorrindo um sorriso tão lindo que eu não podia fazer nada além de olhar pra ele como uma idiota.

- Ou eu posso começar, se você quiser. - O sorriso sumiu; ele estava obviamente imaginando se eu era mentalmente competente.

- Não - eu disse ficando corada. - Eu vou na frente.

Eu estava me mostrando, só um pouquinho. Eu já havia feito essa experiência, e eu sabia o que eu estava procurando. Só podia ser fácil. Eu coloquei o primeiro slide no lugar embaixo do microscópio e ajustei a lente para o objetivo de 40 X. Eu estudei o slide brevemente. Minha avaliação foi confiante. - Prófase.

- Você se importa se eu der uma olhada? - ele perguntou quando eu comecei a remover o slide. A mão dele segurou a minha, para me parar, quando ele perguntou. Os dedos dele eram frios como gelo, como se ele tivesse colocado-a no gelo antes de entrar na sala de aula. Mas não foi por isso que eu puxei minha mão tão rápido. Quando ele tocou minha mão, eu sentí uma punção como se uma corrente elétrica tivesse passado por nós.

- Me desculpe - ele murmurou tirando sua mão imediatamente. No entanto, ele continuou tentando alcansar o microscópio. Eu observei ele, ainda vacilante, enquanto ele examinava o microscópio por um tempo ainda menor do que eu.

- Prófase - ele concordou, escrevendo cuidadosamente no primeiro espaço em branco da nossa folha de trabalho. Ele rapidamente trocou o primeiro slide pelo segundo, e então olhou curiosamente para ele.

- Anáfase - ele murmurou, escrevendo no papel enquanto falava.

Eu mantive minha voz indiferente. - Posso?

Ele sorriu maliciosamente e me passou o microscópio.

Eu olhei pela lente ansiosamente, só pra me disapontar. Droga, ele estava certo.

- Slide três? - eu levantei minha mão sem olhar pra ele.

Ele me passou; parecia que ele estava sendo cuidadoso para não tocar minha pele de novo. Eu dei a olhada mais rápida que eu consegui.

- Intérfase. - Eu passei o microscópio antes que ele pudesse pedir. Ele deu uma olhada rápida e então escreveu. Eu podia ter escrito enquanto ele olhava sua escrita limpa e elegante me intimidou. Eu não queria sujar a folha com os meus garranchos desajeitados. Nós terminamos antes que qualquer outra pessoa estivesse perto. Eu podia ver Mike e sua parceira comparando dois slides de novo e de novo, e outro grupo tinha aberto o livro por debaixo da mesa.

Isso não me deixou outra alternativa a não ser tentar não olhar pra ele...sem sucesso. Eu olhei pra cima, e ele estava olhando pra mim, aquele inxplicável olhar de frustração nos seus olhos. De repente eu percebí qual era a súbita diferença no rosto dele.

- Você usa lentes de contato? - eu soltei sem pensar.

Ele pareceu confuso pela minha pergunta inesperada. - No.

- Oh - eu murmurei. - Eu achei que havia algo diferente nos seus olhos. Ele encolheu os ombros e olhou pra longe.

De fato, eu tinha certeza que algo estava diferente. Eu lembrava vividamente aquela cor negra nos olhos dele na última vez que ele olhou pra mim - a cor era facilmente notável em contraste com a sua pele pálida e seu cabelo ruivo. Hoje os olhos dele tinham uma cor completamente diferente: um ocre estranho, mais escuros que Whisky, mas com a mesma tonalidade dourada. Eu não entendia como isso podia estar acontecendo, a não ser que por algum motivo ele estivesse mentindo sobre as lentes de contato. Ou talvez Forks estivesse me deixando louca no sentido literal da palavra.

Eu olhei pra baixo. As mãos dele estavam apertadas contras os punhos de novo.

O Sr.Banner veio até a nossa mesa nessa hora, pra ver porque não estavamos trabalhando. Ele olhou por cima dos nossos ombros para ver a experiência completa, e então olhar ainda mais atentamente para checar as respostas.

- Então, Edward, você não achou que Isabella podia ter uma chance com o microscópio? - o Sr.Banner perguntou.

- Bella. - Edward corrigiu automaticamente. - Na verdade, ela identificou três dos cinco. Sr.Banner olhou pra mim agora, sua expressão era cética.

- Você já fez essa experiência antes? - ele perguntou.

Eu sorrí timidamente - Não com raízes de cebola.

- Blastula de peixe branco?

- É.

Sr. Banner concordou com a cabeça. - Você estava numa colocação avançada no programa de Phoenix?

- Sim.

- Bem - ele disse depois de um momento. - Eu acho que é bom que vocês dois serem parceiros de laboratório. - ele murmurou algo mais enquanto ia embora. Depois que ele foi embora, eu comecei a batucar no meu caderno de novo.

- É uma pena sobre a neve, não é? - Edward perguntou. Eu tinha a sensação de que ele estava se esforçando pra conversar bobagens comigo. A paranóia me atingiu de novo. Era como se ele tivesse ouvido minha conversa com Jéssica no almoço e estivesse tentando provar que eu estava errada.

- Não muito - eu respondí honestamente, ao invés de tentar ser normal como todo mundo. Eu ainda estava tentando desalojar o estúpido sentimento de suspeita e não conseguia me concentrar.

- Você não gosta do frio. - Não era uma pergunta.

- Ou do molhado.

- Forks deve ser difícil de viver pra você - ele meditou.

- Você não faz idéia - eu murmurei obscuramente.

Ele pareceu fascinado pelo que eu disse, por algum motivo que eu não podia imaginar. O

rosto dele era uma distração tão grande que eu tentei não olhar pra ele mais do que a cortesia pedia.

- Então, porque você veio pra cá?

Ninguém havia me perguntado isso-não diretamente como ele perguntou, exigente.

- É...complicado.

- Eu acho que consigo acompanhar - ele pressionou.

Eu pausei por um longo momento, e então cometí o erro de encontra o seu olhar. Seus olhos dourados escuros me confundiram, e eu respondí sem pensar.

- Minha mãe casou novamente - eu disse.

- Isso não parece tão complicado - ele discordou, mas de repente estava simpático. - Quando isso aconteceu?

- Setembro passado - minha voz pareceu triste até para mim mesma.

- E você não gosta dele - Edward presumiuseu tom ainda gentil.

- Não, Phil é legal. Talvez novo demais, mas legal o suficiente.

- Porque você não ficou com eles?

Eu não conseguia compreender o seu interesse, mas ele continuou a me olhar com olhos penetrantes, como se a história chata da minha vida fosse de alguma forma vitalmente importante.

- Phil viaja muito. Ele joga bola pra se sustentar. - Eu dei um meio-sorriso.

- Eu já ouví falar dele? - ele perguntou, sorrindo em resposta.

- Provavelmente não. Ele não joga bem. Só na menor liga. Ele se muda muito.

- E sua mãe te mandou pra cá pra poder viajar com ele. - ele disse novamente como uma suposição, não uma pergunta.

Meu queixo levantou uma fração – Não, ela não me mandou, eu mandei a mim mesma. As sobrancelhas dele se encontraram. - Eu não entendo. - ele admitiu e pareceu excessivamente frustrado com o fato.

Eu suspirei. Porque eu estava explicando isso pra ele?

Ele continuou a me encarar com obvia curiosidade.

- No início ela ficou comigo,mas ela sentia a falta dele. Eu a fiz infeliz, então eu decidí que estava na hora de passar umas horas de qualidade com Charlie. - Minha voz estava mal-humorada quando eu terminei.

- Mas agora você está infeliz - ele apontou.

- E? - eu desafiei.

- Isso não me parece justo - ele encolheu os ombros mas seus olhos ainda estavam intensos.

Eu sorrí sem humor. - Nunca te contaram? A vida não é justa.

- Eu acredito que eu já tinha ouvido isso antes - ele concordou secamente.

- Então isso é tudo - eu insistí, me perguntando porque ele ainda estava me olhando daquele jeito.

O olhar dele se tornou avaliativo. - Você faz um belo show - ele disse vagarosamente. - Mas eu seria capaz de apostar que você está sofrendo mais do que deixa os outros verem. Eu fiz uma careta pra ele, tentando controlar o impulso de mostrar minha língua pra ele como uma criança de cinco anos e olhei pro outro lado.

- Estou errado?

Eu tentei ignorá-lo.

- Eu acho que não - ele disse.

- Porque isso importa pra você? - eu perguntei irritada. Eu mantive os olhos distantes, observando o professor andando pela sala.

- Essa é uma pergunta muito boa - ele murmurou, tão baixo que eu imaginei se ele estaria falando consigo mesmo. Porém, depois de alguns minutos de silêncio, eu percebí que essa era a única resposta que eu receberia.

Eu suspirei e olhei para o quadro negro carrancuda.

- Eu estou te aborrecendo? - ele me perguntou parecendo divertido Eu olhei pra ele sem pensar...e disse a verdade de novo. - Não exatamente. Eu estou aborrecida comigo mesma. Meu rosto é tão fácil de ler-minha mãe sempre me chama de livro aberto. - eu fiz cara feia.

- Pelo contrário, eu acho você bem difícil de ler. - Apesar de tudo o que eu disse e de tudo que ele advinhou, ele parecia sincero.

- Você deve ser um bom leitor então - eu repliquei.

- Geralmente - ele sorriu largamente, mostrando uma série de dentes perfeitos e super brancos.

Sr.Banner pediu ordem na sala, e eu me virei aliviada para ouvir. Eu não conseguia acreditar que eu havia acabado de explicar minha vida melancólica para esse bizarro e lindo garoto que pode ou não me desprezar. Ele pareceu absorvido pela nossa conversa, mas agora eu podia ver pelo canto do meu olho, que ele estava se mantendo longe de mim de novo, as mãos dele agarrando a borda da mesa, com inegável tensão. Eu tentei fingir que prestava atenção enquanto o Sr. Banner explicava com transparências no projetor, o que eu havia visto antes com dificuldade pelo microscópio. Mas os meus pensamentos eram indóceis.

Quando o sinal finalmente tocou, Edward correu tão rapidamente e graciosamente da sala como na segunda feira passada. Eu o observei maravilhada.

Mike pulou rapidamente pra o meu lado e pegou os meus livro pra mim. Eu imaginei com um rabinho balançando.

- Aquilo foi horrível - ele gemeu. - Todos eles pareciam exatamente iguais. Você tem sorte por ter Cullen como parceiro.

- Eu não tive nenhum problema - eu disse, com raiva pela suposição dele. Eu me arrependí

do esnobismo na hora. - Eu já havia feito essa experiência - eu falei antes que eu pudesse magoar os sentimentos dele.

- Cullen pareceu amigável o suficiente hoje - ele comentou enquanto vestíamos os casacos de chuva. Ele não pareceu feliz com isso.

Eu tentei parecer indiferente: Eu me pergunto qual era o problema dele na segunda passada.

Eu não consegui me concentrar na conversa de Mike enquanto caminhávamos para a aula de Eduacação Física, e também não fiz muito pra me manter concentrada. Ele nobremente cobriu a minha posição e a sua própria, então eu só saia da minha posição quando era a minha vez de sacar. O meu time se abaixava e saia do caminho sempre que era a minha vez. A chuva era só uma névoa quando eu caminhei para o estacionamento, mas eu estava mais contente quando eu entrei na cabine seca. Eu liguei o aquecedor, pela primeira vez sem me importar com o barulho ensurdecedor do motor. Eu baixei o zíper do meu casaco, baixei o capuz e afofei meu cabelo para que o aquecedor o secasse no caminho pra casa. Eu olhei ao redor pra ter certeza de que o caminho estava limpo. Foi aí que eu ví a figura ereta, branca. Edward Cullen estava enconstado na porta do seu Volvo á três carros de distância de mim e olhando atentamente na minha direção.

Eu rapidamente olhei pra longe e dei a ré na caminhonete quase batendo num Toyota Corolla na minha pressa.

Pra sorte do Corolla, eu pisei no freio a tempo. Esse é exatamente o tipo de carro que o meu carro deixaria em pedacinhos. Eu respirei fundo, olhando pra fora pelo outro lado do meu carro, e cautelosamente tirei o carro, com mais sucesso.

Eu olhei direto para a frente quando eu passei pelo Volvo, mas pela minha visão

periférica, eu poderia jurar que ví ele rindo.

3. FENÔMENO

Quando eu abri meus olhos essa manhã, algo estava diferente.

Era a luz. Ainda estava a luz cinza-esverdeada de um dia nublado na floreta, mas estava mais claro de alguma forma. Eu percebi que não havia nenhuma névoa vendando minha janela. Eu me levantei pra olhar lá fora, e então gemi horrorizada.

Uma fina camada de neve cobria o jardim, varria a parte de cima da minha caminhonete, e deixava a estrada toda branca.

Mas essa não era a pior parte.

Toda a chuva de ontem tinha congelado, virado gelo - cobrindo o topo das árvores em fantástico padrões deslumbrantes, e cobrindo a calçada com um gelo mortal. Eu tive bastante dificuldade para não cair no chão seco; poderia estar mais seguro para eu voltar agora para cama. Charlie tinha ido para o trabalho antes de eu descer escada abaixo. De muitos modos, vivendo com Charlie tinha como eu ter meu próprio lugar, e eu fiquei me divertindo sozinha, mesmo sem ter ninguém.

Eu joguei rapidamente no chão uma tigela de cereal e um pouco de suco de laranja da caixa de papelão. Eu me sentia excitada para ir para a escola, e isso me assustou. Eu sabia que não era o estímulo do ambiente, percebi que estava me antecipando, ou meu novo grupo de amigos. Eu tinha que ser honesta comigo mesma, eu sabia que estava ansiosa para chegar a escola porque eu veria Edward Cullen.

E isso era mesmo muito estúpido.

Eu deveria o estar evitando completamente depois de minha conversa desmiolada e embaraçosa ontem.

E eu suspeitava dele; por que ele deveria mentir sobre os olhos dele? Eu ainda estava amedrontada pela hostilidade que eu às vezes sentia emanando dele, e eu ainda ficava com a língua-amarrada sempre que olhava a face perfeita dele.

Eu estava plenamente cosciente que nós eramos opostos que não se atraíam. Então eu não devia estar absolutamente tão ansiosa pra ver ele hoje.

Eu tive que usar toda a minha concentração pra conseguir sobreviver á descida nos tijolos cobertos se gelo da entrada. Eu quase perdí o equilíbrio quando finalmente cheguei á

caminhonete, mas eu conseguí me agarrar no retrovisor e me salvar. Claramente, hoje seria um pesadelo.

Dirigindo para a escola, eu me distraí do medo de cair e as minhas especulações não desejadas sobre Edward Cullen e pensando em Mike e Eric, e na diferença óbvia em como os garotos adolescentes me tratavam aqui.

Eu tinha certeza que era exatamente a mesma que era em Phoenix. Talvez fosse só porque os garotos de Phoenix me viram passar por todas as fases estranhas da adolescencia e ainda pensavam em mim daquele jeito. Talvez fosse porque eu era novidade aqui, onde as novidades são algo muito raro. Talvez o meu jeito desajeitado fosse visto como uma coisa mais encarecedora do que patética, me transformando numa donzela ao invés de algum tormento. Qualquer que fosse a razão, o comportamento de cãozinho de Mike e a aparente rivalidade de Eric eram desconcertantes. Eu não tinha certeza que não preferia ser ignorada. Minha caminhonete parecia não ter problemas com o gelo preto que cobria a estrada. Apesar disso, eu dirigi bem devagar pra não cravar uma espécie de trilha na rua principal. Quando eu saí do meu carro na escola eu ví porque eu tive tão poucos problemas. Algo prateado chamou minha atenção, e eu caminhei para o fundo da caminhonete - segurando cautelosamente o suporte lateral-para examinar os meus pneus. Haviam pequenas correntes cruzadas em formatos de diamantes ao redor deles. Charlie deve ter acordado sabe-se lá

que horas pra colocar as correntes nos meus pneus. De repente eu sentí minha garganta apertando. Eu não estava acostumada a ser cuidada, e a preocupação de Charlie me pegou de surpresa.

Eu estava no canto de trás da minha caminhonete, tentando lutar com a onda de emoções que as correntes de neve troxeram, quando eu ouví um som estranho. Era como um arranhão muito alto, estava rapidamente se tornando dolorosamente alto. Eu olhei para cima, estarrecida. Eu ví várias coisas simultâneamente. Nada estava se mexendo em câmera lenta como acontece nos

filmes. Ao invés disso, a adrenalina pareceu fazer o meu cérebro trabalhar muito mais rápido, e eu fui capaz de absorver em detalhes claros várias coisas ao mesmo tempo. Edward Cullen estava parado quatro carros á minha frente me encarando horrorizado. O

rosto dele se destacou do mar de rostos, todos petrificados com a mesma expressão de choque. Mas de mais imediata importância havia uma van azul escura derrapando, pneus guinchando contra os freios, girando selvagemente no gelo do estacionamento. Ia bater num dos cantos traseiros da minha caminhonete, e eu estava entre eles. Eu nem tive tempo de fechar os meus olhos. Logo antes de ouvir o barulho de algo se quebrando vindo da carroceria da minha caminhonete, alguma coisa bateu em mim, forte, mas não da direção que eu estava esperando. Minha cabeça bateu contra o gelo empretecido, e eu senti alguma coisa sólida e fria me pressionando no chão. Eu estava deitada no chão atrás do carro de pintura queimada que estava estacionado próximo ao meu.

Mas eu não tive a chance de prestar atenção em mais nada porque a van ainda estava vindo. Ela havia feito uma curva no fundo da minha caminhonete, e ainda girando e deslizando, estava prestes a colidir comigo de novo.

Uma voz baixa me disse que alguem estava comigo, e a voz era impossível não reconhecer. Duas mãos longas, brancas ficaram protetoramente na minha frente e a van parou a um palmo de distância de mim, as mãos grandes cabendo perfeitamente num vão profundo na lateral da van. As mãos dele se moveram tão rápido que ficaram fora de foco.

Uma delas estava de repente agarrando o fundo da van, e alguma coisa estava me puxando,empurrando minhas pernas como se elas fossem de uma boneca de trapo até que elas encostaram no pneu do carro com a pintura queimada. O baque de um som metáloco fez meus ouvidos doerem, e a van estava estabilizada no chão, vidro caindo no asfalto - exatamente onde minhas pernas haviam estado.

Tudo ficou absolutamente silencioso por um longo segundo antes da gritaria começar. Mas mais claramente que a gritaria, eu podia ouvir a voz baixa, desesperada de Edward no meu ouvido.

- Bella? Você está bem?

- Eu estou bem. - Minha voz soou estranha. Eu sentei sentar, e me dei conta que

ele estava me apertando do lado do corpo dele com muita força.

- Tenha cuidado - ele avisou quando eu relutei, - eu acho que você bateu bem forte com a cabeça.

Eu me dei conta de uma dor pulsante centrada bem acima da minha orelha esquerda.

- Au - eu disse, surpresa.

- Foi o que eu pensei. - A voz dele, incrivelmente, fez parecer que ele estava prendendo uma risada.

- Como diabos... - eu parei, tentando limpar minha mente, me orientar. - Como é que você

chegou aqui tão rápido?

- Eu estava parado bem ao seu lado, Bella - ele disse, seu tom estava sério de novo. Eu tornei a sentar, e dessa vez ele deixou, soltando o seu braço da minha cintura e escorregando pra o mais longe de mim que foi possível no espaço limitado. Eu olhei para a expressão preocupada, inocente dele e mais uma vez estava disorientada pela força dos seus olhos dourados. O que é que eu estava perguntando a ele?

E então eles nos encontraram, uma multidão de pessoas com lágrimas saindo dos olhos e escorrendo pelo rosto, gritando umas para as outras, gritando para nós.

- Não se mexam - alguém instruiu.

- Tirem Tyler da van! - outra pessoa gritou.

Havia um fluxo de atividade ao nosso redor. Eu tentei levantar, mas as mãos frias de Edward me puxaram pra baixo pelo ombro.

- Fique quieta por enquanto.

- Mas está frio - eu reclamei. Eu me surpreendí quando ele gargalhou baixinho. Havia uma margem no som.

- Você estava bem alí - de repente eu lembrei, e a gargalhada dele parou na hora. - Você

estava perto do seu carro.

A expressão dele ficou dura. - Não, eu não estava.

- Eu ví você. - Tudo ao nosso redor estava um caos. Eu pude ouvir a voz áspera de adultos se aproximando da cena. Mas eu obstinadamente me mantive na nossa discussão; eu estava certa, e ele ia ter que admitir.

- Bella, eu estava em pé com você, e eu te tirei do caminho. - Ele usou todo o poder imenso, devastador do seu olhar em mim, como se estivesse tentando me comunicar algo crucial.

- Não - eu apertei minha mandíbula.

O dourado dos seus olhos brilhou. - Por favor, Bella.

- Porque? - eu perguntei.

- Confie em mim. - ele alegou, a voz dele opressiva.

Eu podia ouvir o som de sirenes agora. - Você promete que vai me explicar tudo depois?

- Tá bom - ele disse, subtamente exasperado.

- Tá bom - eu repeti enfurecida.

Foi preciso seis paramédicos e dois professores-Sr. Varner e treinador Clapp-para afastar a van o suficiente pra trazer macas até nós. Edward veementemente recusou a dele, e eu tentei fazer o mesmo, mas o traidor contou a eles que eu tinha batido a minha cabeça e que provavelmente tinha tido uma concussão. Eu quase morrí de humilhação quando eles colocaram o suporte de pescoço. Parecia que a escola inteira estava lá, assistindo sóbriamente enquanto eles me colocaram no fundo da ambulância. Edward pôde ir na frente.

Era enlouquecedor.

Pra piorar a situação, o chefe Swan chegou antes que eles pudessem me colocar a uma distância segura.

- Bella! - ele gritou em pânico quando me reconheceu na maca.

- Eu estou completamente bem, Char-pai. - eu suspirei. - Não tem nada errado comigo. Ele se virou para o paramédico mais próximo para pedir uma segundo opinião. Eu desliguei ele da minha mente pra tentar considerar a confusão de imagens inexplicáveis se agitando loucamente na minha cabeça.

Quando eles me tiraram de perto do carro, eu pude ver um buraco profundo na lateral do carro com a pintura queimada-uma cavidade muito distinta que se ajustava ao contorno dos ombros de Edward...como se ele tivesse se forçado contra o carro com força suficiente para danificar a estrutura de metal...

E lá estava a família dele, olhando de longe, com expressões que iam da desaprovação á

furia mas que não continham nenhuma espécie de preocupação com a segurança do irmão. Eu tentei encontrar uma solução lógica que pudesse explicar o que havia acabado de ver, uma solução que excluísse a possibilidade de eu ser louca.

Naturalmente, a ambulância conseguiu uma escolta policial. Eu me sentí ridícula em cada intante enquanto eles me tiravam de lá. O que piorou a situação foi que Edward entrou no hospital por suas próprias pernas. Eu apertei meus dentes.

Eles me colocaram na sala de emergência, uma sala longa com uma fileira de camas separadas por cortinas em tom pastel. Uma enfermeira colocou um medidor de pressão arterial no meu braço e um termometro embaixo da minha língua. Já que ninguém se incomodou em puxar a cortina para me proferir alguma privacidade, eu decidí que não era mais obrigada a usar aquele suporte para pescoço ridículo.

Quando a enfermeira foi embora, eu rapidamente soltei o Velcro e joguei ele embaixo da cama.

Houve outro fluxo do pessoal do hospital, outra maca foi trazida para o meu lado. Eu reconhecí Tyler Crowley da minha aula de História embaixo das bandagens apertadas na cabeça dele que estava coberta de sangue. Tyler pareceu 100 vezes pior do que eu me sentia. Mas ele estava me encarando ansiosamente.

- Bella, me desculpe.

- Eu estou bem, Tyler-você parece horrível, está tudo bem? - Enquanto falávamos, as enfermeiras começaram a tirar as bandagens encharcadas dele, deixando expostas uma porção de cortes superfíciais em toda a sua testa e na bochecha esquerda. Ele me ignorou. - Eu pensei que fosse matar você! Eu estava indo rápido demais e batí

errado no gelo...

Ele choramingou enquanto a enfermeira tocava o seu rosto de leve.

- Não se preocupe com isso; você errou a pontaria.

- Como é que você saiu do caminho tão rápido? Você estava lá, e de repente não estava mais...

- Umm... Edward me tirou do caminho.

- Quem?

- Edward Cullen-ele estava do meu lado. - Eu sempre mentí muito mal; eu não soei nem um pouco convicente.

- Cullen? Eu não ví ele...uau, foi rápido demais, eu acho. Ele está bem?

- Eu acho que sim. Ele está aqui, em algum lugar, mas eles não o fizeram usar uma maca. Eu sabia que eu não estava louca. O que aconteceu? Não havia nenhuma forma de explicar o que tinha visto.

Então eles me levaram pra fazer um raio-x. Eu disse a eles que não havia nada errado comigo, e eu estava certa. Nem uma concussão. Eu perguntei se podia ir embora, mas a enfermeira disse que eu tinha que falar com um médico antes. Então eu estava presa na sala de emergência, esperando, sendo molestada pelos pedidos contantes de desculpa de Tyler e pelas promessas de que ele ia me recompensar.

Eu tentei convencê-lo de que estava bem, mas ele continuou se atormentando. Finalmente, eu fechei os meus olhos e ignorei ele. Ele continuou com o seu discurso cheio de remorso.

- Ela está dormindo? - perguntou uma voz musical. Meus olhos se abriram. Edward estava no pé da minha cama, sorrindo. Eu encarei ele. Não foi fácil - seria mais natural admirá-lo.

- Ei, Edward, eu lamento muito - Tyler começou.

Edward levantou a mão para parar ele.

- Sem sangue, sem danos - ele disse mostrando seus dentes brilhantes. Ele foi se sentar na borda da cama de Tyler, me encarando. Ele sorriu de novo.

- Então, qual é o veredito? - ele me perguntou.

- Não tem absolutamente nada de errado comigo, mas eles não querem me deixar ir embora. - eu reclamei.

- Como é que você não está acorrentado numa cama como o resto de nós?

- Tudo depende dos seus contatos - ele respondeu. - Mas não se preocupe, eu vim pra te animar.

Nessa hora um médico virou no corredor e o meu queixo caiu. Ele era jovem, ele era loiro... e muito mais bonito do que qualquer estrela de cinema que eu já tenha visto. No entanto, ele era pálido e parecia cansado, com círculos embaixo dos olhos. Pela descrição de Charlie, esse tinha que ser o pai de Edward.

- Então senhorita Swan - Dr. Cullen disse numa voz notavelmete atraente, - como é que você está se sentindo?

- Eu estou bem - eu repetí pela última vez, eu esperava.

Ele caminhou para o painél de luz em cima da minha cabeça, e o ligou.

- Seu raio-x parece bom - ele disse. - A sua cabeça está doendo? Edward disse que você

bateu com força.

- Ela está bem - eu repeti com um suspiro, olhando de relance na direção de Edward. Os dedos frios do doutor tatearam levemente no meu crânio. Ele

percebeu quando eu gemí.

- Delicado? - ele perguntou.

- Na verdade não - podia ser pior.

Eu ouví uma gargalhada e olhei pra ver o sorriso complacente de Edward. Eu revirei os olhos.

- Bem, o seu pai está na sala de espera-você pode ir pra casa com ele agora. Mas volte se você tiver vertigens ou se tiver qualquer problema com a sua visão.

- Eu posso voltar para a escola? - eu perguntei, imaginando Charlie tentando ser atencioso.

- Talvez você devesse pegar leve hoje.

Eu dei uma olhada pra Edward. - Ele vai poder voltar para a escola?

- Alguém tem que espalhar a boa notícia que nós sobrevivemos - Edward disse fazendo chacota.

- Na verdade - Dr. Cullen corrigiu. "Parece que toda a escola está na sala de espera.

- Ah não - eu gemí cobrindo o rosto com as mãos.

Dr. Cullen ergueu as sobrancelhas. - Você quer ficar?

- Não, não! - Eu insisti jogando as minhas pernas pelo lado da cama e me colocando rápido de pé. Rápido demais-eu cambaleei, e Dr. Cullen me sugurou. Ele pareceu preocupado.

- Eu estou bem. - Eu assegurei pra ele. Não tinha porque dizer pra ele que os meus problemas com o equilíbrio não tinham nada a ver com o fato de eu ter batido com a cabeça.

- Tome Tylenol para a dor - ele sugeriu enquanto me sustentava.

- Não dóe tanto - eu insisti.

- Parece que você teve muita sorte - Dr. Cullen disse enquanto assinava a meu quadro com um gesto floreado.

- Sorte que Edward estava do meu lado - eu emendei com um olhar duro na direção do objeto da minha declaração.

- Oh, bem, sim - Dr. Cullen concordou, subitamente ocupado com uns papéis na frente dele. Depois ele olhou pro outro lado, pra Tyler, e andou até a próxima cama. Minha intuição flutuou; o Dr. sabia de tudo.

- Eu temo que você terá que ficar conosco um pouco mais de tempo. - Ele disse para Tyler e começou a checar os cortes dele.

Assim que o Dr. ficou de costas eu me aproximei de Edward.

- Será que eu posso falar com você por um minutinho? - eu cochichei por baixo do fôlego. Ele deu um passo se afastando de mim, sua mandíbula subitamente apertada.

- Seu pai está esperando por você - ele disse entre dentes.

Eu olhei de relance pra Dr. Cullen e Tyler.

- Eu gostaria de falar com você em particular, se você não se incomodar. - eu pressionei. Ele me olhou fixamente, e depois me deu as costas e caminhou pelo longo quarto. Eu praticamente tive que correr para acompanhá-lo.

Assim que viramos na curva para um pequeno corredor, ele se virou para me encarar.

- O que você quer? - ele perguntou, parecendo aborrecido. Seus olhos eram frios. A expressão nada amigável dele me intimidou. Minhas palavras sairam com menos severidade do que eu pretendia. - Você me deve uma explicação - eu lembrei ele.

- Eu salvei a sua vida, eu não te devo nada.

Eu vacilei com o resentimento na voz dele. - Você prometeu.

- Bella, você bateu com a cabeça, você não sabe do que está falando - o tom dele

era cortante.

Agora o meu temperamento estava em chamas, eu encarei ele desafiadoramente. - Não tem nada errado com a minha cabeça.

Ele me encarou de volta. - O que você quer de mim, Bella?

- Eu quero saber a verdade - eu disse. - Eu quero saber porque estou mentindo por você.

- O que você acha que aconteceu? - ele soltou.

Saiu num sopro.

- Tudo o que eu sei é que você não estava em nenhum lugar perto de mim, Tyler também não viu você, então não diga que eu batí muito forte com a cabeça. Aquela van ia esmagar nós dois-e não esmagou, e as suas mãos deixaram buracos na lateral dela-e você deixou um buraco na lateral daquele outro carro, e você não está absolutamente machucado. E a van devia ter amassado as minhas pernas, mas você estava segurando ela... - Eu tinha noção do quanto aquilo soava louco, e eu não pude continuar. Eu estava com tanta raiva que podia sentir as lágrimas chegando; eu tentei forçá-las a desaparecer apertando os meus dentes juntos. Ele estava me olhando incrédulo. Mas o rosto dele estava tenso, na defensiva.

- Você acha que eu tirei uma van de cima de você?. - O tom dele questionava a minha sanidade, mas só me deixou mais suspeitas. Era como uma fala perfeitamente decorada por um ator talentoso.

Eu simplesmente afirmei com a cabeça uma vez, mandíbula apertada.

- Ninguém vai acreditar nisso, sabe. - agora a voz dele tinha um tom de zombaria.

- Eu não vou contar pra ninguem. - Eu disse cada palavra vagarosamnete, cuidadosamnete controlando a minha raiva.

A surpresa apareceu no rosto dele. - Então porque isso importa?

- Importa pra mim - eu insistí. - Eu não gosto de mentir, então seria melhor se eu

tivesse uma boa razão pra fazer isso.

- Será que você não pode só me agradecer e esquecer isso?

- Obrigada - eu disse fumaçando e esperando.

- Você não vai desistir, vai?

- Não.

- Nesse caso... eu espero que você gosto do desapontamento.

Nós nos olhamos em silêncio. Eu fui a primeira a quebrar o silêncio, tentando manter o foco. Eu corria o risco de me distrair com o seu rosto lívido, glorioso. Era como tentar encarar um anjo destruidor.

- Porque você se incomoda? - eu perguntei frigidamente.

Ele pausou, por um instante seu rosto estonteante ficou inesperadamente vulnerável.

- Eu não sei - ele cochichou.

Aí ele me deu as costas e caminhou pra longe de mim.

Eu estava com tanta raiva que demorou uns minutos até que eu pudesse me mover. Quando eu consegui andar, eu caminhei lentamente para a saída no final do corredor. A sala de espera estava mais desagradável do que eu temia. Parecia que todos os rostos que eu conhecia em Forks estavam lá, me encarando. Charlie correu para o meu lado; eu levantei as mãos.

- Não tem nada de errado comigo - eu assegurei solenemente. Eu ainda estava importunada, sem o mínimo humor pra conversinha.

- O que o doutor disse?

- Dr. Cullen me viu, e ele disse que eu estava bem e que podia ir pra casa. - eu suspirei. Mike e Jéssica e Eric estavam todos lá, começando a vir na nossa direção. - Vamos logo - eu apressei.

Charlie colocou o braço atrás das minhas costas, não necessariamente me

tocando, e me guiou até as portas de vidro da saída. Eu acenei timidamente para os meus amigos, esperando convencê-los de que eles não precisavam mais se preocupar comigo. Era um enorme alívio-a primeira vez que já me sentí assim - entra na viatura. Nós dirigimos em silêncio. Eu estava tão presa nos meus pensamentos que praticamente nem reparei que Charlie estava lá. Eu tinha certeza que a postura defensiva de Edward era uma confirmação de todas as bizarrices que eu ainda não podia acreditar que tinha testemunhado. Quando nós chegamos em casa, Charlie finalmente falou.

- Umm... você vai precisar ligar pra Renée - ele baixou a cabeça, em sinal de culpa. Eu estava apática. - Você contou á mamãe!

- Desculpe.

Eu batí a porta da viatura um pouco mais forte do que o necessário quando saí. Minha mãe estava histérica, é claro. Eu tive que dizer a ela que estava bem pelo menos umas trinta vezes antes dela se acalmar. Ela me implorou pra voltar pra casa-esquecendo que nossa casa estava vazia naquele momento-mas as súplicas dela foram mais fáceis de resistir do que eu imaginava. Eu estava consumida pelo mistério que Edward representava. E uma pouco mais obsecada pelo próprio Edward.

Burra, burra, burra.

Eu não estava tão ansiosa pra deixar Forks quanto eu deveria estar, como qualquer pessoa normal e sã deveria estar.

Eu decidí que devir ir dormir mais cedo naquela noite. Charlie continuou cuidando de mim ansiosamente, e isso estava me deixando nervosa. Eu parei no caminho pra pegar três Tylenol no banheiro. Eles ajudaram, e quando a dor passou, eu peguei no sono. Essa foi a primeira noite que eu sonhei com Edward Cullen.

4. CONVITE

No meu sonho estava muito escuro, e a pouco luz que havia lá parecia estar vindo da pele de Edward. Eu não conseguia ver ele, só as costas dele enquanto ele andava pra longe de mim, me deixando na escuridão. Não importava o quanto eu corresse, eu não conseguia acompanhá-lo; não importava o quanto eu gritasse por ele, ele nunca se virava. Confusa, eu acordei no meio da noite e não

conseguí mais dormir pelo que pareceu ser um longo tempo. Depois disso, ele estava nos meus sonhos praticamente toda noite, mas sempre distante, nunca a meu alcance. O mês que se seguiu ao acidente foi incômodo, tenso, e, a princípio, até embaraçoso. Para meu desânimo, eu me tornei o centro das atenções pelo resto da semana. Tyler Crowley estava impossível, me seguindo, obeseca com a idéia de me recompensar de algum modo. Eu tentei convencê-lo de que o que mais queria era que ele esquecesse o que aconteceu - especialmente já que nada aconteceu comigo - mas ele continuou insistindo. Ele me seguiu entre as aulas e se sentou na nossa agora lotada mesa do almoço. Mike e Eric eram ainda menos amigáveis com ele do que um com o outro, o que me deixou preocupada por estar ganhando outro fã indesejado.

Ninguém pareceu preocupado com Edward, apesar de eu ter explicado milhões de vezes que ele era o herói - como ele me tirou do caminho e quase foi atingido também. Eu tentei ser convincente. Jéssica, Mike, Eric e todos os outros sempre comentavam que eles nem sequer tinham visto ele lá até que a van foi tirada do caminho.

Eu pensei comigo mesma porque ninguém havia visto ele em pé lá longe, antes que ele estivesse de repente, impossivelmente salvando a minha vida. Com pesar, eu me dei conta da possível causa - ninguém estava tão conscinte da presença de Edward quanto eu estava. Ninguém mais observava ele como eu. Que pena.

Edward nunca estava cercado de espectadores ansiosos pela sua atenção. As pessoas evitavam ele como sempre. Os Cullen e os Hales se sentavam na mesma mesa como sempre, sem comer, falando apenas uns com os outros.

Nenhum deles, especialmente Edward, olhou mais na minha direção. Quando ele sentava perto de mim na sala, tão longe de mim quanto a mesa permitia, ele parecia totalmente alheio á minha presença. Só de vez em quando, quando os pulsos dele se apertavam - a pele ficava ainda mais branca ao redor dos ossos - eu ficava imaginando se ele estava mesmo tão inconscinte quanto queria fazer parecer.

Ele desejava não ter me tirado do caminho da van de Tyler - pra mim não havia outra conclusão.

Eu queria muito falar com ele, e no dia depois do acidente eu tentei. Na última

vez que eu ví

ele, fora da sala de emergência, nós dois estávamos tão furiosos. Eu ainda estava com raiva por ele não confiar em mim a ponto de dizer a verdade, apesar de eu estar cumprindo com a minha parte do trato perfeitamente. Mas ele tinha de fato salvado a minha vida, não importa como. Durante a noite a minha raiva se transformou em gratidão.

Ele já estava sentado quando eu entrei em Biologia, olhando diretamente pra frente. Ele não deu nenhum sinal de que sabia que eu estava lá.

- Olá Edward - eu disse agradavelmente, pra mostrá-lo que eu ia me comportar direitinho. Ele virou uma fração na minha direção sem olhar pra mim, balançou a cabeça uma vez, e então olhou pro outro lado.

E esse foi o último contato que eu tive com ele, apesar dele estar lá, a um passo de mim, todos os dias. As vezes eu ficava observando ele, sem conseguir me controlar - á distância, contudo, na cafeteria ou no estacionamento. Eu observava como os seus olhos dourados ficavam perceptivelmente mais e mais pretos a cada dia. Mas na aula eu não dava mais atenção a ele do que ele dava pra mim.

Eu estava arrasada. E os sonhos continuavam.

Apesar das minhas mentiras deslavadas, a tenacidade dos meus e-mails alertaram Renée para a minha depressão, e ela ligou algumas vezes, preocupada. Eu tentei convencê-la de que era só o clima que estava me deixando pra baixo.

Mike, ao menos, parecia estar satisfeito pela óbvia frieza entre mim e meu parceiro de laboratório.

Eu podia ver que ele andava preocupado que o salvamento arriscado de Edward tivesse me impressionado, e ele parecia aliviado que pareceu ter o efeito o oposto. Ele ficou mais confiante, sentando na borda da minha mesa pra conversar antes da aula de Biologia começar, ignorando Edward tão completamente quanto ele ignorava nós dois.

A neve foi embora de vez depois daquele dia perigosamente gelado. Mike estava desapontado porque não pôde fazer a sua briga de bola de neve, mas satisfeito que a ida á praia seria o mais breve possível. A chuva, porém, continuou pesada e as semanas foram passando. Jéssica me alertou de outro evento despontando

no horizonte - ela ligou na primeira Terçafeira de Março pra pedir minha permissão pra convidar Mike para o baile da escolha das garotas dentro de duas semanas.

- Tem certeza que você não se importa...você não estava planejando convidá-lo? - ela insistiu quando eu disse que não me importava nem um pouco.

- Não Jess, eu não vou. - eu garantí pra ele. Dançar estava além do alcance das minhas habilidades.

- Vai ser muito divertido - a tentativa de convite dela foi meio falsa. Eu suspeitava que Jéssica gostava mais da minha inexplicável popularidade do que da minha companhia propriamente dita.

- Se divirta com Mike - eu encoragei.

No outro dia, eu fiquei surpresa que Jéssica não estava sendo a mesma pessoa em Trigonometria e Espanhol. Ela estava quieta enquanto andava ao meu lado entre as aulas, e eu estava com medo de perguntar o por quê. Se Mike deixou ela na mão, eu seria a última pessoa pra quem ela iria querer contar.

Meus medos cresceram no almoço quando Jéssica se sentou tão longe de Mike quanto foi possível, conversando animadamente com Eric. Mike estava estranhamente quieto. Mike ainda estava calado quando me acompanhou á aula, a expressão desconfortável no rosto dele era um mal sinal. Mas ele não tocou no assunto até que eu estava sentada e ele estava curvado sobre a minha mesa.

Como sempre, eu estava eletricamente consciente da presença de Edward sentado ao alcance do meu toque, distante como se ele fosse um fruto da minha imaginação.

- Então - Mike disse olhando pro chão, - Jéssica me convidou para o baile de primavera.

- Isso é ótimo. - Eu fiz a minha voz ficar contente e entusiasmada. - Você vai se divertir muito com a Jéssica.

- Bem... - ele gaguejou enquanto examinava o meu sorriso, claramente discontente com a minha resposta. - Eu disse a ela que precisava pensar.

- Porque você faria isso? - eu deixei a desaprovação aparecer no meu tom, apesar de estar aliviada que ele não tinha dado um não definitivo á ela.

O rosto dela estava vermelho quando ele olhou pro chão de novo. A piedade me deixou balançada.

- Eu estava imaginando se...bem, se você estava planejando me convidar. Eu parei um segundo, odiando a onda de culpa que passou por mim. Mas eu ví, pelo canto dos meus olhos, quando um reflexo fez Edward virar a cabeça na minha direção.

- Mike, eu acho que você devia dizer sim pra ela - eu disse.

- Você já convidou outra pessoa? - Será que Edward percebeu os olhos de Mike na direção dele?

- Não - eu garantí pra ele - eu nem sequer vou ao baile.

- Porque não? - Mike quis saber.

Eu não queria falar sobre os perigos que dançar representava, então eu rapidamente inventei novos planos.

- Eu vou pra Seattle esse Sábado - eu expliquei. Eu precisava sair da cidade mesmo-de repente era o momento perfeito pra ir.

- Você não pode ir outra semana?

- Desculpa, não - eu disse. - Então você não devia fazer Jess esperar mais-é rude.

- É, você está certa. - ele murmurou, e se virou, arrasado, pra voltar pro seu lugar. Eu fechei os meus olhos e pressionei os dedos nas minhas têmporas, tentando tirar a culpa e a pena da minha cabeça. O Sr. Banner começou a falar. Eu suspirei e abrí os olhos. E Edward estava me olhando cheio de curiosidade, aquele mesmo olhar de frustração ainda mais distinto agora nos seus olhos pretos.

Eu olhei de volta, surpresa, esperando que ele olhasse rapidamente pra longe. Mas ao invés disso, ele continuou me olhando intensamente nos olhos. Eu não afastaria o olhar de jeito nenhum. Minhas mãos começaram a tremer.

- Sr. Cullen - o professor chamou, querendo a resposta para uma pergunta que eu não tinha ouvido.

- O ciclo dos caranguejos - Edward respondeu, parecendo relutante enquanto ele virava pra olhar para o Sr. Banner.

Eu olhei para os meus livros assim que estava livre do olhar dele, tentando me encontrar. Covarde como sempre, eu coloquei o meu cabelo sobre o meu ombro direito pra esconder o meu rosto. Eu não conseguia acreditar na onda de emoções pulsando no meu corpo - só porque ele olhou pra mim pela primeira vez em seis semanas.

Eu não podia permitir que ele tivesse esse nível de influência sobre mim. Era patético. Pior que patético, não era saudável.

Eu fiz o que pude pra não me dar conta da presença dele pela hora restante, e, já que era impossível, pelo menos fiz de tudo pra ele não se dar conta que eu me dava conta da presença dele. Quando o sinal finalmente tocou, eu me virei de costas pra ele pra juntar as minhas coisas, esperando que ele fosse embora imediatamente, como sempre.

- Bella? - a voz dele não devia soar tão familiar pra mim, como se eu conhecesse esse som por toda a minha vida e não por apenas algumas semanas.

Eu virei devagar, sem vontade. Eu não queria sentir o que eu sabia que ia sentir quando olhasse para o seu rosto mais que perfeito. A minha expressão era cautelosa quando eu finalmente me virei pra ele; a expressão dele era ilegível. Ele não disse nada.

- O que? Você já está falando comigo de novo? - eu finalmente perguntei, um pouco de petulância desintencional na minha voz.

Os lábios dele se contorceram, lutando contra um sorriso. - Na verdade não - ele admitiu. Eu fechei meus olhos e inalei vagarosamente pelo nariz, consciente de que os meus dentes estavam se apertando. Ele esperou.

- Então o que você quer, Edward? - eu perguntei, mantendo meus olhos fechados; era mais fácil conversar coerentemente com ele desse jeito.

- Me desculpe - ele pareceu sincero. - Eu estou sendo muito rude, eu sei. Mas

desse jeito é

melhor, mesmo.

Eu abrí meus olhos. O rosto dele estava sério.

- Eu não sei o que você quer dizer - eu disse, minha voz cautelosa.

- É melhor se nós não formos amigos - ele explicou. - Confie em mim. Meus olhos reviraram. Eu já ouví isso antes.

- É uma pena que você não tenha descoberto isso mais cedo - eu falei entre meus dentes. - Você podia ter se poupado desse arrependimento.

- Arrependimento? - a palavra e o meu tom obviamente pegaram ele de surpresa. - Arrependimento pelo quê?

- Por não ter simplesmente deixado aquela van estúpida passar por cima de mim. Ele estava incrédulo. Ele me olhava em descrença.

Quando ele finalmente falou, ele parecia com raiva. - Você acha que eu me arrependo de ter salvado a sua vida?

- Eu sei que você se arrepende. - eu disse.

- Você não sabe de nada - ele definitivamente estava com raiva. Eu virei rapidamente a minha cabeça, prendendo a minha mandíbula pra não soltar de vez todas as acusações que tinha contra ele.

Eu juntei os meus livros, então me levantei e caminhei até a porta. Eu planejava sair da sala dramaticamente da sala, mas é claro que eu batí a minha bota da porta e derrubei os meus livros. Eu fiquei lá por um momento, pensando em deixá-los. Então eu suspirei e me abaixei para apanhá-los. Ele estava lá; eles já tinha os colocado numa pilha. Ele me passou eles, sua expressão dura.

- Obrigada - eu disse geladamente.

Ele revirou os olhos.

- De nada - ele devolveu.

Eu me levantei, dei as costas pra ele e fui pra aula de ginástica sem olhar pra trás. A ginástica foi brutal. Nós estavamos jogando Basquete. Meu time nunca me passava a bola, e isso era bom, mas eu caí muito. As vezes eu derrubava as pessoas comigo. Hoje eu estava pior que o normal porque minha cabeça estava cheia de Edward. Eu tentei me concentrar nos meus pés, mas ele voltava a inundar meus pensamentos quando eu mais precisava de equilíbrio. Eu estava aliviada, como sempre, por ir embora. Eu quase corrí pro meu carro; havíam tantas pessoas que eu queria evitar. A caminhonete sofreu o mínimo de danos pelo acidente. Eu tive que trocar os faróis, e quando ela fosse pintada ficaria perfeita. Os pais de Tyler tiveram que vender a van por partes.

Eu quase tive um ataque do coração quando ví uma silhueta alta, escura encostada na lateral da minha caminhonete. Então eu me dei conta que era só Eric. Eu comecei a andar de novo.

- Ei Eric - eu chamei.

- Oi Bella.

- O que foi? - eu disse enquanto destravava a porta. Eu não estava prestando atenção ao tom desconfortável da voz dele, então suas próximas palavras me pegaram de surpresa.

- Uh, eu estava só imaginando...se você não gostaria de ir ao baile de primavera comigo. - A voz dele desapareceu na última palavra.

- Eu pensei que fosse escolha das garotas - eu disse, assustada demais pra ser diplomática.

- Bem, é... - ele admitiu, envergonhado.

Eu recuperei minha compostura e tentei sorrir docemente. - Obrigada por me convidar, mas eu vou pra Seattle nesse dia.

- Ah - ele disse. - Talvez da próxima vez.

- Claro - eu concordei e aí mordí meu lábio. Eu não queria que ele levasse isso muito a sério. Ele foi embora, em direção á escola. Eu ouví uma gargalhada baixinha. Edward estava passando pela minha caminhonete, olhando diretamente pra frente, seus lábios pressionados. Eu abrí a porta e pulei pra dentro, batendo

ela com força atrás de mim. Eu liguei o motor desafiadoramente e dei a ré saindo pelo corredor. Edward já estava em seu carro, a duas vagas de distância, deslizando vagarosamente na minha frente, me atrapalhando.

Ele parou lá-pra esperar sua família; eu podia ver eles caminhando nessa direção, mas ainda perto da cafeteria. Eu pensei em arrancar o retrovisor do seu Volvo, mas haviam muitas testemunhas. Eu olhei no meu espelho retrovisor. Uma fila estava começando a se formar. Diretamente atrás de mim, Tyler Crowley estava no seu Sentra usado, recentemente adquirido, acenando. Eu estava agitada demais pra prestar atenção nele. Enquanto eu estava sentada lá, olhando pra todos os cantos menos pro carro na minha frente, eu ouví uma batidinha na minha janela do lado do passageiro. Eu olhei; era Tyler. Eu olhei

de novo no meu retrovisor, confusa. O carro dele ainda estava ligado, a porta esquerda aberta. Eu me estendí pela cabine pra abrir a janela. Estava dura. Eu abrí até a metade, depois desistí.

- Desculpa, Tyler, eu estou presa atrás de Cullen - eu estava aborrecida- obviamente o engarrafamento não era culpa minha.

- Oh, eu sei-eu só queria te perguntar uma coisa enquanto estamos presos aqui - ele sorriu largamente.

Isso não podia estar acontecendo.

- Você vai me convidar para o baile de primavera? - ele continuou.

- Eu não vou estar na cidade Tyler - minha voz pareceu um pouco aguda. Eu tinha que lembrar que não era culpa dele que Mike e Eric já tinham acabado com a minha cota de paciência por aquele dia.

- É, Mike disse isso - ele admitiu.

- Então porque...

Ele encolheu os ombros. - Eu estava pensando que você só não queria machucá-lo. OK, foi culpa dele.

- Desculpe, Tyler - eu disse tentando esconder minha irritação. - Eu estou mesmo saindo da cidade.

- Tudo bem. Ainda temos o baile de fim de ano.

E antes que eu pudesse responder, ele estava caminhando de volta pro seu carro. Eu podia sentir o choque no meu rosto. Eu olhei pra frente pra ver Alice, Rosalie, Emmett e Jasper todos entrando no Volvo. No espelho retrovisor dele, os olhos de Edward estavam em mim. Ele estava inquestionávelmente se balançando de rir, como se ele tivesse ouvido cada palavra de Tyler. Meu pé se aproximou do acelerador... um empurrãozinho não ia machucar nenhum deles, só

aquela pintura prateada do Volvo. Eu acelerei o motor.

Mas eles estavam todos dentro, e Edward estava indo embora. Eu dirigí pra casa devagar, cuidadosamente, murmurando pra mim mesma durante o caminho inteiro. Quando eu cheguei em casa, eu resolví fazer enchiladas de frango pro jantar. Era um longo processo, e me manteria ocupada. Enquanto eu estava picando as cebolas e o chili, o telefone tocou. Eu estava quase com medo de atender, mas podia ser Charlie ou minha mãe. Era Jéssica, e ela estava exultante; Mike alcançou ela depois da escola para aceitar o seu convite. Eu comemorei brevemente com ela enquanto me movimentava. Ela tinha que desligar. Ela tinha que ligar pra Angela e Lauren pra contar a elas. Eu sugerí - com uma inocência casual-que talvez Angela, a garota tímida que tinha Biologia comigo, podia convidar Eric. E Lauren, uma garota reservada que sempre me ignorava na mesa do almoço, podia convidar Tyler; eu tinha ouvido dizer que eles estavam disponíveis. Jess achou que essa era uma ótima idéia. Agora que ela tinha certeza de Mike, ela realmete pareceu sincera quando disse que gostaria que eu fosse para o baile. Eu dei a desculpa de Seattle.

Depois que eu desliguei, eu tentei me concentrar no jantar-cortando o frango especialmente; eu não queria fazer outra visita á sala de emergência. Mas a minha cabeça estava rodando, tentando analizar cada palavra que Edward havia dito hoje. O que ele queria dizer com , era melhor que não fôssemos amigos?

Meu estômago revirou quando eu entendí o que ele queria dizer. Ele deve ter reparado no quanto eu estava absorvida por ele; ele não deve querer que eu me engane...então não poderiamos ser amigos... porque ele não estava nem um pouco interessado em mim. É claro que ele não estava interessado em mim, eu pensei com raiva, meus olhos pulsando-uma reação ás cebolas. Eu não era interessante. E ele era. Interessante...e brilhante...e misterioso...e perfeito...e lindo...

...E possívelmente capaz de levantar vans com uma mão só.

Bom, tudo bem. Eu podia deixá-lo em paz. Eu ia deixá-lo em paz. Eu ia suportar a sentença dada por mim mesma aqui no purgatório, e talvez alguma escola no Sul, possivelmente no Havaí

ia me dar uma bolsa de estudos.

Eu me concentrei em praias ensolaradas e palmeiras enquanto terminava as enchiladas e colocava elas no forno.

Charlie pareceu desconfiado quando chegou em casa e sentiu o cheiro dos pimentões. Eu não podia culpá-lo-a única comida Mexicana próxima do comestível estava no Sul da Califórnia. Mas ele era um policial, mesmo que um policial de uma cidade pequena, então ele foi corajoso o suficiente pra dar a primeira mordida. Ele pareceu gostar. Era engraçado observar enquanto ele começava a confiar em mim na cozinha.

- Pai? - eu perguntei quando ele já estava quase acabando.

- Sim, Bella?

- Um, só queria te dizer que eu vou pra Seattle no próximo Sábado...tudo bem? - Eu não queria pedir permissão-deixava uma má imagem, mas eu achei rude, então mudei de idéia no fim.

- Porque? - ele pareceu surpreso, como se ele não pudesse imaginar algo que Forks não pudesse oferecer.

- Bom, eu queria ir pegar alguns livros-a biblioteca daqui é bem limitada-e talvez vez algumas roupas. - Eu tinha mais dinheiro do que estava acostumada, desde que, graças ao Charlie, eu não precisei comprar um carro. Não que a caminhonete não fosse cara em se tratando de gasolina.

- Essa caminhonete provavelmente não faz uma milhagem muito boa com a gasolina - ele disse fazendo um eco com os meus pensamentos.

- Eu sei, eu vou parar em Montesano e Olympia-e Tacoma se precisar.

- Você vai sozinha? - ele perguntou, e eu não conseguí dizer se ele pensava que

eu tivesse um namorado secreto ou se ele só estava preocupado por causa do carro.

- Sim.

- Seattle é uma cidade grande, você pode se perder - ele disse.

- Pai, Phoenix é cinco vezes maior que Seattle-e eu sei ler um mapa, não se preocupe.

- Você quer que eu vá com você?

Eu tentei ser profissional enquanto escondia o meu horror.

- Está tudo bem pai. Eu provavelmente estarei em provadores o dia inteiro-muito chato.

- Oh, OK. - O pensamento de passar o dia inteiro sentado em lojas de roupas de mulher acalmou ele imediatamente.

- Obrigada. - eu sorrí pra ele.

- Você vai estar de volta á tempo pro baile?

Grrr. So numa cidade pequena como essa os pais sabem quando são os bailes.

- Não, eu não danço pai. - Ele, de todas as pessoas, devia entender isso-eu não herdei os problemas de equilíbrio da minha mãe.

Ele entendeu. - Oh, tudo bem. - Ele se tocou.

Na manhã seguinte, quando eu estacionei no estacionamento, eu deliberadamente estacionei o mais distante possível do Volvo prateado. Eu não queria cair em tentação e acabar fazendo ele merecer um carro novo. Saindo da cabine, eu deixei as chaves cairem numa poça aos meus pés. Enquanto eu me abaixava para apanhá-las, uma mão branca pegou-as num flash antes que eu pudesse tentar.

Edward Cullen estava bem na minha frente, encostado casualmente na minha caminhonete.

- Como você faz isso?

- Faz o que? - Ele me passou as chaves enquanto falava. Quando eu ia apanhá-las ele jogou elas na palma da minha mão.

- Aparece do nada.

- Bella, não é culpa minha que você não é particularmente observadora - a voz dele era quieta como sempre-aveludada, emudecida.

Eu olhei para o seu rosto perfeito. Os olhos dele estavam claros hoje de novo, uma cor dourada da cor do mel, profunda.

Então eu tive que olhar pra baixo pra reagrupar os meus pensamentos agora confusos.

- Porque aquela pataquada no tráfego ontem? - eu perguntei de uma vez, ainda olhando pra longe. - Eu pensei que você devia estar me ignorando e não me irritando até a morte.

- Aquilo foi pro bem de Tyler, não pro meu. Eu tinha que dar uma chance a ele. - ele riu silenciosamente.

- Você... - eu gaguejei. Eu não conseguí pensar numa palavra ruim o suficiente. Eu sentí que o calor da minha raiva podia queimá-lo fisicamente, mas ele parecia estar se divertindo.

- Eu não estou fingindo que você não existe - ele continuou.

- Então você está tentando me irritar até a morte? Já que Tyler não conseguiu terminar o trabalho?

A raiva transpareceu nos seus olhos. Os seus lábios se pressionaram até formar uma linha fina, todos os sinais de humor tinham desaparecido.

- Bella, você é muito absurda - ele disse, sua voz baixa estava fria. Minhas palmas coçaram-eu queria tanto bater em alguma coisa. Eu estava surpresa comigo mesma. Normalmente eu não era uma pessoa violenta. Eu dei as costas e comecei a caminhar.

- Espere - ele chamou. Eu continuei andando, caminhando furiosamente pela chuva. Mas ele estava perto de mim, acompanhando o passo facilmente.

- Me desculpe por ser rude - ele disse enquanto andávamos. Eu ignorei ele. - Eu não estou dizendo que não é verdade - ele continuou - Mas mesmo assim foi rude.

- Porque você não me deixa em paz? - eu murmurei.

- Eu queria perguntar uma coisa, mas você me desconcentrou - ele riu. Ele parecia ter recuperado o bom humor.

- Você tem alguma disordem de múltipla personalidade? - eu perguntei severamente.

- Você está fazendo de novo.

Eu suspirei. - Tá bom, o que você quer perguntar?

- Eu estava imaginando se no Sábado da próxima semana-você sabe, no dia do baile de primaveira.

- Você está tentando ser engraçado? - Eu interrompí me virando pra ele. Meu rosto ficou encharcado quando eu olhei pra cima pra ver sua expressão.

Seus olhos estavam estranhamente divertidos. - Será que você pode me deixar terminar por favor?

Eu mordí meu lábio e juntei minhas mãos, entrelaçando meus dedos, assim eu não faria nada de que eu pudesse me arrepender.

- Eu ouví você dizendo que vai pra Seattle nesse dia, e eu estava imaginando se você quer uma carona.

Isso foi inesperado.

- O que? - Eu não tinha idéia de onde ele queria chegar.

- Você quer uma carona até Seattle?

- Com quem? - eu perguntei, mistificada.

- Comigo, obviamente. - Ele pronunciou cada sílaba, como se estivesse falando com alguém mentalmente incapacitado.

Eu ainda estava atordoada. - Porque?

- Bom, eu estava planejando ir á Seattle nas próximas semanas, e, pra ser honesto, eu não tenho certeza se o seu carro aguenta.

- Minha caminhonete funciona muito bem, obrigada pela preocupação. - Eu comecei a andar de novo, mas eu estava muito surpresa pra manter o mesmo nível de raiva.

- Mas a sua caminhonete consegue chegar até lá com um tanque de gasolina? - Ele acompanhou o meu passo de novo.

- Eu não vejo como isso pode ser da sua conta. - Estúpido dono do Volvo brilhante.

- O desperdício de bens findáveis é da conta de todo mundo.

- Honestamente, Edward - eu senti uma alegria percorrer meu corpo quando eu disse o nome dele. - Eu não consigo te acompanhar. Eu pensei que você não queria ser meu amigo.

- Eu disse que seria melhor se não fôssemos amigos, não que eu não queria ser.

- Oh, obrigada, isso esclarece tudo - Sarcasmo pesado. Eu percebí que tinha parado de caminhar de novo. Estávamos sob o teto da cafeteria agora, então eu podia olhar para o seu rosto com mais facilidade. O que certamente não ajudou muito na claridade do pensamento.

- Seria mais...prudente se você não fosse minha amiga", ele explicou. - Mas eu estou cansado de tentar ficar longe de você, Bella.

Seus olhos estavam gloriosamente intensos enquanto ele pronunciava a última frase, sua voz flamejante. Eu não conseguia lembrar de respirar.

- Você vai pra Settle comigo? - ele perguntou, ainda intenso.

Eu ainda não conseguia falar, então só balancei a cabeça.

Ele sorriu brevemente, então seu rosto ficou sério.

- Você realmente devia ficar longe de mim - ele avisou. - Te vejo na aula. Ele se virou abruptamente e caminhou pra o lugar de onde tinhamos vindo.

5. TIPO SANGUÍNEO

Eu fui pra aula de inglês totalmente ofuscada. Eu nem me dei conta quando eu entrei na sala que a aula já tinha começado.

- Obrigado por se juntar a nós, Srta. Swan. – Sr. Mason disse me tom de afronta. Eu corei e corrí pro meu lugar.

Foi só no final da aula que eu percebi que Mike não estava sentado no seu lugar de sempre ao meu lado. Eu sentí uma ponta de culpa. Mas ele e Eric me encontraram na porta como sempre, então eu imaginei que eu estivesse um pouco desculpada. Mike pareceu se tornar mais ele mesmo enquanto caminhávamos, ganhando entusiasmo enquanto ele falava da previsão pro clima pra esse

fim

de

semana.

A chuva daria uma pequena trégua, então talvez seu passeio á praia fosse possível. Eu tentei parecer eufórica, pra me redimir por ter desapontado ele ontem. Era difícil; com chuva ou sem, a temperatura continuaria um pouco baixa, isso se tivéssemos sorte. O resto da manhã passou num sopro. Era difícil de acreditar que eu não tinha apenas imaginado o que Edward havia me dito, e a expressão nos olhos dele. Talvez fosse só um sonho muito convincente que eu confundí com a realidade. Isso parecia mais provável do que eu sendo apelativa pra ele em qualquer sentido.

Eu estava muito impaciente e aflita quando eu e Jéssica entramos na cafeteria. Eu queria ver seu rosto, ver se ele havia voltado a ser a pessoa fria, indiferente que eu conhecí pelas últimas semanas. Ou se, por algum milagre, eu realmente tinha ouvido o que eu achava que tinha ouvido essa manhã. Jéssica estava tagarelando sobre os seus planos para o baile - Lauren e Angela haviam

convidado os outros garotos e eles estavam todos indo juntos-completamente alheia á

minha desatenção.

Desapontamento me inundou quando os meus olhos se concentraram na mesa dele. Os outros quatro estavam lá, mas ele estava ausente. Ele foi pra casa? Eu segui a ainda tagarelante Jéssica pela fila, arrasada. Eu tinha perdido o meu apetite - eu não comprei nada além de uma garrafa de limonada. Eu só queria ir me sentar e mofar.

- Edward Cullen está olhando pra você de novo - Jéssica disse, finalmente quebrando a minha distração com o nome dele. - Eu me pergunto porque ele está se sentando sozinho hoje. Minha cabeça deu um salto. Eu segui o olhar dela pra ver Edward, sorrindo, me observando de uma mesa vazia no lado contrário de onde ele se sentava de costume. Assim que ele encontrou meus olhos ele fez um gesto com o dedo indicador pedindo pra que eu me juntasse a ele. Enquanto eu o encarava sem acreditar, ele piscou pra mim.

- Ele tá chamando você? - Jéssica perguntou com um assombro muito insultante.

- Talvez ele precise de ajuda com o dever de casa de Biologia - eu murmurei pro bem dela. - Umm, é melhor eu ir ver o que ele quer.

Eu podia sentir ela me encarando enquanto eu me afastava.

Quando eu alcancei a mesa dele, eu fiquei de pé atrás da cadeira na frente dele, incerta.

- Porque você não se senta comigo hoje? - ele me perguntou, sorrindo. Eu sentei automaticamente, observando ele com cuidado. Ele ainda estava sorrindo. Era difícil de acreditar que alguém tão bonito pudesse ser real. Eu temia que ele desaparecesse repentinamente numa nuvem de fumaça, e eu acordasse.

Ele parecia estar esperando que eu dissesse alguma coisa.

- Isso é diferente - eu finalmente consegui dizer.

- Bem... - ele pausou, depois suas palavras sairam todas de uma só vez. - Eu decidí que já

que eu estou indo pro inferno, é melhor fazer direito.

Eu esperei pra que ele dissesse alguma coisa que fizesse sentido. Os segundos foram passando.

- Você sabe que eu não faço idéia do que você quer dizer - finalmente eu apontei.

- Eu sei - Ele sorriu de novo, e então mudou de assunto. - Eu acho que os seus amigos estão bravos comigo por roubar você.

- Eles vão sobreviver - eu podia sentir o olhar deles cravados nas minhas costas.

- Porém, eu posso não te devolver - ele disse com um brilho estranho no olhar. Eu engolí seco.

Ele sorriu. - Você parece preocupada.

- Não - eu disse, ridiculamente, minha voz fugiu. - Surpresa, na verdade...o que causou tudo isso?

- Eu já te disse... eu me cansei de tentar ficar longe de você. Então, eu estou desistindo. - Ele ainda estava sorrindo, mas seus olhos estavam sérios.

- Desistindo? - eu repetí confusa.

- Sim, desistindo de tentar ser bonzinho. Eu vou fazer o que eu quiser agora, e deixar acontecer o que tiver de acontecer. - Seu sorriso sumiu enquanto ele explicava, sua voz adquiriu um tom duro.

- Você me perdeu de novo.

O sorriso arrebatador reapareceu.

- Eu sempre falo demais quando estou com você, esse é um dos problemas.

- Não se preocupe, eu não entendo nada mesmo. - eu disse.

- Eu estou contando com isso.

- Então, em Inglês simples, nós somos amigos agora?

- Amigos... - ele meditou, em dúvida.

- Ou não. - eu murmurei.

Ele sorriu. - Bem, nós podemos tentar, eu suponho. Mas eu te aviso que eu não sou um bom amigo pra você. - Por trás do sorriso, se aviso era de verdade.

- Você diz muito isso. - eu notei, tentando acalmar o nervosismo no meu estômago e manter minha voz calma.

- Sim, porque você não está me ouvindo. Eu estou esperando que você acredite em mim. Se você for esperta, você vai me evitar.

- Eu acho que você também já deixou clara a sua opinião sobre o meu intelecto. - meus olhos reviraram.

Ele sorriu.

- Então, enquanto eu estou sendo...não esperta, nós vamos tentar ser amigos? - eu lutei pra entender a confusa mudança.

- Isso parece correto.

Eu olhei para as minhas mãos entrelaçadas na garrafa de limonada, sem saber o que fazer agora.

- No que você está pensando? - ele perguntou curiosamente.

Eu olhei pra os seus profundos olhos dourados, fiquei abobalhada, e como sempre, soltei toda a verdade.

- Eu estou tentando descobrir o que você é.

A mandíbula dele se contraiu, mas ele continuou sorrindo com algum esforço.

- Está tendo alguma sorte? - ele perguntou num tom desinteressado.

- Não muita - eu admiti.

Ele gargalhou. - Quais são as suas teorias?

Eu corei. Durante o último mês eu estive entre Bruce Wayne e Peter Parker. Não tinha jeito de eu dizer isso.

- Você não vai me contar? - ele perguntou inclinando a cabeça pra um lado com um sorriso chocantemente tentador.

Eu balancei minha cabeça. - Muito embaraçoso.

- Isso é muito frustrante, sabe - ele reclamou.

- Não - eu discordei rapidamente, meus olhos revirando. - Eu não consigo imaginar porque isso seria frustrante-só porque uma pessoa se recusa a te dizer o que ela está pensando, só

porque ela está só criando pequenas observações obscuras que te mantêm você acordado se perguntando o que elas poderiam querer dizer com aquilo... agora, porque isso seria frustrante?

Ele fez uma careta.

- Ou melhor - eu continuei, o tom de aborrecimento saindo livremente agora. - Digamos que essa pessoa também fez algumas coisas bizarras-de salvar a sua vida sob circunstâncias impossíveis um dia pra depois tratar você como uma estranha no outro dia, e ele nunca explica nada disso, mesmo se ele prometeu. Isso, também seria muito não frustrante.

- Você tem um temperamento um pouco forte, não tem?

- Eu não gosto de duplos padrões.

Nós encaramos um ao outro, sem sorrir.

Ele deu uma olhada por cima do meu ombro, e então, inesperadamente, ele sorriu silenciosamente.

- O que é?

- O seu namorado parece estar pensando que eu estou sendo rude com você-ele está se questionando se deve ou não vir aqui apartar a nossa briga. - ele sorriu silenciosamente de novo.

- Eu não sei do que você está falando - eu disse frigidamente. - Mas de qualquer forma, eu tenho certeza que você está enganado.

- Eu não estou. Eu já te disse, a maioria das pessoas é fácil de ler.

- Exceto eu, é claro.

- Sim. Exceto você. - seu humor mudou de repente; seus olhos se tornaram pensativos. - Eu me pergunto o porquê disso.

Eu tive que olhar pra longe da intensidade do seu olhar. Eu me concentrei em tirar o rótulo da minha garrafa de limonada. Eu tomei um gole, olhando para a mesa sem enxergá-la.

- Você não está com fome? - ele perguntou distraído.

- Não - eu não estava a fim de dizer que o meu estômago já estava cheio-de borboletas. - Você? - eu olhei para a mesa vazia na frente dele.

- Não, eu não estou com fome. - Eu não entendí a expressão dele, parecia que ele estava de divertindo com algum tipo de piada secreta.

- Você pode me fazer um favor? - eu perguntei depois de um segundo de hesitação. De repente ele estava cauteloso. - Depende do que você quer.

- Não é muito - eu garantí.

Ele esperou, cauteloso, mas curioso.

- Eu só estava imaginando...se você poderia me avisar com antecedência na próxima vez que você resolver me ignorar para o meu próprio bem. Só pra eu me preparar. - eu olhei para a garrafa de limonada enquanto falava, passando o dedo na boca da garrafa.

- Parece justo. - Ele estava pressionando os lábios pra não rir quando eu olhei pra cima.

- Obrigada.

- Então posso ter uma resposta em retorno? - ele pediu.

- Uma.

- Me diga uma das suas teorias.

Opa. - Essa não.

- Você não qualificou, você só prometeu uma resposta - ele me lembrou.

- Você também já quebrou suas promessas. - eu lembrei pra ele também.

- Só uma teoria, eu não vou rir.

- Vai sim. - eu tinha certeza disso.

Ele olhou pra baixo e depois olhou pra mim por entre seus longos cílios negros, seus olhos chamuscando.

- Por favor? - ele respirou se inclinando na minha direção.

Eu pisquei, minha mente ficando obscurecida. Santa Mãe, como é que ele faz isso?

- Er, o que? - eu perguntei ofuscada.

- Por favor, me diga só uma teoria. - seus olhos ainda grudados em mim.

- Hum, bem, mordido por uma aranha radioativa? - Ele fazia hipnose, também? Ou eu era um caso sem esperança?

- Isso não é muito criativo. - ele zombou.

- Me desculpe, é tudo que eu tenho - eu disse amuada.

- Você não está nem perto - ele caçoou.

- Nada de aranhas?

- Não.

- E nada de radioatividade?

- Nada.

- Droga - eu suspirei.

- Kryptonita também não me incomoda - ele gargalhou.

- Você não podia rir, lembra?

Ele lutou pra recompor o rosto.

- Eu vou descobrir mais cedo ou mais tarde - eu avisei.

- Eu gostaria que você não tentasse. - Ele estava sério de novo

- Porque...?

- E se eu não for um super-herói? E se eu for o bandido? - ele sorriu brincando, mas seus olhos eram impenetráveis.

- Oh - eu disse, agora muitas da dicas que ele havia dado faziam sentido. - Eu entendo.

- Entende? - seu rosto estava abruptamente severo, como se ele estivesse com medo de ter falado demais.

- Você é perigoso? - eu chutei, meu pulso disparou quando eu me dei conta da verdade nas minhas palavras. Ele era perigoso. Ele esteve tentando me dizer isso o tempo inteiro. Ele só olhou pra mim, os olhos cheios de uma emoção que eu não conseguia compreender.

- Mas não mau. - eu balancei minha cabeça. - Não, eu não acredito que você seja mau.

- Você está errada. - A voz dele era praticamente inaudível. Ele olhou pra baixo, roubou a tampa daminha garrafa e começou a rodá-la entre os dedos.. Eu olhei pra ele, imaginando porque eu não sentia medo. Ele falava sério - isso era óbvio. Mas eu só me sentia ansiosa, no limite...e mais que tudo, fascinada. Da mesma forma que eu sempre me sentia quando estava perto dele. O silêncio durou até que eu percebí que a cafeteria estava quase vazia. Eu fiquei de pé num pulo. - Nós vamos nos atrasar.

- Eu não vou á aula hoje - ele disse rodando a tampa tão rápido que era só um vulto.

- Porque não?

- É saudável faltar a aula de vez em quando. - ele sorriu pra mim, mas seus olhos ainda pareciam confusos.

- Bom, eu vou indo - eu disse pra ele. Eu era covarde demais pra arriscar ser pega. Ele voltou a atenção pra sua tampinha. - Até mais tarde então.

Eu hesitei, dividida, mas então o sinal tocou e eu saí correndo pela porta-dando uma ultima olhada pra confirmar que ele não tinha se movido nem um centímetro. Enquanto eu meio que corria para a minha aula, minha cabeça estava girando mais rápida que uma hélice. Tão poucas perguntas foram respondidas em relação áquelas que foram perguntadas. Ao menos a chuva tinha parado.

Eu estava com sorte; o Sr. Banner ainda não estava na sala quando eu cheguei. Eu me arrumei rapidamente no meu lugar, consciente de que tanto Mike quanto Angela estavam olhando pra mim. Mike parecia ressentido, e Angela parecia surpresa, e até demonstrou um pouco de reverência.

Sr. Banner entrou então, pedindo ordem na sala. Ele estava equilibrando umas caixinhas pequenas nos braços. Ele colocou elas na mesa de Mike e pediu pra ele começar a distribuí-las pela classe.

- Tudo bem, pessoal, eu quero que vocês peguem um pedaço de cada caixa. - ele disse enquanto tirava um par de luvas de borracha do seu jaleco e colocava-as nas mãos. O som agudo das luvas de borracha batendo contra o pulso dele pareceu um mal presságio pra mim. - A primeira coisa é uma cartão de instrução - ele continuou, pegando um cartão branco com quatro quadrados marcados nele. - A segunda é um aplicador - ele segurou alguma coisa que parecia ter

dentes - e a terceira é uma micro-agulha esterilizada. - Ele pegou um pacote de plástico azul e abriu. O aparador era quase invisível a essa distância, mas o meu estômago deu voltas.

- Eu vou passar com um conta gotas para preparar os seus cartões, então por favor não comece até que eu chegue em vocês. - Ele começou na mesa de Mike de novo, cuidadosamente colocando uma gota de água em cada quadradinho. -

Agora eu quero que cada um de vocês fure o seu dedo cuidadosamente com a agulha... - Ele agarrou a mão de Mike e enfiou a agulha na pontinha do seu dedo do meio. Oh não.

Um suor frio começou a sair na minha testa.

- Ponham uma pequena gotinha de sangue em cada quadradinho. - Ele demonstrou pegando o dedo de Mike e apertando até o sangue sair. Eu engolí convulssivamente, meu estômago pesando.

- E então aplique no cartão - ele terminou, segurando o cartão com gotas vermelhas pra todos nós vermos. Eu fechei os meus olhos, tentando ouvir além do zumbido nos meus ouvidos.

- A cruz vermelha está vindo á Port Angeles no próximo fim de semana, então eu pensei que todos vocês podiam saber o seu tipo sanguínio. - Ele parecia orgulhoso de sí mesmo. - Aqueles que ainda não tem dezoito anos vão precisar da permissão dos seus pais, eu tenho documentos na minha mesa.

Ele continuou passando na sala com as suas gotinhas de água. Eo cloquei a minha bochecha no topo da mesa fria e tentei me manter consciente. Em todo lugar ao meu redor eu podia ouvir gemidos, reclamações e gargalhadas dos meus colegas de classe enquanto eles furavam seus dedos. Eu respirava calmamente pra dentro e pra fora pela minha boca.

- Bella, você está bem? - o Sr. Banner perguntou. A voz dele estava perto da minha cabeça, e pareceu alarmada.

- Eu já sei meu tipo sanguínio Sr. Banner - eu disse com a voz fraca. Eu estava com medo de levantar a minha cabeça.

- Você está se sentindo desfalecer?

- Sim, senhor - eu murmurei, me chutando por dentro por não ter faltado a aula quando eu tive a chance.

- Alguém pode levar Bella á enfermaria por favor? - ele pediu.

Eu não precisei olhar pra cima pra saber que Mike foi voluntário.

- Você pode andar? - o Sr. Banner perguntou.

- Sim - eu murmurei. Só me tirem daqui, eu pensei. Eu vou rastejando. Mike pareceu ansioso quando colocou o braço dele ao redor da minha cintura e colocou meu braço sobre seus ombros. Eu me inclinei pesadamente nele enquanto saíamos da sala. Mike me guiou lentamente pelo campus. Quando estávamos passando pela cafeteria, fora do campo de visão da sala de aula, quando o Sr. Banner não podia mais ver, eu parei.

- Será que você pode me deixar sentar um minuto, por favor? - eu implorei. Ele me ajudou a sentar na beira da calçada.

- E o que quer que você faça, mantenha a sua mão no bolso - eu avisei. Eu ainda estava muito atordoada. Eu caí pro lado, encostando o meu rosto no cimento frio, sujo da calçada e fechei meus olhos. Isso pareceu ajudar um pouco.

- Uau, você está verde, Bella - Mike disse nervosamente.

- Bella? - uma voz diferente chamou de longe.

Não! Por favor diga que eu estou imaginando essa voz horrivelmente familiar.

- Qual o problema, ela está machucada? - A voz dele estava mais próxima agora, e ele parecia aflito.

Eu não estava imaginando. Eu apertei meus olhos, esperando morrer. Ou pelo menos, não vomitar.

Mike pareceu estressado. - Eu acho que ela está passando mal. Eu não sei o que aconteceu, ela nem furou o dedo.

- Bella - a voz de Edward estava bem ao meu lado, aliviada agora. - Você consegue me ouvir?

- Não - eu gemí. - Vá embora.

Ele sorriu.

- Eu estava levando ela para a enfermaria - Mike explicou em tom de defesa - Mas ela não conseguiu ir adiante.

- Eu vou levar ela - Edward disse. Eu ainda podia ver o sorriso na voz dele. - Você pode voltar para a sala de aula.

- Não - Mike protestou. - Sou eu quem deve fazer isso.

De repente a calçada desapareceu. Meus olhos se abriram com o susto. Edward tinha me pego nos braços, tão facilmente como se eu não pesasse nada.

- Me ponha no chão! - Por favor, por favor não me deixe vomitar nele. Ele já estava caminhando antes que eu terminasse de falar.

- Ei! - Mike chamou, já muito atrás de nós.

Edward ignorou ele. - Você parece horrível - ele me disse sorrindo.

- Me coloque de volta na calçada - eu gemí. O movimento da caminhada não estava ajudando muito. Ele me segurou longe do corpo dele, cuidadosamente, aguentando todo o meu peso só nos braços-ele não parecia estar se incomodando.

- Então você passa mal quando vê sangue? - ele perguntou. Isso parecia divertido pra ele. Eu não respondí. Eu fechei meus olhos e lutei contra a náusea com todas as minha forças, apertando meus lábios.

- E nem é o seu próprio sangue - ele continuou, se divertindo.

Eu não sei como ele conseguiu abrir a porta enquanto me carregava, mas de repente estava quente, então eu sabia que estávamos do lado de dentro.

- Meu Deus - eu ouví uma voz de mulher suspirar.

- Ela passou mal na aula de Biologia - Edward explicou.

Eu abrí meus olhos. Eu estava na secretaría e Edward continuou avançando em direção á

enfermaria. A Sra. Cope, a recepcionista ruiva da secretaría, passou na frente dele para abrir a porta. A enfermeira que tinha cara de vovó, tirou os olhos de um livro, pasma, enquanto Edward me carregava pelo quarto e me colocava gentilmente em cima do papel que cobria o colchão de vinil na única cama.

Então ele se afastou e foi se inclinar numa parede tão distante quanto foi possível. Seus olhos estavam brilhando, exitados.

- Ela só está um pouco enjoada - ele garatiu para a enfermeira. - Eles estão testando o sangue na aula de Biologia.

A enfermeira balançou a cabeça. - Sempre tem um.

Ele tentou abafar um riso.

- Fique um pouco deitada, meu bem; vai passar logo.

- Eu sei - eu suspirei. A náusea já estava desaparecendo.

- Isso acontece muito? - ela perguntou.

- As vezes - eu admití. Edward tossiu para disfaçar outra risada.

- Você pode voltar para a sala agora - ela disse pra ele.

- Eu devo ficar com ela - ele disse com tanta autoridade que-mesmo torcendo os lábios-a enfermeira não discutiu mais.

- Eu vou pegar um pouco de gelo pra você colocar na sua testa, querida - ela disse pra mim e então saiu da sala.

- Você estava certo - eu gemí deixando os meus olhos fechados.

- Eu geralmente tenho, mas sobre o que em particular desta vez?

- Faltar a aula é saudável. - eu pratiquei respirar uniformemente.

- Você me assustou por um minuto lá fora - ele admitiu depois de uma pausa. O tom que ele usou fez parecer que ele estava confessando uma fraqueza vergonhosa.

- Eu pensei que Mike estava arrastando o seu cadáver pra enterrá-lo no bosque.

- Ha ha. - Eu ainda estava com os olhos fechados, mas estava me sentindo melhor a cada minuto.

- Honestamente, eu já ví cadáveres com uma cor melhor. Eu já estava preocupado em ter que vingar o seu assassinato.

- Pobre Mike. Eu aposto que ele está bravo.

- Ele absolutamente me detesta. - Edward disse alegremente.

- Você não tem como saber disso. - eu discuti, mas depois imaginei se ele tinha como saber.

- Eu ví o rosto dele, eu posso dizer.

- Como você me viu? Eu pensei que você estivesse escondido. - Eu estava quase bem agora, apesar de que os enjôos iam passar mais rápido se eu tivesse comido alguma coisa no almoço. Por outro lado, talvez fosse bom que o meu estômago estivesse vazio.

- Eu estava no meu carro ouvindo um CD. - Uma resposta tão normal-me surpreendeu. Eu ouví a porta abrir e abrí os olhos pra ver a enfermeira entrar com uma compressa fria na mão.

- Aqui, querida. - Ela colocou-a na minha testa. - Você parece melhor - ela falou.

- Eu acho que estou bem - eu disse, me sentando. Só um pequeno zumbido nos meus ouvidos, nada girando. As paredes verdes estavam exatamente onde deveriam estar. Eu ví que a enfermeira estava prestes a me fazer deitar de novo, mas a porta se abriu nessa hora, a Sra. Cope colocou a cabeça pra dentro.

- Tem outro aqui - ela avisou.

Eu descí pra deixar a cama livre para o próximo inválido.

- Eu devolví a compressa para a enfermeira. - Aqui, eu não preciso mais disso. Então Mike entrou, agora carregando um pálido Lee Stephens, outro garoto da nossa aula de Biologia. Eu e Edward ficamos colados na parede pra dar espaço á eles.

- Oh não - Edward murmurou. - Bella, vá para a secretaria.

Eu olhei pra ele, confusa.

- Confie em mim-vá.

Eu me virei e saí antes que a porta se fechasse, deixando a enfermaria. Eu podia sentir Edward bem atrás de mim.

- Você realmente me ouviu - ele parecia abismado.

- Eu sentí o cheiro de sangue - eu disse, torcendo o nariz. Lee não estava passando mal por causa dos outros, como eu.

- As pessoa não podem cheirar sangue - ele me contradisse.

- Bem, eu consigo, é isso que me deixa doente. Tem cheiro de ferrugem e...sal. Ele estava me encarando com uma expressão ilegível.

- O que é? - eu perguntei.

- Não é nada.

Nessa hora Mike saiu, olhando pra mim e Edward.

O olhar que ele passou pra Edward confirmou o que Edward disse sobre detestar. Ele olhou de volta pra mim, seus olhos mal-humorados.

- Você parece melhor - ele acusou.

- Mantenha a sua mão no bolso - eu avisei de novo.

- Não está mais sangrando - ele murmurou. - Você vai voltar pra aula?

- Você tá brincando? Eu vou voltar pra cá na certa.

- É, eu acho...Então, você vai esse fim de semana? Para a praia? - Enquanto ele falava, ele deu outra olhada na direção de Edward, que estava inclinado no balcão, tão imóvel quanto uma escultura, olhando para o nada.

Eu tentei soar o mais amigável possível. - Claro, eu disse que ia.

- Vamos nos encontar na loja do meu pai, as dez. - Os olhos dele foram parar em Edward de novo, pensando se ele estava dando informação demais. A linguagem corporal que ele usou, deixou bem claro que não era um convite em aberto.

- Eu estarei lá - eu prometí.

- Eu te vejo na aula de eduacação física, então - ele disse, se movendo devagar até a porta.

- A gente se vê - eu disse. Ele olhou pra mim de novo, fazendo biquinho, e então, enquanto ele passava vagarosamente pela porta, seus ombros cairam. Uma onda de simpatia passou pelo meu corpo. Eu pensei em como seria ver o seu rosto triste de novo...na aula de educação física.

- Educação física - eu gemí.

- Eu posso cuidar disso - eu não percebí Edward se aproximando de mim, mas agora ele estava falando no meu ouvido. - Vá se sentar e fique pálida - ele cochichou. Isso não era muito difícil; eu já era naturalmente pálida, e o meu recente show deixou um rastro de suor na minha testa.

Eu sentei em uma das cadeiras e descansei a cabeça na parede com os meus olhos fechados. Crises de enjôo sempre me deixavam cansada.

Eu ouví Edward falando levemente no balcão.

- Sra Cope?

- Sim? - eu não ouví ela voltar para a mesa.

- A próxima aula de Bella é de Educação física, e eu não acho que ela se sente bem o suficiente. Na verdade, eu acho que eu devia levar ela pra casa agora. Você acha que pode liberála dessa aula? - A voz dele parecia mel derretendo. Eu podia imaginar como os olhos dele estavam persuasivos agora.

- Você também precisa ser liberado, Edward? - A Sra Cope flutuou. Porque eu não podia fazer isso?

- Não, eu tenho aula com a Sra Goff, ela não vai se incomodar.

- Ok, então está tudo acertado. Melhoras, Bella - ela falou pra mim. Eu balancei a cabeça fracamente, levantando ela só um pouco.

- Você consegue caminhar, ou prefere que eu te carregue de novo? - Quando

voltou da recepção, sua expressão estava sarcástica.

- Eu vou caminhando.

Eu me levantei vagarosamente, e ainda estava bem. Ele segurou a porta pra mim, seu sorriso educado mas seus olhos estavam zombando de mim. Eu saí para a névoa fria que estava começando a aparecer no céu-enquanto ela limpava o suor da minha testa.

- Obrigada - eu disse enquanto ele me seguia. - Quase vale a pena ficar doente pra perder Educação física.

- É só pedir - ele olhava diretamente prá frente, andando na chuva.

- Então você vai? Sábado, eu quero dizer. - Eu estava esperando que ele fosse, mas parecia difícil. Eu não conseguia imaginá-lo enchendo uma van com os amigos da escola; ele não pertencia a esse mundo. Mas eu esperava que ele me desse uma razão pra querer ir a essa excursão.

- Onde vocês todos estão indo, exatamente? - Ele ainda estava olhando pra frente, sem expressão.

- Vamos á La Push, para a praia. - Eu estudei o rosto dele, tentando entendê-lo. Os olhos dele pareceram estreitar imperceptivelmente.

Ele olhou pra mim com o canto dos olhos, sorrindo. - Eu não acho que eu tenha sido convidado.

Eu suspirei. - Eu acabei de te convidar.

- Eu e você não vamos mais pedir tanto do pobre Mike esse fim de semana. Nós não queremos que ele tenha uma colapso. - Os olhos dele dançaram; ele gostava da idéia mais do que devia.

- Mike boboca - eu cochichei, preocupada com o jeito que ele disse “eu e você”. Eu gostei disso mais do que eu devia.

Nos estávamos perto do estacionamento agora. Eu fui andando para a esquerda na, direção do meu carro. Algo agarrou minha jaqueta e me puxou de volta.

- Onde é que você pensa que vai? - ele perguntou, enfurecido. Ele estava agarrando a minha jaqueta com o punho inteiro segurando com um mão.

Eu estava confusa. - Eu vou pra casa.

- Você não me ouviu prometer que te levaria pra casa em segurança? Você acha que eu vou te deixar dirigir nessas condiçôes? - A voz dele estava indignada.

- Que condições? E a minha caminhonete? - eu reclamei.

- Eu vou pedir pra Alice levá-la depois da escola. - Ele já estava me arrastando em direção ao carro dele, me puxando pela jaqueta. Eo acompanhei pra não cair de costas no chão. Ele provavelmente ia me arrastar de volta de qualquer jeito mesmo.

- Me solta! - eu insistí. Ele me ignorou. Eu andei a passos largos na calçada molhada até que chegamos no Volvo. Então ele finalmente me libertou. Eu quase me batí na porta do passageiro.

- Você é muito mandão - eu gritei.

- Está aberta - foi tudo o que ele respondeu. Ele foi para o lado do motorista.

- Eu sou perfeitamente capaz de dirigir até em casa! - eu fiquei parada perto do carro, fumaçando. Estava chovendo mais forte agora, e eu não tinha levantado o meu capuz, então meu cabelo estava grudando nas minhas costas. Ele abaixou o vidro automático e se inclinou no banco.

- Entre no carro, Bella.

Eu não respondí. Eu estava calculando as minhas chances de alcançar meu carro antes dele me pegar. Eu tenho que admitir, as chances não eram boas.

- Eu vou pegar você de novo - ele ameaçou, adivinhando meu plano. Eu tentei manter toda a dignidade que pude ao entrar no carro dele. Mas não tive muito sucesso-eu parecia um gato escaldado e as minhas botas esguicharam.

- Isso foi completamente desnecessário - eu disse meio durona.

Ele não respondeu. Ele mexeu nos controles, aumentando o aquecedor e

abaixando a música. Enquanto ele saía do estacionamento, eu estava me preparando pra dar a ele o tratamento do silêncio - meu rosto demonstrando as minhas intenções-mas então eu reconhecí a música que estava tocando, e a minha curiosidade foi além das minhas intenções.

- Clair De Lune? - eu perguntei, surpresa.

- Você conhece Debussy? - ele também surpreso.

- Não muito - eu admití. - Minha mãe toca muita muita musica clássica em casa. Eu só

conheço as minhas favoritas.

- É uma das minhas favoritas também - ele olhou para a chuva lá fora, perdido em pensamentos.

Eu escutei a música, relaxando no couro cinza claro do banco. Era impossível não responder a melodia familiar, tranquilizadora.

A chuva transformou tudo lá fora em uma névoa cinza e verde. Eu comecei a perceber que estávamos indo rápido demais; apesar disso, o carro se movia com tanta uniformidade e calma que eu nem sentia a velocidade. Somente a cidade passando rápido me fazia reparar.

- Como é a sua mãe? - ele me perguntou de repente.

Eu olhei pra ele pra ver ele me observando com olhos curiosos.

- Ela se parece muito comigo, mas ela é mais bonita - eu disse. Ele ergueu as sobrancelhas.

- Eu tenho muito de Charlie em mim. Ela é mais divertida que eu, e mais corajosa. Ela é

irresponsável e um pouco excêntrica e uma cozinheira muito imprevisível. Ela é minha melhor amiga. - Eu parei. Falar sobre ela estava me deixando deprimida.

- Quantos anos você tem, Bella? - A voz dele parecia frustrada por algum motivo que eu não conseguia imaginar. Ele parou o carro, e eu me dei conta de que já

estávamos na casa de Charlie. A chuva estava tão forte que eu mal conseguia ver a casa. Era como se o carro estivesse dentro de um rio.

- Eu tenho dezessete - eu respondí um pouco confusa.

- Você não parece ter dezessete.

Seu tom era de reprovação; me fez rir.

- O que foi? - ele perguntou, curioso de novo.

- Minha mãe sempre diz que eu nascí com trinta e cinco anos de idade e que fico mais velha a cada ano que passa. - Eu sorrí e então suspirei. - Bem, alguém tem que ser o adulto. - Eu pausei por um segundo. - Você também não parece um jovenzinho - eu notei.

Ele fez uma careta e mudou de assunto.

- Então porque sua mãe se casou com Phil?

Eu estava surpresa que ele ainda lembrava do nome; eu só o mencionei uma vez, há quase dois meses atrás. Eu levei algum tempo pra responder.

- Minha mãe...ela é muito jovem para a idade dela. Acho que Phil a faz se sentir ainda mais jovem. De qualquer forma, ela é louca por ele. - Eu balancei minha cabeça. A atração era um mistério pra mim.

- Você aprova? - ele perguntou.

- Isso importa? - eu apontei. - Eu quero que ela seja feliz...e é ele que ela quer.

- Isso é muito generoso...eu imagino - ele refletiu.

- O quê?

- Se ela estenderia a mesma cortesia pra você, você acha? Não importa qual seja a sua escolha? - De repente ele estava atento, seus olhos procurando os meus.

- E-eu acho que sim - Eu gaguejei. - Mas de qualquer forma ela é uma mãe, apesar de tudo. É um pouco diferente.

- Nada muito assustador então - ele brincou.

Eu sorrí em resposta. - O que você quer dizer com assustador? Vários piercings corporais e tatuagens gigantescas?

- É uma definição, eu acho.

- Qual é a sua definição?

Mas ele ignorou minha pergunta e me fez outra. - Você acha que eu poderia ser assustador?

- Ele ergueu uma sobrancelha e a leve sombra de um sorriso iluminou o seu rosto. Eu pensei por um momento, refletindo se seria melhor falar a verdade ou mentir. Eu decidí

que seria melhor dizer a verdade.

- Hmmmm... eu acho que você poderia ser, se você quisesse.

- Você está com medo de mim agora? - O sorriso desapareceu e o seu rosto celestial estava sério de novo.

- Não - mas eu respondí rápido demais. O sorriso reapareceu. - Então, agora você vai me falar sobre a sua família? - eu perguntei pra distraí-lo. - Deve ser uma história bem mais interessante do que a minha.

Ele estava instantâneamente cauteloso. - O que você quer saber?

- Os Cullen te adotaram? - eu verifiquei.

- Sim.

Eu hesitei por um momento. - O que aconteceu com os seus pais?

- Eles morreram há muitos anos atrás. - O tom dele era decisivo.

- Eu lamento - eu murmurei.

- Na verdade eu não lembro deles muito claramente. Carlisle e Esme são meus pais a muito tempo agora.

- E você ama eles. - Não era uma pergunta. Era óbvio pela maneira que ele falava deles.

- Sim. - Ele sorriu. - Eu não poderia imaginar duas pessoas melhores.

- Você tem muita sorte.

- Eu sei que tenho.

- E seu irmão e sua irmã?

Ele deu uma olhada para o relógio no teto.

- Meu irmão e minha irmã, e Jasper e Rosalie por falar nele, vão ficar bem bravos se tiverem que ficar na chuva esperando por mim.

- Oh, desculpe, eu acho que você tem que ir. - Eu não queria sair do carro.

- E provavelmente você quer o seu carro aqui antes que Charlie chegue em casa, assim você

não terá que contar pra ele sobre o acidente na aula de Biologia. - Ele sorriu pra mim.

- Eu tenho certeza que ele já sabe. Não existem segredos em Forks. - Eu suspirei. Ele sorriu, mas havia algo mais nesse sorriso.

- Se divirta na praia...ótimo clima pra um banho de sol. - Ele olhou para a chuva caindo.

- Eu não vou ver você amanhã?

- Não. Emmett e eu vamos começar o fim de semana mais cedo.

- O que vocês vão fazer? - Uma amiga podia perguntar isso, né? Eu esperava que o desapontamento não estivesse muito aparente na minha voz.

- Nós vamos fazer uma caminhada na Selva de Pedra da Cabra, á Sul de Rainier. Eu lembrei que Charlie disse que os Cullen iam acampar frequentemente.

- Hum, bem, divirta-se. - Eu tentei demonstrar entusiasmo. Eu não acho que o

enganei, apesar disso. Um sorriso estava brincando nos cantos dos lábios dele.

- Será que você poderia fazer uma coisa por mim esse fim de semana?

Ele se virou pra me olhar diretamente nos olhos, utilizando todo o poder dos seus olhos dourados flamejantes.

Eu balancei a cabeça desamparadamente.

- Não se ofenda, mas você parece ser uma dessas pessoas que atraem acidentes como um imã. Então...tente não cair no oceano ou ser atingida por algo, está bem? - Ele deu um sorriso torto.

O desamparo fugiu enquanto ele falava. Eu encarei ele.

- Eu vou ver o que posso fazer - eu soltei enquanto saía para a chuva. Eu batí a porta atrás de mim com força excessiva.

Ele ainda estava sorrindo quando foi embora.

6. HISTÓRIAS ASSUSTADORAS

Eu sentei no meu quarto, tentando me concentrar no terceiro capítulo de Macbeth, eu estava tentando ouvir quando meu carro chagasse. Eu pensei que mesmo com a chuva torrencial, eu poderia ouvir o ronco do motor. Mas quando eu dei uma olhadinha pela cortina-de novo-ele estava lá.

Eu não estava muito ansiosa pela Sexta-feira, e as minhas expectativas foram mais que atendidas. É claro que houveram alguns comentários. Especialmente Jéssica que parecia já estar totalmente atualizada com a história. Por sorte, Mike ficou calado e ninguém soube do envolvimento de Edward na história. Jéssica, no entanto, tinha algumas perguntas pra fazer na hora do almoço.

- Então o que Edward Cullen queria ontem na hora do almoço? - Jéssica perguntou na aula de Trigonometria.

- Eu não sei - eu disse sinceramente. - Ele não chegou ao ponto.

- Você parecia um pouco aborrecida - ela pescou.

- Eu? - minha expressão não dizia nada.

- Sabe, eu nunca tinha visto ele sentar com ninguém além da sua família antes. Aquilo foi estranho.

- Estranho - eu concordei. Ela pareceu nervosa, ela balançava seus cachos pretos impacientemente-eu imaginei que ela estava esperando por uma boa fofoca pra passar por aí. A pior parte da sexta-feira foi que, apesar de saber que ele não estaria lá, eu ainda esperava que ele estivesse. Quando eu entrei na cafeteria com Jéssica e Mike, eu não conseguí deixar de olhar para a mesa dele, onde Rosalie, Alice e, Jasper estavam conversando, com as cabeças próximas umas das outras. Eu não conseguí evitar a escuridão que me envolveu quando eu me dei conta de que não sabia quando voltaria a vê-lo.

Na minha mesa de sempre, todos estavam cheios de planos para o dia seguinte. Mike estava animado de novo, depositando muita confiança no homem do tempo que havia prometido sol amanhã. Eu acho que já ouví isso antes. Hoje estava mais morno-quase 15 graus. Talvez a excursão não fosse um desastre total.

Eu interceptei algumas olhadas pouco amigáveis de Lauren no almoço, e eu não entendí até

que todos nós fomos andando juntos para a sala.

Eu estava bem atrás dela, a um passo do seu cabelo liso, louro cinzento, e ela estava claramente inconsciente disso.

- ...Não sei porque Bella - ela zombou com o meu nome - não se senta com os Cullen de agora em diante.

Eu ouví ela cochichando com Mike. Eu nunca havia percebido que voz chata, nasal, ela tinha, e eu estava surpresa com a malícia que havia nela. Eu nem seguer conhecia ela direito, certamente não bem o suficiente pra ela não gostar de mim-pelo menos eu achava. - Ela é minha amiga; ela se senta conosco - Mike disse lealmente, mas também demarcando um pouco de território.

Eu parei pra deixar Jess e Angela me passarem. Eu não queria ouvir mais nada. Naquela noite no jantar, Charlie pareceu entusiasmado com a minha viagem á La Push na manhã seguinte. Eu acho que ele se sentia culpado por me deixar sozinha nos fins de semana, mas ele passou anos demais construindo os seus

hábitos pra quebrá-los agora. É claro que ele já

sabia o nome de todas as pessoas que iam, e os dos pais deles, e os dos avós deles também, provavelmente. Ele parecia aprovar. Eu me perguntei se ele aprovaria o meu plano de ir á Seattle com Edward Cullen. Não que eu fosse dizer isso pra ele.

- Pai, você conhece algum lugar chamado Pedra da Cabra ou alguma coisa assim? Eu acho que é a sul da montanha Rainier - eu perguntei casualmente.

- Sim, porque?

Eu levantei os ombros. - Alguns garotos estão falando de ir acampar lá.

- Não é um lugar muito bom pra acampar. - Ele pareceu surpreso. - Ursos demais. Algumas pessoas vão lá na temporada de caça.

- Oh - eu murmurei. - Talvez eu tenha ouvido o nome errado.

Eu tentei dormir, mas uma estranha claridade amarela me acordou. Eu abrí os meus olhos pra ver uma clara luz amarela entrando pela minha janela. Eu não podia acreditar. Eu corrí para a janela pra me certificar, e lá estava ele, o sol.

Ele estava mal posicionado no céu, baixo demais, e não demonstrava estar tão próximo quanto deveria, mas definitivamente era o sol. As nuvens inundavam o horizonte, mas uma grande mancha azul estava visível bem no meio. Eu fiquei grudada na janela o máximo de tempo que pude, com medo de que se eu fosse embora o azul desaparecesse. A Loja de Equipamentos Atléticos dos Newton era á Norte da cidade. Eu já havia visto a loja, mas nunca havia parado lá antes, eu nunca precisei dos suplementos requeridos pra ficar muito tempo fora de casa. No estacionamento, eu reconhecí o Suburban de Mike e o Sentra de Tyler. Enquanto eu estacionava próximo ao carro deles, eu ví o grupo em pé na frente do Suburban. Eric estava lá, junto de outros garotos que tinham aula comigo; eu tinha quase certeza que eles se chamavam Ben e Conner. Jess estava lá, acompanhada de Angela e Lauren. Três outras garotas estavam com elas, incluindo uma garota que eu derrubei na aula de Educação física. Essa garota me deu uma olhada feia e cochichou alguma coisa para Lauren. Lauren balançou seu cabelo louro e me deu uma olhada de nojo.

Ia ser um dia daqueles.

Pelo menos Mike estava feliz em me ver.

- Você veio! - ele disse, encantado. - E eu disse que ia fazer sol, não disse?

- Eu disse que viria - eu lembrei a ele.

- Só estamos esperando Lee e Samantha...a não ser que você tenha convidado mais alguém

- ele disse.

- Não - eu disse levemente, rezando pra não ser pega na mentira. Mas ao mesmo tempo, esperando que um milagre acontecesse, e Edward aparecesse.

Mike pareceu satisfeito.

- Você vai no meu carro? É isso ou a minivan da mãe do Lee.

- Claro.

Ele sorriu cheio de alegria. Deixar Mike feliz é tão fácil.

- Você pode ir na janela - ele prometeu. Eu escondí a minha tristeza. Não era tão fácil deixar Mike e Jéssica felizes ao mesmo tempo. Eu podia ver Jéssica nos observando agora.

Apesar disso, os números estavam ao meu favor. Lee trouxe mais duas pessoa, e de repente, todos os lugares foram ocupados.

Eu consegui enfiar Jéssica entre Mike e eu no banco da frente do Suburban. Mike podia ter sido mais educado em relação a isso, mas pelo menos Jéssica pareceu satisfeita. Eram só vinte e cinco quilômetros de Forks á La Push, com suas lindas, florestas verdes e densas na beira da maioria das estradas no caminho ao grande Rio Quillayute. Eu estava feliz por ter ficado com o ascento da janela. Tinhamos baixado as janelas - o Suburban ficou um pouco claustrofóbico com nove pessoas dentro dele-e eu tentei absorver todos os raios de sol que pude. Eu já tinha ido nas praias de La Push durante os meus verões em Forks com Charlie, então os primeiros quilômetros de praia eram familiares pra mim. Ainda era de tirar o fôlego. A água era de um cinza-escuro, mesmo no sol, e haviam encostas de pedra, de um cinza pesado. As ilhas apareciam nas

águas do porto rodeadas por recifes de corais, alcançando ápices desiguais, e coroadas com coqueiros que flutuavam com a brisa. A praia própriamente dita, só tinha uma fina faixa de areia perto da água, atrás das águas apareciam milhares de pedras grandes e com aparencia suave que pareciam uniformemente cinza de longe, mas olhando de perto elas eram de todas as cores que uma pedra poderia ser: terracota, verde-mar, lavanda, azul cinzento, douradoareia. A pequena encosta estava lotada com grandes árvores, descoloridas numa cor branca de

osso, por causa das ondas do mar, algumas muito próximas umas das outras contra os limites da floresta, outras sozinhas, fora do alcance das ondas.

Havia um vento fresco vindo das ondas, fresco e revigorante. Pelicanos flutuavam sobre as ondas enquanto gaivotas e uma águia solitária voavam acima deles. As nuvens ainda circulavam o céu, ameaçando invadir a qualquer momento, mas por enquanto, o sol brilhava bravamente no céu azul.

Nós descemos para a praia, Mike nos guiando para um círculo feito com troncos de árvores que obviamente já havia sido usado para festas como a nossa antes. Já havia uma fogueira preparada, cheia de cinzas pretas.

Eric e o garoto que eu achava que se chamava Ben começaram a recolher galhos dos salgueiros mais secos perto da floresta, e logo eles haviam construído uma cabaninha com galhos no topo da velha fogueira.

- Você já viu uma fogueira construída com galhos de salgueiro? - Mike me perguntou. Eu estava sentada num dos troncos descoloridos; as outras garotas reunidas, fofocando excitadamente, nos meus dois lados. Mike ficou de joelhos perto da fogueira, acendendo um dos galhos com um isqueiro.

- Não - eu respondí enquanto ele colocava o galho de volta na fogueira.

- Então você vai gostar disso aqui, observe as cores. - Ele acendeu oputro galho e colocou junto com o primeiro. As chamas começaram a avançar rapidamente nos galhos secos.

- É azul - eu disse surpresa.

- É por causa do sal. É bonito, não é? - Ele acendeu mais um pedaço e colocou onde as chamas ainda não haviam alcançado, e veio sentar ao meu lado.

Felizmente, Jess estava no outro lado dele. Ela virou e começou a reclamar sua atenção. Eu observei as estranhas chamas azuis e verdes crescerem em direção ao céu.

Depois de meia hora de bate-papo, alguns garotos quiseram ir caminhar perto das piscinas naturais. Era um dilema. Por um lado, eu amava as piscinas naturais. Elas haviam me fascinado quando eu era criança; elas eram uma das poucas coisas que me faziam querer voltar á Forks. Por outro lado, eu tinha caído muito nelas. Nada demais quando se tem sete anos e se está com o seu pai. Isso me lembrou do pedido de Edward - não caia no mar.

Foi Lauren que decidiu por mim. Ela não quis ir, e ela definitivamente estava usando os sapatos errados pra esse tipo de coisa. A maioria das garotas além de Jéssica e Angela também quiseram ficar. Eu esperei até Tyler dizer que ficaria com elas antes de me juntar silenciosamente ao grupo pró-caminhada. Mike me deu um sorriso gigantesco quando viu que eu estava vindo. A caminhada não foi muito longa, apesar de eu ter odiado não poder ver o céu de dentro do bosque.

O verde claro da floresta ficava estranho com as risadas dos adolescentes, muito altas e alegres para se harmonizarem com os painéis verdes ao meu redor. Eu tinha que observar cuidadosamente cada passo que eu dava, evitando as pedras abaixo e os troncos acima, e logo eu acabei ficando pra trás. Eventualmente eu saí dos confins verdes da floresta e encontrei a encontra de pedras de novo.

A maré estava baixa, e um pequeno riozinho passava por nós indo a caminho do mar. Perto dos pedregulhos, haviam pequenas piscinas que nunca estavam completamente secas por causa da água despejada do oceano.

Eu fui muito cuidadosa pra não me inclinar demais nos tanques de água do mar. Os outros não tinham medo, se inclinando nas rochas, brincando nas beiradas. Eu encontrei uma pedra que parecia muito estável perto de uma das piscinas maiores e me sentei lá cuidadosamente, encantada com o aquário natural abaixo de mim. Os buquês de anêmonas brilhantes balançavam sem parar na corrente invisível, conchas tortas apareciam nas beiras, escondendo os caranguejos dentro delas, estrelas do mar ficavam imóveis sobre as pedras e umas sobre as outras, enquanto uma pequena enguia preta com listras brancas nadava contra as ervas daninhas para voltar para o mar.

Eu estava completamente absorvida, exceto por uma pequena parte do meu

cérebro que imaginava onde Edward estaria agora, e o que ele estaria me dizendo se estivesse aqui comigo. Finalmente os rapazes ficaram com fome, e eu fiquei de pé para acompanhá-los de volta. Eu tentei acompanhá-los melhor dessa vez por dentro da floresta, então naturalmente eu caí algumas vezes. Eu arranjei uns arranhões artificiais nas minhas mãos, e os joelhos dos meus jeans estavam manchados de verde, mas podia ser pior.

Quando nós voltamos para a praia, o grupo que deixamos havia se multiplicado. Enquanto nos aproximávamos, podíamos ver os cabelos brilhantes, muito pretos e a pele cor de cobre dos nossos visitantes, adolescentes das reservas próximas que vieram se socializar. A comida já estava sendo passada, e os garotos correram para pegar as suas partes enquanto Eric nos apresentava a cada um no círculo de troncos. Angela e eu fomos as últimas a chegar, e, enquanto Eric falava nossos nomes, eu reparei num garoto mais jovem sentado numa das pedras perto da fogueira olhando pra mim cheio de interesse. Eu sentei perto de Angela, e Mike nos trouxe sanduíches e uma rodada de refrigerante para aqueles que pediram, enquanto o garoto que parecia ser o mais velho do grupo foi dizendo os nomes dos outros sete que estavam com ele. Eu só lembrei o de uma das garotas que também se chamava Jéssica, e o garoto que reparou em mim que se chamava Jacob.

Era relaxante estar com Angela; ela era o tipo de pessoa que fazia você se sentir bem, ela não precisava preencher o silêncio com conversinhas. Ela me deixou livre pra pensar enquanto nós comiamos. E eu estava pensando em como o tempo passava desconjuntadamente em Forks, passando num sopro as vezes, com algumas imagens claramente se destacando de outras. E

então, outras vezes, cada segundo era significante, gravando na minha memória. Eu sabia exatamente o que causava a diferença, e isso me perturbava.

Durante o almoço as nuvens começaram a avançar, se esquivando no céu azul, ficando momentaneamente na frente do sol, formando longas sombras na praia, e escurecendo as ondas. Enquanto terminavam de comer, as pessoas começaram a formar grupos de duas e de três pessoas. Algumas caminharam até as ondas, tentando subir nas pedras de superfície cortante. Outros estavam formando uma segunda excursão ás piscinas. Mike, com Jéssica na cola dele, foi até uma loja na vila. Alguns dos garotos da localidade foram com eles; outros se juntaram á

caminhada. Quando todos eles sumiram, eu estava sentada sozinha no meu

tronco, Lauren e Tyler estavam se ocupando com um som que alguém havia pensado em trazer, e três garotos das reservas se juntaram ao círculo, incluindo aquele garoto chamado Jacob e o garoto mais velho que havia servido de apresentador.

Alguns minutos depois que Angela foi embora com os excursionistas, Jacob se aproximou para tomar o lugar dela á meu lado. Ele parecia ter catorze, talvez quinze, e tinha um cabelo longo, brilhante amarrado atrás da cabeça com um elástico de borracha perto da nuca. A pele dele era linda, sedosa e com uma cor saudável; seus olhos eram escuros, bem posicionados no alto das maçãs bem feitas do seu rosto. Ele tinha só um pouco de infantilidade que havia permanecido no seu queixo. No geral, um rosto bonito. No entanto, minha boa impressão em relação a aparência dele foi apagada pelas primeiras palavras que sairam da boca dele.

- Você é Isabella Swan, não é?

Era que nem o primeiro dia de aula.

- Bella - eu suspirei.

- Eu sou Jacob Black - ele me deu a mão num gesto amigável. - Você comprou a caminhonete do meu pai.

- Oh - eu disse, aliviada, balançando sua mão macia e brilhante. - Você é o filho de Billy; eu devia me lembrar de você.

- Não, eu sou o mais novo da família - você deve lembrar das minhas irmãs mais velhas.

- Rachel e Rebecca - eu lembrei de repente. Charlie e Billy haviam nos jogado juntas durante muitas das minhas visitas, pra nos mantermos ocupadas enquanto eles pescavam. Eramos todas muito tímidas pra fazer algum progresso como amigas. É claro que eu já tinha tido excessos de raiva suficientes pra acabar com as pescarias quando eu tinha onze anos.

- Elas estão aqui? - eu examinei as garotas na beira do mar, imaginando se conseguia reconhecer alguma delas agora.

- Não - Jacob balançou a cabeça. - Rachel recebeu uma bolsa de estudos no

estado de Washington, e Rebecca casou com um surfista de Samoa, agora ela vive no Havaí.

- Casada. Uau. - Eu estava aturdida. As gêmeas eram mais velhas que eu pouco mais de um ano.

- Então você gosta da caminhonete? - ele perguntou.

- Eu adoro. Trabalha muito bem.

- É, mas é muito lenta - ele sorriu. - Eu fiquei muito aliviado quando Charlie comprou ela. Meu pai não me deixaria trabalhar em construir outro carro quando tínhamos outro carro perfeitamente bom lá.

- Não é tão lenta - eu argumentei.

- Você já tentou passar de 80?

- Não - eu admití.

- Bom. Não tente. - ele riu.

Eu não pude deixar de rir também. - Ela se sai muito bem em colisões - eu saí em defesa do meu carro.

- Eu acho que um tanque não poderia destruir aquele monstro velho - ele concordou com outra risada.

- Então você constrói carros? - eu perguntei impressionada.

- Quando eu tenho tempo livre, e partes. Você não saberia como eu posso pôr as mãos num cilíndro mestre para um Volkswagen Rabbit 1986, saberia? - ele disse brincando. Ele tinha uma vóz rouca, prazerosa.

- Desculpa - eu sorrí. - Eu não tenho visto nenhum ultimamente, mas eu vou manter meus olhos abertos pra você - como se eu soubesse o que é isso. Era muito fácil conversar com ele. Ele me mostrou um sorriso brilhante, olhando pra mim de um jeito apreciativo que eu estava começando a reconhecer. Eu não fui a única a reparar.

- Você já conhece Bella, Jacob? - Lauren perguntou, num tom que me pareceu insolente do outro lado da fogueira.

- Nós meio que nos conhecemos desde que eu nascí - ele sorriu olhando pra mim de novo.

- Que legal - ela não pareceu achar nem um pouco legal, e seus olhos pálidos, puxados, reviraram.

- Bella - ela me chamou novamente, observando meu rosto cuidadosamente. - Eu acabei de falar com Tyler que era uma pena que nenhum dos Cullen possa ter vindo hoje. Ninguém pensou em convidá-los? - A expressão de preocupação dela não era convincente.

- Você quer dizer a família do doutor Carlisle Cullen? - o garoto alto, mais velho respondeu antes que eu tivesse a chance, para irritação de Lauren. Ele estava mais pra homem que pra garoto e sua voz era muito grossa.

- Sim, você conhece eles? - ela perguntou sem querer, se virando um pouco na direção dele.

- Os Cullen não vem aqui - ele perguntou num tom que fechou o assunto, ignorando a pergunta dela.

Tyler, tentando ganhar a atenção dela de volta, perguntou a Lauren a sua opinião sobre um CD que ele segurava. Ela estava distraída.

Eu olhei para o garoto com a voz grossa, com um pé atrás, mas ele já estava olhando para a floresta atrás de nós. Ele tinha dito que os Cullen não viriam aqui; mas o tom dele implicava algo mais-que eles não eram permitidos de vir; que eles eram proibidos. Seus modos deixaram uma má impressão em mim, e eu tentei ignorar isso sem sucesso. Jacob atrapalhou minha meditação. - Então, Forks já está te levando á loucura?

- Oh, eu diria que isso é uma confidência - eu sorrí. Ele sorriu compreendendo. Eu ainda estava pensando no breve comentário sobre os Cullen, e eu tive uma inspiração repentina. Era um plano estúpido, mas eu não tive nenhuma idéia melhor. Eu rezei pra que o

jovem Jacob não tivesse muita experiência com as garotas, assim ele não veria

além da minha falsa máscara de interesse.

- Você quer caminhar pela praia comigo? - eu perguntei, tentando imitar aquela olhada que Edward dava por debaixo dos cílios. Eu não poderia ter o mesmo efeito nem de perto, eu tinha certeza, mas Jacob me pareceu interessado o suficiente.

Enquanto andávamos para o norte pelas pedras multicoloridas na direção dos salgueiros, as nuvens finalmente fecharam o céu, fazendo o mar ficar escuro e a temperatura baixar. Eu enfiei as minhas mãos bem no findo dos bolsos da minha jaqueta.

- Então, você tem quantos? Dezesseis? - eu perguntei, tentando não parecer uma idiota enquanto flutuava os meus cílios do jeito que eu via as garotas fazendo na TV.

- Eu acabei de fazer quinze - ele admitiu, lisonjeado.

- Mesmo? - meu rosto estava cheio de falsa surpresa. - Eu pensei que você fosse mais velho.

- Eu sou alto pra minha idade - ele explicou.

- Você vem muito á Forks? - eu perguntei arfando, como se eu esperasse que a resposta fosse sim. Eu soei idiota até pra mim mesma. Eu temia que ele se virasse contra mim com nojo, me acusando de fraude, mas ele ainda parecia estar lisonjeado.

- Não muito - ele admitiu com uma careta. - Mas quando meu carro estiver pronto eu posso vir quantas vezes eu quiser, quando eu tiver minha carteira de motorista - ele emendou.

- Quem era o outro garoto falando com Lauren? Ele pareceu um pouco velho pra estar andando com a gente - eu propositadamente me coloquei no grupo dos jovens pra demostrar que eu preferia Jacob.

- Aquele é Sam, ele tem dezenove - ele me informou.

- O que era que ele estava falando sobre a família do doutor? - eu perguntei inocentemente.

- Os Cullen? Oh, eles não podem entrar na reserva. - Ele olhou pra longe, na direção da Ilha James, enquanto ele confirmava o que eu pensava ter ouvido na voz de Sam.

- Por que não?

Ele olhou de volta pra mim, mordendo o lábio. - Oops. Eu não devia estar falando nada sobre isso.

- Oh, eu não vou contar pra ninguém, eu só estou curiosa. - Eu tentei deixar meu sorriso atraente, imaginando se eu estava indo longe demais.

Ele sorriu de volta, entretanto, parecendo atraido. Então ele levantou uma das sombrancelhas e sua voz ficou ainda mais rouca que antes.

- Você gosta de histórias assustadoras? - ele perguntou obscuramente.

- Eu adoro. - Eu fiz um esforço pra parecer interessada.

Jacob caminhou para essa árvore próxima que tinha uns galhos que pareciam com patas de aranhas enormes. Ele se inclinou num dos galhos tortos enquanto eu sentava embaixo dele, no tronco da árvore. Ele olhou para as rochas, um sorriso começando a aparecer nos cantos dos seus lábios grossos. Eu podia ver que ele tentava deixar a história interessante. Eu tentei não deixar o interesse vital que eu sentia aparecer nos meus olhos.

- Você conhece alguma das nossas antigas histórias, sobre de onde viemos-os Quileutes, eu digo? - ele começou.

- Na verdade não - eu admití

- Bom, existem muitas lendas, algumas delas datam da época do Dilúvio, supostamente, alguns dos nossos ancestrais Quileutes amarraram suas canoas nos topos das árvores mais altas da montanha pra se salvarem, como Noé fez com a Arca - ele sorriu pra mostrar o pouco crédito que ele dava a essas histórias.

- Outra lenda diz que nós somos descendentes dos lobos, e que os lobos ainda são nossos irmãos. É contra a lei tribal matar eles. Então tem as lendas sobre Os Frios. - A voz dele ficou um pouco mais baixa.

- Os Frios? - agora eu não estava fingindo minha intriga.

- Sim. Existem lendas sobre os frios como existem sobre os lobos, e algumas delas são muito mais recentes. De acordo com a lenda, o meu próprio tataravô conhecia alguns deles. Foi ele quem criou o tratado que os mantêm fora das nossas terras. - Ele revirou os olhos.

- Seu tataravô? - eu encoragei.

- Ele era um líder tribal, como meu pai. Sabe, os frios são os inimígos naturais dos lobos, bem, não do lobo, mas os lobos que se transformam em homens, como os nossos ancestrais. Você os chamaria de lobisomens.

- Lobisomens têm inimigos?"

- Só um.

Eu olhei pra ele ansiosamente, tentando fazer a minha impaciência se transformar em admiração.

- Entenda - Jacob continuou. - Os frios são tradicionalmente nossos inimigos. Mas esse grupo que veio para o nosso território na época do meu tataravô era diferente. Eles não caçavam do jeito que os outros caçavam, eles não representavam perigo para a nossa tribo. Então meu tataravô fez um trato com eles. Se eles prometessem ficar longe das nossas terras, nós não iriamos expor eles para os cara-pálida. - Ele piscou pra mim.

- Se eles não eram perigosos, então porque...? - eu tentei entender, lutando pra não deixá-lo perceber o quanto eu estava levando essa história a sério.

- É sempre um risco para os humanos ficar perto dos frios, mesmo se eles forem civilizados como esse clã era. Nunca se sabe quando eles podem estar com fome demais pra resistir. - Ele deliberadamente colocou um tom de ameaça na voz dele.

- O que você quer dizer com 'civilizados'?

- Eles diziam que não caçavam humanos. Ao invés disso, eles supostamente eram capazes de se alimentar de animais.

Eu tentei manter minha voz casual.

- Então o que eles tinham a ver com os Cullen? Eles são parecidos com os frios que seu avô

conheceu?.

- Não - ele parou dramaticamente. - Eles são os mesmos.

Ele deve ter pensado que a expressão no meu rosto era medo inspirado pela história. Ele sorriu, satisfeito, e continuou.

- Tem mais deles agora, uma nova fêmea e um novo macho, mas os outros são os mesmos. Na época do meu tataravõ eles já conheciam o líder, Carlisle. Ele esteve aqui e foi embora antes que o seu povo chegasse - ele estava lutando pra não sorrir.

- E o que eles são? - eu finalmente perguntei. - O que são os frios?

Ele sorriu obscuramente.

- Bebedores de sangue - ele respondeu com uma voz arrepiante. - Vocês chamam eles de Vampiros.

Eu olhei para as ondas depois que ele disse isso, sem ter certeza do que o meu rosto estava demonstrando.

- Você ficou arrepiada - ele disse deliciado.

- Você é um bom contador de histórias - eu cumprimentei ele, ainda olhando para as ondas.

- Uma história bem louca, não é? Não é de se admirar que o meu pai não quer que a gente fale disso pra ninguém.

Eu ainda não conseguia controlar a minha expressão o suficiente pra olhar pra ele. - Não se preocupe, eu não vou espalhar.

- Eu acho que acabei de violar o acordo - ele sorriu.

- Eu vou levar isso pro meu túmulo - eu prometí, e então estremecí.

- Sério, mesmo, não diga nada pro Charlie. Ele já ficou bem bravo com o meu pai depois que descobriu que ninguém estava indo ao hospital desde que o Dr. Cullen começou a trabalhar lá.

- Eu não vou contar, claro que não.

- Então você acha que somos um bando de nativos supersticiosos ou o que? - ele perguntou em tom de brincadeira, mas com uma ponta de preocupação. Eu ainda não tinha tirado os olhos do oceano. Eu me virei pra ele e sorrí tão naturalmente quanto pude.

- Não. Apesar disso, eu acho que você é um bom contador de histórias. Eu ainda estou arrepiada, viu? - eu levantei meu braço.

- Legal - ele sorriu.

Então o barulho das pedras batendo umas contra as outras nos alertou de que alguém estava vindo. Nossas cabeças levantaram ao mesmo tempo pra ver Mike e Jéssica á cinquenta metros de nós e vindo na nossa direção.

- Aí estava você, Bella - Mike disse aliviado, balançando seu braço sobre a cabeça.

- Esse é o seu namorado? - Jacob perguntou, alertado pelo tom de ciúmes na voz de Mike. Eu estava surpresa que fosse tão óbvio.

- Não, definitivamente não. - Eu cochichei. Eu estava tremendamente agradecida a Jacob, e ansiosa pra deixó-lo tão feliz quanto fosse possível. Eu pisquei pra ele, me virando de costas pra Mike quando fiz isso. Ele sorriu, estimulado pelo meu flerte.

- Então quando eu conseguir a minha carteira de motorista... - ele começou.

- Você devia vir me visitar em Forks. Nós podemos sair uma hora dessas. - Eu me sentí

culpada quando disse isso, sabendo que eu estava usando ele. Mas eu realmente gostei de Jacob. Ele era alguém que podia facilmente ser meu amigo.

Mike nos alcançou agora, com Jéssica alguns passos atrás. Eu podia ver seus

olhos avaliando Jacob, e parecendo satisfeito pela sua óbvia juventude.

- Onde você esteve? - ele perguntou, apesar da resposta estar bem na frente dele.

- Jacob estava apenas me contando umas histórias locais - eu respondí. - Foi muito interessante.

Eu sorri calidamente pra Jacob e ele sorriu abertamente de volta.

- Bem - Mike parou, cuidadosamente avaliando a situação enquanto observava a nossa camaradagem. - Já estamos indo embora, parece que vai chover logo. Todos nós olhamos para o céu. Certamente parecia que ia chover.

- Ok - e eu levantei num pulo. - Eu estou indo.

- Foi bom te ver de novo - Jacob disse, e eu podia ver que Mike pareceu um pouco insultado.

- Foi mesmo. Da próxima vez que Charlie for visitar Billy, eu vou junto - eu prometí. O sorriso cresceu no seu rosto. - Isso seria legal.

- E obrigada - eu disse sinceramente.

Eu levantei o meu capuz enquanto andávamos pelas rochas em direção ao estacionamento. Algumas gotas já começavam a cair, fazendo pequenas manchas nas rochas onde elas caiam. Quando chegamos ao Suburban os outros já estavam lotando todos os espaços atrás. Eu me enfiei no banco de trás com Angela e Tyler, anunciando que eu tinha tido a minha chance de ir na janela. Angela só olhou pela janela para a tempestade que se formava, e Lauren se entortou no banco pra ganhar toda a atenção de Tyler, então eu pude simplesmente encostar minha cabeça na banco e fechar os meus olhos e fazer o máximo pra não pensar.

7. PESADELO

Eu disse a Charlie que tinha um monte de dever de casa pra fazer, e que não queria nada pra comer. Haviam um jogo de Basquete sobre o qual ele tava todo exitado, apesar de que eu não conseguia imaginar o que havia de tão especial sobre isso, então ele não estava prestando atenção em nada diferente no meu rosto ou no meu tom.

Quando eu cheguei no meu quarto, eu tranquei a porta. Eu cavei na minha mesa até

encontrar meus velhos fones, e pluguei eles no meu CD player. Eu peguei um CD que Phil havia me dado de Natal. Era de uma das minhas bandas favoritas, mas eles usaram baixo e agudo demais pro meu gosto. Eu o coloquei no lugar e deitei na cama. Eu coloquei os fones, apertei Play, e aumentei o volume até que machucou os meus ouvidos. Eu fechei meus olhos, mas aluz ainda incomodava, então eu coloquei um travesseiro em cima do meu rosto. Eu me concentrei bem calmamente na música, tentando entender a letra, para desvendar os complicados padrões da bateria. Na terceira vez que eu ouví o CD, eu conhecia pelo menos as letras dos refrões. Eu estava surpresa de ver que no fim eu realmente gostei da banda, assim que eu conseguí ultrapassar o barulho. Eu teria que agradecer ao Phil mais um vez. E funcionou. O barulho perturbador tornou impossível pensar, que era o propósito da tentativa. Eu ouví o Cd de novo e de novo, até que eu estava acompanhando todas as músicas, até que, finalmente, eu peguei no sono.

Ei abrí meus olhos num lugar familiar. Consciente em algum lugar da minha mente de que eu estava sonhando, eu reconhecí a luz verde da floresta. Eu podia ouvir as ondas batendo nas rochas em algum lugar próximo. E eu sabia que se eu encontrasse o oceano, eu encontraria o sol, mas então, Jacob Black estava lá, apertando a minha mão, me levando de volta para a parte escura da floresta.

- Jacob? Qual é o problema? - eu perguntei. Seu rosto estava assustado enquanto ele lutava com todas as suas forças contra a minha resistência; eu não queria voltar para o escuro.

- Corra, Bella, você precisa correr - ele cochichou, aterrorizado.

- Por aqui, Bella - eu ouvia a voz de Mike me chamando por dentro das árvores escuras, mas eu não conseguia vê-lo.

- Porque? - eu perguntei, ainda lutando contra Jacob, agora desesperada para achar o sol. Mas Jacob largou a minha mão e ganiu, tremendo de repente, caindo no chão escuro da floresta. Ele se contorcia enquanto eu observava cheia de horror.

- Jacob! - eu gritei. Mas ele tinha sumido. Em seu lugar havia um grande lobo com um pêlo marrom-avermelhado com olhos pretos. O lobo foi pra longe de mim, em direção á costa, os pêlos nos seus ombros estavam eriçados, leves urros

saindo entre os seus caninos expostos.

- Bella, corra - Mike chamou de novo atrás de mim. Mas eu não me virei. Eu estava vendo uma luz se aproximar de mim vindo da praia.

Então Edward saiu de dentro das árvores, sua pele brilhando fracamente, seus olhos negros e perigosos. Ele levantou uma mão e me convidou a ir com ele.

O lobo ganiu á meus pés.

Eu dei um passo, indo na direção de Edward.

- Confie em mim - ele pediu.

Eu dei outro passo.

O lobo se lançou no espaço entre eu e o vampiro, os caninos virados na direção da jugular.

- Não! - eu acordei pulando na minha cama.

Meu movimento súbito fez com que os fones puxassem o CD player da mesa e ele fez um ruído enorme no chão de madeira.

Minha luz ainda estava acesa, e eu estava completamente vestida na cama, de sapatos. Eu olhei, desorientada, para o relógio na minha penteadeira. Eram cinco e meia da manhã. Eu gemí, caí pra trás, e rolei sobre o meu rosto, chutando as minhas botas. Mesmo assim, eu estava desconfortável demais pra chegar em qualquer lugar próximo do sono. Eu rolei de volta e desabotoei o meu jeans, tirando eles de uma forma estranha enquanto eu tentava ficar na

horizontal. Eu podia sentir a trança no meu cabelo, um volume desconfortável contra o meu crânio. Eu me virei de lado e tirei o elástico, rapidamente desfazendo a trança com os meus dedos. Eu coloquei o travesseiro sobre os meus olhos.

Foi inútil, é claro. Meu subconsciente havia drenado todas as imagens que eu estava tentando evitar tão desesperadamente. Eu ía ter que enfrentá-las agora. Eu sentei, minha cabeça rodou um pouco enquanto o sangue descia. Primeiras coisas primeiro, eu pensei comigo mesma, feliz por adiar aquelas coisas pelo

máximo de tempo possível. Eu levei minha bolsa para o banheiro.

O banho, porém, não demorou tanto quanto eu esperava. Mesmo demorando para secar meu cabelo, eu logo estava sem coisas pra fazer no banheiro. Eu me enrolei numa toalha e fui para o meu quarto. Eu não sabia se Charlie ainda estava dormindo ou se já havia saído. Eu fui olhar pela janela, a viatura não estava mais lá.

Pescaria de novo.

Eu me vestí lentamente com o meu sweater mais confortável e então arrumei minha cama, algo que eu nunca fiz. Eu não podia mais adiar. Eu fui para a minha mesa e liguei meu velho computador.

Eu odiava usar a Internet aqui. Meu modem era tristemente ultrapassado, meu serviço grátis era inferior; só a conexão demorou tanto que eu decidí ir buscar um tigela de cereal para mim enquanto eu esperava.

Eu comí vagarosamente, mastigando cada pedaço cuidadosamente. Quando eu terminei eu lavei a tigela e a colher, sequei os dois e guardei. Meus pés se arrastavam enquanto eu subia pela escada. Eu fui até o meu CD player primeiro, pegando ele do chão e colocando-o precisamente no centro da mesa. Eu tirei os fones, e então os guardei na gaveta da mesa. Então eu liguei o Cd, colocando nas músicas mais barulhentas.

Com outro suspiro, eu me virei para o computador. Naturalmente a tela estava lotada de pop-ups. Eu sentei na minha cadeira e comecei a fechar todas as janelinhas. Eventualmente eu conseguí entrar no meu site de buscas favorito. Eu fechei mais alguns pop-ups e digitei uma só

palavra.

Vampiro.

Levou um tempo enlouquecedor, é claro. Quando os resultados apareceram, havia muito o que peneirar, tudo de filmes e programas de Tv á jogos de Vídeo-game, bandas de metal, e companias de cosméticos góticas.

Então eu achei um site que parecia promissor - Vampiros de A á Z. Eu esperei pacientemente até que ele baixasse, clicando rapidamente em todas as janelinhas

que apareciam na tela. Finalmente a tela estava completa - um fundo branco simples com letras pretas, com escrita acadêmica. Duas frases me saudaram na página inicial: Pelo vasto mundo obscuro dos fantasmas e demônios não existe figura tão terrível, nenhuma figura tão horripilante e detestável, mesmo assim causadora de tal fascinação, como o vampiro, que é nem fantasma nem demônio, mas ainda assim, divide a natureza obscura e possue as terríveis e misteriosas qualidades de ambos.

Reverendo Montague Sommers.

Se existe no mundo uma coisa tão bem-atestada, essa coisa são os vampiros. Provas não faltam - entrevistas oficiais, testemunhos de pessoas conhecidas, de cirurgiões, de padres, de magistrados; as provas judiciais são mais completas. E com tudo isso, quem é que não acredita em vampiros?

Rousseau

O resto do site era uma lista em ordem alfabética dos diferentes mitos envolvendo vampiros ao redor do mundo. O primeiro no qual eu cliquei, o Danag, era um vampiro das Filipinas supostamente responsável por trazer o tarô para as ilhas há muito tempo atrás. O mito ainda

contava que Danag trabalhou com os humanos durante muitos anos, mas a parceria acabou quando uma mulher cortou o seu dedo e o Danag sugou toda a sua vitalidade, gostando tanto do sabor do seu sangue que acabou drenando totalmente o sangue do seu corpo. Eu lí cuidadosamente todas as descrições, procurando por alguma coisa que me parecesse familiar, pra não dizer plausível. Parecia que a maioria das histórias de vampiros possuiam lindas mulheres como demônios e crianças como vítimas; eles pareciam querer criar histórias para explicar os altos índices de mortalidade entre as crianças, e criar para os homens uma boa desculpa para serem infiéis.

Muitas das histórias envolviam espíritos desencarnados e avisos sobre enterros impróprios. Nada se parecia muito com o que eu via nos filmes, só alguns poucos, como o Hebreu Estrie e o polonês Upier, que ocasionalmente estavam ocupados bebendo sangue. Só três links me chamaram a atenção: O romênio Varacolaci, um morto-vivo poderoso, que podia aparecer como um humano lindo, com a pele pálida; o Eslovaco Nelapsi, uma criatura tão forte e veloz que pode um vilarejo inteiro em apenas uma hora depois da meia-noite; e um outro,

o Stregoni benefici.

Sobre esse havia penas uma breve frase.

Stregoni benefici: Um vampiro italiano, destinado a ser do lado do bem, e inimigo mortal dos vampiros maus.

Era um alivio, aquele link, o único mito que aclamava a existência de vampiros do bem. No geral, porém, havia pouco que coincidisse com as histórias de Jacob ou com as minhas próprias observações. Eu fiz um pequeno catálogo na minha mente enquanto eu lía e cuidadosamente comparava cada mito. Velocidade, força, beleza, pele pálida, olhos que mudam de cor. E então o critério de Jacob: bebedores de sangue, inimigos dos lobisomens, peles frias e imortais.

Haviam muito poucos mitos que se encaixavam em cada fator.

E então, outro problema, que eu lembrei de um pequeno número de filmes que eu havia assitido e que foi trazido á tona pela leitura de hoje - vampiros não devaim poder sair de dia, o sol poderia transaformá-los em cinzas. Eles dormem em caixões o dia inteiro e só saem á noite. Importunada, eu desliguei o computador no botão pricipal, sem esperar pra que ele desligasse apropriadamente. Apesar da minha irritação, eu estava extremamente envergonhada. Era tudo tão estúpido. Eu estava sentada no meu quarto, pesquisando sobre vampiros. O que é

que havia de errado comigo? Eu decidí que grande parte da culpa estava na entrada de Forks - uma península inteira, pra falar a verdade.

Eu queria sair de casa, mas não havia nenhum lugar que eu quisesse ir que ficasse a menos de três dias de viagem de carro.

Eu calcei as minhas botas mesmo assim, sem ter certeza de pra onde eu iria, e descí as escadas. Eu vestí o meu casaco de chuva sem olhar o clima e saí porta á fora. Estava nublado, mas ainda não estava chuvendo. Eu ignorei minha caminhonete e comecei a avançar á norte a pé, virando no quintal de Charlie e andando em direção á floresta. Não demorou muito até que eu já estivesse longe o suficiente da casa pra não ver mais a estrada, pra que o único som audível fosse o som dos meus passos na terra e as gotas de orvalho que caiam das copas.

Haviam um leve rastro da trilhas que guiava o caminho pra dentro da floresta, de

outra forma eu jamais me arriscaria a ir lá sozinha daquele jeito. Meu senso de direção era desastroso; eu podia me perder em lugares muito mais seguros. A trilha continuava mais e mais funda dentro da floresta, mais longe do que eu podia dizer. Ela passava pelas árvores ordenadas e pelas cicutas, pelas madeiras de teixos e pelos arbustos. Eu só conhecia vagamente as árvores ao meu redor, e o que eu sabia era só de ver Charlie apontando elas pra mim da viatura há anos atrás. Muitas delas eu não conhecia, outras delas eu não tinha como ver porque elas estava completamente cobertas de parasitas verdes.

Eu seguí na trilha tão longe quanto a minha raiva me levou. Quando ela começou a abrandar, eu diminuí o ritmo. Algumas gotas cairam em mim da árvore sobre minha cabeça, mas

eu não sabia dizer se era de uma chuva que estava começando ou do orvalho de ontem, que estava nas folhas, que agora estavam lentamente voltando para a terra. Uma árvore recentemente derrubada - eu sabia que era recente porque ela ainda não estava completamente coberta de musgos - descansava sobre o tronco de outra das suas irmãs, criando um banquinho a apenas uns poucos passos da trilha. Eu passei pelos galhos e cuidadosamente, me certificando de que a minha jaqueta estava entre o ascento sujo e as minhas roupas onde quer que elas tocassem, e inclinei minha cabeça protegida com o capuz contra a árvore ainda em pé. Esse foi o lugar errado pra vir. Eu devia ter advinhado, mas onde mais eu poderia ter ido? A floresta era de um verde escuro e se parecia demais com a cena do sonho de ontem pra permitir á

minha mente um pouco de paz. Agora que já não haviam mais os sons de passos, o silêncio era penetrante.

Os pássaros estavam quietos, também, e as gotas caiam com uma certa frequência, então devia ser a chuva. As samambaias ficavam mais altas que eu, agora que eu estava sentada, e eu sabia que alguém podia andar entre os troncos a três passos de distância e não me enxergar. Aqui entre as árvores era muito mais fácil acreditar nos absurdos que haviam me deixado envergonhada em casa.

Nada mudou nessa floresta por milhares de anos, e todos os mitos e lendas de centenas de locais diferentes me pareciam muito mais possíveis aqui do que no meu quarto. Eu me forcei a focar nas duas perguntas mais vitais que eu tinha que responder, mas eu fiz isso sem vontade.

Primeiro, eu tinha que decidir se a história que Jacob me contou sobre os Cullen podia ser verdade.

Imediatamente minha mente respondeu com um ressonante não. Era ridículo e mórbido pensar em tais coisas. Mas o que, então? Eu perguntei a mim mesma. Não havia nenhuma explicação razoável que explicasse como eu estava viva nesse momento. Eu escutei mais uma vez na minha cabeça as coisas que eu observei sozinha: a incrível velocidade, a força, os olhos mudando de preto pra dourado e preto de novo, a beleza inumana, a pele pálida, gelada. E mais - pequenas coisas que se registraram lentamente - como eles nunca comiam, a graça perturbadora com a qual se movimentevam. E o jeito como eles falavam b, com um sotaque pouco familiar e frases que se encaixariam melhor num romance da virada do século do que numa sala de aula do século vinte e um.

Ele faltou a aula no dia em que fariamos o teste sanguínio. Ele não disse que não iria para a praia até que eu disse pra onde íamos. Ele parecia saber o que todos ao redor dele estavam pensando... exceto eu.

Ele havia me dito que o vilão, perigoso...

Poderiam os Cullen ser Vampiros?

Bem, eles eram alguma coisa. Alguma coisa fora das possibilidades de justificações rationais estava acontecendo diante dos meus olhos incrédulos. Fossem os frios de Jacob ou as minhas teorias sobre super-heróis, Edward Cullen não era...humano.

Ele era algo mais.

Então-talvez. Essa seria a minha única resposta sobre o assunto no momento. E então a pergunta mais importante de todas. O que é que eu ia fazer se fosse verdade?

Se Edward fosse vampiro - eu mal podia me forçar a pensar nas palavras - então o que eu deveria fazer? Envolver outra pessoa estava absolutamente fora de questão. Nem eu mesma conseguia acreditar; ninguém a quem eu contasse ia me dar bola. Só duas opções pareciam práticas. A primeira era seguir o conselho dele: ser inteligente, evitá-lo tanto quanto fosse possível. Cancelar os nossos planos, e voltar a ignorá-lo o máximo que eu pudesse. Fingir que havia uma parede de vidro impenetrável nos separando na aula quando éramos forçados a ficar juntos. Dizer pra ele me deixar em paz-e falar sério dessa vez. Eu estava presa num repentino sentimento de agonia quando pensei nessa alternativa. Minha mente rejeitou a dor, rapidamente me levando á próxima opção.

Eu não podia fazer nada de diferente. Afinal, se ele era algo...sinistro, até agora ele não fez nada pra me machucar. Na verdade, Tyler teria muito do que se arrepender se ele não tivesse agido tão rápido. Tão rápido, eu discutí comigo mesma, que pode ter sido simplesmente uma questão de reflexos. Mas se eram reflexos que salvavam vidas, não podia ser tão ruim. Eu considerei. Minha cabeça girava sobre eixos invisíveis.

De uma coisa eu tinha certeza, se é que eu tinha certeza de alguma coisa. O Edward obscuro no meu sonho da noite passada foi só um reflexo meu medo das

palavras de Jacob, e não de Edward.

Mesmo assim, quando eu gritei aterrorizada por causa do ataque do lobisomem, não foi o medo do lobo que fez o "não" brotar dos meus lábios. Foi o medo que ele pudesse se machucar-mesmo quando ele me chamou com os caninos expostos, eu temí por ele. E eu sabia que aí estava a minha resposta. Eu não sabia nem se havia outra escolha, na verdade. Eu já estava envolvida demais. Agora que eu sabia-se eu sabia - eu não podia fazer nada sobre os meus segredos assustadores. Porque quando eu pensava nele, na voz dele, nos seus olhos hipnóticos, a força magnética de sua personalidade, eu não queria nada além de estar com ele agora mesmo.

Mesmo se... Mas eu não conseguia pensar nisso agora. Não aqui, na floresta escura, não quando a chuva fazia tudo escurecer como o crepúsculo sobre as copas das árvores e pareciam com passos no chão de terra. Eu tremí e me levantei rapidamente do meu local de ocultação, preocupada que de alguma forma a trilha tivesse desaparcido com a chuva. Mas estava lá, a salvo e clara, seguindo o seu caminho pelo labirinto respingante. Eu a seguí apressadamente, meu capuz próximo do meu rosto, me surpreendendo, quando quase me batia nas árvores, com o quanto havia ido longe. Eu comecei a imaginar se eu realmente estava saíndo de la, ou me embrenhando ainda mais nos confins da floresta. Antes que eu tivesse um ataque de pânico, porém, eu comecei a reparar em alguns espaços entre as teias de galhos. E então eu ouví um carro passando na rua, e eu estava livre, a grama de Charlie se estendia na minha frente, a casa de recebendo, prometendo calor e meias secas. Era só meio dia quando eu entrei. Eu subí e me vestí para o resto do dia, jeans e uma camiseta, já que eu ia ficar me casa. Eu não tive que me esforçar muito pra me concentrar na tarefa do dia, um trabalho sobre Macbeth que era pra ser entregue na quarta-feira. Eu me concentrei no perfil do duro projeto contentemente, mais serena do que eu me sentia desde...bem, desde a última quintafeira, pra ser honesta Esse sempre foi meu jeito, de qualquer forma. Tomar decisões era a parte difícil pra mim, isso eu tinha que reconhecer. Mas uma vez que a decisão estivesse tomada, eu simplesmente fazia o que tinha que ser feito-geralmente aliviada por ter tomado uma decisão. Ás vezes o alivio era corrompido pelo desespero, como a minha decisão de vir pra Forks. Mas isso era melhor do que degladiar com as alternativas.

Essa era uma decisão ridiculamente fácil de aceitar. Perigosamente fácil. Então o dia estava quieto, produtivo - eu terminei o meu trabalho antes das oito. Charlie

chegou com uma bela captura, e eu fiz um lembrete mental para comprar um livro de receitas pra peixes quando eu fosse pra Seattle na semana que vem. Os calafrios que percorriam a minha espinha toda vez que eu pensava nessa viagem não eram diferentes dos que eu tinha antes da história de Jacob Black. Eles deveriam ser diferentes, eu pensei. Eu devia ter medo - eu sabia que devia, mas eu não conseguia sentir o tipo certo de medo. Eu não sonhei naquela noite, exausta por ter começado o meu dia tão cedo, e ter dormido tão mal durante a noite. Eu acordei, pela segunda vez desde que eu cheguei em Forks, com o brilho amarelo de um dia de sol. Eu fui olhar pela janela, aturdida por ver que mal havia uma nuvem no céu, e aquelas que haviam eram só pedacinhos macios de algodão que não poderiam estar carregando chuva alguma. Eu abrí a janela, surpresa por ela ter aberto tão facilmente, sem emperrar, mesmo sem ter sido aberta em todos esses anos - e suguei o ar relativamente seco. Estava quase quente e quase não ventava. Meu sangue pulsava elétrico nas veias.

Charlie estava terminando o café da manhã quando eu descí, e ele percebeu o meu humor imediatamente.

- Belo dia lá fora. - Ele comentou.

- Sim - eu concordei com um sorriso.

Ele sorriu de volta, seus olhos castanhos se enverrugando nos cantos. Quando Charlie sorría era mais fácil perceber porque minha mãe havia aceitado se casar tão rápido. Grande parte daquele jovem romântico havia desaparecido antes que eu tivesse nascido, como o cabelo castanho e cacheado-mesma cor, se não textura dos meus-tinham sumido, lentamente revelando mais e mais a pele brilhante da testa dele. Mas quando ele sorria, eu podia ver um pouco do homem que fugiu com Renée quando ela não era nem dois anos mais velha do que eu sou agora.

Eu tomei meu café da manhã alegremente, observando as partículas de poeira que apareciam por causa da luz do sol que entrava pela janela de trás. Charlie deu adeus, e eu ouví a viatura se afastar de casa. Eu hesitei na porta de casa, a mão na minha jaqueta. Deixá-la em casa era tentador. Com um suspiro, eu a embrulhei no braço e saí para a luz brilhante que eu já não via há meses.

Á custo de cotovêlos melados de graxa, eu conseguí abrir as duas janelas da minha caminhonete quase completamente. Eu fui uma das primeiras a chegar na

escola; eu nem tinha olhado para o relógio na minha pressa de sair. Eu estacionei e me dirigí para os bancos de piquenique raramente utilizados, no lado sul da cafeteria. Os bancos ainda estavam um pouco sujos, então eu sentei na minha jaqueta, feliz por dar um uso a ela. Meu dever de casa já estava terminado- resultado de uma vida social desgraçada - mas haviam alguns problemas de Trigonometria que eu não sabia se estavam certos. Eu peguei meu livro cheia de vontade de trabalhar, mas na metade do primeiro problema eu já estava sonhando acordada, olhando a luz do sol brincar com as árvores e suas casacas vermelhas.

Eu olhava desatentamente para as margens do meu dever de casa. Depois de alguns minutos, eu me dei conta de que havia desenhado cinco pares de olhos pretos me olhando pela página. Eu os apaguei com uma borracha.

- Bella! - eu ouví alguém chamar, e parecia ser Mike.

Eu olhei em volta para me dar conta de que a escola já estava cheia enquanto eu estava sentada aqui, ausente. Todo mundo estava usando camisetas, alguns até de shorts, apesar de a temperatura não estar acima dos 18 graus.

Mike estava vindo na minha direção vestindo besmudas Khaki e uma camisa de Rúgby listrada, acenando.

- Ei, Mike - eu cumprimentei, acenando de volta, incapaz de ser pouco receptiva numa manhã como essa.

Ele veio se sentar ao meu lado, os seus cabelos arrepiados tinham uma brilhante cor dourada no sol, um sorriso rasgando o seu rosto. Ele estava tão contente em me ver que eu não pude deixar de me sentir gratificada.

- Eu não tinha reparado antes, o seu cabelo é um pouco rúivo - ele comentou, pegando entre os dedos uma mecha que estava flutuando com a brisa suave.

- Só no sol.

Eu fiquei um pouco desconfortável quando ele colocou a mecha atrás da minha orelha.

- Belo dia, não é?

- Meu tipo de dia - eu concordei.

- O que você fez ontem? - o tom dele era provavelmente muito autoritário.

- Eu trabalhei no meu projeto. - Eu não mencionei que já havia acabado, não havia necessidade de parecer presumida.

Ele bateu na testa com a mão. - Oh, é -é pra quinta-feira, não é?

- Umm, quarta, eu acho.

- Quarta? - ele fez uma careta. - Isso não é bom... O que você está escrevendo no seu?

- Se o tratamento de Shakespeare para com as mulheres era misógino.

Ele me encarou como se eu tivesse falado em Latin.

- Eu acho que terei que trabalhar nisso hoje á noite - ele disse, vazio. - Eu ia te perguntar se você queria sair.

- Oh - eu fui pega fora de guarda. Porque eu não podia mais conversar com Mike sem a situação ficar estranha?

- Bom, nós podíamos sair pra jantar ou alguma coisa assim...e eu podia trabalhar nisso depois - ele sorriu pra mim esperançosamente.

- Mike - eu odiava ser colocada contra a parede. - Eu acho que não é a melhor idéia. O rosto dele desmoronou. - Porque não? - ele perguntou, seus olhos cuidadosos. Meus pensamentos foram parar em Edward, imaginando se era nisso que ele estava pensando também.

- Eu acho... e se você repetir isso em outro lugar eu vou te espancar até a morte - eu ameacei. - Mas eu acho que machucaria os sentimentos de Jéssica. Ele estava desnorteado, obviamente ele não havia pensado nisso. - Jéssica?

- Sério, Mike, você é cego?

- Oh - ele exalou, claramente confuso. Eu me aproveitei disso pra fazer a minha fuga.

- É hora da aula, eu não posso me atrasar de novo - eu agarrei os meus livros e os enfiei na minha mochila.

Nós caminhamos em silêncio até a sala de aula, e a expressão dele estava distraída. Eu esperava que fossem quais fossem esses sentimentos nos quais ele estava inundado, que eles o levassem para a direção correta.

Quando eu ví Jéssica em trigonometria, ela estava estourando de entusiasmo. Ela, Angela, e Lauren estavam indo á Port Angeles esta noite pra comprar vestidos para o baile, e ela queria que eu fosse também, apesar de eu não precisar de um vestido. Não havia o que decidir. Podia até ser legal sair da cidade com algumas amigas, mas Lauren estaria lá. E quem sabe o que eu poderia estar fazendo nessa noite... mas definitivamente não era me envolver nesse tipo de situação. É

claro que eu estava feliz com o sol. Mas esse não era o único responsável pelo meu humor eufórico, nem de perto.

Então eu dei a ela um talvez, dizendo a ela que eu teria que falar com Charlie antes. Ela não falou de nada além do baile no caminho para a aula de Espanhol, continuando depois da aula como se nem tivesse sido interrompida, cinco minutos depois estávamos indo almoçar. Eu estava preocupada demais com os meus próprios pensamentos pra pensar no que ela estava dizendo. Eu estava dolorosamente ansiosa pra ver não só ele, mas todos os Cullen-pra compará-los ás novas suspeitas que estavam na minha mente. Enquanto eu cruzava a entrada da cafeteria, eu sentí o primeiro formigamento de medo descer a minha espinha e se alojar no meu estômago. Será que eles tinham como adivinhar o que eu estava pensando? E então eu tive um outro formigamento-será que Edward estaria esperando pra sentar comigo?

Como de costume, eu olhei para a mesa dos Cullen. Um arrepio de pânico fez meu estômago tremer quando eu percebí que ela estava vazia.

Com um resto de esperança eu vasculhei o resto da cafeteria, esperando encontrá-lo sozinho, esperando por mim.

O lugar estava praticamente lotado-nós nos atrasamos em Espanhol-mas não havia sinal de Edward ou de ninguém da sua família. A desolação me atingiu com uma força devastadora. Eu cambaleei ao lado de Jéssica, sem me importar mais em fingir que estava prestando atenção.

Nós estavamos atrasadas o suficiente pra encontrar todo mundo na nossa mesa. Eu evitei uma cadeira vazia ao lado de Mike e preferí me sentar ao lado de Angela. Eu vagamente reparei que Mike segurou a cadeira educadamente pra Jéssica se sentar, e o rosto dela se iluminou em resposta.

Angela perguntou algumas sobre o trabalho sobre Macbeth, que eu respondí tão naturalmente quanto pude enquanto mergulhava em sofrimento. Ela, também, me convidou para sair essa noite com elas, e agora eu concordei, me agarrando em qualquer coisa que me distraísse.

Eu me dei conta de que estava agarrando a última ponta de esperança quando entrei na aula de Biologia, ví o lugar vazio, e me deixei levar por outra onda de desapontamento. O resto do dia passou devagar, sem graça. Na Educação Física, nós tivemos uma palestra sobre os princípios do Badminton, a próxima tortura á qual eles iam me expor. A melhor parte foi que o treinador não chegou a terminar, então amanhã eu teria outro dia livre. Não importa que depois desse dia eles iam me armar com uma raquete antes de me soltar no resto dos estudantes. Eu estava feliz em deixar a escola, então eu podia fazer beicinho e me lastimar livremente antes de sair com Jéssica e companhia.

Mas logo que eu entrei na casa de Charlie, Jéssica ligou pra cancelar os nossos planos. Eu tentei parecer feliz por Mike ter convidado ela para jantar - eu realmente estava feliz que ele finalmente parecia estar entendendo - mas o meu entusiasmo pareceu falso até para os meus próprios ouvidos. Ela remarcou as compras para amanhã.

O que me deixou com poucas escolhas no que se trata de distrações. Eu tinha peixe marinando para o jantar, com salada e pão que sobrou da noite passada, então não havia nada pra fazer nesse aspecto. Eu passei meia hora concentrada no dever de casa, mas depois eu já estava de saco cheio disso também. Eu chequei meu E-mail, lendo milhares de cartas antigas da minha mãe, ficando mais animada enquanto elas progrediam para o presente. Eu suspirei e digitei uma resposta rápida.

MÃE,

DESCULPE. EU ESTIVE FORA. EU FUI Á PRAIA COM ALGUNS AMIGOS. E TIVE QUE FAZER

UM TRABALHO.

Minhas desculpas era honestamente patéticas, então eu desisti.

HOJE ESTÁ FAZENDO SOL LÁ FORA - EU SEI, EU TAMBÉM ESTOU CHOCADA - ENTÃO EU

VOU LÁ FORA PARA SUGAR TODA A VITAMINA D QUE EU PUDER. EU AMO VOCÊ. BELLA.

Eu decidí matar um hora com leitura não-relacionada com a escola. Eu tinha uma pequena coleção de livros que eu trouxe comigo pra Forks,o maior volume se tratava de um apanhado das obras de Jane Austen. Eu selecionei um e me dirigí para o quintal, levando uma colcha antiga que havia no armário.

No quintal pequeno, quadrado de Charlie, eu dobrei a colcha no meio e deitei na sombra das árvores na grama aparada que sempre seria um pouco úmida, não importava quanto o sol brilhasse.

Eu deitei sobre o estômago, cruzando os tornozelos no ar, passando os livros tentando decidir qual deles eu escolheria. Os meus favoritos eram Orgulho e Preconceito e Razão e Sensibilidade. Eu tinha lido o primeiro mais recentemente, então eu comecei com Razão e Sensibilidade, só par me lembrar que o herói da história se chamava Edward, com raiva, eu abri Mansfield Park, mas o herói desse livro se chamava Edmund, que era perto o suficiente. Não haviam outros nomes disponíveis no século dezoito? Eu fechei o livro, aborrecida, e me virei de costas. Eu não pensaria em mais nada além do calor na minha pele, eu disse a mim mesma severamente. A briza ainda estava leve, mas fez as mechas do meu cabelo soprarem no meu rosto, e isso fez um pouco de cócegas.

Eu joguei o meu cabelo pra cima da minha cabeça, deixando ele descansar na colcha embaixo de mim, e me concentrei de novo no calor que tocava os meus cílios, as maçãs do meu rosto, meu nariz, meus lábios, meus braços, meu pescoço, que passava pelo pano da minha camiseta leve...

A próxima coisa da qual eu tive consciência foi do som da viatura de Charlie, virando nos tijolos da entrada. Eu sentei supresa, me dando contade que a luz havia ido embora, por trás da

árvores, e que eu tinha pego no sono. Eu olhei ao redor, confusa, com o sentimento de que eu não estava mais sozinha.

- Charlie? - eu perguntei, mas eu podia ouvir a porta da frente batendo. Eu levantei rápido, totalmente atordoada, juntando a colcha suja e os meus livros. Eu corrí pra dentro pra colocar óleo pra ferver na frigideira, percebendo que o jantar ia atrasar.

Charlie estava pendurando o seu cinturão e tirando as botas quando eu entrei.

- Desculpa, pai, o jantar ainda não está pronto-eu peguei no sono lá fora - eu reprimí um bocejo.

- Não se preocupe - ele disse. - Eu queria saber o placar do jogo, mesmo. Eu assistí TV com Charlie depois do jantar pra ter alguma coisa pra fazer. Não havia nada interessante pra assistir, mas ele sabia que eu não gostava de beiseball, então ele colocou num canal bobo que nem um de nós gostava. Apesar disso, ele pareceu feliz, por estarmos fazendo alguma coisa juntos. E foi bom, a despeito da minha depressão, deixá-lo feliz.

- Pai - eu disse durante os comerciais, - Jéssica e Angela vão procurar vestidos para o baile amanhã em Port Angeles, e elas querem que eu as ajude a escolher...você se importa se eu for com elas?

- Jéssica Stanley? - ele perguntou.

- E Angela Weber. - Eu suspirei quando tive que lhe passar os detalhes. Ele estava confuso. - Mas você não vai para o baile, não é?

- Não, pai, eu vou ajudar elas a encontar os vestidos-você sabe, vou dar críticas construtivas. - Eu não teria que explicar isso para um mulher.

- Bem, Ok. - Ele pareceu perceber que era uma coisa do departamento feminino. - Mas é dia de semana.

- Nós vamos sair logo depois da aula, assim poderemos voltar cedo. Você dá um jeito no jantar, não é?

- Bella, eu conseguí me alimentar por dezessete anos antes de você vir pra cá - ele me lembrou.

- Eu não sei como você conseguiu sobreviver - eu murmurei, e então adicionei mais claramente, - Eu vou deixar algumas coisas pra você preparar um

sanduíche na geladeira, tá bom?

Bem em cima.

Estava ensolarado de novo no outro dia. Eu acordei com renovada esperança que eu inutilmente tentei reprimir. Eu tentei me vestir para o clima mais ameno com uma blusa com um decote em formato de V - algo que eu usava no inverno em Phoenix. Eu planejei tanto a minha entrada na escola que mal tive tempo de chegar á sala de aula. Com o coração vazando, eu circulei o estacionamento procurando por uma vaga, enquanto procurava pelo Volvo prateado que claramente não estava lá. Eu estacionei no último corredor, correndo para a aula de Inglês, chegando sem fôlego, mas vitoriosa, antes do sinal tocar. Estava igual a ontem-eu não conseguia evitar os brotos de esperanças que se semeavam na minha mente, só pra que depois eles fossem dolorosamente esmagados enquanto eu procurava por ele no almoço ou quando sentava na minha mesa vazia na aula de Biologia. O esquema de Port Angeles estava de pé de novo, e deixou tudo mais atraente pelo fato de que Lauren tinha outros planos. Eu estava muito ansiosa pra sair da cidade, então eu não conseguia parar de olhar por cima do ombro, esperando que ele aparecesse do nada como ele costumava fazer. Eu prometí pra mim mesma que estaria de bom humor essa noite pra não estragar a diversão de Angela ou de Jéssica na sua caça ao vestido. Talvez eu pudesse até fazer umas compras também. Eu me recusava a pensar que teria que fazer compras sozinha em Seattle esse fim de semana, sem o mínimo de interesse no trato antigo. É claro que ele não podia cancelar sem pelo menos me ligar.

Depois da escola, Jéssica me acompanhou até em casa com o seu Mercury branco pra que eu pudesse deixar os meus livros e a minha camionhonete. Eu penteei o meu cabelo rapidamente enquanto estava lá dentro, sentindo um pouco de excitação por estar deixando Forks. Eu deixei

um bilhete para Charlie em cima da mesa, explicando de novo onde encontrar o jantar, troquei a minha carteira da minha mochila para uma bolsa que eu raramente usava, e corrí pra me juntar á

Jéssica. Depois nós passamos na casa da Angela, e ela estava esperando por nós. Minha excitação cresceu espontâneamente enquanto nós nos dirigíamos aos limites da cidade.

8. PORT ANGELES

Jess dirigiu mais rápido que Charlie, para que chegássemos me Port Angeles antes das quatro. Já fazia algum tempo desde a minha última noite das garotas e os meus estrogênios corriam soltos. Nós ouvímos músicas melosas de Rock enquanto Jéssica tagarelava sobre os garotos com os quais nós nos relacionávamos. O jantar de Mike e Jéssica foi muito bem, e lea esperava que no Sábado eles já tivesse progredido para a fase do primeiro beijo. Eu sorrí comigo mesma, satisfeita. Angela estava passivamente feliz por estar indo ao baile, mas não necessariamente interessada em Eric. Jess tentou fazê-la confessar qual era o seu tipo de garoto, mas depois de um tempo eu interrompí com uma pergunta sobre vestidos, para poupá-la. Angela olhou pra mim agradecida.

Port Angeles era uma linda armadilha para turistas, muito mais educada e pitoresca do que Forks. Mas Angela e Jéssica a conheciam bem, então nós não perdemos tempo olhando o piotoresco mapa da cidade na baía. Jess dirigiu direto para uma grande loja de departamentos na cidade, que era a apenas algumas ruas da amigável baía para visitantes. O baile era semiformal, e nós não tinhamos certeza do que isso significava. Tanto Angela quanto Jéssica pareceram surpresas e um pouco descrentes quando eu falei pra elas que nunca tinha ido a um baile em Phoenix.

- Você nunca foi com um namorado ou alguma coisa assim? - Jess perguntou duvidosamente enquanto andávamos pelas portas da loja.

- De verdade - eu tentei convencer ela sem ter que revelar os meus problemas com dança. - Eu nunca tive um namorado nem nada parecido. Eu não saía muito.

- Porque não? - Jéssica perguntou.

- Ninguém nunca me convidou - eu disse honestamente.

Ela pareceu cética. - As pessoas te convidam aqui - ela me lembrou - E é você quem diz não.

- Nós estávamos na seção de adolescentes agora, procurando nos cabides por roupas mais chiques.

- Bem, exceto Tyler - Angela respondeu quietamente.

- Como é? - eu engasguei. - O que foi que você disse?

- Tyler está dizendo pra todo mundo que vai te levar para o baile de fim de ano - Jéssica disse com olhos suspeitos.

- Ele disse o quê? - parecia que eu estava sufocando.

- Eu te disse que não era verdade - Angela murmurou pra Jéssica. Eu estava em silêncio, ainda num estado de choque que estava rapidamente se transformando em irritação. Mas nós tínhamos que encontrar as drogas dos vestidos, e tínhamos muito trabalho á fazer.

- É por isso que Lauren não gosta de você - Jéssica deu uma risadinha enquanto procurávamos as roupas.

Eu apertei meus dentes. - Você acha que se eu atropelasse ele com o meu carro ele pararia de se sentir culpado por causa do acidente? Será que ele vai parar de tentar me recompensar e achar que estamos quites?

- Talvez - Jéssica de uma fungadinha. - Se é por isso que ele está te chamando. A seção de vestidos não era muito grande, mas elas duas encontraram alguns vestidos para experimentar. Eu sentei em uma cadeira baixa dentro de um dos provadores, perto de um espelho de três faces, tentando controlar a minha fúria.

Jéss estava dividida entre dois-um longo, tomara-que caia, preto básico e outro na altura do joelho de um azul elétrico com alcinhas finas. Eu encoragei ela a ficar com o azul. Porque não realçar os olhos? Angela escolheu um vestido rosa claro que destacava bem o seu corpo alto e que destacava a cor de mel dos seus cabelos castanho-claros. Eu cumprimentei as duas generosamente e ajudei a colocar os vestidos rejeitados de volta nos cabides. O processo foi muito mais curto e fácil do que as compras que eu fazia com Renée quando estava em casa. Eu acho que existe algo a ser dito sobre escolhas limitadas.

Nós fomos para a seção de sapatos e acessórios. Enquanto elas tentavam as coisas, eu simplesmente olhava e criticava, sem a menor vontade de comprar alguma coisa, apesar de estar precisando de sapatos novos. A irritação com Tyler estava acabando com a minha noite das garotas, me deixando com vontade de voltar pra casa.

- Angela? - eu comecei, hesitante enquanto ela experimentava um sapato de tiras e de salto alto cor de rosa-ela estava mais que contente por um par alto o suficiente que a permitisse usar salto.

Jéssica estava no balcão das jóias e nós estávamos sozinhas.

- Sim? - ela levantou a perna balançando o tornozelo pra ter uma visão melhor do sapato. Eu me intrometí. - Eu gostei desse.

- Eu acho que vou ficar com esse-apesar de não ter nada que combine com eles além desse vestido. - Ela meditou.

- Oh, vá em frente-eles estão em liquidação. - Eu encoragei. Ela sorriu, colcando a tampa em outra caixa com sapato branco.

Eu tentei de novo. - Umm, Angela... - ela olhou pra cima curiosa. - É normal para... os Cullen

- eu mantive meus olhos nos sapatos - Ficar muito tempo fora de escola? - Eu falhei miseravelmente na minha tentativa de parecer desinteressada.

- Sim, quando o clima está bom eles vão acampar sempre-até o doutor. Eles gostam muito de atividades ao ar livre. - ela me disse quietamente, examinando os sapatos também. Ela não fez nem sequer uma pergunta, quanto mais as milhares de perguntas que Jéssica teria feito. Eu realmente estava começando a gostar de Angela.

- Oh - eu mudei de assunto quando Jéssica voltou da joalheria com uma coisa que ela encontrou pra combinar com os seus sapatos prateados.

Nós planejávamos jantar num pequeno restaurande Italiano na rua principal, mas as compras não demoraram tanto quanto esperavamos. Jess e Angela foram colocar as suas compras de volta no carro e depois iam descer á baia. Eu disse que me encontraria com elas no restaurante dentro de uma hora-eu queria encontrar uma livraria. Elas duas estavam querendo vir comigo, mas eu encoragei as duas a irem se divertir-elas não sabiam o quanto eu podia ficar ocupada quanto estava cercada de livros; era algo que eu preferia fazer sozinha. Elas voltaram para o carro conversando alegremente, e eu fui na direção que Jess me apontou. Eu não tive problemas para achar a livraria, mas não era bem aquilo que eu estava procurando.

As janelas estavam cheias de cristais, apanhadores-de-sonhos, e livros sobre cura espiritual. Eu nem entrei. Pela janela eu podia ver uma mulher de cinquenta anos com um longo cabelo cinza que ela usava solto, usando um vestido que parecia

ser dos anos sessenta, sorrindo saudosamente por detrás do balcão. Eu decidí que essa era um conversa que eu podia adiar. Tinha que ter uma livraria normal na cidade.

Eu vaguei pelas ruas, que estavam lotadas com o trânsito do fim de um dia de trabalho, e rezei pra estar indo para o centro da cidade.

Eu não estava prestando tanta atenção em pra onde eu estava indo quanto devia; eu estava lutando contra o desespero. Eu estava tentando tanto não pensar nele, e no que Angela disse... e mais do que tudo, tentando acabar com as minhas esperanças em ralação á Sábado, temendo que a decepção fosse mais dolorosa que o resto, quando eu olhei pra cima eu ví o Volvo de alguém estacionado na rua e aquilo me arranhou por dentro. Vampiro estúpido, que não merece confiança, eu pensei comigo mesma.

Eu me dirigí ao sul, em direção a algumas lojas com vitrines de vidro que pareciam promissoras. Mas quando eu cheguei lá, elas eram só lojas de reparo e espaços vazios. Eu ainda tinha muito tempo antes de precisar ir encontrar Angela e Jéssica, e eu definitivamente estava precisando controlar o meu humor antes de me encontrar com elas. Eu passei a mão pelos meus cabelos e e respirei fundo algumas vezes antes de virar a esquina. Eu comecei a perceber, enquanto cruzava outra rua, que eu estava indo na direção errada. O pouco trânsito que eu estava vendo, estava se dirigindo a norte, e parecia que aqui, a maioria

dos prédios eram depósitos. Eu decidí virar á leste e depois de algumas ruas eu virei e tentei a sorte de encontrar algum mapa da cidade.

Um grupo de quatro homens virou na esquina que eu ia entrar, vestidos casualmente demais pra estarem vindo do trabalho, mas eles também não tinham cara de ser turistas. Enquanto eles de aproximavam de mim, eu percebí que eles não eram muito mais velhos do que eu. Eles estavam fazendo piadas uns com os outros em voz alta, rindo estridentemente e esmurrando os braços uns dos outros. Eu me mantive tão longe quanto a calçada me permitiu para das espaço a eles, caminhando devagar, olhando sempre na direção da esquina

- Ei, você! - um deles chamou quando eles passaram, e eles tinham que estar falando comigo já que não havia mais ninguém por perto. Eu olhei pra cima automaticamente. Dois deles haviam parado, os outros dois tinham desacelerado. O mais próximo, um homem pesado, com cabelos escuros, na casa dos vinte,

parecia ter sido o homem que falou. Ele estava usando uma camisa de flanela em cima de uma camiseta suja, jeans curtos, e sandálias. Ele deu meio passo na minha direção.

- Olá - eu murmurei, meus joelhos começaram a tremer em resposta. Então eu olhei na outra direção e comecei a andar para a esquina o mais rápido que eu conseguia. Eu podia ouví-los rindo muito alto atrás de mim

- Ei, espere! - um deles me chamou, mas eu baixei minha cabeça e dei a volta na esquina com um suspiro de alívio. Eu ainda podia ouvir eles me seguindo. Eu me vi numa calçada que levava para os fundos de vários armazéns, cada um deles com portas enormes para os caminhões que viessem descarregar, todos fechados porque estava anoitecendo. O lado sul da rua não tinha calçada, só alguns elos com ferros protegendo a passagem de algum depósito de partes de motor. Eu estava na parte de Port Angeles que eu, como visitante, não queria ver.

Eu me dei conta de que estava ficando escuro, as nuvens finalmente voltando, enchendo o horizonte, criando uma espécie de por do sol adiantado. O horizonte ainda esta claro, mas ficando cinzento, e com listras laranjas e cor de rosa. Eu deixei minha jaqueta no carro, e um arrepio repentino me fez cruzar os braços com força na frente do meu peito. Uma única van passou por mim, e então a rua estava deserta.

O céu estava repentinamente escuro, e, quando eu olhei pra trás pra ver as nuvens que se formavam, eu percebí com um choque, que eu estava sendo seguida por dois homens, á menos de vinte passos de distância de mim.

Eles eram do mesmo grupo que tinha passado por mim na esquina, mas nenhum deles era o de cabelo escuro que tinha falado comigo. Eu virei minha cabeça rapidamente, apressando meus passos. Um arrepio que não tinha nada a ver com o frio passou pelo meu corpo. Minha bolsa estava sobre um ombro, entrelaçada no meu corpo, do jeito que se deve usar quando de quer evitar um assalto. Eu sabia exatamente onde o meu spray de pimenta estava-numa mala que eu nunca desfiz, embaixo da minha cama. Eu não tinha muito dinheiro comigo, uns vinte dólares, ou um pouco mais, eu pensei em derrubá-la "acidentalmente" e continuar andando. Mas uma vozinha assustada na minha cabeça estava me avisando que aqueles homens pareciam ser algo pior que só assaltantes.

Eu escutei atentamente os seus passos, que eram muito mais quietos comparados

ao tumulto que eles estavam fazendo essa tarde, e não parecia que eles estavam andando mais rápido, ou se aproximando de mim.

Respire, eu lembrei para mim mesma. Você não sabe se eles estão te seguindo. Eu continuei a andar o mais rápido que podia sem correr, me concentrando na entrada á direita que estava a apenas alguns metros de distância de mim. Eu podia ouví-los, tão longe quanto antes. Um carro virou na esquina passando rapidamente por mim. Eu pensei em me jogar na frente dele, mas eu hesitei, inibida, sem saber se eles estavam realmente me seguindo, então era tarde demais. Eu alcancei a esquina, mas me bastou uma olhada rápida para que eu percebesse que era apenas mais uma entrada de carros nos fundos de um dos armazéns.

Eu dei uma meia volta antecipadamente; eu tive que me apressar e correr pela rua, de volta para a calçada. A rua acabava na próxima esquina, onde havia uma placa de "pare". Eu me concentrei nos passos fracos atrás de mim, decidindo se eu devia correr ou não. Eles, porém, não pareciam estar muito atrás, e eles poderiam me alcançar muito facilmente de qualquer jeito. Eu tinha certeza que ia cair e me espatifar se eu tentasse andar mais rápido. Os passos definitivamente pareciam estar mais pra trás. Eu me arriscar a dar uma rápida olhadinha por cima do ombro, e eles estavam seguramente a uns quarenta passos atrás de mim agora, eu percebí

aliviada. Mas eles dois estavam me encarando.

Pareceu que se passaram horas antes que eu alcançasse a esquina. Eu mantive o passo firme, os homens atrás de mim ficando mais pra trás a cada passo. Talvez eles tenham se dado conta de que estavam me assustando e se arrependeram. Eu vi dois carros indo na direção norte na rua pra onde eu estava indo, eu respirei aliviada. Haveriam mais pessoas por perto assim que eu saisse daquela rua deserta. Eu virei na esquina com um suspiro agradecido. E quase escorreguei quando tive que parar.

A rua estava alinhada dos dois lados com paredes vazias, sem potas ou janelas. Eu podia ver distantemente, duas ruas ábaixo, ruas iluminadas, carros e mais pedestres, mas eles estavam muito longe. Porque saindo de um prédio no lado oeste, no meio da rua, estavam os outros dois homens do grupo, os dois me observando com sorrisos excitados emquanto eu ficava paralisada na calçada.

Eu percebí que não estava sendo seguida.

Eu estava sendo guiada.

Eu pausei por um segundo, mas pareceu um longo tempo. Eu me virei e tentei voltar pelo outro lado da rua. Eu tinha o leve pressentimento de que era uma tentativa inútil. Os passos atrás de mim estavam mais altos agora.

- Aí está você! - a voz estrondosa do homem grande, de cabelo escuro quebrou o silêncio intenso, me fazendo pular. Na escuridão, parecia que ele estava olhando por cima de mim.

- É - uma voz respondeu alto atrás de mim, me fazendo pular de novo enquanto eu tentava correr pela rua. - Nós pegamos um pequeno desvio.

Meus passos tiveram que desacelerar. Eu estava fazendo a distância entre mim e eles diminuir ainda mais rapidamente. Eu tinha um bom grito, alto, e eu suguei o ar, me preparando para usá-lo, mas minha garganta estava tão seca que eu não tinha muita certeza em relação ao volume que ele sairia. Com um movimento rápido, eu tirei a bolsa pela cabeça, sugurando-a com uma mão, me preparando para entregá-la ou usá-la como arma se fosse necessário. O homem mais magro se desencostou da parede e começou a avançar vagarosamente pela rua.

- Fique longe de mim - eu avisei numa voz que deveria ter sido forte e destemida. Mas eu estava certa em relação a minha garganta-nada de volume.

- Não seja assim, docinho - ele falou e as risadas recomeçaram atrás de mim. Eu me recompus, a apenas alguns passos de distância, tentando me lembrar apesar do pânico das poucas técnicas de defesa pessoal que eu sabia. Peito da mão no nariz, que deve com alguma sorte quebrar o nariz dele ou enfiá-lo pra dentro do cérebro. Dedo na cavidade do olhotente enfiar o dedo por dentro do olho e arrancá-lo da órbita. E o joelho de praxe na virilha, é claro. Aquela vozinha pessimista na minha cabeça de novo, me dizia que eu não chance nem sequer contra um deles, eles eram quatro. Cala a boca!

Eu ordenei á voz antes que o terror me deixasse incapacitada. Eu não ia me machuacar sem machucar alguém também. Eu tentei engolir pra dar um grito decente. Faróis apareceram de repente na esquina, o carro quase antingindo o homem forte, forçando-o a pular na direção da calçada. Eu corrí para o meio da rua -esse carro ia parar, ou teria que me atingir.

Mas o carro prateado inexperadamente deu um cavalo de pau, parando em cima da calçada com a porta do passageiro aberta a apenas alguns passos de distância de mim.

- Entre - uma voz furiosa ordenou.

Foi impressionante como instantaneamente o medo havia desaparecido, incrível como de repente a sensação de segurança me inundou - mesmo antes de eu estar fora da rua - assim que eu ouví a voz dele. Eu pulei pra dentro do carro fechando a porta atrás de mim. Estava escuro dentro do carro, nunhuma luz se acendeu quando a porta abriu, e eu mal podia ver o seu rosto pelo brilho fraco do painél. Os pneus cantaram quando ele virou para o norte, acelerando muito rápido, desviando dos homens abismados na rua. Eu tive uma breve visão deles se atirando na calçada enquanto acelerávamos na direção no porto.

- Ponha o seu cinto de segurança - ele comandou, e eu percebí que estava me agarrando no banco com as duas mãos. Eu obedecí rapidamente; o clique do cinto se conectando era alto na escuridão.

Ele fez uma curva estreita na esquerda, correndo em frente, avançando muitos sinais vermelhos sem parar.

Mas eu me sentia extremamente segura e, no momento, completamente despreocupada com o lugar pra onde estavamos indo. Eu olhei para o rosto dele profundamente aliviada, um alívio que ia além das palavras. Eu estudei o seu rosto perfeito na luz limitada, esperando minha respiração voltar ao normal, até que eu percebí que a sua expressão estava assustadoramente zangada.

- Você está bem? - eu estava surpresa de ver como a minha voz estava áspera.

- Não - ele disse curtamente, seu tom estava lívido.

Eu sentei em silêncio, observando o seu rosto enquanto os seus olhos reluziam sempre olhando para a frente, até que o carro parou bruscamente. Eo olhei ao redor, mas estava escuro demais para vez alguma coisa além da linha de árvores escuras que se estendiam pelo acostamento.

Nós não estávamos mais na cidade.

- Bella? - ele me chamou, a voz apertada, controlada.

- Sim? - minha voz ainda estava áspera. Eu tentei limpar a minha garganta silenciosamente.

- Você está bem? - Ele ainda não estava me olhando, mas a fúria estava claramente visível no rosto dele.

- Sim - eu respondí suavemente.

- Por favor, me distraia - ele ordenou.

- Perdão, o que você disse?

Ele respirou agudamente.

- Fale sobre alguma coisa sem importância até que eu me acalme - ele esclareceu, fechando os olhos e apertando o nariz com os dedos polegar e indicador.

- Umm - eu vistoriei meu cérebro á procura de algo trivial. - Eu vou atropelar Tyler Crowley amanhã depois da aula.

Ele ainda estava apertando os olhos, mas os seus lábios se curvaram.

- Porque?

- Ele está dizendo a todo mundo que vai me levar no baile de fim de ano-ou ele é louco, ou ainda está tentando se desculpar por quase ter me...bom, você lembra, ele acha que o baile vai melhorar as coisas. Então eu achei que se colocasse a vida dele em risco, ele acharia que estamos quites e não teria que ficar tentando se redimir. Eu não preciso de inimigos, e Lauren vai parar de me perseguir se ele me deixar em paz. Eu posso acabar destruindo o carro dele. Se ele estiver sem carro não vai poder levar ninguém ao baile... - eu tagarelei.

- Eu ouví alguma coisa sobre isso - ele falou um pouco mais recomposto.

- Você ouviu? - eu perguntei sem acreditar, já sentindo uma ponta de irritação. - Se ele estiver paralizado do pescoço pra baixo, ele também não vai poder ir para o baile. - eu cochichei redefinindo o meu plano.

Edward suspirou e finalmente abriu os olhos.

- Melhor?

- Na verdade não.

Eu esperei, mas ele não falou mais nada. Ele se inclinou no banco, olhando para o teto do carro. Seu rosto estava rígido.

- Qual é o problema? - minha voz saiu num suspiro.

- As vezes eu tenho problemas com o meu temperamento, Bella. - Ele também estava falando baixinho, e, quando ele olhou pela janela, seus olhos se transformaram em duas linhas. - Mas não seria de grande ajuda se eu voltasse até lá e caçasse aqueles... - Ele não terminou a frase, olhando pra longe, lutando por um momento pra controlar sau raiva. - Pelo menos - ele continuou. - É disso que eu estou tentando me convencer.

- Oh - a palavra pareceu inadequada, mas eu não conseguí pensar em uma resposta melhor. Nós sentamos em silêncio de novo. Eu olhei para o relógio no painél. Já eram mais de seis e meia.

- Jéssica e Angela vão ficar preocupadas - eu murmurei. - Eu tinha que me encontrar com elas.

Ele ligou o motor sem dizer outra palavra, dando a volta suavemente e correndo em direção á cidade. Nós estavamos de volta ás luzes da cidade sem demora nenhuma, ainda indo rápido demais, desviando sem dificuldade dos outros carros passando na rua. Ele parou ao lado de uma vaga que eu achei pequena demais para o Volvo, mas ele conseguiu estacionar sem dificuldade na primeira tentativa. Eu olhei pra fora pra ver as luzes do La Bella Itália, e Jess e Angela que estavam acabando de sair, caminhando ansiosamente na direção contrária á nós.

- Como você sabia onde... - eu comecei, mas então balancei a cabeça. Eu ouví a porta se abrindo e me virei pra ver ele saindo.

- Pra onde você tá indo? - eu perguntei

- Te levando pra jantar - ele sorriu levemente, mas seus olhos estavam duros. Ele saiu do carro e bateu a porta. Eu apalpei o banco e depois me apressei pra sair do carro também. Ele estava esperando por mim na calçada.

Ele falou antes que eu tivesse a chance. - Vá parar Jéssica e Angela antes que eu tenha que caçar elas duas também. Eu não acho que vou conseguir me controlar se esbarrar em um dos seus amigos de novo.

Eu tremí com o tom de ameaça na voz dele.

- Jess! Angela! - eu chamei por elas, acenando quando elas se viraram. Elas voltaram correndo, o alívio aparecendo nos rostos e nas vozes das duas se transformou em supresa quando elas viram quem estava ao meu lado. Elas pararam a poucos metros de distância de nós.

- Onde você esteve? - a voz de Jéssica estava cheia de suspeita.

- Eu me perdí - eu admití envergonhada. - E aí eu esbarrei em Edward - eu fiz um gesto em direção a ele.

- Estaria tudo bem se eu me juntasse a vocês? - ele perguntou numa voz sedosa, irresistível. Eu podia ver as duas cambaleando e percebí que ele nunca havia usado os seus talentos com elas antes.

- Er...claro - Jéssica respirou.

- Na verdade, Bella, nós já comemos enquanto esperávamos você-desculpa - Angela confessou.

- Tudo bem, eu não estou com fome - eu levantei os ombros.

- Eu acho que você devia comer alguma coisa - a voz de Edward estava baixa, mas cheia de autoridade. Ele olhou para Jéssica e falou um pouco mais alto. - Vocês se imcomodam se eu levar Bella esta noite? Assim vocês não vão precisar esperar enquanto ela come.

- Hum, sem problema, eu acho... - ela mordeu o lábio, tentando descobrir pela minha expressão se eu queria ou não. Eu pisquei pra ela. Não havia nada que eu quisesse mais do que ficar sozinha com o meu eterno salvador. Haviam tantas perguntas, mas eu não podia bombardeálo até que estivessemos sozinhos.

- OK - Angela foi mais rápida que Jéssica. - Te vejo amanhã, Bella...Edward. Ela agarrou a mão de Jéssica e puxou ela em direção ao carro, que estava parado a apenas alguns metros dalí, na Avenida principal.

Enquanto elas entravam no carro, Jess se virou, acenou, a expressão dela cheia de curiosidade. Eu acenei de volta, esperando que elas fossem embora antes de me virar para encará-lo.

- Honestamente, eu não estou com fome - eu insistí, olhando pra cima para examinar seu rosto. Sua expressão era ilegível.

- Faz-me rir.

Ele entrou pela porta do restaurante e segurou a porta aberta pra mim com um expressão obstinada. Eu passei por ele entrando no restaurante com um suspiro de resignação. O restaurante não estava lotado-não era alta estação em Port Angeles. A maitre era mulher, e eu entendí a expressão no seu olhar enquanto ela acessorava Edward. Ela o recebeu um pouco mais educadamente do que era necessário. Eu fiquei surpreendida de ver o quanto isso me incomodou. Ela era vários centímetros mais alta que eu, e o louro do cabelo dela não era nem um pouco natural.

- Mesa pra dois - A voz dele era fascinante, fosse intencional ou não. Eu ví ela olhar pra mim e afastar o olhar, obviamente feliz por eu ser tão comum, e pela cautelosa distância que Edward mantinha entre nós. Ela nos guiou para uma mesa grande o suficiente para quatro pessoas no centro da área mais cheia do restaurante. Eu estava quase me sentando, quando Edward balançou a cabeça pra mim.

- Talvez algo mais particular? - ele insistiu para a maitre. Eu não tinha certeza, mas podia jurar que ví ele dar um gorjeta na mão dela. Eu nunca tinha visto uma pessoa recusar uma mesa antes, exceto nos filmes antigos.

- Claro - ela parecia tão surpresa quanto eu estava. Ela se virou e nos guiou até umas cabines-todas vazias. - Que tal isto?

- Perfeito. - ele deu um dos seus sorrisos encantadores, deixando ela momentaneamente deslumbrada.

- UMM - ela balançou a cabeça - seu garçon virá em um instante. - Ela foi embora descompassada.

- Você não devia fazer isso com as pessoas - eu critiquei - Não é muito justo.

- Fazer o que?

- Deslumbrar as pessoas desse jeito, ela deve estar hiperventilando na cozinha nesse exato momento.

Ele pareceu confuso.

- Ah, qual é - eu falei duvidosamente. - Você tem que saber o efeito que causa nas pessoas. Ele inclinou a cabeça para um lado, os olhos curiosos. - Eu deslubro as pessoas?

- Você nunca percebeu? Você acha que todo mundo consegue o que quer assim tão fácil?

Ele ignorou as minhas perguntas. - Eu deixo você deslumbrada?

- Frequentemente - eu admití.

E então a nossa garçonete apareceu, o rosto cheio de expectativa. A meitre definitivamente havia falado sobre ele, e essa garota nova não parecia decepcionada. Ela colocou uma mecha curta de cabelo preto atrás da orelha e sorriu pra ele com um calidez desnecessária.

- Olá, meu nome é Amber, e eu vou serví-los essa noite. O que vocês desejam beber? - Eu não deixei de notar que ela estava falando só com ele

Ele olhou pra mim.

- Eu vou beber uma coca - pareceu que eu estava perguntando.

- Duas cocas - ele disse.

- Eu volto logo pra trazer - ela assegurou pra ele com outro sorriso desnecessário. Mas ele não viu. Ele estava olhando pra mim.

- O que foi? - eu perguntei quando ela foi embora.

Seus olhos estavam fixados no meu rosto. - Como esta você está se sentindo?

- Eu estou bem - eu respondí, surpresa com a intensidade da pergunta.

- Você não está sentindo náusea, tontura, frio...?

- Eu devia?

Ele sorriu do meu tom confuso.

- Bem, na verdade eu ainda estou esperando você entrar em choque. - O rosto dele se contorceu num sorriso perfeito.

- Eu não acho que isso vai acontecer - eu disse depois que eu conseguí respirar de novo. - Eu sempre fui boa em reprimir sentimentos desagradáveis.

- Dá na mesma, você vai se sentir melhor quando tiver um pouco de açucar e comida no seu sangue.

Bem na hora, a garçonete apareceu com as nossas bebidas e uma cestinha de pães de alho. Ela ficou de costas pra mim enquanto colocava as coisas em cima da mesa.

- Vocês estão prontos para fazer o pedido? - ela perguntou a Edward.

- Bella? - ela virou sem muita vontade na minha direção.

Eu escolhi a primeira coisa que apareceu no cardápio.

- Umm...eu vou querer o ravioli de cogumelos.

- E você?", ela se virou pra ele sorrindo.

- Nada pra mim - ele disse. É claro.

- Me avise se você mudar de idéia - o sorriso educado ainda estava lá, mas os olhos dele não estavam mais prestando atenção, e ela foi embora insatisfeita.

- Beba - ele ordenou.

Eu dei um gole no refrigerante obedientemente, e depois deu outro gole mais fundo, surpresa de ver o quanto eu estava com sede. Eu só percebí que eu já havia acabado com o copo inteiro quando ele passou o copo dele pra mim.

- Obrigada - eu cochichei, ainda com sede. O frio do refrigerante passou pelo

meu peito, e eu tremí.

- Você está com frio?

- É só o refrigerante - eu expliquei, tremendo de novo.

- Você não tem um casaco? - a voz dele era desaprovadora.

- Sim - eu olhei para a cadeira vazia. - Oh-eu deixei no carro de Jéssica.

- Eu percebí.

Edward já estava tirando o casaco dele. De repente eu me dei conta de que eu nunca prestei atenção no que ele estava vestindo - não só essa noite, mas nunca. Eu simplesmente não parecia ser capaz de desviar os olhos do rosto dele. Eu me obriguei a olhar agora, me concentrando. Ele estava tirando um casaco de couro beige claro; por baixo ele usava um sweter marfim. Ele ficava perfeito nele, enfatizando como o seu peito era musculoso.

Ele me passou o casaco, atrapalhando as minhas observações.

- Obrigada - eu disse de novo colocando o casaco dele. Estava frio - como o meu casaco estava quando eu o vestí pela manhã. Eu tremí de novo. O cheio era delicioso. Eu inalei, tentando identificar a deliciosa escência. Não parecia ser perfume. As mangas eram grandes demais; eu tive que colocá-las pra trás para libertar minhas mãos.

- Essa cor combina lindamente com o tom da sua pele - ele disse, me observando. Eu estava surpresa. Olhei pra baixo, corando, é claro.

Ele empurrou o cesto de pães na minha direção.

- Sério, eu não vou entrar em choque. - eu protestei.

- Você deveria, uma pessoa normal entraria. Você nem parece estar nervosa. - Ele parecia agitado.

Ele me olhou nos olhos. Eu percebí como os olhos dele estavam claros, mais claros do que eu jamais tinha visto, como um whisky dourado.

- Eu me sinto segura com você - eu confessei, hipnotizada.

Isso pareceu desagradá-lo; o centro entre as suas sobrancelhas ficou enrrugado. Ele balançou a cabeça fazendo cara de bravo.

- Isso é mais complicado do que eu planejava - ele murmurou pra sí mesmo. Eu peguei um pão e comecei a dar um mordidinha na ponta, medindo a expressão dele. Eu imaginei se essa seria a hora pra começar a fazer perguntas pra ele.

- Geralmente você está com um humor melhor quando seus olhos estão tão claros - eu comentei, tentando distraí-lo do que quer que fosse que estivesse deixando ele tão pensativo e sombrio.

Ele me encarou, aturdido. - O quê?

- Seu humor sempre está pior quando seus olhos estão pretos, eu já reparei. - eu continuei.

- Eu tenho uma teoria sobre isso.

Ele revirou os olhos. - Mais teorias?

- Mm-hm - eu mastiguei um pequeno pedaço de pão, tentando parecer indiferente.

- Eu espero que você tenha sido criativa dessa vez...ou você continua roubando-as de histórias em quadrinhos? - O sorriso dele era de zombaria, mas seus olhos estavam apertados.

- Bom, não, eu não peguei de uma história em quadrinhos, mas também não fui eu que enventei - eu confessei.

- E? - ele apontou.

Mas nessa hora a garçonete apareceu trazendo minha comida. Eu percebí que nós dois estávamos inconscientemente inclinados sobre a mesa um na direção do outro, porque nós dois sentamos retos quando ela se aproximou. Ela colocou o prato na minha frente-parecia estar bom

- e se virou rapidamente para Edward.

- Você mudou de idéia? - ela perguntou. - Não tem nada que eu possa te oferecer? - Eu posso ter imaginado o duplo sentido das palavras dela.

- Não, obrigado, mas mais refrigerante seria bom - ele fez um gesto com a longa mão branca para o dois copos vazios na minha frente.

- Claro - ela removeu os dois copos vazios e foi embora.

- O que você estava dizendo? - ele perguntou.

- Eu te conto no carro. Se... - eu pausei.

- Tem condições? - ele ergueu uma sobrancelha, a voz maliciosa.

- Eu tenho algumas perguntas, é claro.

- É claro.

A garçonete voltou com outros dois copos de refrigerante. Dessa vez ela os colocou na mesa sem uma palavra sequer e foi embora.

Eu tomei um gole.

- Bem, vá em frente - ele instigou, sua voz ainda estava dura.

Eu comecei com a pergunta menos exigente. - O que você está fazendo em Port Angeles?

Ele olhou pra baixo, cruzando suas longas mãos lentamente em cima da mesa. Os seus olhos brilharam por baixo dos cílios, a leve sombra de um sorriso brincando em seus lábios.

- Próxima.

- Mas essa é a mais fácil - eu reclamei.

- Próxima - ele repetiu.

Eu olhei pra baixo, frustrada. Eu desenrolei os talheres, peguei meu garfo, e cuidadosamente espetei um ravióli. Eu coloquei na boaca lentamente, ainda olhando pra baixo, mastigando enquanto pensava. Os cogumelos estavam bons.

Eu engolí e bebí outro gole da coca antes de olhar pra cima.

- Tudo bem, então - eu olhei pra ele, e continuei vagarosamente. - Digamos, hipotéticamente é claro, que...alguém...pudesse saber o que as pessoas pensam, ler mentes, sabe, com algumas exceções.

- Só uma exceção - ele corrigiu. - Hipoteticamente

- Tudo bem, uma exceção, então. - Eu estava contentíssima que ele estava brincando comigo, mas tentei parecer casual.

- Como isso funciona? Quais são as limitações? Como poderia...essa pessoa...achar outra pessoa na hora exata? Como ele poderia saber que ela estava com problemas? - Eu imaginei se as perguntas consecultivas estavam fazendo algum sentido.

- Hipoteticamente? - ele perguntou.

- Claro.

- Bem, se...essa pessoa...

- Vamos chamá-lo de Joe - eu sugerí.

Ele sorriu. - Joe, então. Se Joe estivesse prestando atenção, a hora não precisaria ser tão exata. - Ele balançou a cabeça, revirando os olhos.

- Só você poderia se meter em encrencas numa cidade tão pequena. Você teria mudado as estatísticas criminalísticas por décadas, sabia?

- Estávamos falando de um caso hipotético.

Ele sorriu pra mim.

- Sim, estávamos - ele concordou. - Podemos chamar você de Jane?

- Como é que você sabia? - eu perguntei de vez sem conseguir controlar a minha intensidade. Eu me dei conta de que estava me inclinando pra ele de novo. Ele pareceu vacilar, dividido com algum dilema interno. Seus olhos se prenderam aos meus, e eu percebí que ele estava decidindo naquele momento se era melhor

me contar a verdade de vez ou não.

- Você pode confiar em mim, sabe. - Eu murmurei. Eu avancei, sem pensar, para tocar suas mãos entrelaçadas, mas ele as afastou na hora, então eu me afastei.

- Eu não sei mais se tenho outra escolha. - A voz dele era mais um murmúrio. - Eu estava enganado-você é muito mais observadora do que eu pensava.

- Eu pensei que você estivesse sempre certo.

- Eu costumava estar. - Ele balançou a cabeça de novo. - Eu estava errado em relação á

outra coisa, também. Você não é um imã para acidentes-essa não é uma classificação abrangente o suficiente. Se existir alguma coisa perigosa num raio de dez quilômetros de distância, ela vai invariavelmente encontrar você.

- E você se inclui nessa categoria? - eu adivinhei.

Seu rosto ficou frio, sem expressão. - Inquestionavelmente.

Eu estiquei minha mão sobre a mesa de novo - dessa vez eu não me inibí quando ele puxou a mão levemente-para tocar as costas das suas mãos timidamente com as pontas dos meus dedos. Sua mão era fria e dura, como uma pedra.

- Obrigada - minha voz estava fervendo de gratidão. - Já são foram duas vezes. O rosto dele se suavizou. - Não vamos tentar uma terceira, está bem?

Eu fiz uma careta, mas afirmei com a cabeça. Ele tirou suas mão de baixo das minhas, colocando-as embaixo da mesa. Mas ele se inclinou na minha direção.

- Eu te segui até Port Angeles - ele admitiu, falando depressa. - Eu nunca tentei manter uma pessoa específica viva, e é muito mais trabalhoso do que eu imaginava. Mas isso provavelmente é

porque a pessoa é você. Pessoas normais parecem conseguir viver um dia sem tantas catastrofes.

- Ele pausou.

Eu imaginei se eu deveria estar com raiva por ele estar me seguindo; mas ao invés disso eu sentia uma enorme sensação de prazer. Ele me incarou, talvez imaginando porque meus lábios estavam se curvando num sorriso involuntário.

- Você já parou pra pensar que talvez eu estivesse marcada pra morrer naquele dia, como a van, e que você está interferindo no meu destino? - eu especulei, tentando me destrair.

- Aquela não foi a primeira vez - ele disse. Sua voz era difícil de ouvir. Eu olhei pra ele assombrada, mas ele estava olhando pra baixo. - Você estava marcada para morrer na primeira vez que nos vimos.

Eu sentí um espasmo de medo com essas duas últimas palavras, e lembrei do seu violento olhar negro naquele primeiro dia...mas a incrível sensação de segurança que eu sentia ao lado dele fez o medo ir embora. Quando ele olhou para os meus olhos, não havia nenhum traço de medo neles.

- Você se lembra? - seu rosto angelical estava agravado.

- Sim. - Eu estava calma.

- E mesmo assim você se senta aqui - havia um traço de descrença na voz dele; ele ergueu uma sobrancelha.

- Sim, eu sento aqui...por sua causa. - eu parei. - Porque, de alguma forma você sabia como me encontrar hoje. - eu lembrei.

Ele apertou os lábios, os olhos pensativos, decidindo de novo.

Ele olhou para o prato cheio na minha frente, e de volta pra mim.

- Você come, eu falo - ele barganhou.

Eu rapidamente espetei outro ravióli e coloquei na boca.

- É mais difícil do que devia ser, manter um olho em você. Normalmente eu consigo achar um pessoa muito facilmente, se eu já tiver ouvido a mente deles antes. - Ele me olhou ansiosamente, e eu percebí que estava petrificada. Eu me forcei a engolir, então espetei outro ravioli e coloquei na boca. - Eu estava projetanto a minha atenção em Jéssica, sem muito cuidado, como eu disse, só

poderia arrumar problemas em Port Angeles, no início eu não tinha percebido que você tinha ido por outro caminho. Então, eu me dei conta qu você não estava mais com ela, eu fui te procurar na livraria que havia na mente dela. - Eu podia ver que você não tinha entrado e que tinha ido para o sul... e eu sabia que você logo teria que dar a volta. Então eu fiquei esperando por você, procurando pelos pensamentos das pessoas que passavam na rua, pra ver se alguém tinha reparado em você e assim eu pudesse te procurar. Eu não tinha motivos para estar preocupado, mas eu estava estranhamente ansioso... - ele estava perdido em pensamentos, olhando pra mim, mas vendo coisas que eu nem podia imaginar. - Eu comecei a dirigir em círculos, ainda...escutando. O sol estava finalmente se pondo, e eu estava me preparando pra te procurar á pé. E então - ele parou, arranhando os dentes, com uma fúria repentina. Ele fez um esforço para se acalmar.

- Então o que? - eu murmurei. Ele continuou a olhar por cima da minha cabeça.

- Eu ouví o que eles estavam pensando - ele grunhiu, seu lábio superior se curvando lentamente sobre os seus dentes. - Eu ví o seu rosto na mente dele. - Ele se inclinou para a frente de repente, um cotovelo aparecendo por cima da mesa, a mão cobrindo os olhos. O movimento foi tão rápido que me surpreendeu. - Foi muito...difícil, você não tem idéia do quanto foi difícil pra mim, simplesmente te tirar de lá, e deixá-los...vivos. - A voz dele estava abafada pelo seu braço. - Eu podia ter te deixado ir com Jéssica e Angela, mas eu estava com medo de que se você me deixasse sozinho, eu fosse procurar por eles. - Ele admitiu num murmúrio. Eu sentei quieta, ofuscada, meus pensamentos incoerentes. Minhas mãos estavam cruzadas no meu colo, e eu estava apoiada fracamente no encosto da cadeira. Ele ainda estava com o rosto na mão, e ele estava tão imóvel que parecia uma escultura de pedra. Finalmente ele olhou pra cima, seus olhos procurando os meus, cheio com as suas próprias perguntas.

- Você está pronta pra ir pra casa? - ele perguntou.

- Eu estou pronta pra ir - eu qualifiquei, agradecida que ainda tínhamos uma longa hora na volta pra casa. Eu ainda não estava pronta pra dizer adeus pra ele. A garçonete apareceu como se tivesse sido chamada. Ou como se estivesse espionando.

- Como estamos? - ela perguntou para Edward.

- Nós queremos a conta, obrigado - a voz dele estava baixa, mais forte, ainda refletindo a conversa que tínhamos acabado de ter. Ela pareceu assustada. Ele olhou pra cima esperando.

- C-claro - ela gaguejou. - Aqui está. - Ela puxou um caderninho de couro do bolso do avental dela e entregou para ele.

Já havia uma nota na mão dele. Ele a colocou dentro do caderninho e entregou de volta pra ela.

- Sem troco - ele sorriu e ficou de pé, enquanto eu tentava me equilibrar nos meus pés. Ela sorriu calorosamente pra ele de novo. - Tenha uma boa noite. Ele não olhou pra ela quando agradeceu. Eu tentei não sorrir. Ele andou ao meu lado, perto de mim até a porta, mas ainda tomando cuidado pra não me tocar. Eu lembrei do que Jéssica havia dito sobre o seu relacionamento com Mike, como eles estavam quase no estágio do primeiro beijo. Eu suspirei. Edward pareceu me ouvir, e e olhou pra baixo curioso. Eu olhei para a calçada, agradecida por ele supostamente não ser capaz de saber o que eu estava pensando.

Ele abriu a porta do passageiro, segurando ela pra mim enquanto eu entrava no carro, estarrecida, mais um vez, com o quanto ele era gracioso. Eu provavelmente já devia estar acostumada, mas não estava. Eu tinha o pressentimento de que Edward era uma pessoa com a qual eu nunca me acostumaria.

Dentro do carro, ele ligou o motor e colocou o aquecedor no máximo. Tinha esfriado muito, e eu achava que o bom clima estava chegando ao fim. Mesmo assim, eu estava aquecida no casaco dele, aspirando o cheiro dela quando eu achava que ele não estava olhando. Edward se enfiou no trânsito, aprentemente sem olhar, e vez uma volta pra ir para a autoestrada.

- Agora - ele disse significantemente - É a sua vez.

9. TEORIA

- Posso fazer só mais uma? - eu implorei enquanto Edward acelerava ainda mais pela rua vazia. Ele não parecia estar prestando nenhuma atenção á pista. Ele suspirou.

- Uma - ele concordou. Seus lábios se pressionaram formando uma linha.

- Bem...você disse que sabia que eu não tinha entrado na livraria, e que eu tinha ido para o sul. Eu só estava me perguntando como você sabia disso.

Ele desviou o olhar, deliberadamente.

- Eu pensei que não estávamos mais sendo evasivos. - eu disparei. Ele quase sorriu.

- Tudo bem, então. Eu seguí o seu cheiro. - Ele olhou para a estrada, dando um tempo pra eu recompor minha expressão. Eu não conseguia pensar numa resposta aceitável pra isso, mas eu guardei a informação cuidadosamente pra estudá-la no futuro. Eu tentei me concentrar. Eu não estava pronta pra deixar ele terminar, justo agora que ele estava finalmente explicando as coisas.

- E você também não respondeu uma das minhas perguntas - eu lembrei. Ele me olhou com desaprovação. - Qual delas?

- Como funciona essa coisa de ler mentes? Você pode ler a mente de todo mundo, em qualquer lugar? Como você faz isso? O resto da sua família pode...? - Eu me sentí uma boba, pedindo explicações pra uma coisa assim.

- Isso é mais que uma - ele apontou. Eu simplesmente entrelacei meus dedos e olhei pra ele, esperando.

- Não, sou só eu. E eu não consigo ouvir qualquer um, em qualquer lugar. Eu tenho que estar pelo menos um pouco perto. Quanto mais familiar é a... voz de alguém, de mais longe eu posso ouví-la. Mas ainda assim, não mais longe que alguns quilômetros. - Ele parou pensando. - É

como estar num corredor enorme e cheio de gente, todos falando ao mesmo tempo. É só um ruido, um zumbido de vozes no fundo. Até que eu me concentro em uma das vozes, e aí o que ela está pensando se torna claro. Na maioria das vezes eu desligo todas, se não eu posso me destrair demais. E então fica mais fácil parecer normal - ele fez uma careta quando disse a palavra - Isso quando eu não estou respondendo acidentalmente ao pensamento das pessoas e não á suas vozes.

- Porque será que você não pode me ouvir? - eu perguntei curiosamente. Ele olhou pra mim, seus olhos estavam enigmáticos.

- Eu não sei - ele murmurou. - A única suposição é que talvez a sua mente não trabalhe da forma como a deles trabalha. Como se os seus pensamentos estivessem na frequência AM quando eu só posso ouvir Fm.

Ele sorriu pra mim, divertido de repente.

- Minha mente não trabalha direito? Eu sou uma aberração? - as palavras me incomodaram mais do que deviam-provavelmente porque a ficha caiu. Eu sempre suspeitei que era uma aberração, e fiquei com vergonha de ver as suspeitas confirmadas.

- Eu ouço vozes na minha cabeça e você preocupada que você a aberração. - Ele sorriu. - Não se preocupe, é apenas uma teoria... - seu rosto se contraiu. - O que nos leva de volta a você

Eu suspirei. Como começar?

-

Nós

não

deixamos

de

ser

evasivos?

-

ele

me

lembrou

suavemente.

Eu desviei o olhar do seu rosto pela primeira vez, tentando encontrar as palavras. Aí eu olhei para o velocímetro.

- Minha nossa! - eu gritei. - Diminua.

- Qual é o problema? - ele perguntou alarmado. Mas não diminuiu a velocidade.

- Você está indo á quase duzentos por hora! - eu ainda estava gritando. Eu olhei cheia de pânico pela janela, mas estava escuro demais pra enxergar. A estrada só era visível até onde os faróis alcançavam. A floresta dos dois lados da estrada pareciam paredes negras-e seriam duram como paredes de aço se nós batêssemos nelas a essa velocidade.

- Relaxe, Bella. Ele revirou os olhos, ainda sem reduzir.

- Você está tentando nos matar? - eu perguntei.

Nós não vamos bater.

Eu tentei moderar meu tom de voz. - Porque você está com tanta pressa?

- Eu sempre dirijo assim - ele me olhou dando um sorriso torto.

- Mantenha os olhos na estrada!

- Eu nunca sofrí um acidente, Bella-eu nunca sequer levei uma multa. - Ele sorriu e deu um tapinha na testa. - Detector de radar embutido.

- Muito engraçado - eu soltei. - Charlei é um policial, lembra? Eu fui criada para obedecer todas as leis de trânsito. Além do mais, se você bater o Volvo e transformá-lo numa sanfona, provavelmente você vai se levantar e sair dele.

- Provavelmente - ele disse com uma risa curta, dura. - Mas você não. Ele suspirou e eu observei aliviada enquanto observava o ponteiro baixando gradualmente. - Feliz?

- Quase.

- Eu odeio dirigir devagar - ele murmurou.

- Isso é devagar?

- Chega de comentários sobre como eu dirijo - ele cortou. - Eu ainda estou esperando pela sua última teoria.

Eu mordí meu lábio. Ele olhou pra mim, seus olhos estavam inexperadamente gentis.

- Eu não vou rir - ele prometeu.

- Eu estou com mais medo que você fique com raiva de mim.

- É assim tão ruim?

- Em grande parte, sim.

Ele esperou. Eu estava olhando para as minhas mãos, então não pude ver sua expressão.

- Vá em frente - sua voz era calma.

- Eu não sei como começar - eu admití.

- Comece pelo começo... você disse que não foi você quem criou essa teoria.

- Não.

- Onde você a encontrou-num livro? Um filme? - ele testou.

- Não - foi Sábado, na praia. - Eu arrisquei dar uma olhada para o rosto dele. Ele pareceu confuso.

- Eu dei de cara com um amigo antigo da família, Jacob Black - eu continuei. - O pai dele e Charlie são amigos desde que eu era bebê.

Ele ainda parecia confuso.

- O pai dele é um dos ansiões Quileute. - Eu observei ele cuidadosamente. A sua expressão confusa estava congelada no lugar. - Nós fomos dar uma volta - eu não contei que havia planejado tudo. - Ele estava me contando umas histórias antigas-tentando me assustar, eu acho. Ele me contou uma... - eu hesitei.

- Vá em frente - ele disse.

- Sobre vampiros. - Eu me dei conta de que estava cochichando. Eu não conseguia olhar para o seu rosto agora. Mas eu ví seus dedos apertando o volante convulsivamente.

- E você imediatamente pensou em mim?. - Ainda calmo.

- Não. Ele...mencionou sua família.

Ele estava em silêncio, olhando para a estrada.

Eu fiquei preocupada de repente, preocupada em proteger Jacob.

- Ele só achava que era uma superstição boba - eu disse rapidamente. - Ele não esperava que eu pensasse nada dela. - Não parecia que estava sendo o suficiente, eu tenho que confessar.

– Foi minha culpa, eu forcei ele a me dizer.

- Porque?

- Lauren disse uma coisa sobre você, ela estava tentando me provocar. Um garoto mais velho da tribo disse que vocês não iam até lá, só que pra mim pareceu que ele quis dizer outra coisa. Então eu fiquei sozinha com Jacob e tirei a verdade dele - eu admití, deixando a cabeça cair. Ele me surpreendeu quando começou a sorrir. Eu olhei pra ele. Ele estava sorrindo, mas seus olhos estavam concentrados, olhando para a estrada.

- Como foi que você forçou ele a contar? - ele perguntou.

- Eu tentei flertar com ele, e funcionou melhor do que eu imaginava. - Eu comecei a ficar corada enquanto lembrava.

- Eu queria ter visto isso - ele sorriu obscuramente. - E você me acusando de deslumbrar as pessoas, pobre Jacob Black.

Eu corei e olhei para a noite pela janela.

- E o que você fez depois? - ele perguntou depois de um minuto.

- Eu fiz algumas pesquisas na Internet.

- E isso te convenceu? - A voz dele parecia pouco interessada. Mas as mãos dele estavam apertando o volante.

- Não. Nada fazia sentido. A maioria das coisas era meio boba. E então... - Eu parei.

- O que?

- Eu decidí que não importava - eu murmurei.

- Que não importava? - O tom dele me fez olhar pra cima, finalmente eu havia penetrado aquela máscara. O seu rosto estava incrédulo, com só uma ponta de raiva que eu temia.

- Não - eu disse suavemente. - Pra mim não importa o que você é. Um tom duro, de zombaria inundou sua voz. - Você não se importa se eu for um mostro? Se eu não for humano?

- Não.

Ele ficou em silêncio, olhando diretamente pra frente de novo. Seu rosto estava sem expressão e frio.

- Você está com raiva - eu suspirei. - Eu não devia ter dito nada.

- Não - mas o seu tom estava tão duro quanto o seu rosto. - Eu prefiro saber o que você

está pensando, mesmo se o que você estiver pensando for uma loucura.

- Então eu estou errada de novo? - eu desafiei.

- Não era a isso que eu me referia. 'Não importa'. - ele me citou, apertando os dentes.

- Eu estou certa? - eu ofeguei.

- Isso importa??

Eu respirei fundo.

- Na verdade não - eu parei. - Mas eu estou curiosa. - Pelo menos minha voz estava composta.

De repente ele estava resignado. - Você está curiosa sobre o que?

- Quantos anos você tem?

- Dezessete - ele respondeu prontamente.

- Há quanto tempo você tem dezessete?

Seus lábios se contorceram enquanto ele ainda olhava para a estrada.

- A algum tempo - ele admitiu finalmente.

- Ok - eu sorrí, feliz por ele finalmente estar começando a ser honesto comigo. Ele olhou pra mim com olhos preocupados, como ele tinha olhado antes, quando estava preocupado que eu entrasse em choque. Eu sorrí para encorajá-lo e ele fez uma careta.

- Não ria de mim.

- Mas como é que você consegue sair durante o dia?

Ele riu do mesmo jeito. - Mito.

- Você queima no sol?

- Mito.

- Dorme em caixões?

- Mito. - Ele hesitou por um momento e um tom estranho invadiu sua voz. Eu não posso dormir.

Eu levei um minuto para absorver isso. - Nunca?

- Nunca - ele respondeu, sua voz quase inaudível. Ele voltou a olhar pra mim com uma expressão tristonha. Os olhos dourados prenderam os meus, e eu perdí a linha de pensamento de novo. Eu continuei olhando pra ele até que ele virou o olhar.

- Você ainda não perguntou a coisa mais importante. - Sua voz estava dura de novo. E

quando ele olhou pra mim, seus olhos estavam frios.

Eu pisquei, ainda deslumbrada. - E qual é?

- Você não está preocupada com a minha dieta? - ele perguntou sarcasticamente.

- Oh - eu murmurei. - Isso.

- Sim, isso. - Sua voz estava vazia. - Você não quer saber se eu bebo sangue?

Eu vacilei. - Jacob me disse algo sobre isso.

- O que Jacob disse? - ele perguntou monótono.

- Ele disse que você e sua família não...caçam pessoas. Ele disse que você e sua família não são perigosos porque vocês só caçam animais.

- Ele disse que não éramos perigosos? - Sua voz estava profundamente cética.

- Não exatamente. Ele disse que vocês não deviam ser perigosos. Mas os Quileute não quiseram vocês nas terras deles, só por precaução.

Ele olhou para a frente, mas eu não sei dizer se ele estava olhando para a estrada ou não.

- Então ele estava certo? Sobre não caçar pessoas? - Eu tentei manter minha voz o mais uniforme possível.

- Os Quileute têm uma boa memória - ele murmurou.

Eu considerei isso um sim.

- Porém, não deixe isso te enganar - ele avisou. - Eles estavam certos em nos evitar. Nós ainda somos perigosos.

- Eu não entendo.

- Nós tentamos - ele explicou devagar. - Geralmente somos bons no que

fazemos. As vezes cometemos erros. Eu, por exemplo, me permitindo ficar sozinho com você.

- Isso é um erro? - eu ouví a tristeza na minha voz, mas não sei se ele também ouviu.

- Um erro bem perigoso - ele murmurou.

Nós dois ficamos em silêncio depois disso. Eu observei os faróis virando com as curvas na estrada. Eles se moviam rápido demais; não parecia ser real, parecia ser um video game. Eu estava consciente do tempo passando rápido, como a estrada embaixo de nós, e eu estava com um medo horroroso de nunca mais ter outra oportunidade de ficar assim a sós com ele abertamente, as janelas que existiam entre nós haviam desaparecido. As palavras dele haviam se acabado, e eu não gostei da idéia. Eu não queria perder nem um minuto que tinha com ele.

- Me conte mais - eu pedí desesperadamente, sem me importar com o que ele disesse, contanto que eu pudesse ouvir a sua voz de novo.

Ele me olhou rapidamente, surpreso pela mudança do tom da minha voz.

- O que mais você quer saber?

- Me diga porque você caça animais ao invés de gente - eu sugerí, minha voz ainda estava cheia de desespero. Eu me dei conta de que os meus olhos estavam molhados, e lutei contra a aflição que estava tomando conta de mim.

- Eu não quero ser um monstro. - Sua voz estava muito baixa.

- Mas animais não são o suficiente?

Ele parou. - Eu não posso ter certeza, é claro, mas eu acho que é como viver a base de tofu e leite de soja; nós nos chamamos de vegetarianos, nossa piada particular. Não sacia a fome -ou melhor dizendo, a sede. Mas nos mantêm fortes o suficiente para sobrevivermos. Na maioria das vezes. - Seu tom se tornou obscuro. - Umas vezes são mais difíceis que outras.

- É muito difícil pra você agora? - eu perguntei.

Ele suspirou. - Sim.

- Mas você não está com fome agora. - eu disse confidencialmente, afirmando, não perguntando.

- Porque você acha isso?

- Seus olhos. Eu disse que tinha uma teoria. Eu percebí que as pessoas-homens em particular - são mais chatos quando estão com fome.

Ele deu uma gargalhada. - Você é muito observadora, não é?

Eu não respondí, eu só prestei atenção ao som da sua risada, guardando ela na minha memória.

- Você estava caçando com Emmett esse fim de semana? - eu perguntei quando estava silencioso de novo.

- Sim - ele pausou por um instante, como se estivesse se decidindo entre me contar alguma coisa ou não. - Eu não queria ir embora, mas foi necessário. É um pouco mais fácil ficar perto de você quando eu não estou com sede.

- Porque você não queria ir?

- Me deixa...nervoso...ficar longe de você. - Seus olhos eram gentís, nas intensos, e eles pareciam estar fazendo os meus ossos amolecerem. - Eu não estava brincando quando te disse pra ficar longe do oceano ou sobre o acidente na quinta. Eu estava distraído durante o fim de semana inteiro, preocupado com você. E depois do que aconteceu hoje á noite, eu estou surpreso que você tenha sobrevivido ao fim de semana sem nenhum arranhão. - Ele balançou a cabeça, e de repente pareceu se lembrar de alguma coisa. - Bem, não exatamente sem um arranhão.

- O que?

- Suas mãos - ele me lembrou. Eu olhei para as minhas palmas, para os arranhões quase sarados. Seus olhos não perdiam nada.

- Eu caí - eu suspirei.

- Foi o que eu pensei. - Seus lábios se contorceram nos cantos. - Eu acho que, sendo você, podia ter sido bem pior, e essa possibilidade me atormentou o tempo

inteiro enquanto eu estive fora. Foram três dias bem longos. Eu deixei o Emmett louco.

Ele sorriu pra mim como se estivesse se sentindo culpado.

- Três dias? Vocês não voltaram hoje?

- Não, nós voltamos no Domingo.

- Então porque nenhum de vocês foi para a escola? - eu estava frustrada, quase com raiva por todas as decepções que eu sofrí durante a sua ausência.

- Bem, você perguntou se o sol me machuca, e não machuca. Mas eu não posso sair na luz do sol-pelo menos, não quando as pessoas estão olhando.

- Porque não?

- Um dia desses eu te mostro - ele prometeu.

Eu pensei nisso por um momento.

- Você podia ter me ligado - eu decidi.

Ele parecia confuso. - Mas eu sabia que você estava em segurança.

- Mas eu não sabia onde você estava - eu hesitei e depois abaixei os olhos.

- O que? - sua voz aveludada estava compelida.

- Eu não gostei. De não te ver. Me deixou ansiosa também - eu corei dizendo isso em voz alta.

Ele estava quieto. Eu olhei pra cima, apreensiva, sua expressão estava cheia de dor.

- Ah - ele gemeu baixinho. - Isso não é certo.

Eu não conseguí entender a resposta dele. - O que foi que eu disse?

- Será que você não vê, Bella? Uma coisa é eu me fazer completamente infeliz. Outra completamente diferente é você estar tão envolvida.

Ele virou seus olhos angustiados para a estrada, as palavras dele estavam saindo tão rápidas que eu quase não conseguia entender.

- Eu não quero ouvir que você se sente assim. - Sua voz era baixa, mas urgente. As palavras dele me cortaram. - É errado. Não é seguro. Eu sou perigoso, compreenda isso, Bella.

- Não - eu fiz de tudo para não parecer uma criança mimada.

- Eu estou falando sério - ele grunhiu.

- Eu também. Eu já falei que não me importo com o que você é. É tarde demais. A voz dele chicoteou, baixa e forte. - Nunca diga isso.

Eu mordí meu lábio, e estava feliz que ele não sabia o quanto doía. Eu olhei para fora. Já

devíamos estar perto agora. Ele estava dirigindo rápido demais.

- No que você está pensando? - ele perguntou, com a voz ainda dura. Eu só balancei a cabeça, sem ter certeza se conseguia falar. Eu podia sentí-lo olhando para o meu rosto, mas continuei olhando para a frente.

- Você está chorando? - ele parecia intimidado. Eu não tinha reparado na umidade que os meus olhos estavam começando a acumular.

Eu rapidamente passei a mão na minha bochecha, e sem dúvida, lá estavam as lágrimas traidoras, me delatando.

- Não - eu disse, mas minha voz tremeu.

Eu ví ele levantar a mão direita na minha direção cheio de hesitação, mas então ele parou e colocou a mão de volta na direção.

- Me desculpe. - A voz dele estava queimando de arrependimento. Eu sabia que ele não estava se desculpando pelas palavras que haviam me aborrecido.

A escuridão nos envolveu em silêncio.

- Me diga uma coisa - ele perguntou depois de outro minuto, eu podia ouví-lo se

esforçar para usar um tom mais leve.

- Sim.

- No que você estava pensando hoje a noite, pouco antes de eu virar na esquina? Eu não conseguí entender a sua expressão-você não parecia assustada, você parecia estar bastante concentrada em alguma coisa.

- Eu estava pensando em como incapacitar uma pessoa, você sabe, auto-defesa. Eu ía enfiar o nariz dele dentro cérebro. - Eu pensei no homem de cabelo escuro com uma onda de ódio me invadindo.

- Você ia lutar com eles? - Isso pareceu aborrecê-lo. - Você não pensou em correr?

- Quando eu corro eu caio demais - eu admití.

- E quanto a gritar por ajuda?

- Eu estava chegando nessa parte.

Ele balançou a cabeça. - Você estava certa, eu definitivamente estou lutando contra o destino tentando manter você viva.

Eu suspirei. Nós estavamos indo mais devagar, passando pela fronteira de Forks. Levou menos de vinte minutos.

- Eu vou ver você amanhã? - eu perguntei.

- Sim, eu também tenho que entregar o meu trabalho. - Ele sorriu.

- Eu vou guardar um lugar pra você no almoço.

Eu fiquei idiota, depois de tudo que passamos essa noite, aquela promessa me fez sentir borboletas no estômago, e me deixou incapacitada de falar.

Nós estávamos na frente da casa de Charlie. As luzes estavam ligadas, meu carro estava no lugar, tudo estava extremamente normal.

Era como acordar de um sonho. Ele parou o carro, mas eu não me moví.

- Você promete que vai estar lá amanhã?

- Eu prometo.

Eu pensei por um momento, depois balancei a cabeça. Eu tirei o seu casaco, dando mais um cheiradinha.

- Você pode ficar com ele, você não tem um para usar amanhã - ele me lembrou. Eu entreguei pra ele. - Eu não quero ter que explicar ao Charlie.

- Oh, tudo bem. - Ele sorriu.

Eu hesitei, minha mão na maçaneta do carro, tentando prolongar o momento.

- Bella? - ele perguntou num tom diferente. Sério, mas hesitante.

- Sim? - eu me virei pra ele ansiosa demais.

- Me promete uma coisa?

- Sim - eu disse e depois me arrependí da minha incondicionalidade. E se ele me pedisse pra ficar longe dele? Isso eu não podia prometer.

- Não vá na floresta sozinha.

Eu encarei ele confusa. - Porque?

Ele fez uma carranca, e seus olhos estavam apertados quando ele olhou pela janela.

- Nem sempre eu sou a coisa mais perigosa lá fora. Vamos ficar aqui. Eu tremí um pouco pela inexpressão da voz dele, mas eu estava aliviada. Essa, pelo menos, era uma promessa fácil de cumprir.

- Como você quiser.

- Até amanhã - ele suspirou e aí eu percebí que ele queria que eu fosse embora agora.

- Até amanhã, então. - Eu abrí a porta sem vontade.

- Bella? - Eu me virei e ele estava inclinado na minha direção, seu rosto pálido, glorioso, á

apenas alguns centímetros de mim. Meu coração parou de bater.

- Durma bem - ele disse. Sua respiração soprou em meu rosto, me deixando fascinada. Era a mesma essência que exalava do casaco dele, mas numa forma mais concentrada. Eu pisquei, totalmente ofuscada. Ele se afastou.

Eu não conseguí me mover de novo até que o meu cérebro ficou regulado novamente. Então eu saí estranhamente do carro, precisando usar alguma coisa como suporte. Eu pensei ouví-lo sorrindo, mas o som foi baixo demais pra eu ter certeza. Ele esperou até que eu estivesse na frente da porta, só então ele ligou o motor e eu ouvi ele dar ré silenciosamente. Eu me virei e ví o carro desaparecendo na esquina. Eu me dei conta de que estava muito frio.

Eu peguei a chave mecanicamente, abri a porta, e então entrei.

Charlie me chamou da sala de estar. - Bella?

- Sim, pai, sou eu. - Eu entrei pra vê-lo. Ele estava assistindo um jogo de baseball.

- Você chegou cedo.

- Cheguei. - Eu estava surpresa.

- Ainda não são nem oito horas - ele me disse. - Vocês se divertiram?

- Sim, foi muito divertido. - Minha cabeça estava dando voltas enquanto eu tentava me lembrar da noite só de garotas que eu havia planejado. - Elas duas encontraram vestidos.

- Você está bem?

- Eu só estou cansada. Eu caminhei demais.

- Bem, talvez fosse melhor você ir se deitar. - Ele pareceu preocupado. Eu imaginei como o meu rosto estaria.

- Eu só vou ligar pra Jéssica primeiro.

- Você não estava com ela? - ele perguntou, surpreso.

- Sim, mas eu deixei meu casaco no carro dela. Eu quero ter certeza de que ela vai levar para a escola amanhã.

- Bom, pelo menos deixe ela chegar em casa primeiro.

- Certo - eu concordei.

Eu fui direto para a cozinha e caí, exausta, numa cadeira. Eu realmente estava me sentindo um pouco tonta agora. Eu imaginei se era o choque chegando no fim das contas. Vê se se controla, eu disse pra mim mesma.

O telefone tocou de repente, me assustado. Eu tirei do gancho.

- Alô? - eu perguntei sem fôlego.

- Bella?

- Ei, Jess, eu ia ligar pra você.

- Você chegou em casa? - A voz dela estava aliviada...e surpresa.

- Sim. Eu deixei meu casaco no seu carro, você pode levá-lo amanhã?

- Claro. Mas me conte o que aconteceu! - ela ordenou.

- Um, amanhã-na aula de Trigonometria, está bem?

Ela entendeu rapidamente. - Oh, seu pai está aí?

- Sim, é isso mesmo.

- Ok, eu falo com você amanhã, então. Tchau! - Eu podia ouvir a impaciência na voz dela.

- Tchau, Jess.

Eu subí as escadas lentamente, um torpor dominando a minha mente. Eu me

preparei para ir para a cama sem prestar a mínima atenção com o que estava fazendo. Não foi até que eu estivesse embaixo do chuveiro, a água muito quente, queimando minha pele, que eu me dei conta de que estava morrendo de frio. Eu tremí violentamente por alguns minutos até que os jatos de água finalmente relaxaram meus musculos rígidos. Então eu fiquei embaixo do chuveiro, cansada demais pra me mexer, até que a água quente começou a acabar.

Eu saí, me envolvi cuidadosamente numa toalha, tentando manter o calor da água para que os tremores não voltassem. Eu me vestí rapidamente pra ir para a cama e me enfiei embaixo do edredon, me curvando até ficar no formato de uma bola, me abraçando para manter o calor. Uns pequenos tremores passaram por mim.

Minha mente ainda estava rodando, cheia de imagens que eu não conseguia entender, e algumas que eu lutei pra reprimir. Nada parecia estar claro no início, mas quanto mais perto eu chegava da inconsciência, mais algumas coisas se tornavam evidentes. Sobre três coisas eu tinha certeza absoluta. Primeira - Edward era um vampiro. Segunda - havia uma parte dele - e eu não sabia o quão poderosa ela poderia ser - que tinha sede do meu sangue.

E terceira, eu estava incondicionalmente e irrevogavelmente apaixonada por ele.

10. INTERROGAÇÕES

Foi muito difícil, de manhã, discutir com a parte de mim que tinha certeza que a noite de ontem havia sido um sonho. A lógica não estava ao meu lado, nem o senso comum. Eu me agarrei ás coisas que eu não podia ter imaginado, como o cheiro dele. Eu estava certe de que não poderia ter inventado isso tudo sozinha.

Estava nebuloso e escuro lá fora, absolutamente perfeito. Ele não tinha motivos pra não ir á

escola hoje. Eu me vestí com roupas pesadas, me lembrando que não estava com meu casaco. Mais uma prova de que eu não estava imaginando coisas.

Quando eu descí, Charlie já tinha ido embora, eu estava mais atrasada do que havia imaginado. Eu engolí uma barra de granola em três mordidas, bebí leite na boca da garrafa, e corrí para a porta. Com alguma sorte a chuva não começaria antes que eu encontrasse Jéssica. Estava mais nebuloso do que o normal; parecia que havia fumaça no ar. A névoa estava muito gelada quando entrou em contato

com as partes expostas do meu rosto e do meu pescoço. Eu mal podia esperar pra ligar o aquecedor na minha caminhonete. A névoa estava tão forte que eu já estava a alguns passos da entrada dos carros quando eu percebí que havia outro carro lá: um

carro

prateado.

Meu coração estrondou, tremeu, e depois voltou a bater duas vezes mais rápido. Eu não ví de onde ele tinha vindo, mas de repente ele estava lá, abrindo a porta pra mim.

- Você quer dar uma volta comigo hoje? - ele perguntou, se divertindo com a minha expressão de surpresa de novo. Havia uma incerteza na voz dele. Ele realmente estava me dando a escolha, eu estava livre para recusar, e parte dele esperava que eu fizesse isso. Ele esperou em vão.

- Sim, obrigada - eu disse, tentando manter minha voz calma. Quando eu entrei no carro quentinho, eu percebí que o seu casaco estava pendurado no banco do passageiro. Ele fechou a porta atrás de mim, e tão rápido quanto era possível, ele já estava sentado a meu lado, ligando o carro.

Eu trouxe o casaco pra você. Eu não queria que você ficasse doente nem nada parecido. Sua voz estava cautelosa. Eu percebí que ele não estava usando casaco nenhum, só uma blusa de tricô cinza-clara com uma gola em formato de V e mangas compridas. De novo, o tecido se ajustava no seu peito perfeitamente musculoso. Era uma homenagem colossal ao seu rosto e eu não conseguia tirar os olhos do seu corpo.

- Eu não sou tão delicada - eu disse, mas coloquei o casaco no meu colo, enfiando os braços nas mangas compridas demais, curiosa pra ver se o cheiro era mesmo tão bom quanto eu me lembrava. Era melhor.

- Não é? - ele contradisse com uma voz tão baixa que eu não tenho certeza se ele queria que eu ouvisse.

Nós dirigimos pela rua encoberta de neblina, indo sempre rápido demais, nos sentindo estranhos. Pelo menos, eu estava. Na noite passada, as paredes tinham desaparecido...quase todas. Eu não sabia se continuaríamos sendo tão

transparentes hoje. Eu sentí minha língua presa. Eu esperei que ele falasse.

Ele se virou sorrindo pra mim. - O que foi? Não tem mais umas vinte perguntas pra mim hoje?

- As minhas perguntas te incomodam? - eu perguntei aliviada por ele ter falado.

- Não tanto quanto as suas reações ás minhas respostas. - Ele parecia estar brincando, mas eu não tinha certeza.

Eu fiz uma careta. - Eu reajo mal?

- Não, e esse é o problema. Você aceita tudo tão naturalmente-não é normal. Me faz imaginar o que você está pensando de verdade.

- Eu sempre te digo o que eu penso.

- Você corta algumas partes - ele acusou.

- Não muitas.

- É o suficiente pra me deixar louco.

- Você não quer ouvir - eu murmurei, quase sussurei. Assim que as palavras sairam, eu me arrependí de ter falado. A dor na minha voz era quase uma dor física; eu só esperava que ele não tivesse reparado.

Ele não respondeu, e eu imaginei se tinha estragado o seu bom humor. Seu rosto era impossível de ler enquanto entrávamos no estacionamento da escola. Um pensamento retardado passou pela minha cabeça.

- Onde está o resto da sua família? - eu perguntei, mais feliz por estar sozinha com ele, mas lembrando que o carro costumava estar sempre cheio.

- Eles vieram no carro de Rosalie. - Ele levantou os ombros enquanto estacionava ao lado de um carro vermelho chamativo conversível e com a capota levantada. - Ostentoso, não é?

- Umm, uau - eu suspirei. - Se ela tem isso, então porque ela vem de carona com você?

- Como eu disse, é ostentoso. Nós tentamos passar despercebidos.

- Vocês não têm muito sucesso. - Eu sorrí e balancei minha cabeça enquanto saíamos do carro. Eu não estava mais atrasada; esse motorista lunático me levou para a escola em tempo suficiente. - Então porque Rosalie veio dirigindo hoje se seria mais notável?

- Você ainda não percebeu? Eu estou quebrando todas as regras agora. - Ele me encontrou na frente do carro e caminhou muito próximo de mim enquanto entrávamos na escola. Eu queria diminuir ainda mais a distância, erguer a mão e tocá-lo, mas eu tinha medo que ele não gostasse.

- Porque vocês têm carros assim? - Eu imaginei em voz alta. - Se vocês procuram privacidade?

- Uma indulgência - ele deu um sorriso sem graça. - Todos nós gostamos de dirigir rápido.

- Dá pra notar - eu murmurei por baixo do fôlego.

Embaixo do telhado de proteção da cafeteria, Jéssica estava me esperando, seus olhos estavam prestes a sair das órbitas. Sobre o braço dela, seja louvada, estava o meu casaco.

- Oi, Jéssica - eu disse quando estávamos a apenas alguns passos de distância. - Obrigada por lembrar. - Ela me passou o casaco sem falar nada.

- Bom dia, Jéssica - Edward disse educadamente. Realmente ele não tinha culpa que a sua voz era tão irresistível. Ou do que os seus olhos eram capazes de fazer.

- Er... Oi. - Ela passou os seus olhos arregalados pra mim, tentando recompor seus pensamentos bagunçados. - Eu acho que a gente se vê na aula de Trigonometria. - Ela me deu uma olhada cheia de significância. Eu prendí um suspiro. O que era que eu ía dizer pra ela?

- É, eu te vejo lá.

Ela foi embora, parando duas vezes pra olhar pra nós por cima do ombro.

- O que você vai dizer pra ela? - Edward sussurou.

- Ei! Eu achava que você não podia ler minha mente! - eu falei por entre os dentes.

- Eu não posso - ele disse assustado. Então o entendimento brilhou nos seus olhos. - Contudo, eu posso ler a dela, e ela está esperando pra te pegar na sala de aula. Eu gemí enquanto tirava o casaco dele e devolvia pra ele, vestindo o meu prórpio. Ele o dobrou nos braços.

- Então, o que você vai dizer pra ela?

- Uma ajudinha? - eu implorei. - O que ela quer saber?

Ele balançou a cabeça, sorrindo estranhamente. - Isso não é justo.

- Não, não compartilhar o que você sabe, isso não é justo.

Ele pensou por um momento enquanto caminhávamos. Nós paramos na porta da sala onde eu ia ter minha primeira aula.

- Ela quer saber se nós estamos namorando em segredo. E ela quer saber o que você sente em relação a mim - ele disse finalmente.

- Maravilha. O que eu devo dizer? - Eu tentei manter minha expressão bem inocente. As pessoas estavam passando por nós a caminho de suas salas, provavelmente olhando pra nós, mas eu não estava prestando atenção neles.

- Hmmmm... - ele pausou para colocar uma mecha do meu cabelo que estava se soltando atrás da minha orelha. Meu coração começou a bater rápido demais. - Eu acho que você deve dizer que sim para a primeira...se você não se incomodar, é mais fácil que dar outras explicações.

- Eu não me incomodo - eu disse com a voz fraca.

- E quanto á outra pergunta...bem, eu vou estar escutando pra ouvir a resposta dessa. - Um dos cantos do seus lábios se levantou colocando o meu sorriso favorito no rosto dele. Eu não conseguí recuperar o meu fôlego a tempo de responder a isso. Ele se virou e foi embora.

- A gente se vê no almoço - ele falou por cima do ombro. Três pessoas que estavam passando pela porta pararam pra olhar pra mim.

Eu corrí pra dentro da sala, envergonhada e irritada. Ele era um traidor. Agora eu estava ainda mais preocupada com o que eu ia dizer para Jéssica.

Eu sentei no meu lugar de sempre, derrubando a minha mochila no chão com raiva.

- Bom dia, Bella - Mike disse na cadeira em frente a minha. Eu olhei pra cima pra ver um rosto estranho, quase resignado. - Como foi em Port Angeles?

- Foi... - não tinha jeito de encontrar uma palavra que descrevesse com honestidade. –

Ótimo - eu terminei insatisfeita. - Jéssica encontrou um vestido lindo.

- Ela te falou alguma coisa sobre Segunda á noite? - ele me perguntou, seus olhos estavam brilhando. Eu sorrí com o rumo que a conversa tinha tomado.

- Ela disse que se divertiu muito - eu garantí pra ele.

- Ela disse? - ele perguntou ansiosamente.

- Definitivamente.

O Sr. Mason pediu ordem na sala, pedindo que nós entregássemos os nossos trabalhos. Inglês e depois História se passaram num sopro, enquanto eu estava preocupada com o que falaria pra Jéssica e agoniada pra saber se ele realmente estaria ouvindo os pensamentos de Jess. O talento dele podia ser bem inconveniente, quando não estava salvando a minha vida. O nevoeiro já tinha se dissolvido quase completamente no fim da segunda aula, mas o dia ainda estava escuro, cheio de nuvens pesadas. Eu sorrí para o céu. Edward estava certo, é claro. Quando eu entrei na aula de Trigonometria, Jéssica já estava sentada, quase se embolando na cadeira de tanta agitação. Eu estava relutante quando me sentei ao lado dela, tentando me convencer de que seria melhor acabar logo com isso de uma vez por todas.

- Me conte tudo! - ela ordenou antes que eu estivesse sentada.

- O que você quer saber? - eu testei.

- O que aconteceu na noite passada.

- Ele me pagou um jantar e depois me levou pra casa.

Ela me encarou, sua expressão estava cética. - Como é que você chegou em casa tão rápido?

- Ele dirige como um louco. Eu fiquei morrendo de medo. - Eu esperava que ele estivesse ouvindo isso.

- Foi tipo um encontro, você pediu pra ele te encontrar lá?

Eu não tinha pensado nisso. - Não, foi muito surpreendente encontrar com ele lá. Ela fez um biquinho por causa do tom honesto da minha voz

- Mas ele foi te buscar em casa hoje? - ela perguntou.

- Sim, isso também me surpreendeu. Ele percebeu que eu estava sem casaco ontem - eu expliquei.

- Então vocês vão sair de novo?

- Ele se ofereceu pra me levar até Seattle no Sábado porque ele acha que o meu carro não consegue chegar até lá, isso conta?

- Conta - ela balançou a cabeça.

- Bom, então, sim.

- U-A-U. - Ela dividiu a palavra em três sílabas. - Edward Cullen.

- Eu sei - eu concordei. 'Uau' não conseguia descrever tudo.

- Peraí - ela levantou as duas mãos, com as palmas na minha direção como se ela estivesse parando o trânsito. - Ele já te beijou?

- Não - eu murmurei. - Não é bem assim.

Ela pareceu desapontada. Com certeza, eu também estava.

- Você acha que Sábado...? - Ela ergueu as sobrancelhas.

- Eu realmente duvido. - O tom triste da minha voz não dava pra ser disfarçado.

- Sobre o que foi que vocês conversaram? - ela me pressionou por mais informações num cochicho. A aula já havia começado mas o Sr. Varner não estava prestando a mínima atenção em nós, e nós não éramos as únicas conversando.

- Eu não sei, Jess, um monte de coisas - eu cochichei de volta. - Nós falamos um pouco sobre o trabalho de Inglês. Pouco, muito pouco. Eu acho que ele mencionou isso de passagem.

- Por favor, Bella - ela implorou. - Me dê alguns detalhes.

- Bom...tudo bem, eu te digo um. Você precisava ter visto a garçonete flertando com ele, foi até um pouco demais. Mas ele não estava prestando nem um pouco de atenção. - Deixe ele pensar o que quiser disso.

- Isso é um bom sinal - ela balançou a cabeça. - Ela era bonita?

- Muito-e provavelmente tinha dezenove ou vinte anos.

- Melhor ainda. Ele deve gostar de você.

- Eu acho que sim, mas é difícil dizer. Ele é sempre tão enigmático. - Eu disse isso para o seu próprio bem, suspirando.

- Eu não sei como você tem coragem suficiente pra ficar sozinha com ele - ela falou.

- Porque? - eu estava chocada, mas ela não entendeu minha reação.

- Ele é tão...intimidante. Eu não saberia o que dizer pra ele.

Ela fez uma careta, provavelmente lembrando dessa manhã ou da noite passada, quando ele usou o poder devastador do seu olhar sobre ela.

- Eu tenho alguns proplemas com minha coerência quando estou perto dele - eu admití.

- Oh, bem. Ele é inacreditavelmente lindo. - Jéssica levantou os ombros como se esse fato apagasse qualquer falha. E, na cabeça dela, provavelmente apagasse.

- Ele é mais que só isso.

- É mesmo? O que mais?

Eu devia ter deixado pra lá. Eu esperava que ele não estivesse falando sério sobre ouvir a conversa.

- Eu não sei explicar direito...mas ele é ainda mais inacreditável por trás do rosto. - Um vampiro que tentava ser bom, que corria pra cima e pra baixo salvando as pessoas pra não se tornar um monstro... Eu olhei para a frente da sala.

- E isso é possivel?

Eu ignorei ela, fingindo que estava prestando atenção no que o Sr. Varner estava dizendo.

- Você gosta dele, então? - ela não ia desistir.

- Sim - eu disse simplesmente.

- Eu quero dizer, você gosta dele de verdade? - ela pressionou.

- Sim - eu disse de novo, corando. Eu esperava que esse detalhe não ficasse gravado na mente dela.

Ela estava cansada de respostas monosilábicas. - Quanto você gosta dele?

- Demais - eu cochichei de volta. - Muito mais do que ele gosta de mim. Mas eu não sei como posso evitar isso. - Eu suspirei, corando uma vez atrás da outra. Então, por sorte, o Sr. Varner chamou Jéssica pra responder uma pergunta. Ela não teve outra oportunidade de tocar no assunto, e assim que o sinal tocou, eu bolei uma tática evasiva.

- Na aula de Inglês, Mike me perguntou o que você tinha achado do passeio de Segunda - eu disse pra ela.

- Você tá brincando! O que foi que você disse?! - ela tentou recuperar o fôlego, completamente alucinada.

- Eu disse que você tinha se divertido muito, ele pareceu satisfeito.

- Me diga exatamente o que ele disse, e o que você respondeu exatamente!

Nós passamos o resto do tempo dissecando frases e Passamos boa parte da uala de Espanhol falando sobre as expressões de Mike. Eu não teriam me demorando tanto explicando elas, mas eu estava com medo que o assunto voltasse pra mim.

E então o sinal tocou para o almoço. Eu pulei da minha cadeira, enfiando os meus livros rapidamente dentro da bolsa, minha expressão deve ter alertado Jéssica.

- Você não vai almoçar com a gente hoje, vai? - ela advinhou.

- Eu acho que não. - Eu não tinha como saber se ele não ia desaparecer convenientemente de novo.

Mas do lado de fora da sala de Espanhol, encostado na parede, parecendo mais um Deus Grego do que uma pessoa tinha o direito de parecer, Edward estava esperando por mim. Jéssica deu uma olhada, revirou os olhos e desapareceu.

- A gente se vê mais tarde, Bella. - A voz dela estava cheia de significado. Eu achei que seria melhor desligar o telefone quando chegasse em casa.

- Olá - a voz dele estava divertida e irritada ao mesmo tempo. Ele estava ouvindo, era óbvio.

- Oi.

Eu não conseguí pensar em outra coisa pra dizer, e ele não disse mais nada, passando o tempo, eu imaginei, então nós ficamos quietos até a cafeteria. Caminhar com Edward pela cafeteria foi como no meu primeiro dia de aula; todo mundo estava me olhando. Ele me guiou até a fila, ainda sem falar, apesar de os seus olhos se virarem pro meu rosto a cada segundo, com uma expressão especulativa. Parecia que a irritação estava se sobressaindo á

diversão. Eu brinquei nervosamente com o zíper do meu casaco.

Ele entrou na fila e começou a encher uma bandeja com comida.

- O que você tá fazendo? Isso tudo é pra mim?

Ele balançou a cabeça, dando um passo á frente para pagar pela comida.

- Metade é pra mim, é claro.

Eu erguí uma sobrancelha.

Ele me guiou para a mesma mesa onde havíamos nos sentado da primeira vez. De outra mesa, um grupo de alunos do último ano olhou pra nós estarrecídos enquanto nos sentávamos na frente um do outro.

Edward parecia obscuro.

- Pegue o que quiser - ele disse, empurrando a bandeja na minha direção.

- Eu estou curiosa. - Eu disse enquanto pegava uma maçã, virando ela nas minhas mãos. - O

que você faria se uma pessoa te desafiasse a comer alguma coisa?

- Você está sempre curiosa. - Ele brincou, balançando a cabeça. Ele olhou pra mim, prendendo o meu olhar enquanto pegava um pedaço de pizza da bandeja, e deliberadamente deu uma mordida grande, mastigou rapidamente, e depois engoliu. Eu observei com os olhos arregalados.

- Se alguém te desafiasse a comer areia, você poderia, não poderia? - ele perguntou. Eu torcí meu nariz. - Eu já fiz isso uma vez...num desafio. Não foi tão ruim. Ele sorriu. - Eu acho que não estou muito surpreso. - Algo acima do meu ombro pareceu chamar a atenção dele.

- Jéssica está analizando tudo que eu faço, ela vai falar com você sobre isso depois. - Ele empurrou o resto da pizza pra mim. A menção do nome de Jéssica pareceu deixá-lo irritado de novo.

Eu coloquei a maçã na mesa e dei uma mordida na pizza, olhando pra longe, sabendo que ele ia começar a falar.

- Então a garçonete era bonita, não era? - ele perguntou casualmente.

- Você realmente não reparou?

- Não. Eu não estava prestando atenção. Eu tinha muitas coisas na cabeça.

- Pobre garota - eu podia me dar ao luxo de ser generosa.

- Algo que você disse pra Jéssica...bem, me incomodou. - Ele se recusava a se distrair. Sua voz estava áspera, e ele olhou por baixo dos cílios com um olhar perturbado.

- Eu não estou surpresa que você tenha ouvido algo de que não tenha gostado. Você sabe o que as pessoa dizem sobre espionar. - Eu avisei.

- Eu te disse que estaria ouvindo.

- E eu te avisei que você não ia querer saber tudo o que eu pensava.

- Você avisou - ele concordou, mas sua voz ainda estava dura. Porém, você não estava precisamente certa. Eu quero saber o que você pensa, tudo. Eu só queria que você não estivesse pensando em ...algumas coisas.

Eu fiz uma cara feia. - Isso é uma distinção.

- Mas não é isso que importa no momento.

- Então o que é? - Nós dois estávamos inclinados sobre a mesa na direção um do outro agora. Suas longas mãos estavam dobradas embaixo do queixo; eu me inclinei para a frente, minha mão direita estava ao redor do meu pescoço. Eu tinha que me lembrar que estávamos numa sala lotada, provavelmente cheia de olhos curiosos. Era fácil demais ficar presa na privacidade da nossa pequena bolha de tensão.

- Você realmente acredita que gosta de mim mais do que eu gosto de você? - ele murmurou, se inclinando pra mais perto enquanto falava, seus olhos dourados eram penetrantes. Eu tentei me lembrar de respirar. Eu tive que olhar pra outro lugar até que ela voltasse.

- Você está fazendo isso de novo - eu murmurei.

Os olhos dele ficaram grandes de supresa. - O que?

- Me deixando deslumbrada - eu admití, tentando me concentrar enquanto olhava pra ele.

- Oh - ele fez uma careta.

- Não é sua culpa - eu suspirei. - Você não consegue evitar.

- Você vai responder a pergunta?

Eu olhei pra baixo. - Sim.

- Sim, você vai responder; ou sim, você realmente acha isso? - Ele estava irritado de novo.

- Sim, eu realmente acho isso. - Eu mantive os meus olhos na mesa, meus olhos traçavam os contornos da mesa de madeira. O silêncio se arrastou. Eu estava teimosamente decidida a não ser a primeira a falar, lutando com a vontade de dar uma espiadinha na expressão dele. Finalmente ele falou, sua voz aveludada estava macia. - Você está errada. Eu olhei pra cima pra ver que seus olhos estavam gentís.

- Você não tem como saber isso - eu discordei num murmúrio. Eu balancei a cabeça em dúvida, apesar das palavras dele terem balançado meu coração e de eu querer tanto acreditar nelas.

- O que te faz pensar isso? - Seus olhos da cor do topázio eram penetrantes, tentando futilmente, eu pensei, tentar a verdade diretamente da minha mente. Eu encarei de volta, tentando pensar claramente a despeito do rosto dele, para achar alguma explicação. Eu procurei as palavras, eu podia vê-lo ficando impaciente; ficando frustrado com o meu silêncio.

Ele estava começando a ficar carrancudo. Eu levantei minha mão do pescoço, e levantei um dedo.

- Me deixe pensar - eu insistí. A expressão dele ficou mais amena, agora que ele sabia que eu estava planejando uma resposta. Eu coloquei minha mão na mesa e movi a mão esquerda para que as duas palmas ficassem juntas. Eu olhei para as minhas mãos, cruzando e descruzando os dedos, e finalmente falei.

- Bem, tirando o óbvio, as vezes... - eu hesitei. - Eu não posso ter certeza - eu

não leio mentes, mas as vezes parece que você está querendo dizer adeus, mas diz outra coisa. - Foi o melhor que eu pude fazer para avaliar a angústia que suas palavras me causavam as vezes.

- É uma questão de perspectiva - ele cochichou. E então lá estava a angústia de novo, sua expressão confirmou os meus medos. - Porém, é exatamente por isso que você está errada. - ele começou a explicar, mas seus olhos reviraram. - O que você quis dizer com 'o óbvio'?

- Bem, olhe pra mim - eu disse desnecessariamente, ele já estava olhando. - Eu sou absolutamente normal, bem, com excessão das experiências de quase-morte e de ser tão atrapalhada que eu quase chego a ser uma inválida. E olhe pra você. - Eu abanei minha mão na direção da sua perfeição desconcertante.

As sobrancelhas dele se uniram por um instante, mas depois se suavizaram quando ele fez uma cara de sabe-tudo.

- Você não se vê muito claramente, sabe. Eu tenho que admitir que você estava certa sobre as experiências de quase-morte - ele sorriu obscuramente, - mas você não ouviu o que todos os seres humanos do sexo masculino nessa escola pensaram de você no seu primeiro dia. Eu pisquei, desnorteada. - Eu não acredito... - eu murmurei pra mim mesma.

- Confie em mim, você não tem nada de comum.

Minha vergonha foi muito maior do que o meu prazer quando eu ví o seu olhar enquanto ele dizia essas palavras. Eu rapidamente me lembrei do assunto original da discursão.

- Mas não sou eu que quero me despedir - eu apontei

- Você não vê? É isso que prova que eu estou certo. Eu me importo mais, se eu não posso fazer isso - ele balançou a cabeça, parecendo lutar contra esse pensamento - Se ir embora é a coisa certa a se fazer, então eu vou me machucar pra não machucar você, pra te manter a salvo. Meus olhos faiscaram na direção dele. - E você acha que eu não faria a mesma coisa?

- Você nunca teria que tomar essa decisão.

Abruptamente, seu humor imprevisível mudou de novo um sorriso travesso,

devastador transformou o seu rosto. - É claro que manter você viva é um trabalho em período integral que requer minha presença constante.

- Ninguém tentou me matar hoje - Eu lembrei ele, feliz com o assunto mais leve. Eu não queria mais falar de despedidas. Se eu tivesse que fazer isso, eu colocaria a minha vida em perigo constante só pra mantê-lo perto... eu baní esse pensamento antes que seus olhos rápidos pudessem lê-los no meu rosto. Essa idéia definitivamente ia me meter em encrenca.

- Ainda - ele adicionou.

- Ainda - eu concordei; eu podia ter discutido, mas agora eu queria que ele estivesse preparado pra enfrentar desastres.

- Eu ainda tenho outra pergunta - seu rosto ainda estava casual.

- Manda.

- Você realmente precisa ir á Seattle esse Sábado ou só está fazendo isso pra ficar longe dos seus admiradores?

Eu fiz uma careta quando lembrei disso. - Você sabe, eu ainda não te perdoei pelo lance com Tyler - eu avisei. - É por sua culpa que ele fica tendo essas ilusões sobre me levar para o baile de fim de ano.

- Oh, ele teria encontrado uma chance de te convidar sem a minha ajuda, eu só queria olhar a sua cara quando ele fizesse isso - ele deu uma gargalhada. Eu teria ficado com mais raiva se o sorriso não fosse tão fascinante. - Se eu tivesse te convidado, você teria me dispensado? - ele perguntou, ainda rindo pra sí mesmo.

- Provavelmente não - eu admití. - Mas eu teria ligado depois pra desmarcar, dizendo que estava doente ou que tinha torcido o tornozelo.

Ele estava confuso. - Porque você faria isso?

Ele pareceu confuso. - Porque você faria isso?

Eu balancei a cabeça tristemente. - Você nunca me viu na aula de Educação física, eu acho, mas se você tivesse visto você entenderia.

- Você está se referindo ao fato de que não consegue andar sobre uma superfície plana e estável sem encontrar algo em que tropeçar?

- Obviamente.

- Isso não seria uma problema - ele disse confiante. - Tudo depende de quem conduz. Ele viu que eu estava prestes a protestar, então me cortou. - Mas você não me disse, você está

resolvida a ir á Seattle ou não se incomodaria se fizessemos algo diferente?

Contanto que o "nós" estivesse envolvido, eu não me importava muito com o resto.

- Eu estou aberta a alternativas - eu deixei. - Mas eu tenho que te pedir um favor. Ele me olhou cauteloso, já que eu havia feito uma pergunta aberta.

- O que é?

- Eu posso dirigir?

Ele fez uma careta. - Porque?

- Bem, pra começar, quando eu disse que ia a Seattle, Charlie me perguntou especificamente se eu ia sozinha, e na época, eu ia. Se ele tivesse perguntado de novo, eu provavelmente não mentiria, mas eu não acho que ele vai perguntar de novo, e deixar o meu carro em casa só vai levantar suspeitas desnecessárias. E também, o seu jeito de dirigir me assusta.

Ele revirou os olhos. - Com todas as coisas que podiam te assustar, você se preocupa com o jeito que eu dirijo. - Ele balançou a cabeça cheio de desgosto, mas então seus olhos ficaram sérios de novo.

- Porque você não contou ao seu pai que passaria o dia comigo? - Havia outro significado nessa pergunta, que eu não conseguí entender.

- Com Charlie, menos é sempre mais - eu estava resolvida sobre isso. - Pra onde vamos afinal?

- O clima vai estar ensolarado, então eu vou me manter londe dos olhares do

público...e você pode ficar comigo se quiser. - De novo, ele estava me deixando escolher.

- E você vai me mostrar o que acontece com o sol? - eu perguntei, excitada com a idéia de ver mais um dos seus segredos sendo revelados.

- Sim - ele sorriu e depois pausou. - Mas se você não quiser... ficar sozinha comigo, eu ainda preferiria que você não fosse á Seattle sozinha. Eu tremo só de pensar nos problemas que você

pode encontrar numa cidade daquele tamanho.

Eu estava zangada. - Phoenix é três vezes maior, só em população. No tamanho físico...

- Mas aparentemente - ele me interrompeu - Você não estava marcada para morrer em Phoenix. Então eu preferiria que você ficasse perto de mim. Seus olhos estavam flamejantes daquele jeito injusto de novo.

Eu não podia discutir, nem com os olhos nem com a motivação, e era uma discussão que eu ia perder do mesmo jeito. - E acontece, que eu não me incomodo de ficar sozinha com você.

- Eu sei - ele suspirou, meditando. - Contudo, eu acho que você devia contar para o Charlie.

- E porque razão eu faria isso?

Seus olhos ficaram ferozes de repente. - Pra me dar um pequeno incentivo pra te trazer de volta.

Eu engolí seco. Mas depois de alguns segundos,minha decisão estava tomada. - Eu acho que vou me arriscar.

Ele exalou o ar com raiva, e desviou o olhar.

- Vamos falar de outra coisa - eu sugerí.

- Sobre o que você quer falar? - ele perguntou. Ele ainda estava aborrecido. Eu dei uma olhada ao nosso redor, me certificando de que ninguém poderia nos

ouvir. Enquanto passava os olhos pelo lugar, meus olhos encontraram os da irmã de Edward, Alice, que estava me observando.

Os outros estavam olhando para Edward. Eu desviei o olhar depressa, olhando pra Edward, e perguntei a primeira coisa que me passou pela cabeça.

- Porque você foi á Pedra da Cabra no último fim de semana...pra caçar? Charlie disse que não é um bom lugar porque lá tem muitos ursos.

Ele me encarou como se eu estivesse deixando passar algum detalhe óbvio.

- Ursos? - Eu engasguei e ele sorriu. - Sabe, não é temporada de ursos - e falei por fora pra esconder o meu choque.

- Se você ler cuidadosamente, as leis impedem as pessoas de caçar com armas de fogo - ele me informou.

Ele observou o meu rosto com prazer enquanto a minha ficha caía.

- Ursos? - eu repetí com dificuldade.

- Grizzly é a espécie favorita de Emmett. - A sua voz ainda estava normal, mas os seus olhos estavam analizando a minha reação.

Eu tentei me recompor.

- Hmmm - eu disse comendo outro pedaço da pizza como uma desculpa pra olhar pra baixo. Eu mastiguei lentamente, e bebi um gole de refrigerante sem olhar pra cima.

- Então - eu disse depois de um momento, finalmente encontrando seus olhos que agora estavam ansiosos. - Qual é o seu favorito?

Ele ergueu uma sobrancelha e os cantos da boca dele se curvaram pra baixo, em desaprovação.

- Leão da Montanha.

- Ah - eu disse num tom de desinteresse educado, olhando para a minha lata de refrigerante.

- É claro - ele disse, com um tom que imitava o meu - Que nós temos que tomar cuidado para não causar um grande impacto no meio-ambiente com as nossas caçadas. Nós tentamos nos manter nas áreas onde os indices predatórios são menores, indo pra tão longe quanto for necessário. Sempre têm muitos veados e alces por aqui, e eles servem, mas onde está a graça nisso?

Ele sorriu me provocando.

- Realmente - eu murmurei mordendo outro pedaço de pizza.

- O começo da primavera é a época de ursos favorita de Emmett, eles estão saindo da hibernação, então eles estão mais irritáveis - ele sorriu se lembrando de alguma piada.

- Nada mais divertido que irritar um urso pardo - eu concordei, balançando a cabeça. Ele sorriu silenciosamente, balançando a cabeça. - Me diga o que você realmente está

pensando, por favor.

- Eu estou tentando imaginar a cena, mas não consigo - eu admití. - Como você caça um urso sem armas de fogo?

- Oh, nós temos armas - ele mostrou seus dentes num breve sorriso ameaçador. Eu lutei contra um arrepio antes que ele me expusesse. - Só que elas não são do tipo que se leva em consideração quando fazem as leis de proibição. Se você já viu um ataque de ursos na televisão, você deve ser capaz de imaginar Emmett caçando.

Eu não conseguí evitar o calafrio que percorreu a minha espinha. Eu olhei pela cafeteria na direção de Emmett, feliz por ele não estar olhando pra mim. Os grossos músculos que envolviam seus braços e o seu torax eram de alguma forma ainda mais ameaçadores agora. Edward seguiu o meu olhar e deu uma gargalhada. Eu olhei pra ele enervada.

- Você é como um urso também? - eu perguntei em voz baixa.

- Mais como um leão, ou pelo menos é o que eles me dizem - ele disse levemente. - Talvez as nossas preferências sejam indicativos.

Eu tentei sorrir. - Talvez - eu repetí. Mas minha cabeça estava cheia de imagens contraditória que eu não conseguia agrupar. - Isso é algo que eu posso ver um dia?

- Absolutamente não! - Seu rosto ficou ainda mais pálido que o natural, e seus olhos estavam furiosos.

Eu me inclinei pra trás, assustada e, apesar de eu nunca ser capaz de admitir pra ele, com medo da sua reação. Ele também se inclinou pra trás, cruzando os braços no peito.

- Assustador demais pra mim? - eu perguntei quando conseguí controlar minha voz de novo.

- Se o problema fosse só esse, eu te levaria lá hoje á noite - ele disse com uma voz cortante.

- Você precisa de uma dose saudável de medo. Nada poderia ser mais beneficial pra você.

- Então porque? - eu pressionei, tentando ignorar a sua expressão de raiva. Ele olhou pra mim por um longo minuto.

- Mais tarde - ele disse finalmente, se levantando com um movimento gracioso. - Nós vamos nos atrasar.

Eu olhei ao redor, alarmada de ver que ele estava certo, e a cafeteria já estava quase vazia. Quando eu estava com ele, o tempo e o espaço eram tão escorregadios que eu acabava perdendo a noção dos dois. Eu me pus de pé num pulo, pegando a minha mochila que estava atrás da cadeira.

- Mais tarde, então - eu concordei. Eu não ia me esquecer.

11. COMPLICAÇÕES

Todo mundo olhou para gente enquanto estávamos andando para nossa mesa no laboratório. Eu notei que ele não mas havia sentado tão longe de mim quanto a mesa o permitia. Ao contrario, ele sentou um tanto perto de mim. Nossos braços quase se tocando. Mr. Barner voltou para dentro da classe então – que precisão de tempo o cara tinha –

empurrando um suporte alto de metal sobre rodas que sustentava uma pesada, antiga TV e um VHS. Uma aula de filme – a animação da atmosfera na classe era quase tocável. Mr. Barner empurrou a fita para dentro do relutante VHS e andou até o outro lado da sala para desligar as luzes.

E então, quando a sala ficou escura, eu repentinamente fique alarmada que Edward estava sentado a menos de uma polegada de mim. Eu estava impressionada com a inesperada eletricidade que passou por mim, fascinada de que eu podia ficar mais perto dele sem correr risco do que eu ficava. Um louco impulso de estender as mãos e toca-lo, de acariciar sua perfeita face só uma vez no escuro, instantaneamente me inundou. Eu apertei meus braços com força sobre meu peito, minha mão cerrada.

Eu estava perdendo minha cabeça.

Os créditos de abertura começaram, iluminando a sala com um pouco de luz. Meu olhos, com sua próprio vontade, olharam para ele. Eu sorri timidamente assim que percebi que sua postura era idêntica a minha, mãos cerradas sobre seus braços, por debaixo de seus olhos, espreitando de lado para mim. Ele sorriu de volta, seus olhos parecendo fogo, mesmo no escuro. Eu olhei para o lado antes de poder começar a respirar rápido. Era absurdamente ridículo que eu podia me sentir tão estonteada assim.

As horas pareciam muito longas. Eu não conseguia me concentrar no filme - eu não sabia nem ao menos sobre qual assunto ele era. Eu tentei, sem sucesso, relaxar, mas a corrente elétrica que parecia vir de algum lugar do corpo dele nunca diminuia. Ocasionalmente eu me permitia olhar rapidamente na direção dele, mas ele também parecia nunca relaxar. O desejo predominante de tocá-lo também parecia nunca murchar, e eu pressionei meus punhos seguramente contra minhas costelas até que meus dedos estivessem doendo do esforço. Eu suspirei de alívio quando Mr. Banner acendeu novamente as luzes no fim da aula, e eu estiquei meus braços em frente a mim, flexionando meus dedos rígidos. Edwad riu ao meu lado.

- Bem, aquilo foi interessante - ele murmurou. Sua voz estava sombria e seus olhos eu cautelosos.

- Hmmm - era tudo que eu conseguia responder.

- Devemos? - ele perguntou, levantando sem estabilidade.

Eu quase gemi. Hora do ginásio. Eu continuei com cuidado, preocupada se meu equilíbrio poderia ter sido afetado pela estranha nova força entre nós.

Ele me acompanhou para minha próxima aula em silêncio e parou na porta; eu virei pra dizer tchau. O rosto dele me encarou - sua expressão estava despedaçada, quase dolorida, e tão cruelmente bonita que a vontade de tocá-lo incendiou-se mais forte do que antes. Meu adeus parou na minha garganta.

Ele levantou sua mão, hesistante, uma luta enfurecendo-se em seus olhos, e então rapidamente roçou um pedaço da minha bochecha com a ponta de seus dedos. Sua pele estava gelada como sempre, mas o rastro que seus dedos deixaram em minha pele era alarmantemente quente - como se eu tivesse sido queimada, mas eu ainda não sentia a dor disso. Ele se virou sem uma palavra e caminhou rapidamente para longe de mim. Eu andei para dentro do ginásio, tonta e hesitante.

Eu fui até o armário do vestiário, vagamente havia outras pessoas me rodeando. Na realidade não estava muito cheio até agora, eu estava segurando uma raquete. Isso não era pesado, mas sentir que era perigoso na minha mão. Eu podia ver algumas crianças da outra turma olhavam-me furtivamente. O treinador Clapp ordenou que nos formássemos times. Piedosamente algum vestígio de cavalheirismo ainda sobrevivia em Mike; ele veio pra o meu lado.

- Você quer entrar no time?

- Obrigada Mike. Sabe que não precisa fazer isso, você sabe disso. - Eu fiz uma careta de desculpa.

- Não se preocupe. Eu vou ficar longe do seu caminho. - Ele sorriu, às vezes é fácil ser como o Mike.

Eu não ia bajular de maneira nenhuma, para acerta-me com a minha raquete e vê o ombro de Mike balançar igualmente.

Eu passei o resto do tempo no canto de trás do quadra, segurando a raquete a salvo atrás das minhas costas.

Apesar de ter sido limitado por mim, Mike era muito bom, ele ganhou três jogos de quatro sozinho. Ele me deu um não merecido gesto de parabéns quando o técnico finalmente assobiou acabando a aula.

- Então - ele disse enquanto nós andávamos para fora da quadra.

- Então o que?

- Você e Cullen, hm? - ele perguntou, seu tom era rebelde. Meu anterior sentimento de afeição desapareceu.

- Isso não é da sua conta, Mike - Eu avisei, internamente amaldiçoando Jessica diretamente para as ardentes chamas de Hades.

- Eu não gosto disso - ele murmurou de qualquer forma.

- Você não tem que gostar - eu rangi os dentes.

- Ele olha pra você como... como se você fosse algo pra comer - ele continuou, me ignorando.

Eu abafei a histeria que ameaçava explodir, mas um pequeno riso amarelo conseguiu sair apesar de meus esforços. Ele olhou com raiva pra mim. Eu virei e escapei para a sala dos armários.

Eu me troquei rapidamente, alguma coisa mais estranha do que borboletas se atacando afobadamente contra as paredes do meu estômago, minha discussão com Mike já em uma memória distante. Eu estava pensando se Edward estaria me esperando, ou se eu deveria encontrá-lo no carro dele.

E se a família dele estivesse lá? Eu senti uma onda de terror verdadeiro. Eles sabiam que eu sabia? Eu deveria saber que eles sabiam que eu sabia, ou não?

Enquanto eu saia da quadra, eu tinha acabado de decidir de andar para casa sem nem ao menos olhar para o estacionamento. Mas meus temores eram desnecessários. Edward estava me esperando, apoiado casualmente contra a parede do ginásio, seu rosto de tirar o fôlego agora tranquilo. Enquanto eu andava para o lado dele, eu senti um peculiar sentimento de alívio.

- Oi - eu respirei, dando um enorme sorriso.

- Olá - seu sorriso de resposta foi brilhante. - Como foi a aula?

Meu rosto caiu um pouquinho. - Bem - eu mentí.

- Mesmo? - ele não estava convencido. Seus olhos viraram rapidamente me olhando por cima do ombro e se estreitaram. Eu olhei pra trás e ví Mike de costas enquanto ele ia embora.

- O que foi? - eu quis saber.

Os olhos dele reencontraram os meus, ainda estreitos. - Newton está começando a me irritar.

- Você estava ouvindo de novo? - o horror me abateu. Todos os traços do meu bom humor desapareceram.

- Como está a sua cabeça? - ele perguntou inocentemente.

- Você é inacreditável! - eu me virei, caminhando a passos largos na direção do estacionamento, apesar de ainda não estar conseguindo andar direito nesse momento. Ele me acompanhou facilmente.

- Foi você quem mencionou que eu nunca havia te visto na aula de Educação física, eu fiquei curioso. - Ele não parecia estar arrependido, então eu ignorei ele.

Nós caminhamos em silêncio, um silêncio furioso, e envergonhado da minha parte, para o carro dele. Mas eu tive que parar á alguns passos de distância, uma multidão de pessoas, todos garotos, estavam cercando ele.

Então eu percebí que eles não estavam cercando o Volvo, na verdade eles estavam cercando o conversível vermelho de Rosalie, cheios de luxúria nos olhos. Nenhum deles sequer olhou pra Edward quando ele passou para abrir a porta dele, eu também entrei rapidamente no carro, também passando despercebida.

- Ostentação - ele cochichou.

- Que carro é esse? - eu perguntei.

- Um M3.

- Eu não falo essa língua.

- É uma BMW - ele revirou os olhos, sem olhar pra mim, tentando dar a ré sem

atropelar os entusiamados por carros.

Eu balancei a cabeça, esse nome eu conhecia.

Ele suspirou. - Você vai me perdoar se eu pedir desculpa?

- Talvez...se você estiver falando sério. E se você prometer que não vai fazer de novo - eu insistí.

Seus olhos de repente estavam astutos. - E se eu estiver falando sério, e se eu deixar você

dirigir Sábado?

Ele analisou as minhas condições.

Eu considerei, e decidí que provavelmente era o melhor que eu podia conseguir. - Fechado - eu concordei.

- Então eu sinto muito por ter te aborrecido - Seus olhos arderam de sinceridade por um momento, brincando com o ritmo do meu coração, e depois ficaram divertidos. - E eu vou estar na porta da sua casa assim que o Sábado começar a brilhar.

- Umm, não ajuda muito na minha situação com Charlie se um Volvo ficar inexplicavelmente largado na entrada.

Seu sorriso estava condescendente. - Eu não pretendia levar o carro.

- Como.

Ele me cortou. - Não se preocupe com isso. Eu vou estar lá, sem carro. Eu deixei pra lá. Eu tinha uma pergunta mais importante.

- Isso já é mais tarde? - eu perguntei significantemente

Ele fez uma careta. - Eu acho que isso é mais tarde.

Eu mantive minha expressão educada enquanto esperava.

Ele parou o carro. Eu olhei pra cima, surpresa, é claro que já estávamos na casa

de Charlie, parados atrás da caminhonete. Quando eu olhei de volta pra ele, ele estava me encarando, me medindo com os olhos.

- E você ainda quer saber porque não pode me ver enquanto eu estou caçando? - Ele pareceu solene, mas eu pensei estar vendo um traço de humor no fundo dos seus olhos.

- Bem - eu esclarecí. - Eu estava pensando mais na sua reação.

- Eu te assustei? - Sim, definitivamente havia humor alí.

- Não - eu mentí, mas ele não acreditou.

- Eu me desculpo por ter te assustado - ele persistiu com um leve sorriso, mas então todos os sinais de brincadeira desapareceram.

- Foi por causa do pensamento de você estar lá...enquanto nós caçamos. - Sua mandíbula se apertou.

- Isso seria ruim?

Ele falou por entre os dentes. - Extremamente.

- Porque...?

Ele respirou fundo e olhou pelo para-brisa para as nuvens grossas que rolavam no céu, tão baixas que pareciam estar ao alcance do toque.

- Quando estamos caçando - ele falou devagar, sem vontade. - Nós nos entregamos aos nossos sentidos...perdemos o controle sobre nossas mentes. Especialmente o olfato. Se você

estivesse em qualquer lugar perto de mim quando eu estivesse descontrolado desse jeito... - Ele balançou a cabeça, ainda olhando sombriamente para as nuvens.

Eu mantive minha expressão firmemente controlada, esperando a rápida olhada que ele logo me daria pra analisar minha reação. Minha expressão não me traiu. Mas os nossos olhsres ficaram presos, o silêncio ficou mais profundo, e mudou. As fagulhas que eletricidade que eu havia sentido essa tarde começaram a

reaparecer enquanto ele olhava impiedosamente para os meus olhos. Eu só percebí que não estava respirando quando minha cabeça começou a ficar pesada. Quando eu soltei o ar, quebrando o gelo, ele fechou os olhos.

- Bella, eu acho que você devia entrar. - Sua voz estava áspera, seus olhos nas nuvens de novo.

Eu abrí a porta, a brisa gelada que entrou no carro ajudou a clarear minha cabeça. Com medo de cair no meu estado de deslumbramento, eu saí cuidadosamente do carro e fechei a porta sem olhar pra trás. O ruído da janela automática se abrindo fez eu me virar.

- Oh, Bella? - ele me chamou, a voz mais uniforme. Ele se inclinou na direção da janela aberta com um fraco sorriso nos lábios.

- Sim?

- Amanhã é minha vez.

- Sua vez de que?

Seu sorriso aumentou, fazendo os dentes brilharem. - Fazer as perguntas. E então ele foi embora, o carro correndo rua abaixo e virando na esquina antes que eu pudesse realinhar meus pensamentos. Eu sorrí enquanto caminhava pra dentro de casa. Estava claro que ele planejava me ver no dia seguinte, se não antes.

Naquela noite, Edward foi o ator principal dos meus sonhos, como sempre. No entanto, o clima do meu inconsciente havia mudado. Eu estava cheia com a mesma eletricidade que havia sentido durante a tarde, e me virava e me enrolava sem parar, acordando várias vezes. Foi só nas primeiras horas da manhã que eu caí num sono exausto, sem sonhos. Quando eu acordei ainda estava cansada, mas afiada. Eu coloquei meu casaco marrom e minha calça jeans, e suspirei sonhando com blusas de alcinhas e shorts. O café da manhã foi exatamente o evento quieto que eu esperava que fosse. Charlie fritou ovos pra ele; eu comí uma tigela de cereais. Eu imaginei se ele tinha esquecido sobre esse Sábado. Ele respondeu a pergunta que eu não fiz enquanto levantava pra colocar o seu prato na pia.

- Sobre esse Sábado... - ele começou, andando pela cozinha e ligando a torneira. Eu gelei. - Sim ,pai?

- Você ainda está pretendendo ir á Seattle? - ele perguntou.

- Esse é o plano - eu fiz uma careta, desejando que ele não tivesse tocado no assunto pra eu não ter que inventar meias verdades.

Ele espremeu um pouco de detergente no prato dele e o esfregou com uma escova. - Você

tem certeza que não voltar a tempo para o baile?

- Eu não vou ao baile, pai - eu esclarecí.

- Ninguém te convidou? - ele perguntou, tentando esconder a sua preocupação com o prato. Eu comecei a andar no campo minado. - É uma escolha das garotas.

- Oh - ele meditou enquanto secava o prato.

Eu sentí simpatia por ele. Deve ser difícil, ser um pai; convivendo com o medo de que sua filha encontre um garoto de quem ela goste, mas também se preocupando por ela não encontrar. Eu imaginei o quanto seria horrível se Charlie soubesse de quem eu gostava. Charlie foi embora nessa hora, com um aceno de adeus, e eu subí pra escovar meus dentes e pegar meus livros. Quando eu ouví a viatura ir embora, eu só tive que esperar alguns segundos para ir espiar pela janela. O carro prateado já estava lá, esperando no espaço de Charlie na entrada.

Eu desci correndo a escada e saí, imaginando quanto tempo essa rotina bizarra ainda duraria. Eu não queria que acabasse nunca.

Ele esperou dentro do carro, parecendo nem ter me visto enquanto eu fechava a porta atrás de mim sem me incomodar em trancar com a chave. Eu caminhei para o carro parando timidamente antes de abrir a porta e entrar.

Ele estava sorrindo, relaxado, e como sempre, o sorriso era lindo e perfeito demais pra explicar.

- Bom dia - sua voz estava aveludada. - Como você está hoje? - Seus olhos examinaram meu rosto, como se a pergunta fosse algo mais que um simples gesto de educação.

- Bem, obrigada. - Eu estava sempre bem, muito mais que bem, quando estava perto dele. Seus olhos se demoraram nos círculos embaixo dos meus olhos. - Você parece cansada.

- Eu não conseguí dormir - eu confessei, automaticamente jogando um pouco de cabelo por cima dos ombros para cobrir um pouco do rosto.

- Eu também não - ele brincou enquanto ligava o motor. Eu estava me acostumando com o ronco suave. Eu tinha certeza que o ronco da minha caminhonete ia me assustar quando eu fosse dirigí-la de novo.

Eu sorrí. - Eu acho que está tudo bem. Eu só dormí um pouco mais que você.

- Eu aposto que sim.

- Então,o que você fez na noite passada? - eu perguntei.

Ele deu uma gargalhada. - Sem chance. Hoje é meu dia de fazer as perguntas.

- A, é mesmo. O que você quer saber? - minha testa se enrugou. Eu não conseguia imaginar alguma coisa sobre mim que pudesse ser interessante pra ele.

- Qual é a sua cor favorita? - ele perguntou, o seu rosto estava sério. Eu revirei os olhos. - Muda todo dia.

- Qual é a sua cor favorita hoje? - Ele ainda estava solene.

- Provavelmente marrom. - Eu tinha a tendência de me vestir de acordo com o meu humor. Ele deu um sopro, a expressão séria desapareceu. - Marrom? - ele perguntou cético.

- Claro, marrom é morno. Eu sinto falta do marrom. Tudo que era pra ser marrom, troncos de árvore, pedras, terra, está coberto de verde aqui - eu reclamei. Ele pareceu fascinado com o meu pequeno discurso. Ele pensou por um momento, olhando nos meus olhos.

- Você está certa - ele decidiu, sério de novo. - Marrom é morno. - Ele se aproximou rapidamente, mas de certa forma ainda hesitante, pra colocar o meu cabelo de volta atrás do ombro.

A essa hora já estávamos na escola. Ele se virou pra mim enquanto colocava o carro na vaga do estacionamento.

- Qual é a música que está tocando no seu CD palyer nesse momento? - ele me perguntou, seu rosto estava tão sombrio como se ele estivesse me perguntando um segredo mortal. Eu me dei conta de que não havia removido o CD que Phil havia me dado. Quando eu disse o nome da banda, ele deu um sorriso torto, uma expressão peculiar nos olhos. Ele abriu um compartimento embaixo do CD player do carro dele, puxou um dos mais de trinta CD's que haviam lá dentro, e me entregou.

- De Debussy pra isso? - ele ergueu uma sobrancelha.

Era o mesmo CD. Eu examinei a capa familiar, mantendo meus olhos virados pra baixo. Nós continuamos assim o dia inteiro. Enquanto ele me acompanhava para a aula de Inglês, quando ele foi me buscar na aula de Espanhol, durante todo o almoço, ele me questionava incessantemente sobre cada detalhe insignificante da minha existência. Filmes que eu gostava e que detestava, os poucos lugares que eu conhecia e os muitos que gostaria de conhecer, e livros, inúmeros livros.

Eu não me lembrava da última vez que havia falado tanto. Mais de uma vez, eu me sentí

envergonhada, certamente eu estava aborrecendo ele. Mas a expressão de extrema concentração, e as perguntas inacabáveis, me forçavam a continuar.

A maioria das perguntas eram fáceis de responder, somente algumas me fizeram corar com muita facilidade.

Como quando ele me perguntou qual era a minha pedra preciosa favorita, e eu respondí que era o topázio sem pensar. Ele fazia tantas perguntas tão depressa que eu me sentia como se estivesse fazendo um daqueles testes psiquiátricos onde você tem que responder com a primeira palavra que vier na sua cabeça. Eu tinha certeza que ele continuaria seguindo a mesma linha de pensamento que ele estava seguinto antes, se eu não tivesse ruborisado. Meu rosto ficou vermelho porque, até pouco tempo atrás, minha pedra preciosa favorita era o Ônix. Era impossível olhar pra os seus olhos da cor do Topázio, e não entender o motivo da troca. E, naturalmente, ele não ia descansar enquanto eu não admitisse porque estava envergonhada.

- Me diga - ele finalmente ordenou depois que a persuasão não deu certo, não deu certo porque eu mantive meus olhos seguramente longe do rosto dele.

- É a cor dos seus olhos hoje - eu suspirei, me rendendo, olhando para as minhas mãos enquanto brincava com uma mecha do meu cabelo. - Eu acho que se você tivesse me feito essa pergunta a duas semanas atrás eu teria dito que era o Ônix. - Eu estava dando mais informações do que era necessário na minha honestidade sem vontade, e eu estava preocupada em trazer a tona aquela raiva que sempre aparecia quando eu demonstrava o quanto estava obsecada por ele. Mas sua pausa foi muito curta.

- Que tipo de flor você prefere? - ele atirou.

Eu suspirei aliviada, e ele continuou com a psicanálise.

Biologia foi uma complicação de novo. Edward continuou com o seu questionário até o Sr. Banner entrar na sala, trazendo o equipamento audio visual com ele. Enquanto o professor se aproximava do interruptor de luz, eu percebí Edward afastar a cadeira dele da minha. Isso não ajudou. Assim que a sala estava escura, houve a mesma fagulha de eletricidade, a mesma vontade irresistível de invadir o pequeno espaço entre nó e tocar a sua pele fria, como ontem. Eu me inclinei para a frente na mesa, descansando o meu queixo nos braços dobrados, meus dedos escondidos estavam agarrando a borda da mesa, enquanto eu tentava lutar com a vontade irracional que me tirava do sério. Eu não olhei pra ele, com medo de que se ele estivesse olhando pra mim, eu tivesse ainda mais dificuldades de me controlar. Eu sinceramente tentei me concentrar no filme, mas no fim eu não tinha a menor ideia do que eu tinha acabado de ver. Eu suspirei aliviada de novo quando o Sr. Banner ligou as luzes, e finalmente olhei pra Edward; Ele estava olhando pra mim com olhos ambivalentes.

Ele se levantou em silêncio e ficou em pé, esperando por mim. Nós andamos para a minha aula de Educação física em silêncio, como ontem. E, também como ontem, ele tocou o meu rosto sem dizer nada, dessa vez com as costas da sua mão fria, alisando o espaço da minha têmpora até a minha mandíbula, antes de se virar e ir embora.

A aula de Educação física passou rapidamente, enquantou eu observava Mike dar um show solo no Badminton. Ele não falou comigo hoje, seja por causa da minha expressão vazia ou porque ele ainda estava com raiva por causa da nossa

discussão de ontem. Em algum lugar, no fundo da minha mente, eu estava me sentindo mal com isso. Mas eu não conseguí me concentrar nele. Eu me apressei pra me trocar depois, doente de ansiedade, sabendo que, quanto mais rápido eu me movesse, mais rápido eu estaria com Edward. A pressão me deixou mais desastrada do que o normal, mas eventualmente eu saí, sentindo o mesmo alívio quando ví ele lá, um largo sorriso automaticamente aparecendo no meu rosto. Ele sorriu em resposta antes de continuar com as perguntas.

Suas perguntas eram diferentes agora, porém, não tão fáceis de responder. Ele quis saber do que eu sentia falta em casa, insistindo pra que eu descrevesse as coisas que não eram familiares pra ele. Nós ficamos sentados na frente da casa de Charlie por horas, enquanto o céu escurecia e a chuva se transformava num dilúvio de repente.

Eu tentei descrever coisas impossíveis de descrever, como o cheiro do creosoto-amargo, um pouco residuoso, mas agradável mesmo assim, o som alto, agudo das cigarras em Julho, a

esterilidade emplumada das árvores, a até o tamanho do céu, com sua extensão azul e branca de horizonte á horizonte, poucas vezes interrompido por montanhas baixas cheias de rochas vulcânicas. O mais difícil de explicar foi porque eu achava bonito, justificar a beleza que não dependia de uma vegetação escassa, espinhosa que as vezes parecia meio morta. Uma beleza que tinha mais á ver com o formato da terra que ficava exposta, com as bacias superficais entre os vales que ficavam entre as colinas escarpadas, e a forma que elas emolduravam o sol. Eu me ví tendo que usar as mãos enquanto explicava isso pra ele. Suas perguntas quietas, tentadoras, me fizeram falar livremente, esquecendo, na luz escassa, de me sentir envergonhada por estar monopolizando a conversa. Finalmente, quando eu havia terminada de descrever o meu quarto bagunçado em casa, ele parou ao invés de fazer outra pergunta.

- Você já acabou? - eu perguntei aliviada.

- Nem perto, mas o seu pai vai chegar logo em casa.

- Charlie! - eu finalmente lembrei de sua existência, e suspirei. Eu olhei para o céu escurecido pela chuva, mas não demonstrei estar sentindo nada.

- Que horas são? - eu me perguntei me voz alta enquanto olhava para o relógio. Eu me surpreendí com a hora, Charlie deveria estar chagando em casa agora.

- É o crepúsculo - Edward murmurou, olhando para o horizonte obscurecido pelas nuvens. Sua voz estava pensativa, como se sua mente estivesse em um lugar distante. Eu olhei pra ele enquanto ele olhava pelo para brisa sem estar enxergando nada.

Eu ainda estava olhando quando ele de repente virou seu olhar para mim.

- É a hora mais segura do dia pra nós - ele disse, respondendo uma pergunta que eu não fiz, mas que estava nos meus olhos. - A hora mais fácil. Mas, também mais difícil, de certa forma...o fim de outro dia, o retorno da noite. A escuridão é tão imprevisível, você não acha? - ele perguntou, sorrindo tristemente.

- Eu gosto da noite. Sem a escuridão não poderiamos ver as estrelas. - eu fiz uma careta. - Não que elas apareçam muito por aqui.

Ele sorriu, o humor abruptamente mais leve.

- Charlie vai chagar em alguns minutos. Então, a não ser que você queira dizer pra ele que estará comigo no Sábado... - ele ergueu uma sobrancelha.

- Obrigada, mas não, obrigada - eu peguei meus livros, me dando conta de que o meu corpo estava rígido pela posição que eu estive sentada por tanto tempo.

- Amanhã é minha vez, então?

- Certamente não! - seu rosto estava com uma expressão de ultraje divertida. - Eu disse que ainda não tinha acabado, não disse?

- O que é que ainda falta?

- Você vai saber amanhã. - Ele se inclinou na minha frente para abrir a porta pra mim, e essa proximidade repentina fez meu coração palpitar loucamente. Mas a mão dele congelou na maçaneta.

- Isso não é bom - ele murmurou.

- O que foi? - eu estava surpresa de ver que sua mandíbula estava apertada, seus olhos perturbados.

Ele olhou pra mim por um breve segundo. - Mais complicações - ele disse

aborrecido. Ele abriu a porta com um movimento rápido, e então se afastou, quase ultrajado, rapidamente pra longe de mim.

O flash dos faróis na chuva chamaram minha atenção enquanto um carro virava na curva, a apenas alguns metros de nós nos encarando.

- Charlie está na esquina - ele avisou, olhando pelo retrovisor para outro veículo. Eu saí rapidamente, a despeito da minha confusão e curiosidade. A chuva estava mais forte enquanto batia no meu casaco.

Eu tentei distiguir as duas sombras que estavam no banco da frente do outro carro, mas estava muito escuro. Eu podia ver Edward iluminado pelo brilho dos faróis do outro carro; ele

ainda estava olhando para a frente, seu olhar estava travado em algo ou alguém que eu não podia ver.

Sua expressão era um estranho misto de frustração e desafio.

Então ele ligou o motor, e os pneus resoaram no asfalto molhado. Dentro de segundos o Volvo já estava fora de vista.

- Ei, Bella - chamou uma voz rouca, familiar que vinha do banco do motorista do pequeno carro preto.

- Jacob? - eu perguntei andando pela chuva. Só então, a viatura de Charlie virou na esquina, os faróis dele iluminando os ocupantes do carro na minha frente. Jacob já estava saindo do carro. Seu sorriso largo e brilhante era visível mesmo na escuridão.

No banco do passageiro havia um homem muito mais mais velho, um homem pesado, com um rosto memorável, um rosto que se transbordava, as bochechas estavam pressionados nos ombros com rugas na pele ruiva, como um casaco velho de couro. E os olhos surpreendentemente familiares, olhos pretos que pareciam ao mesmo tempo jovens demais e velhos demais para aquele rosto largo.

Era o pai de Jacob, Billy Black. Eu o reconhecí imediatamente, mesmo depois de cinco anos e tendo esquecido do nome dele no meu primeiro dia aqui. Ele estava me encarando, estudando meu rosto, então eu sorri tentadoramente pra ele. Seus

olhos estavam arregalados, como se de susto ou de medo, as narinas estavam infladas. Meu sorriso desapareceu. Outra complição, Edward disse.

Billy ainda estava me encarando com olhos intensos, ansiosos. Eu gemí por dentro. Será que Billy reconheceu Edward tão facilmente?

Será que ele realmente poderia acreditar nas lendas impossíveis que o filho dele havia me contado?

A resposta estava clara nos olhos de Billy. Sim. Sim, ele podia.

12. OSCILANDO

- Billy! - Charlie chamou assim que saiu do carro.

Eu virei na direção da casa, convidando Jacob pra entrar enquanto passava pelo portal da entrada. Eu ouví Charlie saudando os dois em voz alta atrás de mim.

- Eu vou fingir que não ví você atrás do volante, Jake - ele disse em tom de desaprovação.

- Nós recebemos as carteiras mais cedo na reserva - Jacob disse enquanto eu destrancava a porta e ligava a luz da varanda.

- Claro que recebem - Charlie riu.

- Eu preciso sair de alguma forma - eu reconhecí facilmente a voz ressonante de Billy, apesar dos anos. O som dela fez com que eu me sentisse mais nova de repente, uma criança. Eu entrei, deixando a porta aberta atrás de mim e acendendo as luzes antes de tirar meu casaco. Então eu fiquei perto da porta, observando ansiosamente enquanto Jacob e Charlie ajudavam

Billy

a

sair

do

carro

e

a

sentar

na

sua

cadeira

de

rodas.

Eu saí do caminho enquanto os três corriam pra dentro, sacudindo a chuva. Isso é uma surpresa Charlie estava dizendo.

- Já faz muito tempo - Billy disse. - Eu espero que esse não seja um momento ruim. - Seus olhos escuros vieram parar em mim de novo. Sua expressão estava ilegível.

- Não, está ótimo. Eu espero que você possa ficar para o jogo.

Jacob sorriu. - Eu acho que esse é o plano, nossa TV quebrou na semana passada. Billy fez uma cara feia para o filho. - E, é claro que Jacob estava ansioso pra ver Bella de novo - ele acrescentou. Jacob fez uma careta e baixou a cabeça enquanto eu tentava lutar contra uma onda de remorso que eu sentí de repente. Talvez eu tenha sido convincente demais na praia.

- Vocês estão com fome? - Eu perguntei, me virando na direção da cozinha. Eu estava ansiosa pra escapar do olhar especulativo de Billy.

- Não, nós acabamos de comer antes de vir pra cá. - Jacob respondeu.

- E você, Charlie? - eu perguntei por cima do meu ombro enquanto virava no corredor.

- Claro - ele respondeu, sua voz vinha da entrada e estava se dirigindo á sala de TV. Eu podia ouvir a cadeira de Billy acompanhando.

Os sanduíches de queijo grelhado estavam na frigideira e eu estava fatiando um tomate quando sentí alguém atrás de mim.

- Então, como vão as coisas? - Jacob perguntou.

- Muito bem - era difícil resistir ao entusiasmo dele. - E você? Já terminou o seu carro?

- Não - ele fez uma careta. - Eu ainda preciso de partes. Nós pegamos aquele emprestado. - Ele apontou com o polegar na direção do quintal na frente de casa.

- Desculpa. Eu não ví nenhum...como era mesmo o nome da peça que você estava procurando?

- Cilindro mestre - ele sorriu. - Tem alguma coisa errada com a caminhonete? - ele acrescentou. - Oh. Eu só estava me perguntando porque você não estava dirigindo ela. Eu olhei pra baixo para a frigideira e levantei a borda de um dos sanduíches pra olhar o lado de baixo. - Eu peguei uma carona com um amigo.

- Bela carona. - Jacob estava admirado. - Contudo, eu não reconhecí o motorista. Eu achei que conhecia a maioria das pessoas daqui.

Eu afirmei com a cabeça, mantendo os olhos baixos enquanto virava os sanduíches.

- Meu pai pareceu reconhecê-lo de algum lugar.

- Jacob, você poderia pegar alguns pratos? Eles estão no armário em cima da pia.

- Claro.

Ele pegou os pratos em silêncio. Eu esperava que ele deixasse pra lá.

- Então, quem era? - ele perguntou, colocando dois pratos no balcão no meu lado. Eu suspirei, vencida. - Edward Cullen.

Para minha supresa, ele riu. Eu olhei pra cima. Ele pareceu um pouco envergonhado.

- Eu acho que isso explica, então - ele disse. - Eu estava imaginando porque meu

pai estava agindo tão estranho.

- É mesmo. - Eu fingí uma expressão inocente. - Ele não gosta dos Cullen.

- Velho supersticioso - ele cochichou por baixo do fôlego.

- Você acha que ele vai dizer alguma coisa pra Charlie? - Eu não conseguí deixar de perguntar, as palavras sairam baixas e apressadas.

Jacob me encarou por um momento, e eu não conseguí entender a expressão nos seus olhos escuros. - Eu duvido - ele finalmente respondeu.

- Eu acho que Charlie já deu uma bela lição nele da última vez. Eles não se falaram muito desde então, hoje é uma espécie de reunião, eu acho. Eu não acho que ele vai falar nisso de novo.

- Oh - eu disse, tentando parecer indiferente.

Eu fiquei na frente da sala depois de levar a comida pra Charlie, fingindo que estava assistindo o jogo enquanto Jacob conversava comigo. Eu estava mesmo era ouvindo a conversa dos homens, procurando por algum sinal de que Billy ia me dedurar, pensando em alguma forma de pará-lo caso ele tentasse.

Foi uma noite longa. Eu tinha dever de casa pra fazer, mas estava com medo de deixar Billy sozinho com Charlie. Finalmente, o jogo acabou.

- Você e seus amigos vão voltar lá na praia logo? - Jacob perguntou enquanto carregava o seu pai pelo limiar da porta.

- Eu não tenho certeza - eu me esquivei.

- Foi divertido, Charlie - Billy disse.

- Volte para o próximo jogo - Charlie encorajou.

- Claro, claro - Billy disse. - Estaremos aqui. Tenha uma boa noite. Seus olhos encontraram os meus. - Se cuide, Bella - ele acrescentou seriamente.

- Obrigada - eu murmurei, desviando o olhar.

Eu fui para a escada enquanto Charlie acenava pra eles na porta.

- Espere, Bella.

Eu congelei. Será que Billy tinha falado alguma coisa antes que eu estivesse na sala?

Mas Charlie estava relaxado, ainda sorrindo pela visita inesperada.

- Eu ainda não tive a chance de falar com você esta noite. Como foi seus dia?

- Bom - eu hesitei com um dos pés no degrau da escada, procurando por detalhes que eu podia compartilhar sem medo. - Meu time de Badminton ganhou todas as quatro partidas hoje.

- Uau, eu não sabia que você jogava Badminton.

- Bem, na verdade eu não jogo, mas o meu parceiro é muito bom - eu admiti.

- Quem é? - ele perguntou interessado.

- Umm, Mike Newton - eu disse relutante.

- Ah, é, você já tinha dito que era amiga dele. - Ele lembrou. - Boa família - ele meditou por um momento. - Porque você não convidou ele pro baile esse fim de semana?

- Pai! - eu gemí. - Ele está meio que namorando com a minha amiga Jéssica. Além do mais, você sabe que eu não sei dançar.

- Ah é - ele murmurou. Depois ele sorriu pedindo desculpas. - Então eu acho que é bom que você vai estar em Seattle no Sábado... Eu fiz planos pra ir pescar com os rapazes lá da delegacia. Tudo indica que o clima estará quente. Mas se você quiser adiar a viagem para esperar até

alguém consiga ir com você, eu posso ficar em casa. Eu sei que te deixo sozinha tempo demais.

- Pai, você está fazendo um ótimo trabalho - Eu sorrí, esperando que o meu alivio não ficasse muito visível. - Eu nunca me importei em ficar sozinha, eu sou muito parecida com você - eu pisquei pra ele e ele deu um sorriso que fez seus olhos enrrugarem. Eu dormí melhor essa noite, cansada demais pra sonhar de

novo. Quando eu acordei na manhã de cor acinzentada, meu humor estava feliz. A noite tensa com Billy e Jacob pareceu inofensiva o suficiente; então eu decidí esquecê-la completamente. Eu me peguei assoviando

enquanto estava prendendo a parte da frente da frente do meu cabelo com um grampo, e depois de novo quando descia as escadas.

Charlie reparou.

- Você está animada esta manhã - ele comentou enquanto tomávamos o café da manhã. Eu levantei os ombros. - Hoje é sexta feira.

Eu me apressei para estar pronta para ir para a escola no segundo que Charlie fosse embora. Eu já estava com a minha mochila pronta, calçada, dentes escovados, mas mesmo correndo para a porta assim que eu tive certeza que Charlie já estava fora de vista, Edward foi mais rápido. Ele estava esperando no seu carro brilhante, com os vidros abaixados, o motor desligado.

Eu não hesitei dessa vez, entrando no lado do passgeiro rapidamente, tudo pra ver o rosto dele mais rápido. Ele mostrou seu sorriso torto pra mim, parando minha respiração e meu coração. Eu não conseguia imaginar como um anjo poderia ser mais glorioso. Não havia nada nele que pudesse ser melhorado.

- Como você dormiu? - ele perguntou. Eu me perguntei se ele tinha noção de como sua voz era atraente.

- Bem. Como foi a sua noite?

- Prazeirosa - Seu sorriso estava divertido; eu me sentí como se estivesse perdendo alguma piada.

- Será que eu posso perguntar o que você fez?

- Não. - Ele sorriu. - Hoje ainda é meu dia.

Hoje ele queria saber mais sobre as pessoas: mais sobre Renée, seus passatempos, o que nós fazíamos no nosso tempo livre. E depois a única avó que eu conhecia, meus poucos amigos da escola, me deixando envergonhada quando me perguntou sobre os garotos que eu havia namorado. Eu estava aliviada por nunca ter namorado, assim essa conversa em perticular não poderia durar muito.

Ele pareceu tão surpreso quanto Jéssica e Angela pela minha falta de vida romântica.

- Então você nunca encontrou ninguém que você quisesse? - ele me perguntou num tom sério que me fez imaginar o que ele estaria pensando.

Eu fui malevolamente honesta. - Não em Phoenix.

Os seus lábios ficaram espremidos numa linha.

Nessa hora nós estávamos na cafeteria. Estava virando rotina o dia passar num sopro. Eu me aproveitei da sua breve pausa para dar uma mordida no meu pão.

- Eu devia ter deixado você vir sozinha hoje - ele disse, sem motivo algum, enquanto eu mastigava.

- Porque? - eu quis saber.

- Eu vou embora com Alice depois do almoço.

- Oh - eu pisquei desconcertada e desapontada. - Está tudo bem. Não é uma caminhada muito longa daqui até em casa.

Ele fez uma careta impaciente pra mim. - Eu não vou fazer você andar até sua casa. Nós vamos pegar a sua caminhonete e deixá-la aqui pra voce.

- Eu não trouxe as minhas chaves - eu suspirei. - Eu realmente não me importo de ir andando. - Eu me importava era de não poder estar com ele.

Ele balançou a cabeça. - Sua caminhonete estará aqui, e a chave estará na ignição, a não ser que você tenha medo que alguém vá roubá-la. - Ele sorriu com o pensamento.

- Tudo bem - eu concordei, torcendo os lábios. Eu tinha certeza de que as minhas chaves estavam no bolso da calça que eu usei na quarta, embaixo de uma pilha de roupas sujas na lavanderia.

Mesmo que ele invadisse minha casa, ou o que quer que ele estivesse planejando, ele jamais encontraria.

Ele pareceu sentir o desafio do meu consentimento. Ele sorriu, confiante demais.

- Então pra onde vocês vão? - eu perguntei tão casualmente quanto pude.

- Caçar - ele respondeu severamente. - Se eu vou estar sozinho com você amanhã, eu vou tomar todas as precauções que puder. - Seu rosto ficou sombrio... e declarador.

- Você ainda pode cancelar, sabe.

Eu olhei pra baixo, com medo do poder persuasivo dos seus olhos. Eu me recusava a ser convenciada a sentir medo dele, não importava quão grande o perigo pudesse ser. Não importa, eu repetí na minha mente.

- Não - eu sussurei. - Eu não posso.

- Talvez você esteja certa - ele murmurou secamente. A cor dos seus olhos pareceu ficar mais escura enquanto eu observava.

Eu mudei de assunto. - Que horas eu te vejo amanhã? - Eu perguntei, já deprimida por ter que deixá-lo ir agora.

- Isso depende...é Sábado, você não quer dormir até tarde? - ele perguntou.

- Não - eu respondí rápido demais. Ele prendeu o riso.

- A mesma hora de sempre, então - ele decidiu. - Charlie vai estar em casa?

- Não, ele vai pescar amanhã - Eu estava radiante pelo rumo conveniente que as coisas tomaram.

O tom de sua voz ficou afiado. - E se você não voltar pra casa, o que é que ele vai pensar?

- Eu não tenho idéia - eu respondí calmamente. - Ele sabe que eu estava querendo lavar as roupas. Talvez ele ache que eu caí dentro da máquina.

Ele fez uma carranca pra mim e eu fiz uma carranca pra ele. A raiva dele era muito mais impressionante que a minha.

- O que você vai caçar hoje? - Eu perguntei depois de perder o concurso de quem

encarava mais.

- Qualquer coisa que encontrarmos no parque. Nós não vamos muito longe - Ele pareceu se divertir com a minha referência casual ao seu segredo.

- Porque você está indo com Alice? - Eu me perguntei.

- Alice é a mais...encorajadora. - Ele fez uma careta enquanto falava.

- E os outros? - eu perguntei timidamente. - O que eles são?

Suas sobrancelhas se uniram por um breve momento. - Incrédulos, em grande parte. Eu espiei rapidamente a sua família atrás de mim. Eles estavam olhando para direções diferentes, exatamente como na primeira vez que eu os ví. Só que agora eles só eram quatro; seu lindo irmão com o cabelo cor de bronze, estava sentado na minha frente, com os olhos confusos.

- Eles não gostam de mim - eu advinhei.

- Não é isso - ele discordou, mas seus olhos eram inocentes demais. - Eles só não entendem porque eu não consigo te deixar sozinha.

Eu fiz uma careta. - Eu também não, por falar nisso.

Edward balançou a cabeça lentamente e revirou os olhos na direção do teto antes de olhar para os meus olhos de novo. - Eu já disse, você não se vê com muita clareza. Você não é como ninguém que já tenha conhecido. Você me fascina.

Eu olhei pra ele, certa de que agora ele estava brincando.

Ele sorriu enquanto decifrava a minha expressão. - Tendo as vantagens que eu tenho - ele murmurou, tocando discretamente na testa. - Eu tenho uma compreensão melhor da mente humana. As pessos são previsíveis. Mas você... você nunca faz o que eu espero. Você sempre me pega de surpresa.

Eu desviei o olhar, meus olhos aterrisando na família dele de novo, envergonhada e insatisfeita. As palavras dele me fizeram parecer uma experiência científica. Eu queria rir de mim mesma por esperar outra coisa.

- Essa parte é fácil de explicar - ele continuou. Eu sentí seus olhos no meu rosto,

mas ainda não conseguia olhar pra ele, com medo que ele percebesse o desespero nos meus olhos. - Mas tem mais... e isso não é fácil de explicar com palavras.

Eu ainda estava olhando para os Cullen enquanto ele falava. De repente, Rosalie, a sua irmã

loira, de tirar o fôlego, se virou pra me olhar. Olhar não, encarar, com olhos escuros e frios. Eu

queria afastar o olhar, mas o olhar dela segurou o meu até que Edward parou no meio de uma frase e fez um barulho raivoso e baixo. Era quase um assobio.

Rosalie virou a cabeça e eu fiquei aliviada por estar livre.

Eu olhei de volta para Edward, eu sabia que ele veria a confusão e o medo que esbugalharam meus olhos.

Seu rosto estava contraído enquanto ele explicava. - Eu sinto muito sobre isso. Ela só está

preocupada. Entenda... não é perigoso apenas pra mim se, depois de passar tanto tempo publicamente perto de você... - ele olhou pra baixo.

- Se?

- Se isso acabar... mal. Ele deixou a cabeça cair nas mãos, como fez naquela noite em Port Angeles. Sua angústia era visível; eu queria confortá-lo, mas eu não tinha idéia de como. Minha mão foi na direção dele involuntariamente; rapidamente, porém, eu deixei ela cair na mesa, temendo que o meu toque só deixasse as coisas piores. Eu percebí lentamente que as palavras dele deviam me assustar. Eu esperei o medo vir, mas tudo que eu conseguia sentir era a dor do seu sofrimento.

E frustração, frustração porque Rosalie interrompeu o que ele estava dizendo. Eu não sabia como voltar ao assunto. Ele ainda estava com a cabeça nas mãos. Eu tentei falar com uma voz normal. - E você tem que ir agora?

- Sim - ele ergueu o resto; estava sério por um momento, e então o seu humor mudou e ele sorriu. - Provavelmente é o melhor a fazer. Nós ainda temos quinze

minutos daquele filme inacabado de Biologia, eu não acho que poderia aguentar mais.

Eu encarei. Alice, seu cabelo preto formava uma auréola ao redor do seu rosto notável, élfico, estava repentinamente atrás dele. Sua leve figura era esbelta, graciosa mesmo estando absolutamente parada.

Ele saudou ela sem desviar os olhos de mim. - Alice.

- Edward. - Sua voz soprano era quase tão atrante quanto a dele.

- Alice, Bella-Bella, Alice - ele nos apresentou, fazendo gestos com a mão casualmente, um sorriso torto nos lábios.

- Olá, Bella - seus olhos eram impossíveis de ler, mas seu sorriso era amigável. - É bom finalmente te conhecer.

Edward deu uma olhada sombria pra ela.

- Oi, Alice - eu disse timidamente.

- Você está pronto? - ela perguntou pra ele.

A voz dele estava indiferente. - Quase. Eu te encontro no carro. Ela foi embora sem outra palavra. Seu caminhar era tão fluido, tão suntuoso que eu sentí

uma leve pontada de inveja.

- Eu devo dizer 'divirta-se' eu seria o sentimento errado? - eu perguntei, virando pra ele de novo.

- Não. 'divirta-se' funciona tão bem quanto qualquer outra palavra - ele sorriu.

- Divirta-se, então - eu fiz o máximo para parecer sincera. É claro que eu não enganei ele.

- Eu vou tentar - ele ainda estava sorrindo. - E você tente se manter em segurança, por favor.

- Ficar segura em Forks, que desafio.

- Pra você isso é um desafio. - Sua mandíbula ficou apertada. - Prometa.

- Eu prometo tentar ficar em segurança - eu recitei. - Eu vou lavar roupa hoje á noite, isso não deve oferecer nenhum perigo.

- Não caia - ele zombou.

- Eu farei meu melhor.

Então, ele se levantou e eu me levantei também.

- Te vejo amanhã - eu suspirei.

- Parece tempo demais pra você, não parece? - ele meditou.

Eu afirmei pesadamente com a cabeça.

- Eu estarei lá pela manhã - ele prometeu, dando seu sorriso torto. Ele se inclinou sobre a mesa para tocar meu rosto, alisando a maçã do meu rosto de novo. Então ele se virou e foi embora. Eu fiquei olhando para ele até que ele foi embora.

Eu estava muito tentada a faltar as aulas restantes, ou pelo menos Educação física, mas um instinto de advertência me impediu. Eu sabia que se eu desaparecesse agora, Mike e os outros iriam presumir que eu estava com Edward. E Edward se preocupava com o tempo que passávamos juntos publicamente...caso algo desse errado.

Eu me recusava a pensar na última possibilidade, me concentrando em fazer as coisas mais seguras pra ele.

Eu intuitivamente sabia, e sentia que ele também, que amanhã seria providencial. Nosso relacionamento não podia continuar se equilibrando, como estava, na ponta de uma faca.

Nós iamos cair de um lado ou de outro, dependendo inteiramente da decisão dele, ou dos seus instintos. Minha decisão estava tomada, eu já havia a tomado mesmo antes de poder escolher e eu estava disposta a ir adiante.

Porque não havia nada mais assustador pra mim, nada mais doloroso, do que o pensamento de me afastar dele.

Não havia possibilidade.

Eu fui para a aula, sentindo que era uma obrigação. Eu honestamente não poderia dizer o que aconteceu em Biologia; minha mente estava ocupada demais pensando em amanhã. Na aula de Educação física, Mike estava falando comigo de novo; ele desejou que eu me divertisse em Seattle. Eu expliquei cuidadosamente que havia cancelado a viagem, preocupada com minha caminhonete.

- Você vai pro baile com Cullen? - sua voz ficou mal-humorada de repente.

- Não, eu não vou ao baile.

- O que você vai fazer, então? - ele perguntou, interessado demais. Minha primeira vontade foi de dizer pra ele não se meter. Inves disso, eu mentí

brilhantemente.

- Lavar roupa, depois eu tenho que estudar para o teste de Trigonometria se não eu vou reprovar.

- Cullen vai te ajudar a estudar?

- Edward - eu enfatizei - não vai me ajudar a estudar. Ele vai viajar pra algum lugar durante fim de semana - As mentiras sairam mais naturalmente, eu reparei surpresa.

- Oh - ele se empertigou. - Você poderia vir para o baile com o nosso grupo, vai ser legal. Nós todos dançaremos com você - ele prometeu.

A imagem mental da cara de Jéssica deixou o meu tom mais áspero do que era necessário.

- Eu não vou para o baile, Mike, tá bem?

- Tá - ele murchou de novo. - Eu só estava oferecendo.

Quando o dia de aula finalmente terminou, eu caminhei para o estacionamento sem entusiasmo. Eu não estava especialmente a fim de ir caminhando pra casa, mas eu não sabia como ele seria capaz de trazer minha caminhonete. De

qualquer forma, eu estava começando a acreditar que nada era impossível pra ele. Meus instintos provaram estar certos, minha caminhonete estava na mesma vaga em que ele tinha estacionado o Volvo esta manhã. Eu balancei a cabeça, incrédula, enquanto abria a porta e via a chave na ignição. Havia um pedaço de papel dobrado no banco. Eu o peguei e fechei a porta antes de lê-lo. Duas palavras estavam escritas com sua letra elegante.

FIQUE SEGURA.

O som do motor ligando me assustou. Eu rí comigo mesma.

Quando eu cheguei em casa, a maçaneta da porta estava trancada, o ferrolho estava aberto, exatamente como eu havia deixado essa manhã.

Já dentro, eu fui direto para a lavanderia. Também parecia exatamente igual a como eu havia deixado de manhã. Eu procurei minha calça e, depois de encontrá-la, procurei nos bolsos. Vazios. Talvez eu tenha levado minhas chaves lá pra cima no fim das contas, eu pensei, balançando a cabeça.

Seguindo o mesmo instinto que me levou a mentir pra Mike, eu liguei pra Jéssica com o pretexto de desejá-la sorte no baile. Quando ela me ofereceu os mesmos desejos na minha tarde com Edward, eu contei que havíamos cancelado. Ela estava mais desapontada do que o necessário para uma pessoa que ia ficar olhando a festa sem se divertir. Eu me despedí rapidamente depois disso.

Charlie estava com a mente ausente durante o jantar, preocupado com alguma coisa do trabalho, eu achava, ou com o jogo de Basquete, ou talvez ele simplesmente tivesse gostado mesmo da lasanha, com Charlie era difícil advinha.

- Sabe, pai... - eu quebrei sua ausência

- O que foi, Bella?

- Eu acho que você está certo sobre Seattle. Eu acho que vou esperar até que Jéssica ou outra pessoa possa vir comigo.

- Oh - ele disse surpreso. - Oh, tudo bem. Então, você quer que eu fique em casa?

- Não, pai, não mude seus planos. Eu tenho um milhão de coisas pra fazer... dever de casa, lavar a roupa... Eu preciso ir á biblioteca e ao supermercado. Eu vou ficar fora o dia todo... vá e se divirta.

- Você tem certeza?

- Absoluta, pai. Além do mais, o estoque de peixe está ficando perigosamente baixo, nós só

temos um estoque para dois ou três anos.

- Com certeza é fácil conviver com você, Bella. - Ele sorriu.

- Eu acho que posso dizer o mesmo de você - eu disse sorrindo. Minha risada estava sem som, mas ele não pareceu reparar.

Eu estava me sentindo tão culpada por estar mentindo pra ele que eu quase seguí o conselho de Edward e contei onde estaria. Quase.

Depois do jantar, eu dobrei as roupas e levei outra pilha para a secadora. Infelizmente, esse é o tipo de trabalho que só ocupa as mãos. Minha mente estava definitivamente tendo tempo demais, e eu já estava ficando fora de controle. Eu flutuei entre uma espera tão intensa que quase chegava a ser dolorosa, e o medo inscidioso que envolvia a minha escolha. Eu tive que continuar me lembrando que eu já havia feito minha escolha, e não ia voltar atrás. Eu tirei seu bilhete do bolso tantas vezes quanto foram necessárias para absorver as duas palavras que ele havia escrevido. Ele me queria a salvo, eu disse pra mim mesma de novo e de novo. Eu só tinha que me segurar á fé de que, no final, esse desejo estaria acima dos outros. E qual era a minha outra opção, tirá-lo da minha vida? Intolerável. Além do mais, desde que eu cheguei á Forks, parecia que minha vida era sobre ele. Mas uma vozinha no fundo da minha mente estava preocupada se doeria muito ...se acabasse mal.

Eu fiquei aliviada quando chegou um horário aceitável pra eu ir dormir. Eu sabia que estava estressada demais pra dormir, então eu fiz algo que nunca fiz antes. Eu deliberadamente tomei remédio pra gripe desnecessariamente, o tipo que me tirava do ar por oito horas. Eu normalmente não toleraria esse tipo de comportamento de mim mesma, mas eu sabia que amanhã já seria um dia complicado sem que eu estivesse voadora por falta de sono. Enquanto eu esperava que os remédios fizessem efeito, eu sequei meu cabelo até que ele

estivesse impecavelmente liso, e procurei pelo que eu vestiria amanhã. Com tudo preparado para amanhã, eu deitei na minha cama. Eu sentia hiperativa; eu não parar de me contrair. Eu me levantei e fucei na minha caixa de sapatos até encontrar uma coleção de CD's com os noturnos de Chopin. Eu o coloquei baixinho e me deitei de novo, concentrando em relaxar as partes do meu corpo individualmente.

Em algum lugar no meio desses exercícios, os remédios fizeram efeito, e eu alegremente fui ficando inconsciente.

Eu acordei cedo, tendo dormido sonoramente e sem sonhos graças ao meu uso desnecessário de remédios.

Apesar de estar bem descansada, eu entrei no mesmo frenesí apressado da noite passada. Eu me vestí com pressa, ajeitando a gola da blusa no meu pescoço, passando os dedos no sweater até que ele ficou bem acima da minha calça. Eu dei uma rápida olhada pela janela pra ver que Charlie já tinha ido embora. Uma fina camada de nuvens macias passeava pelo céu. Não parecia que elas iam durar por muito tempo.

Eu comí o café da manhã sem sentir o gosto da comida, me apressando pra limpar tudo quando eu acabei. Eu olhei pela janela de novo, mas nada havia mudado. Eu tinha acabado de escovar os dentes e estava descendo as escadas quando uma batida baixinha na porta fez meu coração bater com mais nas minhas costelas.

Eu voei para a porta; eu tive uns probleminhas com o ferrolho, mas eu finalmente abrí a porta, e lá estava ele. A agitação se dissolveu assim que eu olhei para o rosto dele, se transformando em calma. Eu dei um suspiro de alívio, os medos de ontem pareciam muito bobos com ele aqui.

Primeiro ele não estava sorrindo, seu rosto estava sombrio. Mas então sua expressão se suavisou quando ele olhou pra mim, e então ele riu.

- Bom dia - ele deu uma gargalhada.

- Qual é o problema? - Eu olhei pra baixo pra ter certeza que não tinha esquecido nada importante como os sapatos, ou as calças.

- Estamos combinando - ele riu de novo. Eu percebí que ele estava usando um

sweater da cor do meu, com uma camisa de gola por baixo, e jeans azuis. Eu rí com ele, escondendo uma pontinha de arrependimento, porque ele tinha que parecer um modelo de passarela quando eu não podia?

Eu tranquei a porta atrás de mim enquanto ele andava para a caminhonete. Ele esperou ao lado da porta do passageiro, com uma expressão martirisada que era fácil de compreender.

- Nós temos um acordo - eu lembrei presumidamente, sentando no banco do motorista e me inclinando no banco para abrir a porta pra ele. - Pra onde? - eu perguntei.

- Ponha o seu cinto de segurança, eu já estou nervoso.

Eu dei uma olhada feia enquanto repetia.

- Pra onde? - eu repetí com um suspiro.

- Pegue a estrada um-zero-um para o norte - ele comandou.

Era surpreendentemente difícil me concentrar na estrada com os olhos dele no meu rosto. Eu compensei dirigindo ainda mais cuidadosamente pela cidade ainda adormecida.

- Você estava planejando voltar á Forks antes do anoitecer?

- Esta velha caminhonete é velha o suficiente pra ser a avó do seu carro, tenha algum respeito. - Eu rebatí.

Em pouco tempo estávamos fora dos limites da cidade, apesar da negatividade dele. Grossos arbustos e árvores com os troncos cobertos de verde substituiam os gramados e as casas.

- Vire á direita na um-dez - ele instruiu bem quando eu estava prestes a perguntar. Eu obedecí silenciosamente. - Agora nós vamos até onde o asfalto termina. Eu podia ouvir um sorriso na voz dele, mas eu estava com medo de sair da estrada e provar que ele estar certo.

- E onde é que dá, quando o asfalto acaba? - Eu imaginei.

- Numa trilha.

- Nós vamos fazer uma caminhada? - graças á Deus que eu estava usando tênis.

- Isso é um problema? - parecia que ele esperava que fosse.

- Não - eu tentei fazer a mentira soar confiante. Mas se ele pensava que minha caminhonete era lenta...

- Não se preocupe. São só uns cinco quilometros, e nós não estamos com pressa. Cinco quilômetros. Eu não respondí para que ele não ouvísse o pânico na minha voz. Cinco quilometros de raízes traiçoeiras e pedras soltas, tentando torcer meu tornozelo ou me incapacitar de alguma forma. Isso ia ser humilhante.

Nós dirigimos em silêncio enquanto eu contemplava o horror que se aproximava.

- O que você está pensando? - ele perguntou impacientemente depois de alguns minutos. Eu mentí de novo. - Só imaginando pra onde estamos indo.

- É um lugar pra onde eu gosto de ir quando o clima está bom. - Nós dois olhamos para as nuvens que estavam afinando depois que ele falou.

- Charlie disse que hoje estaria morno.

- E você contou ao Charlie o que ia fazer? - ele perguntou

- Não.

- Mas Jéssica acha que vamos pra Seattle juntos? - ele pareceu animado com a idéia.

- Não, eu disse pra ela que havíamos cancelado, o que é verdade.

- Ninguém sabe que você está comigo? - agora com raiva.

- Isso depende... eu acredito que você tenha contado pra Alice.

- Isso ajuda muito, Bella. - Ele disparou.

Eu fingí não ouvir isso.

- Forks te deixa tão deprimida que agora você virou suicída? - ele perguntou quando eu ignorei ele.

- Você disse que podia te causar problemas...nós sendo vistos juntos publicamente. - Eu lembrei ele.

- Então você está preocupada com o que pode acontecer comigo, se você não voltar pra casa? - Sua voz ainda estava enraivecida, mas um pouco sarcástica. Eu afirmei com a cabeça, mantendo meus olhos na estrada.

Ele murmurou alguma coisa tão baixa e tão rápido que eu não conseguí entender. Ficamos em silêncio pelo resto do caminho. Eu podia sentir as ondas furiosas de desaprovação que vinham dele, e não conseguia pensar em nada pra dizer. E então a estrada acabou, sendo seguida por uma fina trilha , marcada por um pedaço de madeira. Eu parei no acostamento e desci do carro, preocupada porque ele estava com raiva de mim e eu não tinha mais a estrada como desculpa pra não olhar pra ele. Estava mais quente agora, mais quente do que já esteve em Forks desde o dia que eu cheguei lá, quase mormacento embaixo das nuvens. Eu tirei meu sweater e amarrei na cintura, feliz por ter usado uma camisa leve, sem mangas-especialmente já que eu tinha cinco quilometros de caminhada á minha frente. Eu ouví sua porta bater também, e virei pra ver que ele também tinha tirado o sweater. Ele estava olhando pra longe de mim, para a floresta que estava ao lado da minha caminhonete.

- Por aqui - ele disse, olhando pra mim por cima do ombro, os olhos perturbados. Ele começou a entrar na floresta escura.

- A trilha? - o pânico começou a tomar conta da minha voz enquanto eu dava a volta na minha caminhonete correndo para acompanhá-lo.

- Eu disse que havia uma trilha no fim do caminho, não que íamos usá-la.

- Sem trilha? - eu perguntei desesperadamente.

- Você não vai se perder. - Nessa hora ele se virou pra mim, com um sorriso de zombaria e eu tentei prender um suspiro.

A camisa branca dele era sem mangas, e ele estava usando desabotoada, então a suave pele branca do seu pescoço seguia ininterruptamente até os contornos do seu peito, sua musculatura perfeita não estava mais meramente escondida por

roupas. Ele era perfeito demais, eu me dei conta com uma penetrante sensação de desespero. Não tinha jeito dessa criatura divina ter sido feita pra ficar comigo. Ele olhou pra mim, desconcertado com minha expressão de tortura.

- Você quer voltar pra casa? - ele perguntou baixinho, uma dor diferente da minha saturando a voz dele.

- Não - eu caminhei até ficar ao lado dele, ansiosa pra não desperdiçar nem um segundo do tempo que tinha com ele.

- Qual é o problema? - ele perguntou, sua voz gentil.

- Eu não sou muito boa em caminhadas - eu disse estupidamente. - Você vai ter que ser paciente.

- Eu posso ser paciente, se eu fizer um grande esforço. - Ele sorriu, prendendo o meu olhar, tentando me tirar do meu abatimento inexplicado, repentino.

Eu tentei sorrir de volta, mas o sorriso não foi convincente. Ele analisou me rosto.

- Eu vou te levar pra casa - ele prometeu. Eu não sabia se a promessa era incondicional, ou restrita a uma partida imediata. Eu sabia que ele pensava que era o medo que estava me aborrecendo, e eu estava agradecida de novo por ser a única pessoa cuja mente ele não podia ouvir.

- Se você quer que eu ande cinco quilômetros dentro da floresta antes que o sol se ponha, é

melhor você começar a mostrar o caminho - eu disse acidamente. Ele fez uma careta pra mim, lutando pra entender meu tom e minha expressão.

Depois de um momento ele desistiu e me guiou para a floresta.

Era tão ruim quanto eu temía. O caminho era quase todo plano e ele segurou as samambaias e trepadeiras pra que eu passasse. Quando o caminho ficou fechado por causa de árvores caídas e pedregulhos, ele me ajudou, me levantando pelo cotovelo, e depois me colocando no chão instantaneamente quando o caminho estava limpo. O toque da pele dele não parava de fazer meu coração bater alucinadamente. Duas vezes, quando isso aconteceu, eu olhei para o rosto dele e

me dei conta que ele estava ouvindo, de alguma forma. Eu tentei manter os meus olhos da sua perfeição o máximo que pude, mas eu falhava com frequencia. Todas as vezes, a beleza dele me afundava na depressão. Na maior parte do caminho, nós caminhamos em silêncio. Ocasionalmente, ele me perguntava algo do cotidiano que ele havia deixado passar durante os dois dias de questionário. Ele me perguntou sobre os meus aniversários, minha notas, meus animais de estimação na infância, e eu admití que depois de ter matado três peixinhos, eu tive que desistir da empreitada. Ele sorriu com isso, mais alto do que o normal, como o dobrar de sinos dentro da floresta vazia.

A caminhada me tomou boa parte da manhã, mas ele não mostrou nenhum sinal de impaciência. A floresta se arrastava ao nosso redor como um labirinto de árvores ansiãs, e eu comecei a ficar com medo que ele nunca mais encontrasse o caminho de volta. Ele estava perfeitamente calmo, confortável no labirinto verde, parecendo nunca ter dúvidas em relação á

direção.

Depois de algumas horas, a luz que passava pela copa das árvores se transformou, o tom azeitona se tornou uma cor brilhante de Jade. O dia tinha se tornado ensolarado, exatamente como ele havia dito.

Pela primeira vez desde que entramos na floresta, eu comecei a sentir uma excitação, que logo se transformou em impaciencia.

- Já chegamos? - eu perguntei, fingindo fazer uma carranca.

- Quase - ele sorriu pela mudança no meu humor. - Você vê a claridade alí na frente?

Eu tentei enxergar dentro da vasta floresta. - Umm, eu devia?

Ele brincou. - Talvez seja cedo demais pra os seus olhos.

- Hora de visitar o oculista - eu murmurei. O sorriso dele cresceu ainda mais. Mas então, alguns metros mais á frente, eu definitivamente podia ver uma luminosidade atrás das árvores, um brilho que era amarelo e não verde. Eu apertei o passo, minha ansiosidade crescendo a cada passo. Ele me deixou guiar agora, seguindo silenciosamente. Eu alcancei a borda da piscina de luz e entrei pelas últimas samambaias no lugar mais adorável que já tinha visto. A clareira

era pequena, perfeitamente redonda, e cheia de flores selvagens, violetas, amarelas e de um branco macio. Em algum lugar próximo, eu podia ouvir o som borbulhante de um rio. O sol estava bem á frente, enchendo o círculo com uma

incandescente luz amarela. Eu caminhei lentamente, abobalhada, através da grama macia, das flores e do ar morno, convidativo. Eu dei uma meia volta, esperando compartilhar isso com ele, mas ele não estava atrás de mim onde eu achava que ele estaria. Eu me virei, procurando por ele, alarmada de repente. Finalmente eu encontrei ele, ainda embaixo da densa sombra das copas na borda da clareira, me observando com olhos cuidadosos. Só então eu me lembrei do que tinha me levado alí e que a beleza do lugar havia me feito esquecer, o enigma de Edward e o sol, que ele havia prometido decifrar pra mim hoje. Eu dei um passo na direção dele, meus olhos estavam curiosos. Seus olhos estavam confusos, relutantes. Eu sorrí encorajando e o convidei com a mão, dando outro passo na sua direção. Ele levantou uma mão como num aviso, eu hesitei, dando um passo pra trás nos tornozelos.

Edward pareceu respirar fundo, e então deu um passo dentro da luz brilhante do sol da tarde.

13. CONFISSÕES

Edward na luz do sol era chocante. Eu não conseguia me acostumar com isso, mesmo tendo passado a tarde inteira olhando pra ele. A pele dele, a despeito de uma leve ruborescência pela caçada de ontem, estava literalmente brilhando, como se milhões de pequenos diamantes estivessem cravados em sua superfície. Ele ficou completemente rígido na grama, sua camisa aberta deixava seu peito esculpido, incandescente aparecer, seus braços incandescentes estavam nús. Suas pálpebras brilhantes e pálidas da cor de lavanda estavam fechadas, apesar dele não estar dormindo. A estátua perfeita, talhada em alguma pedra desconhecida, suave como o mármore, e brilhante como o cristal.

De vez em quando, seus lábios se moviam tão rápido que pareciam que estavam tremendo. Mas quando eu perguntei, ele disse que estava cantando pra si mesmo; era baixo demais pra que eu ouvisse.

Eu aproveitei o sol, também, apesar do ar não estar seco o suficiente para o meu gosto. Eu teria gostado de me deitar, como ele, e deixar o sol esquentar meu rosto. Mas eu fiquei enrolada, com o queixo nos meus joelhos, sem querer tirar

os olhos dele. O vento estava calmo; ele assoprou meu rosto e balançou a grama embaixo da sua forma imóvel. A clareira, tão espetacular pra mim antes, agora era feia em comparação com ele. Hesitantemente, sempre com medo, mesmo agora, que ele desaparecesse como uma miragem, bonito demais pra ser real... hesitantemente, eu levantei um dedo e alisei as costas da sua mão brilhante, até onde deu pra alcançar. De novo, eu fiquei maravilhada com a textura perfeita, macia como seda, fria como pedra. Quando eu olhei pra cima, seus olhos estavam abertos, me observando. Seus olhos estava da cor de whisky hoje, mais claros, mais amenos depois da caçada de ontem. Seu rápido sorriso curvou os cantos dos seus lábios perfeitos.

- Eu não te assusto? - ele perguntou de brincadeira, mas eu ouvia a curiosidade por trás da sua voz suave.

- Não mais que o normal.

Seu sorriso cresceu; seus dentes brilharam ao sol.

Eu cheguei mais perto, abrindo minha mão pra tocar os contornos do seu braço com as pontas dos meus dedos. Eu ví que meus dedos tremeram, e eu sabia que ele não deixaria de notar.

- Você se incomoda? - eu perguntei já que ele havia fechado os olhos de novo.

- Não - ele disse sem abrir os olhos. - Você não pode imaginar o que isso me faz sentir - ele suspirou.

Eu passei minha mão suavemente no seu braço, trilhando os contornos dos musculos perfeitos, segui a leve linha das veias em baixo do seu cotovelo. Com minha outra mão, eu virei a mão dele. Se dar conta do que eu queria, ele levantou sua mão em um daqueles movimentos rápidos e desconcertantes dele. Isso me assustou, meus dedos congelaram no braço dele por um breve segundo.

- Me desculpe - ele murmurou. Eu olhei pra cima pra ver seus olhos claros se fechando de novo. - É fácil demais ser eu mesmo quando eu estou com você.

Eu levantei a mão dele, virando ela pra cima e pra baixo enquanto eu observava o brilho do sol cintilar na sua palma. Eu segurei ela mais próxima do meu rosto, tentando ver os detalhes escondidos da pele dele.

- Me diga o que você está pensando - ele sussurou. Eu olhei pra cima pra ver seus olhos me observando, repentinamente atentos. - Ainda é estranho pra mim, não saber.

- Sabe, o resto de nós se sente assim o tempo inteiro.

- É uma vida injusta. - Será que eu imaginei a pontada de arrependimento na voz dele? - Mas você ainda não me disse.

- Eu estava desejando saber o que você estava pensando... - eu hesitei.

- E...?

- Eu estava desejando poder acreditar que você é real. E eu estava desejando não ter medo.

- Eu não quero que você sinta medo - a voz dele era um leve murmúrio. Eu ouví o que ele queria ter dito na verdade, que eu não precisava ter medo, que não havia nada a temer.

- Bem, não é exatamente desse medo que eu estou falando, apesar de que isso realmente é

algo em que eu devia estar pensando.

Tão rápido que eu perdí o movimento, ele estava meio sentado, apoiado no braço direito, sua palma esquerda ainda na minha mão.

Seu rosto angelical estava a apenas alguns centímetros do meu. Eu devo ter - posso ter - me afastado alguns centímetros, assustada com a súbita aproximação, mas eu não consegui me mexer. Seus olhos dourados me hipnotizaram.

- Do que você está com medo, então? - ele sussurou atentamente. Mas eu não consegui responder. Como eu já tinha feito antes, eu senti a sua respiração gelada no meu rosto. Doce, delicioso, o cheiro fez a minha boca encher de água. Não havia nada parecido. Instintivamente, sem pensar, eu me inclinei pra frente para inalar o cheiro. E ele desapareceu, sua mão sumiu da minha. Quando os meus olhos fianlmente ficaram focados, eu percebi que ele estava a uns três metros de distância, de pé na beira da clareira, na sombra de uma enorme árvore. Ele me encarou, seus olhos escuros nas sombras, sua expressão ilegível.

Eu podia sentir a dor e o choque no meu rosto. Minhas mãos vazias tremeram.

- Me...desculpe...Edward - eu sussurei. Eu sabia que ele podia ouvir.

- Me dê um momento - ele respondeu, alto o suficiente apenas para eu ouvir. Eu sentei muito rígida.

Depois de dez segundos incrivelmente longos, ele voltou, devagar demais pra ele. Ele parou ainda a vários passos de distância e se sentou graciosamente no chão, cruzando as pernas. Seus olhos não se desgrudavam dos meus. Ele respirou fundo duas vezes, e então sorriu se desculpando.

- Eu sinto muito - ele hesitou. - Você entenderia se eu dissesse que sou apenas humano?

Eu afirmei com a cabeça uma vez, sem conseguir rir da piada dele. A adrenalida pulsou nas minhas veias quando eu me dei conta do verdadeiro perigo. Ele conseguia sentir isso não importava onde ele se sentasse. Seu sorriso se tornou zombeteiro.

- Eu sou o melhor predador do mundo, não sou? Tudo em mim é convidativo pra você, minha voz, meu rosto e até meu cheiro. Como se eu precisasse disso! - Inesperadamente, ele estava de pé, andando pra longe, instantemente fora de vista, só pra depois aparecer atrás daquela mesma árvore de antes; ele circulou a clareira em meio segundo.

- Como se você pudesse fugir de mim. - Ele sorriu amargamente.

Ele levantou uma mão e, com um crack alto, ele arrancou uma árvore de dois metros de altura com raiz e tudo, sem esforço. Ele segurou ela com uma mão por um momento, e então jogou ela pra longe com uma rapidez impressionante, fazendo com que ela se chocasse contra outra árvore enorme, ela caiu no chão com um barulho incrível fazendo o chão tremer. E ele estava na minha frente de novo, á dois passos de distância, ainda como uma pedra.

- Como se você pudesse me vencer - ele disse gentilmente.

Eu me sentei imóvel, com mais medo dele do que eu jamais sentí. Eu nunca tinha visto ele fora daquela fachada cuidadosamente cultivada. Ele nunca esteve menos humano... ou mais bonito. Com o rosto pálido, olhos arregalados, eu estava sentada como um pássaro preso pelos olhos da cobra.

Seus olhos adoráveis pareciam brilhar com a excitação. Então, quando os segundos passaram, eles foram escurecendo. Sua expressão lentamente foi se transformando numa máscara de tristeza.

- Não tenha medo - ele murmurou, sua voz sedosa era muito atraente mesmo sem essa intenção. - Eu prometo... - ele hesitou. - Eu juro que não vou te machucar. Ele parecia estar mais preocupado em se convencer disso do que a mim.

- Não tenha medo - ele sussurou de novo, enquanto dava um passo á frente, com uma lentidão exagerada. Ele se sentou sinuosamente, com movimentos deliberadamente lentos, até

que os nossos rostos estavam na mesma altura, a apenas uns centímetros de distância.

- Por favor me perdoe - ele disse formalmente. - Eu posso me controlar. Você me pegou de surpresa. Mas eu estou com o meu melhor comportamento agora.

Ele esperou, mas eu não conseguia falar.

- Eu não estou com sede hoje, honestamente - ele piscou pra mim. Com essa eu tive que rir, apesar do som estar tremendo e sem fôlego.

- Você está bem? - ele perguntou delicadamente, levantando a mão lentamente, cuidadosamnete, pra colocá-la de volta na minha.

Eu olhei para a sua mão suave, fria, e então para seus olhos.

Eles estavam suaves, arrependidos. Eu olhei de volta para as suas mãos, e então deliberadamente recomecei a tatear a sua mão com as pontas dos meus dedos. Eu olhei pra cima e sorrí timidamente.

O sorriso dele era deslumbrante.

- Então onde é que nós estavamos, antes de eu me comportar tão rudemente? - ele perguntou com as tendências gentís do início do século.

- Eu honestamente não me lembro.

Ele sorriu mas o seu rosto estava envergonhado. - Nós estávamos falando sobre porque você estava com medo, sem contar as razões óbvias.

- Ah certo.

- Então?

Eu olhei para as mãos dele e tateei á toa na sua palme macia. Os segundos passaram.

- Como eu fico frustrado facilmente - ele suspirou. Eu olhei para os olhos dele, me dando conta abruptamente que isso era tão novo pra ele quanto era pra ela. Assim como muito anos de experiências insondáveis que ele teve, isso era difícil

pra ele também. Eu me encorajei com esse pensamento.

- Eu estava com medo...porque, bem, por razões óbvias, eu não posso ficar com você. E eu tenho medo de querer ficar com você, mais até do que eu devia. - Eu olhei pra baixo para as mãos dele enquanto falava. Era difícil pra mim dizer isso em voz alta.

- Sim - ele concordou lentamente. - Isso é algo pra se temer, realmente. Querer ficar comigo. Esse realmente não é o seu melhor interesse.

Eu fiz uma careta.

- Eu já devia ter ido embora a muito tempo - ele suspirou. - Eu devia ir embora agora. Mas eu não sei se consigo.

- Eu não quero que você vá embora - eu murmurei pacientemente, olhando pra baixo de novo.

- E é exatamente por isso que eu devia ir. Mas não se preocupe. Eu sou uma pessoa essencialmente egoísta. Eu necessito demais da sua companhia para fazer o que eu devia.

- Eu fico alegre.

- Não fique! - Ele retirou a sua mão, mais gentilmente dessa vez; sua voz estava mais grossa que de costume, ainda mais bonita do que qualquer voz humana. Era difícil acompanhar, as mudanças subitas do seu humor sempre me deixavam pra trás, confusa. - Não é apenas da sua companhia que eu necessito! Nunca se esqueça disso. Nunca se esqueça de que eu sou muito mais perigoso pra você do que pra qualquer outra pessoa. - Ele parou e eu olhei pra ele pra ver que ele estava olhando a floresta sem ver nada.

Eu pensei por um momento.

- Eu acho que não entendo o que você quis dizer, sobre a última parte - eu disse. Ele olhou pra mim e sorriu, seu humor mudando de novo.

- Como eu vou explicar? - ele zombou. - E sem assustar você...Hummm. Sem parecer pensar em nada, ele colocou sua mão de volta na minha; eu apertei a mão dele com as minhas duas. Ele olhou para as nossas mãos.

- Isso é incrivelmente prazeroso. O calor - ele suspirou.

Um momento se passou enquanto ele assemelhava seus pensamentos.

- Você sabe como as pessoas gostam de diferentes sabores? - ele começou. - Como alguns gostam de sorvete de chocolate, outros preferem morango?

Eu afirmei com a cabeça.

- Me desculpe pela analogia á comida, eu não conseguia pensar em outra forma de explicar. Eu sorri. Ele sorriu de volta sem graça.

- Entenda, cada pessoa cheira diferente, tem uma essencia diferente. Se você colocasse uma pessoa alcólotra numa sala cheia de cerveja, ela beberia feliz. Mas ela poderia resistir, se ela quisesse, se ela fosse uma alcólica em reabilitação. Agora digamos que você coloca nessa sala uma garrafa de brandy de cem anos, o conhaque mais raro, mais fino, que enche a sala com o seu aroma, como você acha que ela reagiria?

Nós sentamos em silêncio, olhando para os olhos um do outro, tentando ler os pensamentos um do outro.

Ele quebrou o silêncio primeiro.

- Talvez essa não seja a comparação certa. Talvez fosse fácil demais recusar o brandy. Talvez o nosso alcólico devesse ser um viciado em heroína.

- Então, o que você está dizendo é que eu sou a sua injeção de heroína? - eu brinquei, tentando melhorar o clima.

Ele sorriu brevemente, parecendo apreciar meu esforço. - Você é exatamente minha injeção de heroína.

- Isso acontece sempre? - eu perguntei.

Ele olhou para o topo das árvores enquanto pensava na resposta.

- Eu falei com os meus irmãos sobre isso. - Ele ainda olhava pra longe. - Pra Jasper, todos vocês são praticamente iguais. Ele foi o que se juntou á família mais recentemente. A abstinência já é difícil pra ele por si só. Ele ainda não teve

tempo pra desenvolver o olfato, as diferenças do cheiro, no sabor. - Ele olhou rapidamente pra mim, se desculpando. - Desculpe - ele disse.

- Eu não me importo. Por favor, não tenha medo de me ofender, ou me assustar, ou o que quer que seja. É assim que você pensa. Eu posso entender, ou pelo menos tentar. Me explique como puder.

Ele respirou fundo e olhou para o céu de novo.

- Então Jasper não tinha certeza se já tinha cruzado com alguém tão - ele hesitou procurando pela palavra certa - atraente como você é pra mim. O que me faz acreditar que não. Emmett já está nessa a mais tempo, por assim dizer, e ele entendeu o que eu quis dizer. Ele disse que já aconteceu com ele duas vezes, para ele, uma vez foi mais difícil que a outra.

- E com você?

- Nunca.

A palavra ficou pendurada durante um momento na brisa morna.

- O que Emmett fez? - eu perguntei pra quebrar o silêncio.

Foi a coisa errada pra perguntar. Seu rosto obscureceu, a mão dele se apertou no punho dentro da minha. Ele desviou o olhar. Eu esperei, mas ele não ia responder.

- Eu acho que já sei - eu finalmente disse.

Ele levantou os olhos, sua expressão tristonha, implorativa.

- Até o mais forte de nós comete erros, não é?

- Você está pedindo o que? Minha permissão? - minha voz estava mais cortante do que eu pretendia. Eu tentei deixar o meu tom mais suave, eu podia imaginar o que a sua honestidade estaria custando pra ele. - Eu quero dizer, não existem esperanças, então? - Como eu podia discutir a minha morte tão calmamente!

- Não, não - ele estava instantaneamente arrependido. - É claro que há esperança! Digo, é

claro que eu não vou... - Ele não terminou a frase.

Seus olhos queimavam nos meus. - É diferente conosco. Emmett... aqueles eram estranhos que cruzaram o nosso caminho. Foi há muito tempo e ele não tinha tanta... prática e cuidado que tem hoje.

Ele ficou em silêncio me observando atentamente enquanto eu pensava nisso.

- Então... se tivéssemos nos conhecido num beco escuro ou alguma coisa assim... - minha voz falhou.

- Eu fiz tudo o que pudia pra não pular em você no meio de uma sala cheia de crianças e - ele parou abruptamente, desviando o olhar. - Quando você passou por mim, eu podia ter arruinado tudo o que Carlisle construiu pra nós, lá mesmo. Se eu não tivesse renegado a minha sede pelos últimos, bem , muitos anos, eu não teria sido capaz de me refrear. - Ele parou, olhando para as árvores.

Ele olhou pra mim severamente, nós dois lembrando. - Você deve ter pensado que eu estava possuído.

- Eu não conseguia entender porque. Como você poderiame odiar tão rapidamente...

- Pra mim, era como se você fosse uma espécie de demônio, reunindo forças do meu próprio inferno pra me destrir. A fragrância que saia da sua pele... eu pensei que ia me deixar desarranjado naquele primeiro dia. Naquela uma hora, eu pensei em milhões de formas de te tirar da sala comigo, pra que ficássemos sozinhos. E eu lutei com esses pensamentos, pensando na minha família, o que eu podia causar pra eles. Eu tive que sair correndo, pra sair de perto de você

antes de te dizesse as palavras que faria você me seguir...

Então ele olhou pra cima para a minha expressão vacilante enquanto eu tentava absorver memórias amargas. Seus olhos dourados me observavam por baixo dos cílios, hipnoticos e mortais.

- Você teria vindo - ele garantiu.

Eu tentei falar calmamente. - Sem dúvida.

Ele olhou pra baixo para as minhas mãos, me libertando da força do seu olhar. - E então, enquanto eu tentava refazer o meu horário numa tentativa inútil de te evitar, você estava lá, naquela sala pequena, quente, o seu cheiro era enlouquecedor. E então eu quase te ataquei lá. Só

havia uma outra frágil humana lá, fácil de lidar

Eu me arrepiei no sol quente, vendo minhas memórias através dos olhos dele, só agora me dando conta do perigo. Pobre Sra. Cope; eu tremí de novo por saber que por pouco eu não fui a causa da sua morte.

- Mas eu resisti. Eu não sei como. Eu me forcei a não te esperar, a não seguir você depois da escola. Foi mais fácil do lado de fora, quando eu não conseguia mais sentir o seu cheiro, eu consegui pensar claramente, tomar a decisão correta. Eu deixei os outros perto de casa, eu estava envergonhado demais pra contar pra ele o quanto eu era fraco, eles só sabiam que algo estava muito errado, eu fui direto até Carlisle, no hospital, pra dizer pra ele que estava indo embora. Eu o encarei surpresa.

- Eu troquei de carro com ele, o dele estava com o tanque cheio e eu não queria parar. Eu não queria ir pra casa, para enfrentar Esme. Ela não me deixaria ir sem fazer uma cena. Ela teria tentado me convencer de que não era necessário... Na manhã seguinte eu já estava no Alaska. - Ele parecia envergonhado, como se estivesse admitindo uma grande covardia. - Eu fiquei lá dois dias, com alguns conhecidos...mas fiquei com saudades de casa. Eu detestava saber que estava machucando Esme, e o resto deles, minha família adotiva. No ar puro das montanhas era difícil de acreditar que você fosse tão irresistível. Eu me convencí de que era um fraco por ter fugido. Eu lidei com a tentação antes, não nessas proporções, nem perto disso, mas eu era forte. Quem era você, uma garotinha insignificante - ele sorriu de repente - pra me afastar do lugar onde eu queria estar? Então eu voltei... - Ele parou.

Eu não conseguia falar.

- Eu tomei precauções, caçando, comendo mais do que o normal antes que ver você de novo. Eu tinha certeza de que era forte o suficiente pra te tratar como qualquer outra humana. Eu estava sendo arrogante. Era inquestionavelmente uma complicação não poder simplesmente ler a

sua mente pra saber o que você pensava de mim. Eu não estava acostumado a ser

tão indireto, escutando as suas palavras pelos pensamentos de Jéssica... a mente dela não é muito origonal, e era irritante ter que me manter preso áquilo. E depois eu não sabia se você realmente estava pensando as coisas que estava dizendo. Tudo era extremamente irritante. - Ele fez uma careta pela memória. - Eu queria que você esquecesse o meu comportamento no primeiro dia, se possível, então eu tentei falar com você como eu falaria com qualquer pessoa. Eu estava ansioso na verdade, esperando decifrar os seus pensamentos. Mas você era interessante demais, eu me ví

vidrado nas suas expressões... e de vez em quando você esporeava o ar com o cabelo ou com as mãos, e o cheiro me pegava de novo... É claro, depois você quase foi espremida até a morte diante dos meus olhos. Depois eu pensei na desculpa perfeita pra ter feito o que eu fiz naquele momento - porque se eu não tivesse te salvado, seu sangue teria se esparramado bem na minha frente, eu não acho que teria conseguido evitar e teria exposto a nós todos. Mas eu só pensei nessa desculpa depois. Naquela hora, tudo o que eu conseguia pensar era ‘ela não'. Ele fechou os olhos, perdido em sua confissão agonizante. Eu escutei, mais ansiosa do que era racional. Meu senso comum devia me dizer pra ficar assustada. Mas ao invés disso, eu estava aliviada por finalmente entender. Eu estava cheia de compaixão pelo seu sofrimento, mesmo agora, enquanto ele confessava que queria tirar minha vida.

Eu finalmente consegui falar, apesar da minha voz estar fraca. - No hospital?

Seus olhos vieram parar nos meus. - Eu estava intimidado. Eu não conseguia acreditar que tinha exposto a nós todos daquela forma, me colocado na sua mão, você entre todas as pessoas. Como se eu precisasse de outro motivo pra te matar. - Nós dois enrijessemos quando a palavra escapuliu. - Mas teve o efeito oposto - ele continuou rapidamente. - Eu briguei com Rosalie, Emmett, e com Jasper quando eles sugeriram que essa era a hora... foi a pior briga que já

tivemos. Carlisle ficou do meu lado, e Alice. - Ele fez uma cara estranha quando disse o nome dela. Eu não podia imaginar o porquê. - Esme me disse pra fazer o que eu tivesse que fazer pra ficar. - Ele balançou a cabeça indulgentemente. - No dia seguinte eu espionei as mentes de todas as pessoas que falavam com você, chocado por você ter mantido sua palavra. Eu não entendia nem um pouco. Mas eu sabia que não podia me envolver nem mais um pouco com você. Eu fiz o que pude pra ficar tão longe de você quanto era possível. E todos os dias o perfume da sua pele, sua respiração, seu cabelo... tudo era tão apelativo quanto no

primeiro dia. Ele encontrou meus olhos de novo, e ele estava surpreendentemente carinhoso.

- E por tudo isso - ele continuou. - Eu teria feito muito melhor se eu tivesse expostos a todos nós naquele primeiro momento, do que aqui, sem testemunhas e ninguém pra me parar, eu ia te machucar.

Eu era humana o suficiente pra ter que perguntar. - Porque?

- Isabella - ele pronunciou meu nome inteiro cuidadosamente, e então começou a brincar com o meu cabelo com a mão que estava livre. Como sempre, um choque correu no meu corpo quando ele me tocou. - Bella, eu não conseguiria viver comigo mesmo se eu te machucasse. Você

não sabe como isso me torturou. - Ele olhou pra baixo, envergonhado de novo. - O pensamento de você, rígida, branca, fria... nunca mais ver você ficar corada de novo, nunca mais ver esse flash de intuição que passa nos seus olhos quando você desvenda uma das minhas pretensões... isso seria insuportável. - Ele levantou seus olhos gloriosos, agonizantes para os meus. - Você é a coisa mais importante pra mim agora. A coisa mais importante que eu já tive. Minha cabeça estava rodando pela rapidez que a nossa conversa mudou de rumo. Do alegre tópico do meu falecimento impedido, nós de repente estavamos nos declarando. Ele esperou, e mesmo estando com a cabeça baixa, olhando para as nossas mãos, que estavam entre nós, eu sabia que seus olhos dourados estavam em mim. - Você já sabe como eu me sinto, é claro - eu disse finalmente. - Eu estou aqui... que, traduzindo, significa que eu preferiria morrer do que ficar longe de você. - Eu fiz uma careta. - Eu sou uma idiota.

- Você é uma idiota - ele concordou sorrindo. Nossos olhos se encontraram e eu sorri também. Nós sorrimos juntos pela idiotice e impossível felicidade do momento.

- E então o leão se apaixona pelo cordeiro... - ele murmurou. Eu escondí meus olhos pra não mostrar o quanto eles haviam ficado felizes com a palavra.

- Que cordeiro idiota - eu suspirei.

- Que leão doente e masoquista - Ele olhou para a floresta cheia de sombras e eu fiquei imaginando onde seus pensamentos haviam o levado.

- Porque...? - eu comecei, e então parei por não saber como continuar. Ele olhou pra mim sorrindo; o sol cintilava no seu rosto, nos seus dentes.

- Sim?

- Me diga porque você corria de mim antes.

Seu sorriso desapareceu. - Você sabe porque.

- Não, eu digo, o que exatamente eu fiz de errado? Eu terei que ficar de guarda, sabe, pra aprender melhor o que eu devo fazer. Isso, por exemplo - eu alisei as costas da mão dele - parece ser normal.

Ele sorriu de novo. - Você não fez nada de errado, Bella. Foi minha culpa.

- Mas eu quero ajudar, se puder, pra não fazer isso ser ainda pior pra você.

- Bem - ele pensou por um momento. - É só que você estava muito perto. A maioria dos humanos é instintivamente timida perto de nós, são repelidos pela nossa alienação... Eu não estava esperando que você chegasse tão perto. E o cheiro da sua garganta. - Ele parou de repente, olhando pra ver se tinha me aborrecido.

- Tudo bem, então - eu disse alegremente, tentando aliviar a atmosfera tensa que surgiu. Eu abaixei o queixo. - Nada de expor a garganta.

Funcionou; ele riu. - Não, de verdade, foi mais a surpresa do que qualquer outra coisa. Ele ergueu a mão livre e a encostou no meu pescoço. Eu sentei muito rígida, os arrepios pelo seu toque eram um aviso natural, um aviso natural me dizendo pra sentir medo. Mas não havia nenhum pouco de medo em mim. Haviam, no entanto, outros sentimentos...

- Veja - ele disse. - Perfeitamente normal.

Meu sangue estava correndo, eu desejei poder pará-lo, sentindo que isso iria tornar as coisas tão mais difíceis, o pulsar das minhas veias. Com certeza ele podia ouvir.

- As suas bochechas coradas são adoráveis - ele murmurou. Ele gentilmente livrou a sua outra mão. Minhas mãos cairam moles no meu colo. Ele alisou

suavemente as minhas bochechas, e então segurou o meu rosto entre suas mãos de mármore.

- Fique bem parada - ele murmurou, como se eu já não estivesse congelada. Lentamente, sem tirar os olhos dos meus, ele se inclinou na minha direção. Então abruptamente, mas muito gentilmente, ele descansou a sua bochecha gelada na base da minha garganta. Eu estava quieta, impossibilitada de me mexer, mesmo quando eu queria. Eu escutei o som da sua respiração uniforme, olhando o sol e o vento bricarem com o seu cabelo cor de bronze, mais humano do que qualquer outra parte dele.

Com deliberada lentidão, suas mãos escorregaram pelos lados do meu pescoço. Eu tremi, e ouvir ele prender a respiração. Mas suas mãos não pararam e continuaram descendo até os meus ombros, e então pararam.

Seu rosto virou para o lado, seu nariz explorando a minha clavícula. Ele descansou o seu rosto carinhosamente no meu peito.

Escutando o meu coração.

- Ah. - Ele suspirou.

Eu não sei quanto tempo nós ficamos sem nos mexer. Podem ter sido horas. Eventualmente, o pulsar das minhas veias se aquietou, mas ele não se mexeu ou falou de novo enquanto me abraçava. Eu sabia que á qualquer momento aquilo podia ser demais, e minha vida acabaria, tão rapidamente que eu nem ia reparar. E eu não conseguia me fazer ficar com medo. Eu não conseguia pensar em nada, exceto que ele estava me tocando.

E então, cedo demais, ele me soltou.

Seus olhos estavam em paz.

- Não vai mais ser tão difícil - ele disse com satisfação.

- Foi muito difícil pra você?

- Nem de perto foi tão difícil quanto eu imaginava que seria. E você?

- Não, não foi ruim pra mim.

Ele sorriu com a minha flexão. - Você sabe o que eu quero dizer. Eu sorrí.

- Aqui - ele pegou minha mão e colocou no peito dele. - Você sente como está quente?

E a sua pele geralmente gelada, estava quase quente. Mas eu mal reparei, porque estava alisando o seu rosto, algo que eu sonhava em fazer constantemente desde o primeiro dia que eu o ví.

- Não se mova - eu sussurei.

Ninguém conseguia ficar tão rígido quanto Edward. Ele fechou os olhos e ficou imóvel como uma pedra, uma rocha embaixo da minha mão.

Eu me moví anda mais lentamente que ele, tomando cuidado pra não fazer movimento brusco. Eu acariciei sua bochecha, delicadamente alisei suas pálpebras, os círculos roxos embaixo dos olhos dele. Eu tracei o formato perfeito do seu nariz, e então, muito cuidadosamente, os seus lábios perfeitos. Seus lábios se abriram embaixo do meu toque, e eu podia sentir seu hálito frio na minha mão. Eu queria me inclinar, para sentir o cheiro. Então, eu me inclinei pra longe, sem querer forçá-lo demais.

Ele abriu seus olhos, e eles estavam famintos. Não de uma maneira que me fazia ter medo, mas sim da maneira que fez os musculos do meu estômago se contrairem e o meu pulso ficar acelerado de novo.

- Eu queria - ele sussurou. - Eu queria que você sentisse a...complexidade... a confusão... que eu sinto. Queria que você pudesse entender.

Ele ergueu uma mão para o meu cabelo, e então cuidadosamente espalhou ele ao redor do meu rosto.

- Me diga - eu suspirei.

- Eu não acho que posso. Eu já te disse, de um lado a fome, a sede, que essa criatura deplorável que eu sou sente por você. E eu acho que você consegue compreender isso, de uma certa forma. Apesar de que - ele deu um meio sorriso - Como você não é viciada em nenhuma substancia ilegal, você provavelemente não pode enfatizar completamente.

- Mas... - seus dedos tocaram levemente os meus lábios, me fazendo tremer de novo. - Existem outras fomes. Fomes que eu nem sequer entendo, que são estranhas pra mim.

- Eu acho que entendo isso melhor do que você imagina.

- Eu não estou acostumado a me sentir tão humano. É sempre assim?

- Pra mim? - eu pausei. - Não, nunca. Nunca antes disso.

Ele segurou minhas mãos entre as suas. Elas pareciam tão fracas sob o seu aperto de aço.

- Eu não sei como ficar perto de você - ele admitiu. - Eu não sei se consigo. Eu me inclinei bem lentamente, avisando ele com o meu olhar. Eu coloquei minha bochecha no seu peito de pedra. Eu podia ouvir sua respiração, e nada mais.

- Isso é suficiente - eu suspirei, fechando os olhos.

Num gesto muito humano, ele passou um braço por mim e descançou seu rosto no meu cabelo.

- Você é melhor nisso do que pensava - eu notei.

- Eu tenho instintos humanos, eles podem estar enterrados bem no fundo, mas estão lá. Nós sentamos nessa posição por outro momento sem fim; eu imaginei se ele estava tão sem vontade de se mexer quanto eu. Mas eu podia ver que a luz estava desaparecendo, as sombras da floresta estavam começando a se aproximar de nós, e eu suspirei.

- Você tem que ir.

- Eu pensei que você não podia ler minha mente.

- Ela já está começando a ficar mais clara - eu podia ouvir o sorriso na voz dele. Ele segurou meus ombros e eu olhei pra o rosto dele.

- Eu posso te mostrar uma coisa? - ele pediu, uma excitação repentina brilhando nos olhos dele.

- Me mostrar o que?

- Como eu ando pela floresta. - Ele viu minha expressão. - Não se preocupe, você estará

segura, e chegaremos na sua caminhonete muito mais rápido. - Sua boca se contorceu naquele sorriso torto tão lindo e meu coração quase parou.

- Você vai se transformar num morcego? - eu perguntei brincando. Ele riu mais alto do que eu jamais tinha ouvido ele sorrir. - Como se eu nunca tivesse ouvido essa antes.

- Claro, eu tenho certeza que você ouve isso o tempo todo.

- Vamos lá, pequena covarde, suba nas minhas costas.

Eu esperei pra ver se ele estava brincando, mas, aparentemente, ele estava falando sério. Ele sorriu quando viu minha hesitação, e veio me pegar. Meu coração reagiu; apesar dele não poder ouvir ouvir meus pensamentos, minhas pulsações sempre me denunciavam. Ele então me colocou nas costas dele, com muito pouca resistência da minha parte, além do mais, quando eu estava no meu lugar, eu agarrei ele com tanta força com meus braços e pernas que eu teria sufocado uma pessoa normal. Eu senti que estava agarrando uma pedra.

- Eu sou uma pouco mais pesada do que a sua bagagem normal - eu avisei.

- Hah - ele zombou. Eu quase podia ver seus olhos revirando. Eu nunca ví ele com tão bons espíritos quanto hoje.

Ele me surpreendeu, segunrando a minha palma contra o rosto dele e cheirando profundamente.

- Cada vez fica mais fácil - ele murmurou.

E então ele começou a correr.

Se alguma vez eu já tive medo da morte antes na presença dele, isso não era nada comparado ao que eu sentia agora.

Ele corria na escuridão, entre os arbustos da foresta como uma bala, um

fantasma. Não havia nenhum som, nenhuma evidência de que seus pés estavam realmente tocando o chão. A respiração dele não mudou, ela não denunciava nenhum esforço. Mas as árvores passavam mortalmente rápidas por nós, sempre nos perdendo por pouco.

Eu estava assutada demais pra fechar os olhos, apesar do vento da floresta estar passando rapidamente pelo meu rosto e queimando eles. Eu sentí que estava estupidamente colocando a minha cabeça pra fora de um avião em pleno vôo. E, pela primeira vez na minha vida, eu sentí

nauseas por causa do movimento.

Então estava acabado. Nós tínhamos caminhado durante horas pela manhã para chegar até

a clareira de Edward, e agora, em questão de minutos, estávamos de volta á caminhonete.

- Divertido, não é? - A voz dele estava alta, excitada.

Ele permaneceu em pé sem se mexer, esperando que eu descesse. Eu tentei, mas meus musculos não respondiam.

Meus braços e pernas continuaram trancados ao redor dele enquanto minha cabeça girava desconfortavelmente.

- Bella? - ele perguntou, ansioso agora.

- Eu acho que preciso me deitar agora - eu gaguejei.

- Oh, desculpe. - Ele esperou por mim, mas eu ainda não conseguia me mexer.

- Eu acho que preciso de uma ajudinha - eu admití.

Ele sorriu baixinho e gentilmente soltou o meus braços de seu pescoço. Não havia como resitir ao poder da sua força de aço.

Então ele me puxou pra encará-lo, me segurando nos braços como uma criança pequena. Ele me segurou por um momento e então me colocou na grama primaveríl.

- Como você se sente? - ele perguntou.

Eu não tinha muita certeza das coisas quando minha cabeça estava girando. - Tonta, eu acho.

- Ponha a cabeça entre os seus joelhos.

Eu tentei isso, e ajudou um pouco. Eu respirei devagar, ainda mantendo minha cabeça bem parada. Eu sentí ele se sentando do meu lado. Os segundos passaram, e finalmente, eu descobri que podia levantar a cabeça. Haviam um sino tocando nos meus ouvidos.

- Eu acho que essa não foi a melhor idéia - ele zombou.

Eu tentei ser positiva, mas minha voz estava fraca. - Não, foi interessante.

- Hah! Você está branca feito um fantasma, você está branca que nem eu.

- Eu devia ter fechado os olhos.

- Lembre-se disso na próxima vez.

- Próxima vez! - eu gemí.

Ele riu, seu humor ainda estava radiante.

- Exibido - eu sussurei.

- Abra seus olhos, Bella - ele disse baixinho.

E ele estavá lá, seu rosto bem perto do meu. Sua beleza fascinou minha mente, era demais, um excesso ao qual eu não conseguia me acostumar.

- Eu estava pensando, enquanto eu estava correndo... - Ele parou.

- Em não bater nas árvores, eu espero.

- Bella boba", ele gargalhou. - Correr é minha segunda natureza, não há nada o que pensar.

- Exibido - eu sussurei de novo.

Ele sorriu.

- Não - ele continuou. - Eu estava pensando que há algo que eu quero tentar. - E então ele pegou meu rosto nas mãos de novo.

Eu não conseguia respirar.

Ele hesitou, não do jeito normal, do jeito humano.

Não do jeito que o homem hesita quando vai beijar uma mulher, pra ver a reação dela, pra ver se ele seria recebido. Talvez ele hesitasse pra prolongar o momento, o momento ideal da antecipação, que as vezes era melhor do que o beijo em si.

Edward hesitou pra se testar, pra ver se isso era seguro, pra ter certeza que ele ainda poderia se controlar se precisasse.

E então seus lábios gelados, de mármore se pressionaram nos meus. Nenhum de nós estava preparado para a minha resposta.

O sangue queimou embaixo da minha pele, queimou nos meus lábios. Minha respiração saiu num suspiro selvagem.

Meus dedos se fecharam nos cabelos dele, apertando ele contra mim. Meus lábios se abriram enquanto eu respirava o seu cheiro forte.

Imediatamente eu senti ele se tornar uma pedra sem resposta sob meus lábios. Suas mãos gentís, mas com uma força iresistível, afastaram meu rosto. Eu abri meus olhos e vi a sua expressão cuidadosa.

- Ooops - eu respirei.

- Isso é uma declaração.

Seus olhos estavam selvagens, sua mandíbula estava fechada com uma força aguda, mas nem isso modificou suas feições perfeitas. Ele segurou meu rosto a apenas alguns centímetros do seu. Ele me fascinou com seus olhos.

- Será que eu posso...? - eu tentei me soltar, pra dar um pouco de espaço pra ele. As mãos dele não permitiram que eu me movesse nem um centímetro.

- Não. Isso é intolerável. Espere um momento, por favor. - Sua voz estava educada, controlada.

Eu mantive meus olhos nos seus, observei enquanto a excitação neles se esvaia e eles ficavam gentís.

Então ele deu um sorriso surpreendentemente travesso.

- Pronto - ele disse, obviamente satisfeito consigo mesmo.

- Tolerável? - eu perguntei.

Ele riu alto. - Eu sou mais forte do que pensava. É bom saber.

- Eu queria poder dizer o mesmo. Me desculpe.

- Você é apenas humana, no final das contas.

- Muito obrigada - eu disse.

Com um dos seus movimentos leves, quase invisíveis, ele ficou de pé. Ele segurou sua mão pra mim, um gesto inesperado.

Eu estava muito acostumada ao tratamento cuidadoso do não-toque. Eu segurei sua mão gelada, precisando mais de apoio do que eu esperava.

Meu equilíbrio ainda não havia voltado.

- Você ainda está tonta pela corrida? Ou foi minha habilidade com beijos? - Como ele pareceu frívolo, humano quando riu agora. Seu rosto angelical estava sem preocupações. Era um Edward diferente do que eu conhecia. E eu me sentia muito mais atraída a ele. Me separar dele agora teria me causado dor física.

- Eu não tenho certeza, eu ainda estou lerda - eu conseguí responder.

- Porém, eu acho que é um pouco dos dois.

- Talvez você devesse me deixar dirigir.

- Você está louco? - eu protestei.

- Eu dirijo melhor do que você nos seus melhores dias - ele zombou. - Você tem reflexos muito mais lentos.

- Eu tenho certeza de que é verdade, mas eu não acho que os meus nervos, ou a minha caminhonete, aguentariam.

- Um pouco de confiança, Bella, por favor.

Minha mão estava no meu bolso, apertando a minha chave com toda força. Eu curvei meus lábios, meditei e falei com um sorriso apertado.

- Não. Sem chance.

Ele ergueu as sobrancelhas sem acreditar.

Eu comecei a passar por ele, indo para o banco do motorista. Ele poderia ter me deixado passar se eu não tivesse tropeçado de leve. Mas também, ele poderia não ter deixado. Seus braços criaram uma prisão inscapável ao redor da minha cintura.

- Bella, eu já gastei um bocado de esforço até esse ponto, pra manter você viva. Eu não vou deixar você ficar atrás de um volante quando você não consegue nem caminhar direito. Além do mais, amigos não deixam amigos dirigir quando estão bebados. - Ele citou com uma gargalhada. Eu podia sentir a doçura do perfume que exalava do peito dele.

- Bêbada? - eu perguntei.

- Você está intoxicada com a minha presença. - Ele estava dando aquele sorriso zombeteiro de novo.

- Eu não posso discutir com isso - eu suspirei. Não havia volta; eu não conseguia resistir a ele de forma nenhuma. Eu segurei a chave e soltei, vendo sua mão se mover como um trovão e pegá-la no ar silenciosamente. - Pegue leve minha caminhonete é uma cidadã idosa.

- Muito sensível - ele aprovou.

- E você não está nem um pouco afetado - eu perguntei, aborrecida.

- Pela minha presença?

De novo as suas feições se transformaram, sua expressão ficou suave, aconchegante. Ela não respondeu de primeira; ele simplesmente aproximou seu rosto do meu e passou os lábios lentamente pela minha mandíbula, da minha orelha até o queixo, pra frente e pra trás. Eu tremí.

- Sem dúvida - ele finalmente disse. - Eu tenho reflexos melhores.

14. A MENTE DOMINA A MATÉRIA

Ele até que dirigia bem, quando a velocidade estava razoável, eu tinha que admitir isso. Como tantas outras coisas, isso não parecia requerer nenhum esforço da parte dele. Ele mal olhava para a estrada, mas mesmo assim, os pneus não sem desviaram nem um centímetro da linha no centro da estrada. Ele dirigiu com uma mão só, segurando a minha mão no banco do carro. As vezes ele olhava para o sol se pondo, as vezes ele olhava pra mim, meu rosto, meu cabelo voando ao vento da janela aberta, nossas mãos juntas.

Ele ligou o rádio numa estação de músicas antigas e cantou uma canção que eu nunca tinha nem ouvido. Ele conhecia cada frase.

- Você gosta das músicas dos anos cinquenta? - eu perguntei.

- As músicas nos anos cinquenta eram boas. Muito melhor do que as dos anos sessenta e setenta, ugh! - ele tremeu. - As dos anos oitenta eram suportáveis.

- Você vai me contar quantos anos você tem? - eu perguntei, fazendo uma tentativa, sem querer estragar o seu humor animado.

- Isso importa muito? - ele sorriu, pra meu alívio, ainda animado.

- Não, mas eu ainda imagino... - eu fiz uma careta. - Não há nada como um mistério não resolvido pra te manter acordada de noite.

- Eu me pergunto se isso vai te aborrecer - ele refletiu consigo mesmo. Ele olhou para o sol; os minutos passaram.

Me teste - eu disse finalmente.

Ele suspirou, e olhou pra os meus olhos, parecendo se esquecer completamente da estrado por um tempo. O que quer que ele tenha visto lá deve ter encorajado ele. Ele olhou para o sol - a luz do por do seu fez ele brilhar como um rubi - e ele falou.

- Eu nasci em Chicago, em 1901. - Ele parou e olhou para mim pelo canto dos olhos. Meu rosto estava cuidadosamente insurpreendido, pacientemente esperando pelo resto. Ele deu um pequeno sorriso e continuou. - Carlisle me encontrou em um hospital em 1918, eu tinha dezessete anos e estava morrendo com a gripe Espanhola.

Ele ouviu quando eu prendí o fôlego, apesar do som ter sido baixo até para os meus próprios ouvidos. Ele olhou para os meus olhos de novo.

- Eu não me lembro muito bem, já foi há muito tempo e as memórias humanas desaparecem. - Ele ficou perdido em pensamentos por um breve período de tempo e então continuou. - Eu me lembro de como eu me sentí, quando Carlisle me salvou. Não é uma coisa fácil, algo que você esquece.

- Seus pais?

- Eles já tinham morrido com a doença. Eu estava sozinho. Foi por isso que ele me escolheu. Com todo aquele caos da epidemia, ninguém se deu conta de que eu tinha desaparecido.

- Como foi que ele... te salvou?

Alguns segundos se passaram antes que ele respondesse. Ele parecia estar escolhendo as palavras cuidadosamente.

- Foi difícil. Nem todos de nós tem controle suficiente pra completar a transição. Mas Carlisle sempre foi o mais humano, sempre o que teve mais compaixão entre nós...Eu não acho que você

encontraria outra pessoa igual a ele em toda a história. - Ele parou. - Pra mim foi meramente muito, muito doloroso.

Eu podia ver pelos seus lábios que ele não falaria mais nada sobre esse assunto. Eu suprimi minha curiosidade, apesar dela não estar nem um pouco saciada. Haviam ainda muitas coisas sobre esse assunto nas quais eu precisava pensar,

coisas que estavam apenas começando a aparecer na minha cabeça. Sem dúvida, sua mente rápida já havia compreendido cada aspecto que ainda me confundia.

Sua voz suave interrompeu meus pensamentos. - Ele agiu por causa da solidão. Geralmente essa é a razão por trás da escolha. Eu fui o primeiro da família de Carlisle, apesar dele ter achado

Esme logo depois. Ela caiu de um abismo. Eles levaram ela direto para o necrotério do hospital apesar de, de alguma forma, o coração dela ainda estar batendo.

- Você precisa estar morrendo, então, pra se tornar um... - eu nunca havia pronunciado a palavra, e não conseguí falá-la agora.

- Não, isso é só com Carlisle. Ele nunca faria isso com alguém que tem outra escolha. - O

respeito na voz dele era sempre muito profundo quando ele falava na sua figura de pai. - Contudo, ele diz que é mais fácil - ele continuou. - Se o sangue estiver mais fraco - ele olhou para a estrada agora escura, e eu pude sentir que ele estava fechando o assunto de novo.

- E Emmett e Rosalie?

- Carlisle trouxe Rosalie para a nossa família logo depois. Só muito tempo depois eu percebí

que ele esperava que ela fosse pra mim o que Esme era pra ele, ele era cuidadoso com os seus pensamentos quando estava perto de mim. - Ele revirou os olhos. - Mas ela nunca foi nada além de uma irmã. Foi apenas dois anos depois que ela encontrou Emmett. Ela estava caçando - estávamos em Appalachia nessa época, e encontrou um urso a ponto de acabar com ele. Ela carregou ele até Carlisle, andando por mais de cem quilometros, como medo de não conseguir fazer sozinha. Só agora eu começo a imaginar como aquela jornada foi difícil pra ela. - Ele deu uma olhada pra mim e levantou nossas mãos, ainda juntas, e acariciou a minha bochacha com as costas da mão dele.

- Mas ela conseguiu - eu encorajei, desviando o olhar da beleza insuportável dos seus olhos.

- Sim - ele murmurou. - Ela viu alguma coisa no rosto dele que fez ela ser forte o suficiente. E eles estão juntos desde então. Mas quanto mais jovens fingimos ser, por mais tempo podemos ficar em um só lugar. Forks parecia ser perfeito, então todos nós entramos na escola. - Ele riu. - Eu acho que teremos que ir ao casamento deles daqui á alguns anos, de novo.

- Alice e Jasper?

- Alice e Jasper são duas criaturas muito raras. Eles dois adquiriram a consciencia, por assim dizer, sem nenhum tipo de ajuda. Jasper perteceu á outra... família, um tipo de família muito diferente. Ele ficou muito deprimido, e então resolveu vagar sozinho. Alice encontrou ele. Assim como eu, ela tem certos dons fora do comum para a nossa espécie.

- Mesmo? - eu interrompí, fascinada. - Mas você disse que era o único que podia ler mentes.

- Isso é verdade. Ela sabe outras coisas. Ela vê coisas, coisas que podem acontecer, coisas que estão por vir. Mas é muito subjetivo. O futuro não está cravado em uma pedra. As coisas podem mudar.

Ele comprimiu a mandíbula quando disse isso, e seus olhos olharam para os meus e se viraram tão rápido que eu não tenho certeza se foi só imaginação.

- Que tipo de coisas ela vê.

- Ela olhou pra Jasper e soube que ele estava procurando por ela antes que ele mesmo soubesse. Ela viu Carlisle e nossa família e os dois vieram juntos nos encontrar. Ela é sempre mais sensível com os não-humanos. Ela sempre vê, por exemplo, quando outro grupo da nossa espécie está se aproximando. E que tipo de problemas eles podem representar.

- Existem muitos... da sua espécie? - Eu estava surpresa. Quantos deles estariam andando entre nós sem serem detectados?

- Não, não muitos. Mas a maioria não se firma em um só lugar. Só aqueles como nós, que desistiram de caçar pessoas - uma olhadela na minha direção - podem viver perto de humanos por qualquer período de tempo. Nós só encontramos uma outra família como a nossa, num pequeno vilarejo no Alaska. Nós vivemos juntos por algum tempo, mas éramos tantos que começou a dar nas vistas.

Aqueles que são...diferentes de nós costumam formar bandos.

- E os outros?

- Nômades, em grande parte. Nós todos já vivemos assim as vezes. Acaba ficando tedioso, como todo o resto. Mas de vez em quando nós esbarramos uns nos outros, porque a maioria de nós prefere o Norte.

- Porque isso?

Estávamos parados na frente de casa agora, e ele desligou a caminhonete. Estava tudo muito quieto e escuro; não havia lua. A luz da varanda estava desligada, então eu sabia que meu pai ainda não estava em casa.

- Seus olhos estavam abertos essa tarde? - ele zombou. - Você acha que eu poderia andar numa rua á luz do sol sem causar alguns acidentes de trânsito? Há uma razão pela qual escolhemos a Península do Olímpico, um dos lugares com menos sol no mundo inteiro. Você não acreditaria no quanto pode se cansar da noite, depois de oitenta anos.

- Então é daí que vêm as lendas?

- Provavelmente.

- E Alice vem de outra família, como Jasper?

- Não, isso é um mistério. Alice não se lembra de absolutamente nada da sua vida humana. E ela não sabe quem a transformou. Ela acordou sozinha. Quem quer que seja que transformou ela, fugiu, nenhum de nós entende como, ou porque ele fez isso. Se ela não tivesse essa outra sensibilidade, se não tivesse encontrado Jasper e Carlisle e visto que poderia se tornar uma de nós, ela podia ter se transformado numa selvagem.

Havia tanto em que pensar, tantas coisas que eu ainda queria perguntar. Mas, para a minha grande vergonha, meu estômago roncou. Eu estava tão intrigada, que nem reparei que estava com fome. Agora eu via que era uma fome voraz.

- Me desculpe, eu estou atrapalhando o seu jantar.

- Eu estou bem, de verdade.

- Eu nunca passei tanto tempo perto de uma pessoa que come comida. Eu esquecí.

- Eu quero ficar com você. - Era mais fácil dizer na escuridão, sabendo que a minha voz ia me trair, trair a minha completa obsessão por ele.

- Eu posso entrar? - ele perguntou.

- Você quer? - eu não conseguia imaginar a cena, essa criatura divina sentada nas cadeira rotas da cozinha do meu pai.

- Sim, se estiver tudo bem. - Eu ouví a porta se fechar baixinho, e quase ao mesmo tempo ele estava ao meu lado, abrindo a porta pra mim.

- Muito humano - eu cumprimentei ele.

- Eu estou definitivamente resurgindo.

Ele caminhou ao meu lado na noite, tão quieto que eu tinha que observar constantemente pra ver se ele ainda estava lá. Na escuridão ele parecia muito mais normal. Ainda pálido, ainda com sua beleza saida de um sonho, mas não mais aquela criatura brilhando no sol da tarde. Ele alcançou a porta antes e abriu ela pra mim. Eu parei a meio caminho da entrada.

- A porta estava aberta?

- Não, eu usei a chave que tem embaixo do tapete.

Eu entrei, acendí a luz da varanda, e me virei pra olhá-lo com as sobrancelhas erguidas. Eu tinha certeza que nunca havia usado aquela chave na frente dele.

- Eu estava curioso sobre você.

- Voce me espionou? - mas eu não consegui colocar um tom apropriado de ultraje na minha voz. Eu estava lisonjeada.

Ele não parecia arrependido. - O que mais há pra fazer de noite?

Eu deixei essa passar no momento e fui caminhando no corredor até a cozinha. Ele já estava lá antes de mim, sem precisar de guia. Ele sentou exatamente na

cadeira onde eu estava tentando imaginá-lo. Levou um momento até que eu pudesse desviar o olhar. Eu me concentrei no meu jantar, tirando a lasanha da noite passada da geladeira, colocando um pedaço num prato e colocando pra esquentar no microondas. Ela girou, enchendo a cozinha com o cheiro do tomate e do orégano. Eu não tirei os olhos do meu prato de comida enquanto falava.

- Com que frequência? - eu perguntei casualmente.

- Hmmm? - Ele soou como se eu tivesse tirado ele de outra linha de pensamento. Eu ainda não me virei. - Com que frequência você vem aqui?

- Eu venho aqui quase todas as noites.

Eu me virei, aturdida. - Porque?

- Você é muito interessante quando dorme - ele falou como se estivesse atestando um fato.

- Você fala.

- Não! - eu fiquei ofegante. O calor começou a flir no meu rosto até chegar ao meu cabelo. Eu me agarrei no balcão da cozinha pra ter suporte. Eu sabia que falava durante o sono, é claro; minha mãe costumava zombar de mim por causa disso. No entanto, eu não pensava que era algo com que eu precisaria me preocupar aqui.

Sua expressão se transformou instantaneamente em uma de pesar. - Você está com raiva de mim?

- Isso depende! - eu soei como se tivesse levado um soco no estômago. Ele esperou.

- Do que? - ele implorou.

- Do que você ouviu! - eu gemí.

Instantaneamente, silenciosamente, ele estava ao meu lado, segurando minhas mãos cuidadosamente com as suas.

- Não fique brava! - ele implorou. Ele baixou seu rosto até o nível dos meus

olhos, segurando meu olhar. Eu estava com vergonha. Eu tentei desviar o olhar.

- Você sente falta da sua mãe - ele sussurou. - Você se preocupa com ela. E então tem a chuva, o barulho não te deixa dormir. Você costumava falar muito de casa, mas agora não é tão frequente. Uma vez você disse 'é muito verde'. - Ele sorriu levemente, esperando, como eu pude ver, que ele não tivesse me ofendido demais.

- Algo mais? - eu perguntei.

Eu sabia o que estava por vir. - Você disse meu nome - ele admitiu. Eu suspirei me sentindo derrotada. - Muito?

- O que exatamente você quer dizer com 'muito'?

- Oh, não! - minha cabeça caiu.

Ele me puxou para seus braços, suavemente, naturalmente.

- Não fique constrangida - ele sussurou no meu ouvido. - Se eu pudesse sonhar, eu sonharia com você. E eu não me envergonho disso.

Então nós dois ouvimos os barulhos dos pneus na calçada de tijolos, vimos os faróis brilharem pela janela da frente, no corredor perto de nós. Eu enrijeci nos braços dele.

- Seu pai deve saber que eu estou aqui? - ele perguntou.

- Eu não tenho certeza... - eu tentei pensar com clareza.

- Outra vez então.

E eu estava sozinha.

- Edward! - eu chamei.

Eu ouví uma gargalhada fantasmagórica, e nada mais.

Meu pai virou a chave na porta.

- Bella? - ele chamou. Isso havia me aborrecido antes; quem mais poderia ser?

Agora isso não parecia mais tão anormal.

- Eu tô aqui. - Eu esperava que ele não ouvísse o tom histérico da minha voz. Eu tirei o meu jantar do microondas e coloquei em cima da mesa enquanto ele entrava. Os passos dele pareceram muito barulhentos depois do meu dia com Edward.

- Você pode pegar um pouco disso pra mim? Eu estou faminto. - Ele ficou na pontas das botas pra tirá-las, usando o encosto da cadeira de Edward como suporte. Eu levei minha comida comigo, assoprando enquanto pegava a comida dele. Eu queimei minha boca. Eu peguei dois copos de leite enquanto a comida dele esquentava, e dei um gole no meu pra apagar o fogo.

Enquanto eu colocava o leite na mesa, eu percebí que minha mão estava tremendo. Charlie sentou na cadeira, o contraste entre ele e o ocupante anterior era cômico.

- Obrigado - ele disse quando eu coloquei o seu jantar sobre a mesa.

- Como foi seu dia - eu perguntei. As palavras saíram rápidas; eu estava morrendo de vontade de fugir de lá.

- Bom, os peixes estavam mordendo a isca... e o seu? Você fez tudo que queria fazer?

- Não, estava bonito demais lá fora pra ficar em casa. - Eu dei outra grande mordida.

- Foi um dia bom - ele concordou. Que declaração, eu pensei comigo mesma. Terminada a lasanha, eu levantei meu copo de leite e bebi o resto no copo. Charlie me surpreendeu com sua observação. - Com pressa?

- É, eu tô cansada. Vou dormir mais cedo.

- Você parece bem disposta. - Oh, porque, porque de todas as noites ele tinha que estar prestando atenção hoje?

- Pareço? - foi tudo que eu consegui responder. Eu rapidamente lavei os meus pratos na pia, e coloquei eles de cabeça pra baixo num pano de prato seco pra secarem.

- É Sábado - ele zombou.

Eu não respondi.

- Não tem planos pra essa noite? - ele perguntou de repente.

- Não, pai, eu só quero dormir um pouco.

- Nenhum dos garotos da cidade faz o seu tipo, né? - ele estava parecendo suspeitar de alguma coisa, mas fingia levar numa boa.

- Não, nenhum dos garotos chamou minha atenção ainda. - Eu tomei cuidado para não enfatizar a palavra garotos na minha urgência de ser honesta com Charlie.

- Eu pensei talvez que Mike Newton...você disse que ele era amigável.

- Ele é só um amigo, pai!

- Bem, de qualquer forma, você é boa demais pra eles. Espere pra entrar na faculdade antes de procurar. - O sonho de todos os pais, que suas filhas estivessem fora de casa antes dos hormonios começarem a se manifestar.

- Parece uma boa idéia pra mim - eu concordei enquanto subia as escadas.

- Boa noite, querida - ele falou atrás de mim. Não tenho dúvidas de que ele passou a noite inteira espionando pra ver se ia fugir no meio da noite.

- Te vejo de manhã, pai. - Te vejo mais tarde quando você estiver se enfiando no meu quarto pra me espiar.

Eu tentei fazer um som lento e cansado enquanto subia as escadas. Eu fechei a porta alto o suficiente pra ele ouvir, e então fui na ponta dos pés até a janela. Eu abri ela e coloquei a cabeça pra fora dentro da noite. Meu olhos procuraram na escuridão, nas sombras impenetráveis das árvores.

- Edward? - eu sussurei me sintindo uma perfeita idiota.

A resposta baixa e risonha veio de trás de mim. - Sim?

Eu me virei, uma mão voou pra a minha garganta por causa da surpresa. Ele

estava deitado na minha cama, com um enorme sorriso no rosto, as mãos atrás da cabeça, seus pés estavam passando do fim da cama, a perfeita imagem da tranquilidade.

- Oh - eu respirei, caido na chão sem equilíbrio.

- Me desculpe. - Ele apertou os lábios, tentando esconder que estava se divertindo.

- Só me dê um segundo pra acalmar meu coração.

Ele se sentou devagar, como se fosse pra não me assustar. Então ele se ergueu e levantou seu longo braço pra me levantar, me puxando pelos braços como se eu fosse um fantoche. Ele me sentou na cama ao lado dele.

- Porque você não senta comigo? - ele sugeriu, colocando a mão fria na minha. - Como está

o coração?

- Me diga você, com certeza você consegue ouvir melhor do que eu. Eu sentí a sua risada quieta balançar a cama.

Nós ficamos sentados por um momento em silêncio, os dois escutando as patidas do meu coração desacelerarem. Eu pensei em Edward no meu quarto, com meu pai em casa.

- Posso ter um minuto pra ser humana? - eu pedí.

- Certamente - ele fez um gesto com a mão, me dizendo pra seguir em frente.

- Fique - eu disse, tentando paracer severa.

- Sim, madame. - E ele fez uma mágica de transformar em estátua na beira da minha cama. Eu me levantei, pegando meu pijama do chão, minha bolsa de utilitários em cima da mesa. Eu deixei a luz desligada e saí, fechando a porta.

Eu podia ouvir o som da televisão mesmo de lá de cima. Eu batí a porta do banheiro com força, assim Charlie não viria me incomodar.

Eu tentei me apressar. Tentando ser eficiente e rápida pra tirar a lasanha dos dentes. Mas a água quente do chuveiro não podia ser apressada. Eu destravei os músculos das minhas costas, tentei acalmar o pulso. O cheiro familiar do meu shampoo me disse que eu devia tentar ser a mesma pessoa que eu era de manhã. Eu tentei não pensar em Edward, sentado no meu quarto, esperando, porque se eu fizesse isso eu teria que recomeçar o processo de me acalmar. Finalmente, eu não pude mais esperar. Eu desliguei o chuveiro, me enchugando vorazmente, com pressa de novo. Eu coloquei a blusa e as calças do meu pijama. Tarde demais pra me arrepender por não ter trazido o pijama da Victoria's Secret que minha mãe havia me dado há dois anos atrás, eles ainda estavam com a etiqueta em alguma gaveta na minha casa. Eu esfreguei a toalha no cabelo de novo e passei a escova por ele depressa. Eu joguei a toalha no cesto, coloquei a minha escova e a minha pasta de dentes dentro da minha bolsa. Então eu desci as escadas correndo pra que Charlie visse que eu estava de pijamas, com o cabelo molhado.

- Boa noite, pai.

- Boa noite, Bella. - Ele ficou surpresa pela minha aparência. Talvez isso impedisse que ele viesse me espiar no meio da noite.

Eu subi as escadas dois degraus de cada vez, tentando não fazer barulho, e voei pra o meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Edward não tinha se movido uma fração de centímetro de onde eu o havia deixado, uma estátua de Adonis deitada no meu edredom.

Eu sorri e os seus lábios tremeram, a estátua veio á vida.

Seus olhos me examinaram, parando no cabelo molhado, na blusa do meu pijama. Ele ergueu uma sobrancelha. - Legal.

Eu fiz uma careta.

- Não, fica bem em você.

- Obrigada - eu sussurei. Eu voltei para o lado dele, sentando de pernas cruzadas ao seu lado. Eu olhei para as linhas do chão de madeira.

- Pra quê foi tudo isso?

- Charlie acha que eu vou fugir no meio da noite.

- Oh - ele analisou isso. - Porque? - Como se ele não pudesse entender a mente de Charlie muito mais claramente do que eu.

- Aparentemente, eu estou excitada demais.

Ele levantou meu queixo, olhando para meu rosto.

- Na verdade, você parece muito cálida.

Ele baixou o seu rosto para o meu e encostou sua bochecha fria na minha pele. Eu me mantive perfeitamente rígida.

- Mmmmmm... - ele respirou.

Era muito difícil, enquanto ele estava me tocando, formular uma pergunta coerente. Me levou um minuto até que eu pudesse reunir a concentração necessária.

- Parece ser... muito mais fácil pra você, agora, ficar perto de mim.

- É isso que parece pra você? - ele perguntou, seu nariz passando pela minha mandíbula. Eu sentí sua mão, tão leve quanto a asa de uma mariposa, colocando o meu cabelo molhado pra trás, para que seus lábios pudessem tocar a parte de baixo da minha orelha.

- Muito, muito mais fácil - eu disse, tentando respirar.

- Hmm.

- Então eu estava imaginando... - eu comecei de novo, mas seus dedos estavam traçando a minha clavícula, então eu perdí a linha de pensamento de novo.

- Sim? - ele sussurou.

- Porque? - minha voz tremeu me deixando envergonhada. - É assim?

Eu sentí o tremor da sua respiração quando ele sorriu. - Não se importe. Eu me inclinei pra trás; enquanto eu movia, ele congelou, e eu não podia ouvir mais o som da sua respiração.

Nós olhamos cuidadosamente um para o outro por um momento, e então sua mandíbula contraída foi se relaxando aos poucos, sua expressão ficou confusa.

- Eu fiz alguma coisa errada?

- Não, pelo contrário. Você está me deixando louca - eu expliquei. Ele considerou isso brevemente, e quando falou, parecia satisfeito.

- Mesmo? - Um sorriso triunfante vagarosamente iluminou o seu rosto.

- Você gostaria de uma salva de palmas? - eu perguntei sarcasticamente. Ele deu uma gargalhada.

- Eu só estou agradavelmente surpreso - ele esclareceu. - Nos últimos cem anos mais ou menos - ele zombou. - Eu nunca imaginei uma coisa assim. Eu nunca imaginei que encontraria uma pessoa que quisesse ficar comigo...sem contar meus irmãos e irmãs. Então eu descobri , apesar de ser novo nisso, que eu sou bom...em estar com você...

- Você é bom em tudo - eu apontei.

Ele levantou os ombros, se acostumando com isso, e nós dois rimos baixinho.

- Mas como é que pode ser tão fácil agora? - eu pressionei. - Essa tarde...

- Não é tão fácil - ele suspirou. - Mas essa tarde eu ainda não estava...decidido. Me desculpe por aquilo, foi imperdoável eu ter me comportado daquela forma.

- Imperdoável não - eu discordei.

- Obrigado - ele sorriu. - Entenda - ele continuou olhando pra baixo.

- Eu não tinha certeza de que era forte o suficiente... - Ele pegou uma das minhas mãos e pressionou levemente contra o seu rosto. - E enquanto houvessem possibilidades de eu ser...superado - ele aspirou o cheiro do meu pulso - Eu estava... suscetível. Até que eu me convencesse de que era forte o suficiente, não haviam possibilidades de que eu pudesse... que eu fizesse...

Eu nunca vi ele lutar tanto para encontrar as palavras certas. Era tão... humano.

- Então existe uma possibilidade agora?

- Veremos o que acontece - ele disse, sorrindo, seus dentes brilhavam mesmo na escuridão.

- Uau, isso é fácil - eu disse.

Ele jogou a cabeça pra trás e riu, tão baixo como um suspiro, mas ainda exuberantemente.

- Fácil pra você - ele emendou, tocando o meu nariz com a ponta do dedo. Então seu rosto ficou abruptamente sério de novo.

- Eu estou tentando - ele sussurou, sua voz cheia de dor. - Se for... demais, eu tenho quase certeza que sou capaz de ir embora.

Eu fiz uma careta. Eu não queria ouvir ele falando de ir embora.

- Vai se mais difícil amanhã - ele continuou. - Eu fiquei com o seu cheiro na minha cabeça o dia inteiro, e acabei perdendo a sensibilidade. Se eu me afastar de você por qualquer período de tempo, eu vou ter que começar tudo de novo. Não exatamente do início, eu acho.

- Então, não vá embora - eu respodi sem conseguir esconder a vontade na minha voz.

- Isso seria bom pra mim - ele respondeu, seu rosto se transformou num sorriso gentil. - Traga as suas algemas, eu sou seu prisioneiro.

Mas as longas mãos dele fecharam os meus pulsos enquanto ele falava. Ele sorriu com o seu sorriso baixo, musical. Ele sorriu mais hoje do que em todo o tempo desde que nos conhecemos.

- Você parece mais... otimista do que o normal - eu observei. - Eu nunca te vi assim antes.

- Não é assim que deve ser? - ele sorriu. - A glória do primeiro amor, e isso tudo. Não é

incrível, a diferença entre ler sobre uma coisa, ver em fotos, e experimentá-la?

- Muito diferente - eu concordei. - Mais substancial do que eu pensava.

- Por exemplo - suas palavras fluiam rapidamente agora, e eu tive que me concentrar pra entender todas - o sentimento de inveja. Eu já li sobre isso milhares de vezes, já vi atores interpretando em milhares peças e filmes diferentes. Eu achei que compreendia esse sentimento muito bem. Mas ele me chocou... - ele fez uma careta. - Você se lembra daquele dia que Mike te convidou para o baile?

Eu afirmei com a cabeça, apesar de lembrar daquele dia por um motivo diferente. - O dia que você começou a falar comigo de novo.

- Eu me surpreendo com a pontada de ressentimento, quase de fúria, que eu sentí, naquele momento eu não reconheci. Eu estava mais nervoso que o normal e eu não conseguia saber o que você estava pensando, porque você havia recusado o convite. Era simplesmente pra preservar a amizade? Era alguma outra coisa? Eu sabia que de qualquer jeito eu não tinha o direito de me importar. Eu tentei não me importar. E então a fila começou a se formar - ele gargalhou. Eu olhei zangada para a escuridão. - Eu esperei, rasoavelmente ansioso pra ver o que você diria pra eles, pra ver as suas expressões. Eu não conseguia negar o alivio que estava sentindo, vendo a fúria no seu rosto. Mas eu não podia ter certeza. Aquela foi a primeira noite que vim aqui. Eu lutei a noite inteira, enquanto via você dormindo, com a brecha entre o que eu sabia que era certo, moral, ético, e o que eu queria. Eu sabia que se eu te ignorasse como devia, ou se fosse embora por alguns anos, até que você fosse embora, você algum dia diria sim á Mike, ou alguém como ele. Isso me deixou com raiva. E então - ele sussurou. - Você falou meu nome enquanto dormia. Você

falou tão claramente, que no início eu pensei que você tivesse acordado. Mas você virou para o lado e murmurou meu nome mais uma vez, e suspirou. O sentimento que passou no meu corpo nessa hora me deixou enervado, vacilante. E eu sabia que não podia mais te ignorar. Ele ficou em silêncio, provavelmente ouvindo as batidas descompassadas do meu coração.

- Mas ciúme... é um sentimento estranho. Muito mais poderoso do que eu tinha imaginado. E irracional! Agora mesmo, quando Charlie te perguntou sobre Mike Newton... - ele balançou a cabeça com raiva.

- Eu devia saber que você estaria escutando - eu gemí.

- É claro.

- No entanto, aquilo te deixou com ciúmes?

- Eu sou novo nisso tudo; eu estou ressucitando o humano que existe em mim, e tudo é

mais forte porque é tão novo.

- Mas honestamente - eu zombei. - Você ficou com ciúmes disso, depois que eu tive que ouvir que Rosalie - Rosalie a encarnação pura da beleza - foi feita pra ficar com você. Com Emmett ou sem Emmett, como é que posso competir com aquilo?

- Não há competição. - Seus dentes brilharam. Ele colocou as minhas mãos ainda presas atrás das costas dele e me apertou contra seu peito. Eu fiquei tão rígida quanto pude, controlando até a respiração.

- Eu sei que não há competiçao. - Eu murmurei no peito gelado dele. - Esse é o problema.

- É claro que Rosalie é linda do jeito dela, mas mesmo se ela não fosse minha irmã, mesmo se ela não estivesse com Emmett, eu não sentiria por ela nem um décimo, nem um centésimo da atração que eu sinto por você. - Ele estava sério agora, pensativo. - Por quase noventa anos eu estive andando entre a minha espécie, e a sua... todo o tempo pensando que estava bem sozinho, sem saber o que eu estava procurando. E sem encontrar nada, porque você ainda não estava viva.

- Não parece muito justo - eu sussurei, meu rosto no peito dele, ouvindo sua respiração entrando e saindo. - Eu não tive que esperar. Porque eu posso me safar tão facilmente?

- Você está certa - ele disse divertido. - Eu definitivamente devia tornar as coisas mais difíceis pra você. Ele liberou a sua mão soltando meu pulso, só pra prendê-lo com a outra mão. Ele alisou meu cabelo molhado suavemente, do topo da minha cabeça até a minha cintura. - Você só

tem que arriscar a sua vida a cada segundo que passa comigo, isso com certeza não é muito. Você

só tem que virar as costas para a sua natureza, a sua humanidade... quanto isso vale?

- Muito pouco, eu não me sinto privada de nada.

- Ainda não. - E sua voz estava abruptamente cheia de aflição.

Eu tentei me afastar, para olhar para o rosto dele, mas suas mãos seguravam meus pulsos com uma força inquebrável.

- O que - eu comecei a perguntar quando seu corpo começou a ficar alerta. Eu fiquei congelada, mas ele de repente soltou minhas mãos e desapareceu. Eu fiz um esforço pra não cair de cara.

- Deite-se - ele assobiou. Eu não podia dizer de que lugar da escuridão ele estava falando. Eu rolei pra baixo do meu edredom, me virando de lado, do jeito que eu costumo dormir. Eu ouvi a porta se abrir, enquanto colocou a cabeça pra dentro pra ver se eu estava lá como deveria estar. Eu respirei uniformemente, exagerando o movimento.

Um longo minuto se passou. Eu escutei, sem ter certeza de que a porta havia se fechado. Então o braço gelado de Edward estava em cima de mim, por baixo da coberta, seus lábios no meu ouvido.

- Você é uma pessima atriz, eu diria que essa carreira está fora de cogitação pra você.

- Droga - eu murmurei. Meu coração batia com força no peito.

Esse sussurou uma melodia que eu não conhecia; parecia uma canção de ninar. Ele parou. - Será que eu devo cantar pra você dormir?

- Certo - eu sorri. - Como se eu conseguisse dormir com você aqui!

- Você faz isso o tempo inteiro - ele me lembrou.

- Mas eu não sabia que você estava aqui - eu repliquei friamente.

- Então, se você não quer dormir... - ele sugeriu, ignorando meu tom. Minha respiração parou.

- Se eu não quero dormir...?

Ele gargalhou. - O que você quer fazer então?

Primeiro eu não conseguí responder.

- Eu não tenho certeza - eu disse finalmente.

- Me avise quando você se decidir.

Eu sentia a respiração gelada dele no meu pescoço, podia senti o nariz dele percorrendo minha mandíbula, inalando meu cheiro.

- Eu pensei que você estivesse sem sensibilidade.

- Só porque eu estou resistindo ao vinho, não significa que eu não posso apreciar sua fragrância - ele suspirou. - Você tem um cheiro muito floral, como lavanda... ou freesia - ele notou. - É de dar água na boca.

- É, é praticamente um feriado quando não tem alguém me dizendo o quanto eu sou apetitosa.

Ele gargalhou e então suspirou.

- Eu decidí o que quero fazer. - Eu disse pra ele. - Eu quero ouvir mais sobre você.

- Me pergunte qualquer coisa.

Eu escolhi entre as perguntas de maior importância. - Porque você faz isso? - Eu disse. - Eu ainda não entendo como você pode resistir tanto a quem você...é. Por favor, não entenda mal, é

claro que me alegra que você faça isso. Eu só não entendo porque você se incomoda. Ele hesitou antes de responder. - Essa é uma boa pergunta, e você não é primeira a fazê-la. Os outros, a maioria da nossa espécie está contente do jeito que as coisas são pra eles, eles também se perguntam como nós vivemos. Mas, veja, só porque nós estamos...mortos de certa forma... isso não significa que nõs não possamos escolher ser melhores, tentar cruzar as barreiras do destino que nós não escolhemos. Podemos tentar reter o pouco de humanidade que ainda

existe dentro de nós.

Eu me mantive parada, presa no silêncio pasmo.

- Você dormiu? - ele sussurou depois de alguns minutos.

- Não.

- Você só estava curiosa pra saber isso?

Eu rolei os olhos. Não exatamente.

- O que mais você quer saber?

- Porque você consegue ler mentes, e só você? E Alice ver futuro? Como isso acontece?

Eu sentí ele levantar os ombros na escuridão. - Nós realmente não sabemos. Carlisle tem uma teoria... ele acredita que todos nó temos alguma coisa em nossa vida humana que era muito forte, e que quando trazemos essa coisa para a nossa outra vida, ela é intensificada, como nossas mentes e os nossos sentidos. Ele acha que eu já devia ser sensível aos pensamentos das pessoas ao meu redor. E Alice tinha previsões, onde quer que ela estivesse.

- O que ele trouxe para a próxima vida? E os outros?

- Carlisle trouxe sua compaixão. Esme trouxe a sua capacidade de amar apaixonadamente. Emmett trouxe sua força, Rosalie a sua...tenacidade. Ou será que eu devo chamar de cabeça dura? - Ele gargalhou. - Jasper é muito interessante. Ele era muito carismático em sua primeira vida, capaz de influenciar as pessoas ao seu redor a ver as coisas da sua maneira. Agora ele é

capaz de influenciar as emoções das pessoas que estão ao seu redor, acalmar uma sala cheia de pessoas raivosas, por exemplo, ou excitar uma multidão letárgica. É um dom muito súbito. Eu considerei as possibilidades que ele estava me dando, tentando aceitar tudo aquilo. Ele esperou pacientemente enquanto eu pensava.

- Então como isso tudo começou? Quer dizer, Carlisle mudou você, e então ele deve ter sido mudado por alguém, e assim por diante...

- Bem, de onde você veio? Evolução? Criação? Será que nós não podemos ter nos desenvolvido da mesma forma que as outras espécies, predador e presa? Ou, se você não acredita que esse mundo inteiro surgiu do nada, como eu mesmo acho difícil de acreditar, será que não dá

pra você acreditar que a mesma força maior que criou o peixe anjo e o tubarão, ou o golfinho e a baleia assassina, tenha também criado também nossas duas espécies?

- Me deixe entender isso direito, eu sou o golfinho, não é?

- É. - Ele sorriu, e alguma coisa tocou meus cabelos, seus lábios?

Eu queria me virar pra ele, pra ver se eram realmente seus lábios que estavam tocando meus cabelos. Mas eu tinha que ser boazinha; eu não queria fazer isso mais difícil pra ele do que já era.

- Você está pronta pra dormir? - ele perguntou interrompendo o breve silêncio. - Ou você

tem mais perguntas?

- Um milhão ou dois.

- Nós temos amanhã, e o dia depois, e o dia depois... - ele me lembrou. Eu sorrí, eufórica com o pensamento.

- Você tem certeza que não vai desaparecer de manhã? - eu queria ter certeza. - Afinal de contas, você é uma criatura mística.

- Eu não vou te deixar - havia um tom de promessa na sua voz.

- Só mais uma, então, por hoje... - Eu corei. A escuridão não ia ajudar, eu sabia que ele poida sentir o súbito calor na minha pele.

- O que é?

- Não, esqueça. Eu mudei de idéia.

- Bella, você pode me perguntar qualquer coisa.

Eu não respondí e ele gemeu.

- Eu fico pensando que vai ser menos frustrante, não ouvir os seus pensamentos. Mas então fica pior e pior.

- Eu me alegro que você não possa ouvir meus pensamentos. Já é ruim o suficiente que você ouve o que eu falo no sono.

- Por favor? - a voz dele era muito persuasiva, quase impossível de resistir. Eu balancei minha cabeça.

- Se você não me contar, eu vou simplesmente pensar que é muito pior do que realmente é

- ele ameaçou obscuramente. - Por favor? - de novo aquela voz implorativa.

- Bem... - eu comecei, feliz que ele não podia ver meu rosto.

- Sim?

- Você disse que Rosalie e Emmett vão se casar logo... esse... casamento... é como é para os humanos?

Ele riu silenciosamente agora, compreendendo. - É lá que estamos chegando?

Eu me mexi, sem consegui responder.

- Sim, eu acredito que é a mesma coisa - ele disse. - Eu te disse, a maioria desses desejos humanos estão lá, só que estão escondidos por desejos muito mais fortes.

- Oh - foi tudo que eu consegui dizer.

- Qual é o propósito por trás da sua curiosidade?

- Bem , eu me pergunto... sobre você e eu... algum dia...

Ele estava instantaneamente sério, eu podia dizer pela súbita rigidez do corpo dele. Eu gelei também, reagindo automaticamente.

- Eu não acho que... que... seria possível pra nós.

- Porque seria demais pra você, se estivéssemos tão...perto?

- Isso certamente seria um problema. Mas não era nisso que eu estava pensando. É só que você é tão delicada, tão frágil. Eu tenho que comandar todas as minhas ações quando estou perto de você pra não te machucar. Eu poderia te matar tão facilmente, Bella, simplesmente por um acidente. - Sua voz havia se transformado num leve murmúrio. Ele mexeu sua palma geleda para colocá-la na minha bochecha. - Se eu estivesse muito ansioso... se por um segundo eu não estivesse prestando atenção o suficiente, eu poderia avançar, querendo tocar seu rosto, e amassar o seu crânio por engano. Você não se dá conta do quanto é quebrável. Eu não posso me dar ao luxo de perder o controle quando estou perto de você.

Ele esperou que eu respondesse, e ficou ansioso quando eu não respondi. - Você está com medo? - ele perguntou.

Eu esperei um momento antes de responder, pra que as palavras fossem verdadeiras. - Não, eu estou bem.

Ele pareceu pensar por um momento. - Contudo, eu estou curioso - ele disse, sua voz leve de novo. - Você já...? - ele parou deliberadamente.

- É claro que não - eu corei. - Eu te disse que nunca sentí isso por ninguém antes, nem perto.

- Eu sei. É só que eu sei os pensamentos das outras pessoas. E amor e luxúria nem sempre andam acompanhados.

- Pra mim andam. Agora, de qualquer forma, que isso existe pra mim - eu suspirei.

- Isso é bom. Pelo menos, temos uma coisa em comum. - Ele pareceu satisfeito.

- Seus instintos humanos... - eu comecei. Ele esperou. - Bem, você se sente atraído por mim, nesse sentido, de alguma forma?

Ele sorriu e fez o meu cabelo quase seco voar levemente.

- Eu posso não ser humano, mas eu sou homem - ele me assegurou. Eu bocejei involuntáriamente.

- Eu respondí todas as suas perguntas, agora você devia ir dormir - ele insistiu.

- Eu não tenho certeza se consigo.

- Você quer que eu vá embora?

- Não! - eu disse alto demais.

Ele sorriu e então recomeçou a sussurar aquela mesma canção de ninar desconhecida; a voz de um arcanjo, macia no meu ouvido.

Mais cansada do que eu imaginava, exausta pelo estresse mental e emocional como eu nunca havia estado antes, eu caí no sono nos seus braços gelados.

15. OS CULLEN

A luz de outro dia nebuloso eventualmente me acordou. Eu deitei com o braço na frente dos olhos, grogue e ofuscada. Alguma coisa, um sonho tentando ser lembrado, estava lutando pra alcançar minha consciência. Eu bocejei e rolei pra o lado, esperando que mais sono viesse. E

então o dia anterior flutuou na minha consciência.

- Oh! - eu levantei tão rápido que minha cabeça ficou rodando.

- O seu cabelo parece um monte de palha... mas eu gosto. - Sua voz tranqüila veio da cadeira de balanço no canto do quarto.

- Edward! Você ficou - eu vibrei, e sem pensar atravessei o quarto me jogando no colo dele. No instante que minha mente se deu conta das minhas ações, eu congelei, chocada com o meu entusiasmo descontrolado. Eu olhei pra ele, com medo de ter ultrapassado os limites. Mas ele riu.

- É claro - ele respondeu, assustado, mas feliz com a minha reação. Suas mãos esfregaram minhas costas.

Eu coloquei minha cabeça cuidadosamente no ombro dele, sentindo o cheiro da sua pele.

- Eu tinha certeza de que tinha sido um sonho.

- Você não é tão criativa - ele zombou.

- Charlie! - eu dei um pulo sem pensar, correndo para a porta.

- Ele foi embora há uma hora - depois de reconectar os cabos da sua bateria, eu devo dizer. Eu tenho que admitir que fiquei decepcionado. Será que só isso seria necessário pra te parar, se você quisesse sair?

Eu fiquei onde estava, querendo responder de forma mal-educada, mas eu estava com medo de ter mal hálito matinal.

- Você geralmente não fica tão confusa de manhã - ele reparou. Ele abriu seus braços pra me receber de novo. Um convite quase irresistível.

- Eu preciso de outro minuto humano - eu admiti.

- Eu vou esperar.

Eu fui para o banheiro, minhas emoções eram irreconhecíveis. Eu não me reconhecia, por dentro ou por fora. O rosto no espelho era praticamente irreconhecível - olhos brilhantes demais, pontinhos vermelhos nas maçãs do meu rosto. Depois de escovar meus dentes, eu tentei dar um jeito no caos emaranhado que estava o meu cabelo. Eu joguei água gelada no meu rosto e tentei respirar normalmente, mas sem muito sucesso. Eu dei uma corridinha de volta para o meu quarto. Parecia um milagre que ele estava lá, com os braços abertos ainda esperando por mim. Ele veio me pegar, meu coração batendo erraticamente.

- Bem vinda de volta - ele cochichou, me pegando nos braços.

Ele me embalou por algum tempo, até que eu reparei que as suas roupas estavam trocadas, seu cabelo estava macio.

- Você foi embora? - eu acusei, tocando o colarinho da sua camisa nova.

- Eu não podia sair daqui com as mesmas roupas que cheguei, o que os vizinhos iam pensar?

Eu fiz biquinho.

- Você estava profundamente adormecida; eu não perdi nenhum detalhe - seus

olhos me vislumbraram. - Você só começou a falar hoje cedo.

Eu gemi. - O que você ouviu?

Seus olhos dourados ficaram suaves. - Você disse que me amava.

- Você já sabia disso - eu abaixei a cabeça.

- Foi bom ouvir, do mesmo jeito.

Eu escondi minha cabeça no ombro dele.

- Eu amo você - eu sussurrei.

- Você é minha vida agora - ele respondeu simplesmente.

Não havia mais nada a dizer no momento. Ele nos balançou pra frente e pra trás enquanto o quarto ficava mais claro.

- Hora do café da manhã - ele disse finalmente, casualmente, pra provar, eu tenho certeza, que ele lembrava das minhas fraquezas humanas.

Então eu tapei o meu pescoço com as duas mãos e olhei pra ele com os olhos arregalados. O rosto dele ficou chocado.

- Brincadeirinha - eu ri silenciosamente. - E você disse que eu não sabia atuar. Ele fez uma careta de desgosto. - Isso não é engraçado.

- Foi muito engraçado, e você sabe disso. - Mas eu examinei cuidadosamente os seus olhos dourados pra ter certeza de que estava perdoada. Aparentemente eu estava.

- Será que eu devo refrasear? - ele perguntou. - Está na hora do café da manhã para os humanos.

- Oh, tudo bem.

Ele me jogou sobre o seu ombro de pedra gentilmente, mas com uma rapidez que me deixou sem fôlego. Eu protestei enquanto ele me carregava facilmente pelas escadas, mas ele me ignorou.

Ele me colocou sentada numa cadeira.

A cozinha estava brilhante, feliz, parecendo que absorvia o meu humor.

- O que tem pra o café da manhã? - eu perguntei prazerosamente. Isso fez ele pensar um instante.

- Er, eu não tenho certeza. O que você quer? - Sua sobrancelha de mármore se ergueu. Eu sorri, ficando de pé.

- Está tudo bem, eu sei me cuidar sozinha. Me observe caçar.

Eu encontrei uma tigela e uma caixa de cereais. Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu pegava o leite e encontrava uma colher. Eu coloquei a comida na mesa, e então parei.

- Eu posso pegar alguma coisa pra você? - eu perguntei, sem querer ser rude. Ele só rolou os olhos. - Só coma, Bella.

Eu sentei na mesa, observando ele enquanto comia um pouco. Ele estava me encarando, estudando todos os meus movimentos. Eu fiquei envergonahda. Eu limpei minha garganta pra falar, pra distraí-lo.

- O que está na agenda pra hoje? - eu perguntei.

- Hmmm - eu podia ver que ele estava tentando moldar sua resposta cuidadosamente. - O

que você diria de conhecer minha família?

Eu engoli seco.

- Você está com medo agora? - ele parecia esperançoso.

- Sim - eu admiti; eu não podia esconder isso, ele podia ver nos meus olhos.

- Não se preocupe - ele sorriu. - Eu vou te proteger.

- Eu não estou com medo deles - eu expliquei. - Eu estou com medo que eles... não gostem de mim. Eles não vão ficar, bem, surpresos por você levar alguém...como eu... pra casa pra conhecê-los? Eles sabem que eu sei deles?

- Oh, eles já sabem de tudo. Eles fizeram apostas ontem, sabia? - ele sorriu, mas sua voz estava áspera - Eles apostaram se eu ia te trazer do volta ou não, apesar de eu não ter idéia do porque eles apostaram contra Alice. Sob qualquer perspectiva, nós não temos segredos na minha família. Não é nem possível, já que eu leio mentes e Alice vê o futuro e tudo mais.

- E Jasper fazendo você ficar mais calmo quando você estava com vontade de botar tudo pra fora, não se esqueça disso.

- Você estava prestando atenção - ele sorriu com aprovação.

- Eu aprendi a fazer isso de vez em quando - eu brinquei. - Então Alice me viu voltando?

Sua reação foi estranha. - Algo assim - ele disse desconfortavelmente, se virando pra que eu não pudesse ver seus olhos. Eu encarei ele cheia de curiosidade

- Isso ai é bom? - ele perguntou, se virando abruptamente pra olhar pra o meu café da manhã com uma cara de brincalhão. - Honestamente, não parece muito apetitoso.

- Bom, não é um urso pardo irritado... - ignorando ele quando ele fez uma careta. Eu ainda estava me perguntando porque ele havia respondido aquilo quando eu mencionei Alice. Eu olhei para o meu cereal, fazendo especulações.

Ele ficou parado no meu da cozinha, uma estátua de Adonis de novo, olhando pra fora pelas janelas de trás.

Então seus olhos voltaram pra mim, ele sorriu um sorriso de tirar o fôlego.

- E eu acho que você devia me apresentar ao seu pai também, eu acho.

- Ele já te conhece - eu lembrei ele.

- Eu quero dizer, como seu namorado.

Eu encarei ele com um olhar suspeito. - Porque?

- Não é esse o costume? - ele perguntou inocentemente.

- Eu não sei - eu admiti. Minha vida amorosa não havia me dado muitas referências. Não que as regras de um namoro normal se aplicassem aqui. - Isso não é necessário, sabe. Eu não espero que você... finja por minha causa.

Seu sorriso estava paciente. - Eu não estou fingindo.

Eu empurrei os restos do meu cereal nas bordas da tigela, mordendo meu lábio.

- Você vai dizer pra Charlie que eu sou seu namorado ou não? - ele perguntou.

- É isso que você é? - Eu suprimi a alegria que tomava conta de mim por pensar em Edward e Charlie e a palavra namorado juntas no mesmo lugar.

- Eu tenho que admitir que já não sou mais um garoto.

- Na verdade, eu tinha a impressão de que você era algo mais - eu confessei, olhando para a mesa.

- Bem, nós não temos que massacrá-lo com todos os detalhes agora. - Ele se inclinou na mesa para levantar o meu queixo com um dedo frio, gentil. - Mas ele precisa de alguma explicação pra o motivo que eu fico aqui tanto tempo. Eu não quero que o Chefe Swan me dê uma ordem de prisão.

- Você vai ficar? - eu perguntei. - Você vai ficar aqui mesmo?

- Até quando você me quiser - ele me assegurou.

- Eu sempre vou querer você - eu avisei. - Pra sempre.

Ele deu a volta na mesa vagarosamente, e parando a alguns passos de distância, ele se inclinou para tocar a minha bochecha com a ponta dos seus dedos. Sua expressão estava insondável.

- Isso te deixa triste? - eu perguntei.

Ele não respondeu. Ele me olhou nos olhos por um imensurável período de tempo.

- Você já acabou - ele finalmente perguntou.

Eu me levantei num pulo. - Sim.

- Vá se vestir, eu vou esperar aqui.

Foi difícil decidir o que vestir. Eu duvidava que houvesse algum livro de etiqueta que te dissesse o que vestir quando seu namoradinho vampiro te leva pra conhecer a família de vampiros dele. Era um alívio pensar na palavra sozinha. Eu sabia que eu afastava ela dos meus pensamentos intencionalmente por timidez.

Eu acabei colocando a minha única saia longa, cor de khaki, mas casual. Eu coloquei a minha blusa azul que ele tinha elogiado. Uma rápida olhada no espelho me disse que meu cabelo estava impossível, então eu fiz um rabo de cavalo.

- Tudo bem - eu desci as escadas. - Eu estou decente.

Ele estava me esperando no pé da escada, mais próximo do que eu imaginava, e eu acabei me chocando com ele. Ele me equilibrou, me segurando por um instante longe cuidadosamente longe do seu corpo por alguns segundos antes de me trazer pra mais perto rapidamente.

- Errada de novo - ele murmurou no meu ouvido. - Você está muito indecente, ninguém devia ser tentadora assim, não é justo.

- Tentadora como? - eu perguntei. - Eu posso me trocar...

Ele suspirou, balançando a cabeça. - Você é muito absurda. - Ele pressionou seus lábios frios delicadamente na minha testa e a sala rodou. O cheiro do seu hálito tornou impossível pensar.

- Será que eu devo explicar como você é tentadora pra mim? - ele disse. Claramente era uma pergunta retórica. Ele passou seus dedos vagarosamente pela minha coluna, sua respiração estava vindo mais rápido na minha pele. Minhas mãos estavam espalmadas no seu peito, e eu senti a minha cabeça leve de novo. Ele abaixou sua cabeça devagar e encostou levemente seus lábios frios nos meus por um segundo, muito cuidadosamente, fazendo eles se abrirem. Então eu desmoronei.

- Bella? - sua voz estava alarmada enquanto me pegava e me mantinha de pé.

- Você...me...deixou...tonta - eu acusei atordoada.

- O que é que eu faço com você? - ele gemeu exasperado. - Eu te beijei ontem e você me atacou! Hoje você desmaia nos meus braços!

Eu sorri fracamente, deixando os braços dele me segurarem enquanto minha cabeça rodava.

- É isso que eu ganho por ser bom em tudo - ele suspirou.

- Esse é o problema - eu ainda estava atordoada. - Você é bom demais. Muito, muito bom.

- Você está passando mal? - ele perguntou; ele já havia me visto assim antes.

- Não, não é o mesmo tipo de tontura. Eu não sei o que aconteceu. - Eu balancei a cabeça pedindo desculpas. - Eu acho que esqueci de respirar.

- Eu não posso te levar a lugar nenhum desse jeito.

- Eu estou bem - eu insisti. - Sua família vai pensar que eu sou louca do mesmo jeito, qual é

a diferença?

Ele mediu minha expressão por um instante. - Eu gosto muito do tom da sua pele - ele disse inesperadamente. Eu corei de prazer, e desviei o olhar.

- Olha, eu tô dando muito duro pra não pensar no que eu estou fazendo, então será que já

podemos ir? - eu perguntei.

- E você está com medo não porque vai pra uma casa cheia de vampiros, mas porque você

tem medo que esse vampiros não aprovem você, correto?

- É isso mesmo - eu disse imediatamente, surpresa com o tom casual que ele usou ao dizer essas palavras.

Ele balançou a cabeça. - Você é incrível.

Eu me dei conta, enquanto ele dirigia minha caminhonete até a parte central da cidade, que eu não fazia idéia de onde ele morava. Nós passamos sobre a ponta do rio Calawah, pegando a estrada que ia para o norte, as casas passando por nós, estavam ficando maiores. Então passamos por outras casa coladas umas nas outras, dirigindo na direção da vasta floresta. Eu estava pensando se seria melhor perguntar ou ser paciente quando ele virou numa estrada sem pavimento. Não havia sinalização, ela era praticamente invisível entre as árvores. A floresta se estendia pelos dois lados, deixando a estrada á frente visível discernível apenas por causa de umas curvas em formato de serpente, ao redor das árvores antigas.

E então, alguns quilômetros mais á frente, havia algo brilhando por entre as árvores, e então de repente apareceu uma pequena clareira, ou será que era um quintal? O brilho da floresta, no entanto, não desapareceu, pois haviam seis árvores enormes que circundavam o lugar em todas as suas arestas. As sombras mantinham suas sombras seguras sobre as paredes da casa que se erguia por entre elas, tornando obsoletas as minhas primeiras explicações. Eu não sabia o que esperar, mas definitivamente não era isso. A casa era antiga, graciosa, e tinha provavelmente uns cem anos. Era pintada de um branco suave, fraquinho, tinha três andares, era retangular e bem proporcionada. As janelas e portas faziam parte da estrutura original ou de uma restauração muito bem feita. Minha caminhonete era o único carro á vista. Eu podia ouvir um rio por perto, escondido pela obscuridade da floresta.

- Uau.

- Você gostou? - ele sorriu.

- Tem...um certo charme.

Ele deu um puxãozinho na ponta do meu rabo de cavalo e deu uma gargalhada.

- Pronta? - ele perguntou, abrindo a porta.

- Nem um pouquinho, vamos lá. - Eu tentei sorrir, mas parece que minha garganta estava presa. Eu passei a mão no cabelo nervosamente.

- Você está adorável - ele pegou minha mão calmamente, sem pensar. Nós caminhamos pelo longo portal de entrada. Eu sabia que ele podia sentir minha tensão; seu polegar fazia círculos nas costas da minha mão.

Ele abriu a porta pra mim.

Por dentro era ainda mais surpreendente, menos previsível, do que do lado de fora. Era muito clara, muito aberta, e muito grande. Isso originalmente devem ter sido vários quartos, mas as paredes foram removidas em muitas partes pra criar um espaço maior. O fundo, virado para o sul foi inteiramente substituído por vidros, e , além da sombra das árvores, o quintal terminava num rio enorme, uma escada gigantesca dominava o lado oeste da sala. As paredes, o teto baixo, o chão de madeira, e os finos tapetes, eram todos de tons variantes de branco. Esperando por nós, em pé no lado esquerdo da porta, num lado da sala que continha um piano enorme e espetacular, estavam os pais de Edward.

Eu vi o Dr. Cullen primeiro, é claro, eu ainda não podia deixar de me chocar com a sua juventude e perfeição ultrajante. Ao lado dele estava Esme, eu presumi, a única da família que eu ainda não conhecia. Ela tinha o mesmo rosto pálido, lindo que os outros tinham. Alguma coisa no formato de coração do seu rosto, seus cachos macios, de uma cor caramelada, me fez lembrar de filmes épicos. Ela era pequena, mais esbelta, mas mais angular, mais cheinha que os outros. Eles dois estavam vestidos casualmente, com roupas claras que combinavam com o interior da casa. Eles deram um sorriso de boas vindas, mas não fizeram nenhum movimento para se aproximar. Eu imaginei que eles estavam tentando não me assustar.

- Carlisle, Esme - a voz de Edward quebrou o curto silêncio. - Esta é Bella.

- Seja bem vinda, Bella - os passos de Carlisle eram medidos, cuidadosos enquanto ele se aproximava. Ele ergueu sua mão tentadoramente. Eu dei um passo á frente para balançar a mão dele.

- É bom vê-lo de novo, Dr. Cullen.

- Por favor, me chame de Carlisle.

- Carlisle - eu sorri pra ele, minha súbita confiança me surpreendeu. Eu podia sentir o alívio de Edward á meu lado.

Esme sorriu e também deu um passo á frente, vindo na direção da minha mão. O seu aperto frio e forte foi exatamente como eu esperava.

- É muito bom conhecer você - ela disse sinceramente.

- Obrigada. É bom conhecer você também. - E era mesmo. Era como conhecer uma fada de contos, ou Branca de Neve, pela cor.

- Onde estão Alice e Jasper? - Edward perguntou, mas ninguém respondeu, já que eles apareceram no topo da escada.

- Ei, Edward - Alice chamou entusiasmada. Ela correu escada abaixo, uma mistura de cabelos pretos e pele branca, parando graciosamente na minha frente. Carlisle e Esme olharam para ela com olhos cheios de avisos, mas eu gostei. Era natural, pra ela, pelo menos.

- Oi, Bella - ela disse e se inclinou para me dar um beijo na bochecha. Se Carlisle e Esme pareciam assustados antes, agora eles estavam alarmados. Havia choque nos meus olhos também, mas eu estava feliz por ela parecer me aceitar tão inteiramente. Eu estava surpresa por sentir Edward tão rígido ao meu lado. Eu olhei para o rosto dele, mas a sua expressão não me disse nada.

- Você realmente cheira bem, eu não tinha reparado antes. - Ela comentou, me deixando totalmente envergonhada.

Ninguém mais parecia saber exatamente o que dizer, e então Jasper estava lá-alto e leonino. Um sentimento de paz passou pelo meu corpo, e de repente eu estava totalmente a

vontade a despeito de onde eu estava. Edward olhou pra Jasper, levantando um sobrancelha, e então eu lembrei do que Jasper podia fazer.

- Olá, Bella - Jasper disse. Ele manteve a distância, sem me oferecer um aperto de mão. Mas era impossível se sentir mal perto dele.

- Olá, Jasper - eu respondí timidamente pra ele, e depois para os outros - e vocês têm uma casa linda - eu comentei convenientemente.

- Obrigada - Esme disse. - Estamos muito felizes por você ter vindo. - Ela falou cheia de sentimento, e então eu percebi que ela estava me achando corajosa. Eu me dei conta de que Rosalie e Emmett não estavam em lugar algum, então me lembrei da resposta muito inocente de Edward quando eu perguntei se eles não gostavam de mim. A expressão de Carlisle me tirou dessa linha de pensamento, ele estava olhando para Edward com um expressão intensa. Pelo canto dos meus olhos, eu vi Edward afirmar com a cabeça uma vez.

Eu virei o olhar, tentando ser educada. Meus olhos foram parar de novo no lindo instrumento que havia na sala. De repente eu me lembrei da minha fantasia de infância que, se um dia eu ganhasse na loteria, eu compraria um piano bem grande pra minha mãe. Ela não era muito boa, ela só tocava pra si mesma no nosso teclado de segunda mão, mas eu adorava vê-la tocar. Ela ficava feliz, absorvida, nessas horas, ela parecia ser um ser novo, misterioso pra mim, alguém que não era a mãe que eu conhecia. Ela tentou me dar aulas, é claro, mas como toda criança, eu reclamei até que ela me deixou em paz.

Esme notou minha preocupação.

- Você toca? - ela me perguntou, inclinando a cabeça na direção do piano. Eu balancei minha cabeça. - Nem um pouco. Mas é lindo. É seu?

- Não. - Ela riu. - Edward não te contou que é um músico?

- Não. - Eu olhei para a expressão inocente dele com os olhos revirados. - Mas eu já devia saber, eu acho.

Esme ergueu suas sobrancelhas delicadas, confusa.

- Edward consegue fazer tudo, não é? - eu expliquei.

Jasper riu silenciosamente e Esme deu a Edward uma olhada de reprovação.

- Eu espero que você não tenha ficado se mostrando, é rude. - Ela repreendeu.

- Só um pouquinho - ele sorriu livremente. O rosto dela se suavizou com o som, e eles trocaram um olhar que eu não entendi, apesar de Esme ter parecido quase presumida.

- Na verdade, ele foi modesto demais - eu corrigí.

- Bem, toque pra ela - Esme encorajou.

- Você acabou de dizer que ficar me mostrando era rude - ele disse.

- Pra toda regra há uma exceção - ela replicou.

- Eu gostaria de te ouvir tocar - eu me ofereci.

- Está resolvido, então - Esme empurrou ele na direção do piano. Ele me puxou com ele, fazendo com que eu me sentasse ao seu lado no banco.

Ele me deu um olhar longo, exasperado antes de virar as chaves. E então seus dedos flutuaram rapidamente nas teclas, e a sala foi ocupada por uma composição tão complexa, tão luxuriosa, que era difícil acreditar que era tocada apenas por um par de mãos. Eu senti meu queixo cair, minha boca ficou aberta de pasmo, e eu ouvi gargalhadas atrás de mim por causa da minha reação.

Edward olhou pra mim casualmente, a melodia ainda soava ao nosso redor sem intervalos, eu pisquei. - Você gosta?

- Você compôs isso? - eu gaguejei, entendendo tudo.

Ele afirmou com a cabeça. - É a favorita de Esme.

Eu fechei meus olhos, balançando a cabeça.

- Qual é o problema?

- Eu estou me sentindo extremamente insignificante.

A música ficou mais devagar, se transformando em outra mais leve, e para a minha surpresa eu reconheci a melodia da sua canção saindo da profusão das notas.

- Essa é inspirada em você - ele disse suavemente. A música ficou insuportavelmente doce. Eu não conseguia falar.

- Eles gostam de você, sabe - ele disse convencionalmente. - Especialmente Esme. Eu olhei pra trás, a sala enorme estava vazia agora.

- Onde eles foram?

- Estão tentando nos dar privacidade, eu acho.

Eu suspirei. - Eles gostam de mim. Mas Rosalie e Emmett... - eu parei, sem ter certeza de como expressar minhas dúvidas.

Ele fez uma careta. - Não se preocupe com Rosalie - ele disse, seus olhos

estavam grandes e persuasivos. - Ela vai aparecer.

Meus lábios se contorceram ceticamente. - Emmett?

- Bem, ele acha que eu sou um lunático, e é verdade, mas ele não tem nenhum problema com você. Ele só está tentando apoiar Rosalie.

- Porque é que isso aborrece tanto ela? - eu não tinha certeza de que queria saber a resposta.

Ele deu um suspiro longo. - Rosalie tem mais problemas com... com o que você é. Pra ela é

difícil ter alguém de fora sabendo da verdade. Ela está comum pouco de inveja.

- Rosalie tem inveja de mim? - eu perguntei incrédula. Eu imaginei um universo onde a Rosalie de tirar o fôlego, teria motivos pra ter inveja de mim.

- Você é humana - ele ergueu os ombros. - Ela também queria ser.

- Oh - eu murmurei, ainda aturdida. - Porém, até Jasper.

- Na verdade aquilo foi culpa minha - ele disse. - Eu te disse que ele foi o último de nós a tentar se adaptar ao nosso meio de vida. Eu pedi que ele mantivesse distância. Eu pensei na razão pela qual ele faria isso, e tremi.

- Carlisle e Esme? - eu continuei rapidamente pra não deixar ele reparar.

- Eles estão felizes por me ver feliz. Na verdade, Esme não se importaria se você tivesse três olhos e pés gigantes. Durante todo esse tempo, ela temeu por mim, achando que eu estava perdendo algo essencial por conta da transformação, que eu era jovem demais quando Carlisle me transformou... ela está radiante. Toda vez que eu te toco ela fica prestes a explodir de alegria.

- Alice parece muito... entusiasmada.

- Alice tem a sua própria forma de enxergar as coisas - ele disse com os lábios apertados.

- Você não vai me explicar isso, vai?

Um momento de comunicação sem palavras passou por nós. Ele se deu conta de que eu sabia que ele estava me escondendo alguma coisa. Eu me dei conta de que ele não ia me contar nada. Ainda não.

- Então o que Carlisle estava te dizendo mais cedo?

Suas sobrancelhas se juntaram. - Você percebeu, não foi.

Eu levantei os ombros. - É claro.

Ele me olhou pensativo por alguns segundos antes de responder. - Ele queria me contar uma novidade, ele não sabia se era algo que ele devia compartilhar com você.

- Você vai?

- Eu tenho, porque eu vou ficar um pouco... insuportavelmente super protetor nos próximos dias, ou semanas, e eu não quero que você pense que eu sou naturalmente insuportável.

- O que há de errado?

- Nada errado, necessariamente. Alice viu alguns visitantes se aproximando. Eles sabem que estamos aqui, e estão curiosos.

- Visitantes?

- Sim, bem...eles não são como nós, é claro, nos seus hábitos alimentares, eu quero dizer. Eles provavelmente nem vão aparecer na cidade, mas eu certamente não vou tirar os olhos de você de jeito nenhum, até que eles tenham ido embora.

Eu me arrepiei.

- Finalmente uma resposta racional! - ele murmurou. - Eu já estava começando a acreditar que você não tinha o menor senso de auto-preservação.

Eu deixei essa passar, olhando ao redor, meus olhos admirando de novo a sala espaçosa. Ele seguiu meu olhar. - Não é o que você esperava, não é? - ele perguntou com uma voz presumida.

- Não - eu admiti.

- Sem caixões, sem caveiras empilhadas nos cantos; eu nem acho que temos teias de aranha... que decepção isso deve ser pra você. - Ele continuou zombando. Eu ignorei suas brincadeiras. - É tão clara... tão aberta.

Ele estava mais sério quando respondeu. - É o único lugar onde não precisamos nos esconder.

A música que ele ainda estava tocando, a minha música, foi chegando ao fim, as notas finais mudando para um tom mais melódico. A última nota ecoou no silêncio.

- Obrigada - eu murmurei. Eu me dei conte de que estava com lágrimas nos olhos. Eu enxuguei elas, envergonhada.

Ele tocou o canto dos meus olhos, enxugando uma que eu havia deixado escapar. Ele levantou o dedo, analisando significantemente a umidade da gota. Então, tão rapidamente que eu mal pude reparar, ele colocou o dedo na boca para experimentá-la. Eu olhei pra ele questionadoramente, e ele olhou pra mim por um momento até que ele finalmente sorriu.

- Você quer ver o resto da casa?

- Não tem caixões? - eu verifiquei, o sarcasmo na minha voz estava escondendo a verdadeira ansiedade que eu sentia.

Ele sorriu, pegando minha mão, me levando pra longe do piano.

- Sem caixões - ele prometeu.

Nós subimos a enorme escadaria, minha mão passando pela superfície delicada do corrimão. O longo corredor que se seguia ás escadas era revestido com uma madeira cor de mel, a mesma das madeiras do chão.

- O quarto de Rosalie e Emmett... o escritório de Carlisle... o quarto de Alice - ele fazia gestos enquanto passávamos pelas portas.

Nós teríamos continuado, mas eu parei no fim do corredor, olhando incrédula para o ornamento pendurado na parede acima da minha cabeça. Edward deu uma

gargalhada por causa da minha expressão.

- Você pode sorrir - ele disse. - É mesmo um pouco irônico.

Eu não ri, minha mão levantou automaticamente com um dedo erguido para tocar a grande cruz de madeira. A sua madeira escura contrastava com o tom claro das paredes. Eu não toquei, apesar de estar muito curiosa pra saber se ela era tão suave ao toque quanto parecia ser aos olhos.

- Deve ser muito antiga - eu advinhei.

Ele ergueu os ombros. - Do início da década de 1630, mais ou menos. Eu desviei o olhar da cruz pra olhar pra ele.

- Porque vocês mantêm isso aqui? - eu perguntei.

- Nostalgia. Pertenceu ao pai de Carlisle.

- Ele colecionava antiguidades? - eu perguntei em dúvida.

- Não. Ele mesmo a fez. Costumava ficar na parede sobre o altar da sacristia onde ele pregava.

Eu não tinha certeza se o meu rosto demonstrava o meu choque, mas só na duvida, eu me virei para olhar para a velha cruz novamente. Eu fiz as contas rapidamente na cabeça; a cruz já

tinha mais de trezentos e setenta anos de idade. O silêncio perdurou enquanto eu lutava pra entender o conceito de todos esses anos.

- Você está bem? - ele parecia preocupado.

- Quantos anos Carlisle tem? - eu perguntei baixinho, ignorando sua pergunta, ainda olhando pra cima.

- Ele acabou de celebrar seu aniversário de trezentos e sessenta e dois anos - Edward disse. Eu olhei pra ele, um milhão de perguntas estavam nos meus olhos. Ele me olhava cuidadosamente enquanto falava.

- Carlisle nasceu na Inglaterra, na década de 1640, ele acha. Naquela época o

tempo não era tão contado quanto hoje, pelos menos não para as pessoas comuns. No entanto, foi logo antes da lei de Cromwell.

Eu mantive meu rosto composto, consciente de que ele estava me estudando enquanto eu ouvia. Era mais fácil se eu tentasse não acreditar no que ouvia.

- Ele era filho de um pastor Anglicano. A mãe dele morreu no parto. Seu pai era um homem intolerante. Quando os protestantes chegaram ao poder, ele foi a favor da perseguição dos católicos romanos e de outras religiões. Ele também acreditava muito fortemente no poder do mal. Ele comandou caçadas por bruxas, lobisomens... e vampiros. - eu fiquei muito rígida quando ouvi a palavra. Eu tenho certeza de que ele reparou, mas ele continuou sem parar.

- Eles queimaram muitas pessoas inocentes, é claro que as criaturas que eles estavam procurando não eram tão fáceis de pegar.

- Quando o pastor ficou velho, ele ordenou que seu filho obediente ficasse em seu lugar. No começo, Carlisle foi uma decepção; ele não via ninguém pra acusar tão rapidamente, não via demônios que não existiam. Mas ele era insistente e mais inteligente que o seu pai. Ele realmente descobriu um covil de vampiros de verdade que viviam se escondendo nos esgotos da cidade, só

saindo durante a noite, pra caçar. Naqueles tempos, quando essas criaturas não eram só lendas e mitos, era assim que eles viviam. As pessoas pegaram suas tochas e lanças, é claro - seu breve sorriso estava sombrio agora - e esperaram onde Carlisle havia visto um deles saindo para a rua. Finalmente, um deles saiu. - Sua voz estava muito baixa; eu tive que dar duro pra ouvir. - Ele devia ser muito velho, e fraco com fome. Carlisle ouviu ele chamando os outros em Latin quando sentiu o cheiro das pessoas. Ele correu pelas ruas, e Carlisle, que tinha vinte e dois anos e era muito rápido, estava liderando a perseguição. A criatura poderia facilmente despistá-los, mas Carlisle acha que ele estava com muita fome, então ele se virou e atacou. Ele pulou em Carlisle primeiro, mas os outros estavam logo atrás, e ele virou pra se defender. Ele matou outros dois homens, se alimetou de um terceiro e deixou Carlisle sangrando na rua. Ele parou. Eu podia ver que ele estava tentando esconder alguma parte da história, escondendo alguma coisa de mim.

- Carlisle sabia o que seu pai ia fazer. Os corpos seriam queimados, tudo que haviam sido infectado pelo monstro tinha que ser destruído. Carlisle agiu

instintivamente pra salvar sua vida. ele saiu da rua rastejando enquanto o resto do bando corria atrás do demônio. Ele se escondeu numa plantação, se escondendo numa colheita de batatas por três dias. Foi um milagre que ele tenha conseguido se manter em silêncio, permanecer em segredo sem ser descoberto. Então tudo acabou e ele descobriu no que havia se transformado.

Eu não tenho certeza do que a minha expressão estava dizendo, mas de repente ele parou.

- Como você está se sentindo? - ele perguntou.

- Eu estou bem - eu assegurei. E de repente eu mordí meu lábio com hesitação, ele deve ter visto a curiosidade queimando nos meus olhos.

Ele sorriu. - Eu espero que você tenha mais perguntas pra mim.

- Algumas.

Seu sorriso cresceu mostrando seus dentes brilhantes. Ele começou a andar pelo corredor, me puxando pela mão. - Venha, então - ele me encorajou. - Eu vou te mostrar.

16. CARLISLE

Ele me conduziu para um quarto, que ele disse ser o escritório de Carlisle. Ele parou no exterior da porta por um instante.

- Entrem. - A voz de Carlisle convidou.

Edward abriu a porta para um grande quarto, alto na parte ocidental das janelas. As paredes, as portas... Eram de uma madeira escura, onde nelas eram visíveis. Na parte de cima das paredes tinha muitos livros, mais livros do que já tinha visto fora de uma biblioteca. Carlisle sentou-se atrás de uma enorme mesa de mogno, numa cadeira de couro. Ele estava colocando um marcador de livro, numa pagina de um grosso volume que ele segurava. O quarto era como eu sempre imaginei para um pequeno colégio. Carlisle tinha aparência muito jovem para se adaptar a região.

- O que eu posso fazer por vocês? - Ele nos perguntou agradavelmente, sobre o seu acento.

- Eu queria mostrar a Bella a nossa história - Edward disse. - Bem, sua historia na realidade.

- Nos não pensamos que isso iria perturbar você. - Eu me desculpei.

- Nenhum problema com isso. Quando você quer começar?

- Do carro - Edward respondeu, colocando sua mão levemente sobre o meu ombro, o que me

fez

olhar

na

direção

da

porta,

quando

nos

estávamos

entrando.

Cada vez que ele me tocava, parecia sempre muito casual, meu coração estava tendo uma audível reação. Eu estava muito envergonhada por Carlisle esta lá.

A parede que vimos agora, era diferente das outras, no lugar de livros, ela estava cheia de pinturas, de todos os tamanhos, algumas com cores vibrantes outras escuras. Eu procurei alguma lógica, algum motivo para o que essas coleções tinham em comum, mas eu não encontrei nada no meu rápido exame.

Edward me puxou para a direção oposta, eu estava de pé, de frente pra um pequeno quadro pintado oleio, com a borda feita de uma madeira plana, ele não estava fora do grande centro e brilhava; estava pintado em vários tons, ele

descrevia a miniatura de uma cheia cidade, com um abismo oculto no telhado de uma casa, com espirais no topo, com algumas torres com espelhos, com um longo rio enchendo o fundo com uma ponte o atravessando e pequenas catedrais.

- Londres nos anos cinqüenta - Edward disse.

- A Londres da minha juventude - Carlisle acrescentou, alguns pés atrás de nos. Eu recuei, não tinha escutado ele chegar. Edward apertou minha mão.

- Você quer contar a história? - Edward perguntou. Eu me retorci ao ver a reação de Carlisle. Ele sorriu.

- Eu gostaria - ele replicou - Mas eu estou atrasado. O Hospital informou esta manhã que o Dr. Snow esta doente hoje, Além disso, você sabe essas historias melhor do que eu - Ele adicionou sorrindo para Edward agora.

Era uma combinação estranha de absorver. Vê o doutor de manhã cedo nas discussões da Londres dos anos setenta.

Estava desconcertado sei disso, ele falou em voz alta para o meu beneficio. Depois disso ele me deu um sorriso caloroso, depois nos deixou na sala.

Eu fixei os olhos numa pequena pintura de Carlisle em casa, por um logo momento.

- O que aconteceu com eles? - Eu finalmente perguntei, mirando Edward, quem estava me assistindo.

- Quem o converteu? O que tinha acontecido com ele?

Ele se voltou para as pinturas e eu olhei para ele tentando vê o que prendia a sua atenção agora

Tinha uma grande paisagem, com uma floresta sombreada, com um espantoso pico distante.

- Quando ele soube em que tinha se transformado - Edward disse quietamente. - Ele se revoltou contra isso. Tentou se destruir, mas não é fácil fazer isso.

- Como? - Eu não sabia o que disser em voz alta, mas as palavras quebraram-se

com o meu choque.

- Ele pulou de grandes alturas - Edward contou-me, sua voz estava indiferente.

- Ele tentou afogar-se no oceano..., mas era muito jovem na sua nova vida e era muito forte, ele tentou resistir... a alimentação... Na época que estava novo, o extinto era maior e o pegou novamente, mas ele estava se repelindo, tinha força e resistência para se matar de fome.

- Isso é possível? - Minha voz falhou.

- Não, há outros caminhos para nos matar.

Minha boca abriu com a pergunta, mas ele falou antes que pudesse.

- Então ele ficou com fome e eventualmente fraco. Ele ficou longe da população humana, descobriu que estava enfraquecendo, também. Por alguns meses ele andou pela noite, buscando lugares vazios, entediando-se. A sua sede selvagem aumentou, ele torturava-se só em pensar. Sua força voltou e ele realizou e lá estava uma alternativa para a sua existência de um desprezível monstro, ele aterrorizou-se. Ele não podia comer carne na sua nova vida, novamente no outro mês ele criou uma nova filosofia, estava renascendo. Ele podia viver sem a existência de um demônio. Ele encontrou-se de novo. Ele começou a fazer melhor uso do seu tempo. Estava virando um gênio, estava ansioso por estudar mais. Agora ele tinha tempo ilimitado, estudava durante a noite e fazendo planos durante o dia, ele nadou na França.

- Ele nadou na França?

- Pessoas nadam em canais todo o tempo, Bella - Ele disse-me meio doentio.

- Isso é verdade - Eu me redimi, o que saiu com um som meio engraçado.

- Nadar é fácil para nos.

- Tudo é fácil para você. - Eu disse.

Sua expressão ficou divertida.

- Eu prometo que não vou interromper de novo.

Ele sorriu obscuramente e terminou sua frase. - Por causa do técnico ele não precisou de fôlego.

- Você...

- Não, não você prometeu - Ele gargalhou, colocando o seu dedo gelado sobre os meus lábios. - Você vai escutar a historia ou não?

- Você não espera que eu não diga nada - Eu murmurei contra o seu dedo. Ele levantou a mão e colocou na minha nuca, o meu coração bateu mais rápido por causa disso, mas eu continuei.

- Você não precisa respirar? - Eu reclamei.

- Não, isso não é necessário, só um habito. - Ele disse.

- Quanto tempo você pode ficar sem respirar?

- Por tempo indefinido, eu suponho, eu não sei me sinto um pouco desconfortável sem respirar.

- Se sente desconfortável - Eu repeti.

Eu não reparei na sua expressão, mas algo a fez ficar sombria.

Ele colocou suas mãos do seu lado, ele ficou estável, seus olhos se intensificaram sobre o meu rosto, o silêncio se prolongou, seu rosto estava imóvel como uma pedra.

- O que é isso? - Eu murmurei tocando no seu rosto gelado.

Seu rosto suavizou de baixo da minha mão e ele suspirou.

- Eu esperei para isso acontecer.

- Por o que acontecer?

- Eu sabia que em algum ponto, algo mim o diz ou algo que você vê está indo ser demasiado, E então você ficara afastado de mim, como você vai. - Ele estava com um meio sorriso, mas os seus olhos estavam sérios. - Eu não vou impedir você, quero que você esteja a salvo e quero estar com você, dois desejos

impossíveis de se conciliar. Ele olhou para o meu rosto, eu esperei.

- Eu não correrei de lugar nenhum. - Eu permiti.

- Nós vamos ver. - Ele disse sorrindo de novo.

Eu franzi minhas sobrancelhas para ele - Então, vamos continuar. Carlisle estava nadando na França - Ele pausou, voltando para a sua história.

Ele refletiu, olhando para outra pintura muito colorida, com uma moldura muito embeleza e larga, ele tinha duas vezes o tamanho da porta que estava pendurado ao lado, A lona transbordou com figuras brilhantes nas vestes rodando, escritas em torno das longas colunas e fora da galeria de mármore. Eu não sabia se representava à mitologia grega ou se os caracteres que flutuam nas nuvens acima tivessem um significado bíblico.

- Carlisle nadou na França e depois continuou por toda a Europa, em algumas universidades de lá, à noite ele estudava musica, ciências e medicina, e encontrou sua permanência lá, salvando vidas humanas.

Sua expressão voltou a ser receosa quase reverente.

- Eu não poderia descrever adequadamente o sofrimento de Carlisle durante esses dois séculos, o seu perfeito autocontrole. Agora ele é imune ao cheiro do sangue humano e agora ele pode trabalhar com amor sem agonia, ele encontrou uma grande tranqüilidade lá no hospital - Edward olhou fixamente para fora por um momento longo.

Repentinamente ele pareceu se lembra da sua finalidade. Ele deu uma pancada com o dedo sobre a pintura na nossa frente.

- Ele estava estudando na Itália, quando descobriu outros lá. Eles eram mais educados e civilizados do que os dos bueiros de Londres.

Ele Tocou em um quarteto comparativamente calmo das figuras pintadas no balcão o mais elevado, olhando para baixo calmamente para baixo deles. Eu examinei o grupo cuidadosamente, eu me espantei quando reconheci o sorriso do homem de cabelo dourado.

- Esse homem foi uma grande inspiração para Carlisle, ele era seu amigo -

Edward riu por entre os dentes. - Aro, Marcus, Caius - Ele disse indicando três outros homens de cabelo preto. - Noite do patrono a arte.

- O que aconteceu com eles? - Eu milagrosamente falei em voz alta, meu dedo estava alguns centímetros da pintura.

- Eles ficaram todos lá - Ele encolheu os ombros - Porque foram para quem sabe quantas oficinas, Carlisle ficou com eles por um pouco tempo, só algumas décadas. Ele tinha grande admiração para os seus modos civilizados, refinados, mas eles persistiram em cura sua aversão por sua “Comida natural” Eles disseram que tentaram persuadir ele, e ele tentou persuadi-los, mas não valeu a pena. A partir daí Carlisle decidiu tentar um novo mundo. Ele sonhava em encontrar outros como ele, ele era muito sozinho, você entende. Ele não encontrou ninguém por um logo tempo, mas como monstros se tornam fadas dos dentes. Ele encontrou, podia usar os humanos como intermédio, se fosse apenas um, Ele começou a exercer a medicina, mas alguns evitavam sua companhia, ele não podia por em risco a sua familiaridade. Quando a epidemia se alastrou, ele estava trabalhando a noite num hospital em Chicago, ele tinha uma idéia girando em sua mente por diversos anos, e tinha se decidido quase agir, desde que não poderia encontrar um companheiro, criaria um. Ele não estava absolutamente certo de como a transformação ocorreria então ele hesitou, ele estava sentindo-se receoso por tirar a vida de alguém, pois a sua tinha sido roubada, Ele tinha esse pensamento quando me encontrou. Ele me ajudou, eu estava no meu leito de morte, ele cuidou dos meus pais e sabia que eu estava sozinho, ele decidiu tentar... - Sua voz estava um murmúrio agora, ele olhou fixamente através das janelas ocidentais. Eu me maravilhei com as pinturas, As memórias de Carlisle estavam em todo lugar. Eu esperei quieta. Quando ele se virou para mim estava com um sorriso angelical em seu rosto.

- Você deve estar cansada de tantas voltas - Ele concluiu.

- Você sempre esteve com Carlisle depois disso? - Eu disse.

- Quase sempre - Ele colocou sua mão levemente sobre a minha cintura e me puxou para ele. Ele me levou através da porta e estávamos de volta à parede com a pintura. Eu me senti honrada em poder ouvir outras historias. Edward não disse nada enquanto nos voltávamos para o hall, então eu perguntei. - Quase?

Ele suspirou, pareceu relutar em responder - Bem, eu tive um pouco de rebelião

adolescente, dez anos depois que eu... nasci... criado, o que quer que você queira o chamar. Eu mostrei para ele o meu apetite, Assim eu fui atrás da minha própria vida.

- Sério? - Eu estava intrigada ao invés de assustada, talvez eu devesse estar. Ele percebeu, eu fiquei onde nos estávamos com a cabeça para cima, olhando para os degraus, mas eu não dei muita importância as circunstâncias.

- Você não vai me repelir?

- Não.

- Por que não?

- Eu cogitei isso razoavelmente - Ele gargalhou mais alto do que antes. Nós estávamos no topo da escada agora, em outro caminho do hall.

- Dês do tempo do meu novo aniversario - Ele murmurou - Eu tinha vantagem sabia o que cada um ao redor de mim estava pensado, ambos humanos e não humanos, isso é porque os meus exames desafiaram Carlisle por dez anos. Eu podia ler sua perfeita sinceridade, eu entendia por a vida tinha colocado ele no meu caminho. Ele fez exames somente de alguns anos ao retorno a Carlisle e comprometeu a sua visão. Eu pensei que talvez fosse depressão, porque eu sei os pensamentos das minhas presas, poderia me fazer de inocente e persuadir só o mal, Se eu seguir como um assassino que se aproveita uma menina nova. Se eu salvasse ela não seria tão terrível. - Eu imaginei com clareza o que ele descreveu. Num beco a noite uma garota assustada, com um homem mal atrás dela. Edward, Edward caçou esse terrível e glorioso homem como um bom garoto. Grata a ela era ou estava mais assustada do que antes?

- Mas quando isso passou, eu voltei a ver o monstro em meus olhos, eu não podia escapar do debito que tinha com a vida humana, apesar de não ser uma boa justificativa. Então eu voltei para Carlisle e Esme, eles me receberam de volta, como dizem, isso é mais do que eu pude descrever.

Nós paramos na frete da última porta do saguão.

- Meu quarto - Ele informou, abrindo-o e me puxando para dentro. Seu quarto tinha na parte sul, uma janela parede-feita sob medida pra um grande quarto. Ele tinha como toda a casa muitos vidros, a paisagem era para baixo, evitando o sol

que refletia no rio, atrás tinha a intacta floresta e a extensão da Olympic Mountain, as montanhas estavam fechada há muito tempo. Na parede oeste tinha pôster e mais pôster de CDs, o seu quarto era melhor que uma loja de CD, em um canto tinha um sofisticado microsystem, do tipo que eu não tocaria porque claro que iria quebrar algo. Não havia cama somente um sofá de couro preto. O

chão era coberto por um grande tapete dourado, as paredes eram escuras.

- Bom acústico? - Eu supus.

Ele riu e apontou, ele pegou o controle remoto e ligou o estéreo. Estava quieto, mais agora o som do soft jazz estava conosco no quarto. Eu fui olhar a sua coleção de musica.

- Como você organizou isso? - Eu perguntei incapaz de encontrar reação para isso. Ele não estava prestando atenção.

- Hum por um ano, e pela preferência pessoal. - Ele disse distraidamente. Eu virei ele estava me olhando com uma expressão peculiar em seus olhos.

- O que?

- Eu fui preparado para sentir... alivio. Sabendo sobre tudo, não necessitando manter segredos de você, mas eu não podia esperar sentir mais do que isso. Eu gosto disso faz eu me sentir... feliz - Ele sugeriu timidamente.

- Eu estou satisfeita - Eu disse sorrindo de volta, eu me preocupei de pôde lamentar em dizer estas coisas, era bom saber que não era o acaso, mas então, porque seus olhos dissecaram a minha expressão, seu sorriso murchou e sua testa enrugou.

- Você está esperando para corre e gritar, não esta? - Eu supus. Um sorriso fraco apareceu em seus lábios e ele assentiu - Eu odeio estourar sua bolha, mas você não é realmente não cicatriza como você pensa, eu não o encontro cicatriz em tudo - Eu menti casualmente.

Ele parou levantando e sua sobrancelha provavelmente incrédulo, então um sorriso brilhoso, largo e perverso apareceu.

- Você realmente não devia ter.

- Você realmente não devia ter dito isso - Ele sorriu.

Um som baixo na parte de trás da sua garganta; seus lábios ondularam para trás sobre seus dentes perfeitos. Seu corpo deslocou de repente, metade do seu corpo abaixou-se, enrijecido como um leão próximo de uma presa.

Eu suportei me afastado dele.

- Você não deseja.

Eu não o vi saltar em mim, ele foi muito rápido, eu me encontrei repentinamente se ar, nós nos chocamos contra o sofá, batemos na parede e seus braços formaram uma proteção ao redor de mim, eu estava me sentido claramente empurrada, mas estava fazendo um esforço para me sentir bem. O que ele tinha, ondulando-me em uma esfera de encontro a sua caixa, prendendome mais firmemente do que correntes do ferro. Eu estava satisfeita por ele está alarmado, mas ele parecia bem controlado, seu maxilar relaxou, ele sorriu, seus olhos brilharam com humor.

- Você estava dizendo? - Ele disse travesso.

- Que você é muito, muito terrivelmente monstruoso. - Eu disse com sarcasmo perturbando a minha voz.

- Muito melhor - Ele aprovou.

- Hum - Eu sugeri. - Você pode sair de cima agora?

Ele só gargalhou.

- Nós podemos ir? - Uma voz macia chamou do Hall.

Lutei para me liberta, mas Edward apenas me reajustou, então eu estava convencionalmente sentada no seu colo, eu pude ver Alice e Jasper atrás dela na porta. Minhas bochechas queimaram, mas Edward sorriu sossegado.

- Vão na frente. - Edward estava mais quieto.

Alice pareceu não achar nada de incomum no nosso abraço, ela caminhou, quase dançando, seus passos eram tão graciosos, para o meio do quarto, onde ela se

curvou sinuosamente para o chão. Jasper, porém, parou na porta, sua expressão nada chocada. Ele encarou o rosto de Edward, e eu desejei saber se ele estava provando a atmosfera com sua sensibilidade incomum.

- Parecia que você estava tendo Bella para o almoço, e viemos ver se você a dividiria. - Alice anunciou.

Eu endureci por um momento, até que percebi que Edward estava sorrindo - se por causa do comentário dela ou da minha resposta, eu não poderia dizer.

- Desculpe, não acredito que tenha o suficiente para desperdiçar. – ele replicou, seus braços me segurando imprudentemente apertado.

- De fato. – Jasper disse, sorrindo para si mesmo enquanto caminhava para dentro do quarto. – Alice disse que esta noite terá uma verdadeira tempestade, e Emmett quer jogar bola. Você está no jogo?

As palavras eram bem comuns, mas o contexto me confundiu.

Eu presumi que Alice era um pouco mais confiável que o meteorologista, entretanto. Os olhos de Edward brilharam, mas ele hesitou.

- É claro que você deveria trazer Bella. – Alice gorjeou. Eu pensei ter visto Jasper lançar um olhar rápido a ela.

- Você quer ir? – Edward me perguntou, excitado, sua expressão vívida.

- Claro. – Eu não poderia desapontar tal rosto. – Hmm, onde estamos indo?

- Temos que esperar o raio para jogar a bola, você verá por que. – ele prometeu.

- Vou precisar de um guarda-chuva?

Todos três riram em voz alta.

- Ela vai? – Jasper perguntou a Alice.

- Não. – ela estava certa. – A tempestade atingirá acima da cidade. Deve estar bem seco na clareira.

- Ótimo, então. – O entusiasmo na voz de Jasper estava pegando, naturalmente.

Eu me encontrava ansiosa, ao invés de assustada.

- Vamos ver se Carlisle quer ir. - Alice se levantou e caminhou até a porta com um estilo que quebraria o coração de qualquer bailarina.

- Como se você não soubesse - Jasper zombou, e os dois seguiram rapidamente o seu caminho. Jasper conseguiu fechar a porta inconspicuosamente atrás dele.

- O que vamos jogar? - eu perguntei.

- Você vai assistir - Edward esclareceu. - Nós vamos jogar baseball. Eu revirei meus olhos. - Vampiros gostam de baseball?

- É o passatempo Americano - ele disse zombando mas solenemente.

17. O JOGO

Estava apenas começando a chuviscar quando Edward virou na rua. Até esse momento, eu não tinha dúvidas de que Edward ficaria comigo enquanto eu passava algumas horas no mundo real.

Foi aí que eu vi o carro preto, um Ford velho, parado na entrada de Charlie, e eu ouvi Edward

murmurar

algo

impossível

de

ouvir

numa

voz

baixa,

áspera.

Tentando ficar fora da chuva no pequeno portal de entrada, estava Jacob Black, atrás da cadeira de rodas do seu pai. O rosto de Billy estava impassível enquanto Edward estacionava a caminhonete no meio fio. Jacob olhou pra baixo, seu rosto estava mortificado. A voz baixa de Edward estava furiosa. - Isso já foi longe demais.

- Será que ele veio dizer alguma coisa pra Charlie? - eu adivinhei, mais horrorizada do que com raiva.

Edward só afirmou com a cabeça, ele respondia ao olhar de Billy com olhos estreitos. Eu me senti fraca de alívio por Charlie ainda não estar em casa.

- Me deixe cuidar disso - eu sugeri. O olhar negro de Edward me deixou ansiosa. Para minha surpresa, ele concordou.

- Isso provavelmente é o melhor. Contudo, tome cuidado. A criança não sabe de nada. Eu me senti um pouco estranha pela palavra criança. - Jacob não é muito mais novo que eu

- eu lembrei ele.

Ele olhou pra mim, sua raiva estava sumindo abruptamente. - Oh, eu sei. - Ele me assegurou com um sorriso.

Eu suspirei e coloquei minha mão na maçaneta da porta.

- Leve eles pra dentro - ele instruiu. - Pra que eu possa ir embora. Eu estarei de volta ao entardecer.

- Você quer levar minha caminhonete? - eu ofereci enquanto pensava numa desculpa pra Charlie pra explicar a abstinência dela.

Ele revirou os olhos. - Eu poderia ir pra casa andando e chagar mais rápido do que com essa caminhonete.

- Você não tem que ir embora - eu disse tristonha.

Ele sorriu da minha expressão. - Na verdade, tenho sim. Assim que você se livrar deles - ele me jogou um olhar obscuro - Você ainda tem que preparar Charlie pra conhecer seu novo namorado. - Ele sorriu abertamente, mostrando

todos os dentes.

Eu gemi. - Muito obrigada.

Ele deu aquele riso torto que eu adorava. - Eu vou voltar logo - ele prometeu. Seus olhos deram uma olhadinha para o portal de entrada, e então ele se inclinou suavemente e beijou a minha mandíbula. Meu coração começou a bater freneticamente, e eu, também, olhei em direção á porta. O olhar de Billy não estava mais impassível, e suas mãos estavam apertando os descansos de braço da sua cadeira.

- Logo - eu me estressei enquanto abria a porta e saia do carro. Eu podia sentir os olhos dele nas minhas costas enquanto eu dava uma corridinha nos fracos raios de luz até a varanda.

- Oi, Billy. Ei, Jacob. - Eu saudei eles da forma mais alegre que consegui. - Charlie foi passar o dia fora, eu espero que vocês não estejam esperando há muito tempo.

- Não muito - Billy disse num tom subjulgado. Seus olhos pretos eram penetrantes. - Eu só

queria trazer isso. - Ele indicou um saco de papel marrom que estava no colo dele.

- Obrigada - eu disse, apesar de não ter idéia do que pudesse ser. - Porque vocês não entram por um minuto pra se secarem?

Eu fingi não perceber que ele estava me estudando intensamente enquanto eu abria a porta, e acenava pra que eles entrassem na minha frente.

- Aqui, me deixe pegar isso - eu me ofereci, fechando a porta. Eu me permiti dar uma última olhada para Edward. Ele estava esperando, perfeitamente rígido, seus olhos estavam solenes.

- Você vai querer colocar isso na geladeira - Billy disse enquanto me entregava o pacote.

- É um dos peixes fritos do Criadouro do Harry, é o favorito de Charlie. A geladeira mantém ele mais seco. - Ele levantou os ombros.

- Obrigada - eu repeti, mas dessa vez falando sério. - Eu já estava ficando sem variedades pra cozinhar peixe, e é capaz dele trazer mais hoje.

- Pescando de novo? - um brilho súbito apareceu nos olhos de Billy. - No lugar de sempre?

Talvez eu vá até lá pra ver ele.

- Não - eu menti rapidamente, meu rosto estava ficando duro. - Ele foi á algum lugar novo... mas eu não tenho idéia de onde é.

Ele notou a mudança na minha expressão, isso deixou ele pensativo.

- Jake - ele disse ainda me analisando. - Porque você não vai pegar a foto nova de Rebecca no carro? Eu vou deixar aqui pra Charlie também.

- Onde está? - Jacob perguntou, sua voz sombria. Eu olhei pra ele, mas ele estava olhando para o chão, suas sobrancelhas estavam juntas.

- Eu acho que vi na mala - Billy disse. - Talvez você tenha que procurar um pouco. Jacob saiu na chuva.

Billy e eu encaramos um ao outro em silêncio. Depois de alguns segundos, o silêncio começou a ficar incômodo, então eu me virei e fui para a cozinha. Eu podia ouvir o barulho que suas rodas faziam no chão enquanto ele me seguia.

Eu coloquei o pacote na prateleira lotada da geladeira, e me virei pra confrontá-lo. Seu rosto cheio de linhas profundas estava ilegível.

- Charlie vai demorar muito pra voltar. - Minha voz era quase rude. Ele afirmou de novo com a cabeça, mas não disse nada.

- Obrigada de novo pelo peixe frito - eu repeti.

Ele continuou balançando a cabeça. Eu dei um suspiro e cruzei meus braços no peito. Ele pareceu pressentir que eu havia dado um fim á pequena conversa. – Bella - ele começou, mas então hesitou.

Eu esperei.

- Bella - ele disse de novo. - Charlie é um dos meus melhores amigos.

- Sim.

Ele falou cada palavra cuidadosamente com sua voz estrondosa. - Eu reparei que você tem passado algum tempo com um dos Cullen.

- Sim - eu repeti curtamente.

Seus olhos se estreitaram. - Talvez não seja da minha conta, mas eu não acho que essa seja uma idéia muito boa.

- Você tem razão - eu concordei. - Não é da sua conta.

Ele ergueu uma das sobrancelhas cinzentas com o meu tom. - Provavelmente você não sabe disso, mas os Cullen têm uma má reputação lá na aldeia.

- Na verdade, eu sabia disso - eu informei com uma voz dura. Isso surpreendeu ele.

- Mas a reputação não pode ser merecida, não é? Porque os Cullen nunca puseram o pé na sua aldeia, puseram? - eu podia ver que a minha súbita lembrança do acordo que eles fizeram pegou ele de surpresa.

- Isso é verdade - ele disse, seus olhos cuidadosos. - Você parece... bem informada sobre os Cullen. Mais informada do que eu esperava.

Eu encarei ele. - Talvez até mais bem informada do que você.

Ele torceu seus lábios finos enquanto considerava isso. - Pode ser - ele concordou, mas seus olhos eram astutos. - Será que Charlie está assim tão bem informado?

Ele encontrou o elo fraco da minha corrente.

- Charlie gosta muito dos Cullen - eu fugi. Ele claramente entendeu minha evasão. Sua expressão estava insatisfeita, mas não estava surpresa.

- Não é da minha conta - ele disse. - Mas pode ser da de Charlie.

- De novo, isso é da minha conta, saber se é da conta de Charlie ou não, não é?

Eu fiquei me perguntando se ele teria compreendido a minha pergunta confusa enquanto eu lutava pra não dizer mais nada comprometedor. Mas ele pareceu compreender. Ele pensou nisso por um momento, enquanto a chuva que batia no telhado era o único barulho que quebrava o silêncio.

- Sim - ele finalmente disse. - Eu acho que isso é da sua conta, também. Eu suspirei aliviada. - Obrigada, Billy.

- Só pense no que você está fazendo, Bella - ele implorou.

- Tudo bem - eu concordei rapidamente.

Ele fez uma carranca. - O que eu quis dizer foi, não faça o que você está fazendo. Eu olhei nos seus olhos, que estavam cheio de preocupação comigo, e não havia nada que eu pudesse dizer.

E então a porta bateu com força, me fazendo pular com o som.

- Não tem foto nenhuma no carro. - O tom de reclamação de Jacob nos alcançou antes dele. Os ombros da camisa dele estava molhado, seu cabelo estava pingando quando ele entrou na cozinha.

- Hmm - Billy grunhiu, ficando imparcial de repente, virando a sua cadeira de rodas para olhar para o filho. - Eu acho que deixei em casa.

Jacob rolou os olhos dramaticamente. - Ótimo.

- Bem, Bella, diga a Charlie - ele parou antes de continuar - que nós viemos, quer dizer.

- Eu digo - eu murmurei.

Jacob pareceu surpreso. - Nós já vamos?

- Charlie vai ficar fora até tarde - ele explicou enquanto passava na frente do filho.

- Oh - Jacob pareceu desapontado. - Então, eu acho que a gente se vê depois, Bella.

- Claro - eu concordei.

- Se cuide - Billy me avisou. Eu não respondí.

Jacob ajudou seu pai a passar pela porta. Eu acenei brevemente, dando uma olhadinha para a minha caminhonete agora vazia, e então fechei a porta antes deles irem embora. Eu fiquei no corredor um tempinho, ouvindo o som do carro deles dar a ré e ir embora. Eu fiquei onde estava, esperando que a irritação e a ansiedade desaparecessem. Quando a tensão diminuiu um pouco, eu subi e fui trocar de roupa. Eu experimentei duas blusas diferentes, sem ter certeza do que esperar para essa noite, o que acabou de acontecer havia se tornado um fato insignificante.

Agora que eu não estava mais sobre a influência de Edward e Jasper, eu comecei a sentir o nervosismo que não pude sentir antes. Eu rapidamente desisti de procurar outra roupa - me vestindo com uma calça jeans e uma blusa de flanela - afinal, eu sabia que ia ficar de casaco a noite inteira mesmo.

O telefone tocou e eu corri lá pra baixo pra atender. Havia apenas uma voz que eu queria ouvir; qualquer outra coisa seria uma decepção. Mas eu sabia que se ele quisesse falar comigo, ele simplesmente ia se materializar no meu quarto.

- Alô? - eu atendi sem fôlego.

- Bella? Sou eu - Jéssica disse.

- Oh, oi, Jess - eu lutei por um momento pra voltar á realidade. Pareceu que meses haviam se passado desde a última vez que eu falei com Jess. - Como foi o baile?

- Foi tão divertido! - Jéssica tagarelou. Sem precisar de mais convite que isso, ela começou a contar cada detalhe sobre a noite passada. Eu falei Mmmm's e Ahhhh's nas horas certas, mas era difícil me concentrar. Jéssica, Mike, o baile, a escola - eles pareciam estranhamente irrelevantes no momento. Meus olhos ficavam olhando para a janela, tentando julgar o nível de luz que ainda havia por trás das nuvens.

- Você ouviu o que eu disse, Bella? - Jéssica perguntou, irritada.

- Me desculpe, o que?

- Eu disse que Mike me beijou, você acredita?

- Isso é maravilhoso, Jess - eu disse.

- Então o que você fez ontem? - Jéssica me desafiou, ainda parecendo irritada pela minha falta de atenção. Ou talvez ela só estivesse decepcionada porque eu não perguntei os detalhes.

- Nada, de verdade. Eu só saí um pouco para aproveitar o sol.

Eu ouvi o carro de Charlie na garagem.

- Você não teve notícias de Edward Cullen?

A porta bateu e eu pude ouvir Charlie perto da escada, guardando seu equipamento.

- Hmmm - eu não tinha mais certeza de qual era a minha história.

- E aí, garota! - Charlie me chamou quando entrou na cozinha.

Jess ouviu a voz dele. - Oh, seu pai está aí. Deixa pra lá, a gente se vê amanhã. Te vejo na aula de Trigonometria.

- Até mais, Jess - eu desliguei o telefone.

- Oi, pai - eu disse. Ele estava lavando as mãos na pia. - Onde está o peixe?

- Eu coloquei no freezer.

- Eu vou pegar um pouco antes que congele, Billy truoxe um pouco de peixe frito pra você

essa tarde. - Eu me esforcei pra parecer entusiasmada.

- Ele trouxe? - seus olhos se iluminaram. - É o meu favorito.

Charlie foi se limpar enquanto eu preparava o jantar. Não demorou muito até que estivéssemos na mesa, jantando em silêncio. Charlie estava gostando da comida. Eu estava desesperadamente pensando numa forma de cumprir a minha tarefa, lutando pra encontrar uma maneira de tocar no assunto.

- O que você fez do seu dia? - ele perguntou, me tirando das minhas meditações.

- Bom, essa tarde eu fiquei aqui em casa... - Na verdade, só a parte mais recente da tarde. Eu tentei manter minha voz animada, mas o meu estômago estava embrulhado. - E essa manhã

eu estava na casa dos Cullen.

Charlie derrubou seu garfo.

- Na casa do Dr. Cullen? - ele perguntou espantado.

Eu fingi não reparar na reação dele. - É.

- O que você estava fazendo lá? - Ele não pegou mais o seu garfo.

- Bem, eu meio que tenho um encontro com Edward Cullen essa noite, então ele queria me apresentar aos seus pais... Pai?

Parecia que Charlie estava tendo um aneurisma.

- Você está saindo com Edward Cullen? - sua voz parecia um trovão. Uh-oh. - Eu pensei que você gostasse dos Cullen.

- Ele é velho demais pra você - ele se alterou.

- Nós temos a mesma idade - eu corrigí, apesar dele estar mais certo do que imaginava.

- Espere... - ele pausou. - Qual deles é Edwin?

- Edward é o mais novo, o que tem o cabelo castanho avermelhado. - O lindo, o que parece um deus...

- Oh, bem, isso é - ele pelejou - melhor, eu acho. Eu não gosto do jeito daquele grandão. Eu tenho certeza de que ele é um bom rapaz, e tudo mais, mas ele parece... maduro demais pra você. Esse Edwin é seu namorado?

- É Edward, pai.

- Ele é?

- Mais ou menos, eu acho.

- Noite passada você disse que não estava interessada em nenhum dos garotos da cidade. - Mas ele pegou o garfo, então eu sabia que o pior havia passado.

- Bem, Edward não mora na cidade, pai.

Ele me deu uma olhada assassina enquanto mastigava.

- E, de qualquer forma - eu continuei. - É uma espécie de fase inicial, sabe. Não me envergonhe com aquele papo de namorado, está bem?

- Quando ele vai vir?

- Ele estará aqui em alguns minutos.

- Pra onde ele vai te levar?

Eu gemi alto. - Eu espero que você já esteja tirando a Inquisição Espanhola da sua cabeça agora. Nós vamos jogar baseball com a família dele.

O rosto dele se contraiu, e então ele finalmente deu uma gargalhada. - Você vai jogar baseball?

- Bom, provavelmente eu vou ficar assistindo na maioria do tempo. - Ele observou cheio de suspeitas.

Eu revirei os meus olhos pra o bem dele.

Eu ouvi o barulho de um motor encostando na frente de casa. Eu pulei da cadeira e comecei a limpar meus pratos.

- Deixe os pratos, eu lavo eles hoje. Você me mima muito.

A campainha tocou, Charlie se levantou e foi atender. Eu estava meio passo atrás dele. Eu não tinha me dado conta do quanto estava chovendo lá fora. Edward ficou na luz da varanda, parecendo um modelo de anúncios de casaco de chuva.

- Entre, Edward.

Eu respirei de alívio quando Charlie acertou o nome dele.

- Obrigado, Chefe Swan - ele disse com uma voz respeitosa.

- Vá em frente me chame de Charlie. Aqui, eu seguro seu casaco.

- Obrigado, senhor.

- Sente-se aqui, Edward.

Eu fiz uma careta.

Edward se sentou fluidamente na única cadeira, me forçando a sentar com o Chefe Swan no sofá. Eu fiz uma cara feia pra ele. Ele deu uma piscada pra mim nas costas de Charlie.

- Então, eu ouvi dizer que você vai levar minha garotinha pra jogar baseball. - Só em Washington o fato de praticar esportes ao ar livre num dia chuvoso era algo normal.

- Sim, senhor, esse é o plano. - Ele não parecia surpreso pelo fato de eu ter dito a verdade para o meu pai. No entanto, ele pode ter estado escutando.

- Bem, mais poder pra você, eu acho.

Charlie sorriu, e Edward se juntou a ele.

- Tudo bem - eu disse ficando em pé. - Chega de piadas ás minhas custas. Vamos lá. - Eu caminhei de volta para o corredor colocando meu casaco. Eles me seguiram.

- Não volte tarde, Bell.

- Não se preocupe, Charlie, eu vou trazê-la cedo - Edward prometeu.

- Tome conta da minha garota, está bem?

Eu gemi, mas ele me ignorou.

- Ela estará segura, senhor, eu prometo.

Charlie não conseguiu duvidar das palavras de Edward, elas estavam em cada palavra. Eu saí. Os dois riram, Edward me seguiu.

Eu parei mortificada na varanda. Lá, atrás da minha caminhonete, havia um Jeep monstro. Os pneus dele eram mais altos que a minha cintura. Haviam grades de metal sobre os faróis e os faróis de milha, e quatro grandes holofotes sobre as barras de proteção. O capô era de um vermelho brilhante.

Charlie assobiou baixinho.

- Usem seus cintos de segurança - ele se engasgou.

Edward seguiu para o meu lado e abriu a porta pra mim. Eu tomei uma pequena distância do banco e me preparei pra pular nele. Ele suspirou e me levantou com uma mão. Eu rezei pra que Charlie não tivesse reparado.

Enquanto ele ia para o lado do motorista com um passo normal, humano, eu tentei colocar o meu cinto de segurança, mas haviam muitos engates.

- O que é tudo isso? - eu perguntei quando ele abriu a porta.

- É um passeio fora da estrada.

- Uh-oh.

Eu tentei encontrar os engates certos para o cinto, mas não estava sendo muito rápida. Ele suspirou de novo, se inclinou e veio me ajudar.

Eu estava contente porque a chuva estava forte o suficiente pra que eu não pudesse ver Charlie da varanda. Isso significava que ele não pôde ver como as mãos de Edward passava pelo meu pescoço, acariciaram meu colo. Eu desisti de tentar ajudar ele e me concentrei em não hiperventilar.

Edward virou a chave na ignição e o motor ligou. Ele começou a se afastar de casa.

- Esse é um... hum... Jipe bem grande.

- É de Emmett. Eu não achei que você ia querer correr o caminho inteiro.

- Onde é que vocês guardam essa coisa?

- Nós remodelamos um dos prédios exteriores e transformamos numa garagem.

- Você não vai colocar o seu cinto de segurança?

Ele olhou pra mim sem acreditar.

Então uma fichinha caiu.

- Correr o caminho inteiro? Como se ainda fôssemos correr parte do caminho?

Minha voz caiu alguns oitavos.

Ele sorriu. - Você não vai correr.

- Eu vou ficar enjoada.

- Mantenha seus olhos fechados que tudo vai ficar bem.

Eu mordi meu lábio tentando lutar com o pânico.

Ele se inclinou para dar um beijo no topo da minha cabeça, e então gemeu. Eu olhei pra ele, confusa.

- Você cheira tão bem na chuva - ele explicou.

- De um jeito bom, ou de um jeito ruim? - eu perguntei cuidadosamente.

- Dos dois, sempre dos dois.

Eu não sei como foi que ele conseguiu encontrar o caminho com a névoa e a chuva torrencial, mas de alguma forma ele achou um lado da estrada que era menos uma estrada e mais um trilha de montanha. Por um longo tempo foi conversar impossível, porque eu estava balançando pra cima e pra baixo que nem uma britadeira. No entanto, ele pareceu adorar o passeio, rindo o caminho inteiro.

E então, nós chegamos ao fim da estrada; as árvores formavam enormes paredes verdes em três lados do jipe. A chuva agora era um mero chuvisco, diminuindo a cada segundo, o céu estava cada vez mais claro por trás das nuvens.

- Desculpe, Bella, teremos que ir a pé daqui.

- Sabe de uma coisa? Eu vou esperar você aqui.

- O que aconteceu com a sua coragem? Você foi extraordinária essa manhã.

- Eu não esqueci da última vez. - Será possível que foi só ontem?

Ele estava no meu lado do carro num sopro. Ele começou a tirar o meu cinto.

- Eu tiro isso, você vai na frente - eu protestei.

- Hmmm - ele zombou enquanto rapidamente terminava. - Parece que eu vou ter que mexer com a sua memória.

Antes que eu pudesse reagir, ele me tirou do jipe e colocou meus pés no chão. Mal estava nublado agora; Alice ia estar certa.

- Mexer com a minha memória? - eu perguntei nervosamente.

- Algo assim. - Ele estava me olhando atentamente, cuidadosamente, mas havia humor no fundo dos seus olhos. Eles colocou suas mãos no jipe dos dois lados da minha cabeça e se inclinou pra frente, me forçando a encostar na porta. Ele se inclinou ainda mais perto, seu rosto a apenas alguns centímetros do meu. Eu não tinha espaço pra escapar.

- Agora - ele sussurrou, e só o cheiro dele já atrapalhou o meu pensamento. - O que exatamente está preocupando você?

- Bem, umm, bater em uma árvore - eu engoli seco - e morrer. E de depois ficar tonta.

Ele tentou não sorrir. Então ele baixou sua cabeça e encostou seus lábios frios suavemente na base da minha garganta.

- Você ainda está preocupada agora? - ele falou na minha pele.

- Sim. - Eu lutei pra me concentrar. - De bater em árvores e ficar tonta. Seu nariz desenhou uma linha que ia desde a base da minha garganta até a ponta do meu queixo. Sua respiração fria fez cócegas na minha pele.

- E agora? - ele falou na minha mandíbula.

- Árvores - eu gaguejei. - Enjôo com o movimento.

Ele levantou seu rosto pra beijar minhas pálpebras. - Bella, você não acredita que eu realmente bateria numa árvore, não é?

- Não, mas eu bateria - não havia confiança na minha voz. Ele sentiu o cheiro da vitória. Ele beijou lentamente descendo na minha bochecha, parando no cantinho da minha boca.

- Eu deixaria uma árvore atingir você? - Ele mal encostou o meu lábio inferior que estava tremendo.

- Não - eu sussurrei. Eu sabia que ainda havia um segundo pra defender a minha tese, mas eu não consegui continuar.

- Entenda - ele disse, seus lábios se movendo contra os meus. - Não há nada a temer, há?

- Não - eu suspirei, desistindo.

Então ele segurou meu rosto com as duas mãos quase rudemente, e me beijou com zelo, seus lábios inflexíveis se movendo contra os meus.

Não há desculpa para o meu comportamento. Eu já devia saber mais que isso agora. E ainda assim eu não pude evitar de reagir exatamente da mesma forma que reagi da primeira vez. Ao invés de ficar seguramente parada, eu lancei meus braços ao redor do pescoço dele, e de repente eu estava agarrada a essa estátua de pedra. Eu suspirei e meus lábios se separaram. Ele deu um passou pra trás, se separando de mim sem esforço.

- Droga, Bella! - ele se separou ofegante. - Você vai me matar, eu juro. Eu me abaixei, segurando minhas mãos no joelho pra me apoiar.

- Você é indestrutível - eu murmurei, tentando recuperar o fôlego.

- Eu acreditei nisso antes de conhecer você. Agora vamos sair daqui antes que eu faça alguma coisa muito estúpida - ele grunhiu.

Ele me jogou nas costas dele como tinha feito antes, e eu podia ver o esforço extra que ele estava fazendo pra ser gentil. Eu apertei a cintura dele com as minhas pernas e tranquei meus braços ao redor do pescoço dele.

- Não esqueça de fechar os olhos - ele avisou severamente.

Eu rapidamente coloquei meu rosto na curva do ombro dele, embaixo do meu próprio braço, e apertei meus olhos.

E eu mal podia dizer que estávamos nos movendo. Eu podia sentir ele se mexendo embaixo de mim, mas ele podia estar andando numa calçada, o movimento seria exatamente o mesmo. Eu estava tentada a dar uma espiadinha, pra ver se estávamos voando pela floresta como antes, mas eu resisti. Não valia a pena do enjôo. Eu me contentei em ouvir a respiração dele entrando e saindo uniformemente.

Eu não tinha certeza de que tínhamos parado, até que ele ergueu a mão e tocou meu cabelo.

- Acabou, Bella.

Eu ousei abrir meus olhos, e, não havia dúvidas, estávamos parados. Eu me soltei dele e escorreguei para o chão, caindo de costas.

- Oh! - eu gemi quando bati no chão molhado.

Ele olhou pra mim sem acreditar, tentando decidir se ele ainda estava com raiva demais pra achar engraçado. Mas a minha expressão desnorteada acabou descontrolando ele, e ele começou a dar uma gargalhada que mais parecia um rugido.

Eu me levantei sozinha, ignorando ele enquanto limpava a sujeira e o capim do meu casaco. Isso só fez ele rir ainda mais alto. Chateada, eu me virei e comecei a andar em direção á floresta.

Eu sentí o braço dele na minha cintura.

- Pra onde você está indo, Bella?

- Assistir um jogo de baseball. Você não parece estar mais interessado em jogar, mas eu tenho certeza que os outros vão se divertir sem você.

- Você está indo para o lado errado.

Eu me virei sem olhar pra ele, e comecei a caminhar na direção contrária. Ele me pegou de novo.

- Não fique com raiva, eu não consegui evitar. Você devia ter visto sua cara. - Ele começou a rir antes que pudesse evitar.

- Oh, então você é o único que pode ficar com raiva? - eu perguntei, erguendo minhas sobrancelhas.

- Eu não estava com raiva de você.

- ‘Bella, você vai me matar’ - eu citei.

- Isso foi só a constatação de um fato.

Eu tentei me separar dele de novo, mas ele me segurou depressa.

- Você estava com raiva - eu insisti.

- Sim.

- Mas você acabou de dizer que...

- Que eu não estava com raiva de você. Será que você não vê, Bella? - De repente ele estava intenso, todos os traços de zombaria desapareceram. - Será que você não entende?

- Vê o que? - Eu perguntei, confusa pela mudança do tom das suas palavras.

- Eu nunca tenho raiva de você, como eu poderia? Tão brava, tão confiante... tão cálida como você.

- Então porque? - eu suspirei, lembrando do mal humor com que ele se afastava de mim, que eu sempre justifiquei como frustração bem justificada, frustração pelas minhas fraquezas, minha lentidão, minhas reações humanas desregradas...

Ele colocou suas duas mãos cuidadosamente dos dois lados do meu rosto. - Eu fiquei furioso comigo mesmo - ele disse gentilmente. - Por eu não parecer ser capaz de te manter longe do perigo. Só a minha existência já põe você em risco. As vezes eu realmente me odeio. Eu devia ser mais forte, eu devia ser capaz de...

Eu coloquei a minha mão na boca dele. - Não.

Ele pegou minha mão, tirando ela da sua boca, mas colocando ela no seu rosto.

- Eu te amo - ele disse. - Essa é uma desculpa pobre para o que eu estou fazendo, mas é

verdade.

Foi a primeira vez que ele disse que me amava, com todas as palavras. Ele pode não ter reparado, mas eu certamente percebi.

- Agora, por favor tente se comportar - ele continuou, então ele se abaixou e esfregou seus lábios levemente nos meus.

Eu fiquei perfeitamente rígida. E então eu suspirei.

- Você prometeu ao Chefe Swan que me levaria pra casa cedo, lembra? É melhor irmos andando.

- Sim, madame.

Ele sorriu tristonho e me soltou mas continuou me segurando com a outra. Ele me guiou pela avencas altas e molhadas, e pelos musgos pingando, ao redor de uma árvore gigantesca de cicuta, e lá estávamos nós, na beira de uma enorme campo aberto ás margens dos penhascos do Olímpico. Era duas vezes maior do que qualquer campo de baseball. Eu podia ver todos os outros lá; Esme, Emmett, e Rosalie, sentados numa espécie de banco de pedra eram os mais próximos de nós, á cerca de cem metros de distância. Muito mais distante eu podia ver Alice e Jasper, que estavam a pelo menos duzentos e cinquenta metros de nós, aparentemente jogando alguma coisa pra trás e pra frente, mas eu nunca vi nenhuma bola. Parecia que Carlisle estava marcando as bases, mas será que elas poderiam ser assim tão afastadas?

Quando nós aparecemos, os três que estavam na rocha se levantaram. Esme começou a vir na nossa direção. Emmett seguiu ela depois de uma longa olhada para as costas de Rosalie; Rosalie havia se levantado graciosamente e foi andando para o campo sem nem sequer olhar na nossa direção. Meu estômago começou a mexer sem parar em resposta.

- Foi você que nós ouvimos, Edward? - Esme perguntou enquanto se aproximava.

- Parecia um urso gargalhando - Emmett esclareceu.

Eu sorri hesitantemente pra Esme. - Foi ele.

- Bella foi não intencionalmente engraçada - Edward explicou, rapidamente arrumando o placar.

Alice havia deixado a posição dela e vinha correndo, ou dançando, na nossa direção. Ela parou fluidamente perto de nós. - Chegou a hora - ela anunciou. Assim que ela terminou de falar, um trovão profundo se fez ouvir fazendo a floresta tremer, e então ele foi na direção da cidade.

- Melancólico, não é? - Emmett disse com uma familiaridade fácil, piscando pra mim.

- Vamos lá - Alice agarrou a mão de Emmett e eles seguiram em direção ao campo gigante; ela corria como uma gazela. Ele era quase tão gracioso e tão rápido, apesar de Emmett não poder ser comparado com uma gazela.

- Você está pronta pra ver um jogo? - Edward perguntou, seus olhos ansiosos, brilhando. Eu tentei soar apropriadamente entusiasmada. - Vai time!

Ele riu silenciosamente e, depois de assanhar meu cabelo, foi correndo atrás dos outros dois. A corrida dele foi mais agressiva, mais um leopardo do que uma gazela, e ele rapidamente alcançou os outros dois. A graça e o poder tiraram meu fôlego.

- Vamos descer? - Esme me perguntou com sua voz suave, melódica, e eu me dei conta de que estava olhando pra ele com a boca aberta. Eu rapidamente refiz minha expressão e balancei a cabeça. Esme manteve alguns pés de distância entre nós, eu me perguntei se ela estava tomando cuidado pra não me assustar. Esme combinou seus passos com os meus sem parecer se incomodar com a velocidade.

- Você não joga com eles? - eu perguntei timidamente.

- Não, eu prefiro ser a juíza, eu gosto de mantê-los honestos - ela explicou.

- Então eles gostam de roubar?

- Oh sim - você devia ouvir os argumentos que eles inventam! Na verdade, eu preferia que você não ouvisse, eu não quero que você pense que eles foram criados por um bando de lobos.

- Você fala como a minha mãe - eu ri, surpresa.

Ela sorriu também. - Bom, eu penso neles como meus filhos, de certas formas. Eu nunca superei meus instintos maternos, Edward te contou que eu perdi um filho?

- Não - eu murmurei, atordoada, lutando pra entender a vida da qual ela estava tentando lembrar.

- Sim. Meu primeiro e único filho. Ele morreu apenas alguns dias depois do seu nascimento, o pobrezinho - ela suspirou, - Isso partiu meu coração - foi por isso que eu pulei com abismo, sabe. - Ela disse como se estivesse atestando um fato.

- Edward disse que você c-caiu - eu gaguejei.

- Sempre um cavalheiro. - Ela sorriu. - Edward foi o primeiro dos meus novos filhos. Eu sempre pensei nele dessa forma, mesmo apesar dele ser mais velho que eu, de certa forma pelo menos. - Ela sorriu calorosamente pra mim. - É por isso que eu estou tão feliz que ele tenha encontrado você, querida. - A palavra saiu muito natural nos lábios dela. - Ele foi o homem estranho por muito tempo; e me machuca vê-lo sozinho.

- Então você não se incomoda? - eu perguntei, hesitante de novo. - Que eu seja... a pessoa errada pra ele?

- Não - ela estava pensativa. - É você que ele quer. Vai dar certo, de alguma maneira - ela disse, mas a testa dela se enrugou de preocupação. Outro estrondo do trovão começou a ser ouvido.

Esme parou então; aparentemente nós havíamos alcançado a borda do campo. Parecia que eles tinham formado times. Edward estava no campo esquerdo, Carlisle ficou entre a primeira e a segunda bases, e Alice segurava a bola, posicionada no lugar que aparentava ser o campo do arremessador.

Emmett estava balançando um bastão de alumínio, ele assobiava quase sem rastro no ar. Eu esperei que ele se aproximasse da área do batedor, mas eu percebi, quando ele começou a entrar em posição, que ele já estava lá. Tão longe da área de arremesso que eu nem julgava possível. Jasper estava atrás dele, pegando a bola para o time adversário. É claro que nenhum deles estava usando luva.

- Tudo bem - Esme chamou numa voz clara, que eu sabia que mesmo Edward ouviria, mesmo estando tão longe. - Podem começar.

Alice ficou rígida, enganosamente imóvel. O estilo dela parecia ser mais secreto que intimidante. Ela segurou a bola com as duas mãos na altura da cintura, e então, como o bote de uma cobra, a mão dela lançou a bola que foi parar na mão de Jasper.

- Isso foi um strike? - eu sussurrei pra Esme.

- Se eles não conseguem rebater, é um strike - ela me disse.

Jasper atirou a bola de volta para a mão de Alice que já estava esperando. Ela se permitiu um breve sorriso. E então a mão dela deu um bote de novo.

Dessa vez, de alguma forma, o bastão se virou rápido o suficiente para bater na bola invisível. O impacto da bola foi perturbador, como um trovão; o som ecoou nas montanhas, imediatamente eu percebi porque eles precisavam da tempestade de trovões. A bola saiu voando como um meteoro pelo campo, entrando nas profundezas da floresta.

- Home run - eu murmurei.

- Espere - Esme avisou, ouvindo atentamente, uma mão levantada. Emmett corria como o vento pelas bases com Carlisle na cola dele. Eu me dei conta de que Edward tinha desaparecido.

- Fora! - Esme disse com uma voz clara. Eu olhei sem acreditar quando Edward emergiu de dentro das árvores, a bola erguida na mão, seu sorriso largo era visível até pra mim.

- Emmett bate mais forte - Esme explicou. - Mas Edward corre mais rápido. O show continuou na frente dos meus olhos incrédulos. Era impossível

acompanhar a velocidade com que a bola se movia, o compasso com que seus corpos corriam no campo. Eu descobri o outro motivo pelo qual eles precisavam da tempestade de trovões quando Jasper, tentando evitar o jogo infalível de Edward, jogou uma bola baixa na direção de Carlisle. Carlisle correu para pegar a bola, e Jasper correu para a primeira base. Quando eles colidiram, o som foi como duas montanhas de pedra se chocando. Eu pulei preocupada, mas de alguma forma, eles não estavam nem arranhados.

- Salvo - Esme disse numa voz calma.

O time de Emmett estava ganhando por um ponto - Rosalie conseguiu voar pelas bases depois de despistar uma das corridas de Edward - mas então Edward pegou a terceira bola fora. Ele veio para o meu lado, brilhando de excitação.

- O que você acha? - ele perguntou.

- De uma coisa eu tenho certeza, eu nunca mais vou conseguir assistir outro jogo bobo da liga de Baseball de novo.

- Até parece que você faz muito isso - ele sorriu.

- Eu estou desapontada - eu zombei.

- Porque? - ele perguntou, confuso.

- Bem, seria legal encontrar pelo menos uma coisa que você não faça melhor do que qualquer outra pessoa no planeta.

Ele mostrou seu sorriso torto especial, me deixando sem ar.

- É minha vez - ele disse indo para a área do arremessador.

Ele jogou inteligentemente, jogando bolas baixas, fora do alcance das mãos sempre prontas de Rosalie, correndo duas bases como um raio antes que Emmett pudesse colocar a bola de volta

no jogo. Carlisle conseguiu arremessar uma bola pra fora do campo que foi tão longe - com um estrondo tão alto que doeu nos meus ouvidos, que ele e Edward tiveram que ir atrás. Alice trocou cumprimentos com os dois.

O placar mudou constantemente com o andar do jogo, e eles encrencavam uns aos outros como jogadores de rua quando um dos times estava na liderança. Ocasionalmente Esme pedia ordem. Os trovões continuaram, mas nós permanecemos secos, como Alice havia previsto. Carlisle ia rebater, Edward ia pegar, quando Alice ficou ofegante. Meus olhos estavam em Edward, como sempre, e eu vi quando a cabeça dele levantou num estalo pra olhar pra ela. Seus olhos se encontraram e alguma coisa passou entre eles num instante. Ele estava ao meu lado antes que os outros pudessem perguntar o que havia de errado.

- Alice? - a voz de Esme estava tensa.

- Eu não vi, eu não sabia - ela sussurrou.

A essa hora os outros já estavam todos juntos.

- O que foi, Alice? - Carlisle perguntou com uma voz calma de autoridade.

- Eles estavam viajando muito mais rápido do que eu imaginava. Agora eu sei que estava errada antes - ela murmurou.

Jasper se inclinou sobre ela, sua postura era protetora. - O que mudou? - ele perguntou.

- Eles nos ouviram jogar e resolveram mudar de caminho - ela disse, penitente, como se estivesse se julgando culpada por o que quer que estivesse assustando ela. Sete pares de olhos olharam para o meu rosto e desviaram.

- Quanto tempo? - Carlisle perguntou, olhando na direção de Edward. Seu rosto ficou com uma expressão de profunda concentração.

- Menos de cinco minutos. Eles estão correndo, eles querem jogar. - Ele fez uma cara zangada.

- Você consegue? - Carlisle perguntou, seus olhos vindo na minha direção de novo.

- Não, não carregando - ele cortou. - Além do mais, a última coisa que precisamos é que eles sintam o cheiro e comecem a caçar.

- Quantos? - Emmett perguntou á Alice.

- Três - ela respondeu resumidamente.

- Três! - ele zombou. - Deixe eles virem. - As faixas de músculo se flexionaram nos braços enormes dele.

Por uma fração de segundo que pareceu muito maior do que era, Carlisle pensou. Só

Emmett pareceu despreocupado; o rosto olhava para o rosto de Carlisle com olhos ansiosos.

- Vamos continuar o jogo - Carlisle finalmente decidiu. Sua voz estava calma e nivelada. - Alice disse que eles estão apenas curiosos.

Tudo isso foi dito tão rápido que as palavras duraram menos de segundos. Eu escutei atenciosamente e entendi a maior parte, contudo eu não consegui perguntar o que Esme perguntou á Edward com uma rápida vibração de lábios. Eu só vi ele balançar a cabeça levemente e o olhar de alívio dela.

- Você pega, Esme - ele disse. - Agora eu vou ser o juiz. - Ele se plantou na minha frente. Os outros voltaram para o campo, cautelosamente observando a floresta com seus olhos rápidos. Alice e Esme pareciam se orientar pelo lugar onde eu estava.

- Solte o seu cabelo - Edward disse com uma voz baixa, uniforme. Eu obedientemente deslizei o prendedor do meu cabelo e soltei ele ao redor do meu rosto. Eu declarei o óbvio. - Os outros estão vindo.

- Sim, fique bem parada, não fale nada, e não saia do meu lado, por favor. Ele escondeu bem o estresse na voz dele, mas eu consegui ouvir. Ele puxou meu longo cabelo para a frente, colocando ele ao redor do meu rosto.

- Isso não vai ajudar - Alice disse suavemente. - Eu senti o cheiro dela do outro lado do campo.

- Eu sei - um tom de frustração apareceu na voz dele.

Carlisle foi para a área de arremesso, e os outros se juntaram ao jogo sem vontade.

- O que Esme te perguntou? - eu sussurrei.

Ele hesitou por um momento antes de responder. - Se eles estavam com sede - ele murmurou sem vontade.

Os segundos se passaram; o jogo agora estava apático. Ninguém ousava dar uma rebatida mais forte, e Emmett, Rosalie, e Jasper se arrastavam pelo campo. De vez em quando, á despeito do medo que nublavam nossos pensamentos, eu pude perceber os olhos de Rosalie em mim. Eles estavam sem expressão, mas alguma coisa no formato da boca dela me fez perceber que ela estava com raiva.

Edward não estava prestando o mínimo de atenção ao jogo, seus olhos e mente estavam na floresta.

- Me desculpe, Bella - ele murmurou impetuosamente. - Foi estúpido, irresponsável, ter te exposto dessa maneira. Me desculpe.

Eu ouvi a respiração dele parar e seus olhos se viraram para a floresta. Ele deu meio passo se colocando entre mim e o que estava vindo.

Carlisle, Emmett e os outros se viraram na mesma direção, ouvindo sons de passos que eram baixos demais para os meus ouvidos.

18. A CAÇADA

Eles emergiram um por um da floresta, se aproximando doze metros de uma só vez. O primeiro homem diminuiu imediatamente, permitindo que o outro homem ficasse na sua frente, se deixando guiar pelo homem alto, de cabelos escuros que deixou bem claro quem era que liderava o bando. A terceira era uma mulher; á distância, tudo que eu conseguia ver dela era que ela tinha um cabelo numa incrível tom de vermelho.

Eles se enfileiraram antes de continuarem se aproximando cuidadosamente da família de Edward, exibindo o respeito natural de uma tropa de predadores quando encontram um grupo maior da sua própria espécie.

Enquanto eles se aproximavam, eu reparei no quanto eles eram diferentes do Cullen. O caminhar deles parecia de gato, e constantemente isso fazia parecer que eles estavam rastejando. Eles usavam o vestiário normal de qualquer mochileiro: jeans e uma camisa de botão casual, feita de um tecido pesado e á

prova de água. No entanto, as roupas estavam desgastadas, pelo uso, e eles estavam descalços. Os dois homens tinham cabelos cuidados, mas o cabelo alaranjado da mulher estava cheio de folhas e sujeira da floresta. Seus olhos rápidos estudaram o jeito mais educado, urbano de Carlisle, que, acompanhado de Emmett e Jasper, andou cuidadosamente em frente para encontrá-los. Sem que nenhuma aparente comunicação acontecesse entre eles, eles se puseram numa postura mais usual, ereta.

O homem na frente era facilmente o mais bonito, sua pele tinha um tom de oliva por baixo da palidez de costume, o seu cabelo era de um preto forte. Ele tinha uma estatura média, tinha músculos fortes, é claro, mas não era nada comparado com a força muscular de Emmett. Ele tinha um sorriso fluente, que mostrava uma linha de grande dentes brancos brilhantes. A mulher tinha um aspecto mais selvagem, os olhos rápidos dela olhavam sem descanso para o homem que estava na frente dela, e para o grupo que estava ao nosso redor, seu cabelo caótico estava voando levemente com a brisa. Sua postura era distintamente felina. O segundo homem se movia sem parar atrás dele, mais leve que o líder, seus cabelos castanho claro e feições retangulares eram indescritíveis. Seus olhos, no entanto, completamente imóveis,

de

alguma

forma

pareciam

muito

vigilantes.

Seus olhos eram diferentes também. Não eram do dourado ou preto que eu cheguei a esperar, mas

de

um

vermelho

profundo

que

era

muito

perturbador

e

sinistro.

O homem de cabelos escuros, ainda sorrindo, deu um passo em direção á Carlisle.

- Nós pensamos ter ouvido um jogo - ele disse numa voz relaxada que tinha um leve sotaque francês. - Eu sou Laurent, estes são Victoria e James. - Ele fez gestos para os outros vampiros ao seu lado.

- Eu sou Carlisle. Esta é minha família, Emmett e Jasper, Rosalie, Esme e Alice, Edward e Bella. Ele nos apontou em grupos, deliberadamente não chamando a atenção para indivíduos. Eu senti um choque quando ele disse meu nome.

- Vocês tem espaço para mais alguns jogadores? - Laurent perguntou num tom sociável. Carlisle imitou o tom amigável dele. - Na verdade, nós já estávamos acabando. Mas certamente estaríamos interessados numa outra hora. Vocês pretendem ficar por muito tempo?

- Nós estávamos indo para o Norte, na verdade, mas ficamos interessados em ver a vizinhança. Nós não encontramos companheiros há um bom tempo.

- Não, essa região geralmente está vazia, com exceção dos visitantes inesperados, como vocês.

A tensa atmosfera havia lentamente se transformado numa conversa casual; eu concluí que Jasper estava usando seus dons peculiares para controlar a situação.

- Qual é extensão de área onde vocês caçam? - Laurent inquiriu casualmente.

Carlisle ignorou a intenção por trás da pergunta. - A extensão Olympica aqui, acima e abaixo da Costa, em certas ocasiões. Nós mantemos residência permanente aqui perto. Há outra residência permanente como a nossa perto de Denali.

Laurent se virou um pouco nos calcanhares.

- Permanente? Como vocês conseguem? - Havia uma honesta curiosidade na voz dele. Porque vocês não vão á nossa casa onde podemos conversas confortavelmente? - Carlisle convidou. - É uma história longa.

James e Victoria trocaram olhares surpresos com a menção da palavra “casa”, mas Laurent controlou melhor a sua expressão.

- Isso parece muito interessante, e bem vindo - seu sorriso era genial. - Nós estivemos numa caçada em Ontário, e ainda não tivemos a oportunidade de nos limpar apropriadamente. - Ele moveu seus olhos apreciando a figura refinada de Carlisle.

- Não se ofendam, mas gostaríamos se vocês refreassem as suas caças nessa área. Nós temos que nos manter fora de suspeita, vocês entendem. - Carlisle explicou.

- É claro. - Laurent afirmou com a cabeça. - Nós certamente não vamos invadir o seu território. Nós comemos quando viemos de Seattle, mesmo. - Ele sorriu. Um arrepio percorreu a minha espinha.

- Nós vamos te mostrar o caminho se vocês quiserem correr conosco, Emmett e Alice, vocês vão com Edward e Bella pegar o Jipe. - Ele disse casualmente.

Três coisas pareceram acontecer simultaneamente enquanto Carlisle estava falando. Meu cabelo voou levemente com a brisa, Edward ficou rígido, e o segundo homem, James, virou sua cabeça de repente, me estudando, sua narinas infladas.

Uma rápida rigidez passou entre eles quando James começou a rastejar mais pra perto. Edward mostrou seus dentes, numa posição de defesa, um rosnado de animal brotou da garganta dele.

Não foi nada como os sons de brincadeira que eu ouvi dele esta manhã. Foi o ruído mais ameaçador que já tinha ouvido, e arrepios percorreram todo o meu corpo, desde o meus fios de cabelo até os calcanhares.

- O que é isso? - Laurent perguntou surpreso. Nem Edward nem James relaxaram suas posições agressivas. James se moveu levemente para o lado, e Edward se moveu em resposta.

- Ela está conosco. - A repulsa de Carlisle foi pra James. Laurent pareceu sentir meu cheiro com menos força que James, mas agora a consciência desceu no seu rosto.

- Vocês trouxeram um lanche? - ele perguntou com uma expressão incrédula, dando um passo involuntário á frente.

Edward rosnou ainda mais ferozmente, asperamente, seus lábios se curvando sobre seus dentes brilhantes que estavam á amostra. Laurent andou pra trás de novo.

- Eu disse que ela está conosco. - Carlisle corrigiu com uma voz dura.

- Mas ela é humana - Laurent protestou. As palavras não eram agressivas, apenas um tanto quanto surpresas.

- Sim - Emmett ficou muito mais visível do lado de Carlisle, seus olhos estavam em James. James lentamente abandonou sua posição, mas seus olhos não saíram de cima de mim, sua narinas ainda infladas. Edward continuou tenso como um

leão na minha frente. Quando Laurent falou, seu tom estava suavizado, tentando afastar a hostilidade repentina. - Aparentemente temos muito a aprender uns sobre os outros.

- Realmente - a voz de Carlisle ainda estava fria.

- Mas nós gostaríamos de aceitar seu convite - seus olhos vacilavam entre Carlisle e eu.

- E é claro que não iremos causar nenhum mal á garota humana. Não iremos invadir seu espaço, como eu disse.

James olhou sem acreditar e agravado para Laurent e trocou outro breve olhar com Victoria, cujos olhos ainda passavam rapidamente de rosto para rosto.

Carlisle mediu a expressão aberta de Laurent antes de falar.

- Nós iremos mostrar o caminho. Jasper, Rosalie, Esme? - ele chamou. Eles se juntaram me bloqueando enquanto se convergiam. Alice estava instantaneamente ao meu lado, Emmett ficou atrás lentamente, seus olhos se travaram quando ele passou por James.

- Vamos, Bella. - A voz de Edward era baixa e inexpressiva.

Durante todo esse tempo eu estive colada no lugar, aterrorizada demais pra me mexer. Edward teve que agarrar meu cotovelo e me puxar levemente pra quebrar o meu transe. Alice e Emmett estavam logo atrás de nós, me escondendo. Eu tropeçava ao lado de Edward, ainda assustada pelo medo. Eu não podia ouvir se o grupo principal já havia ido embora. A impaciência de Edward era quase palpável enquanto andávamos em velocidade humana para a floresta.

Assim que chagamos á floresta, Edward me jogou em suas costas sem parar de andar. Eu me agarrei o mais forte que pude quando ele começou a correr, os outros bem atrás dele. Eu mantive minha cabeça abaixada, mas meus olhos, arregalados de medo, não quiseram fechar. Eles se moviam pela floresta negra como fantasmas. A sensação de alegria que parecia dominar Edward quando ele corria estava completamente ausente. Em seu lugar havia uma fúria que o possuía e fazia ele ir ainda mais rápido. Mesmo eu estando nas costas dele, os outros acabaram ficando pra trás.

Nós chegamos no Jipe num tempo impossivelmente rápido, Edward mal parou e já estava me jogando no banco de trás.

- Ponha o cinto nela - ele ordenou á Emmett que entrou ao meu lado. Alice já estava no banco de frente e Edward já estava ligando o carro. O motor ligou, nós fizemos uma ré, e fizemos uma curva ficando de frente para a estrada. Edward estava resmungando algo rápido demais pra eu entender, mas parecia uma sucessão de palavras profanas.

A viagem sacudida foi muito pior dessa vez e o escuro só a tornou mais assustadora. Tanto Emmett quanto Alice olhavam pra fora pela janela.

Nós entramos na estrada principal, e apesar da velocidade ter aumentado, eu podia ver muito mais claramente pra onde estávamos indo. Nós estávamos indo pra o Sul, nos distanciando de Forks.

- Onde estamos indo? - eu perguntei.

Ninguém respondeu. Ninguém sequer olhou pra mim.

- Droga, Edward! Pra onde você está me levando?

- Nós temos que te levar pra longe daqui, muito longe, agora. - Ele não olhou pra trás, seus olhos estavam na estrada. O velocímetro marcava cento e cinqüenta milhas por hora.

- Vira! Você tem, que me levar pra casa! - eu gritei. Eu lutei contra a estúpida subordinação, tirando o cinto.

- Emmett - Edward disse severamente.

E Emmett segurou minhas mãos com o seu aperto se aço.

- Não! Edward! Não, você não pode fazer isso.

- Eu tenho que fazer, Bella, por favor fique quieta.

- Não fico! Você tem que me levar de volta, Charlie vai chamar o FBI! Eles vão cair em cima da sua família, Carlisle e Esme! Eles terão que fugir, que se esconder pra sempre!

- Acalme-se, Bella - sua voz continuava fria. - Nós já fizemos isso antes.

- Comigo não! Vocês não estão arruinando tudo pra mim! - eu lutei violentamente, mas foi totalmente fútil.

Alice falou pela primeira vez. - Edward, enconste.

Ele deu uma olhada dura pra ela, e aumentou a velocidade.

- Edward, vamos apenas conversar sobre isso.

- Você não entende - ele rugiu frustrado. Eu nunca havia ouvido a voz dele tão alta, era ensurdecedora dentro do Jipe. O velocímetro baixou para perto de centro e quinze milhas. - Ele é

um perseguidor, Alice. Um perseguidor!

Eu senti Emmett enrijecer ao meu lado, e eu imaginei o porque dessa reação dele á palavra. Parecia que ela significava mais pra eles três do que pra mim; eu queria entender, mas não houve oportunidade para eu perguntar.

- Encoste, Edward - o tom de Alice era razoável, mas com uma ponta de autoridade que eu nunca havia ouvido antes.

O velocímetro passou de cento e vinte.

- Faça isso, Edward.

- Me ouça, Alice. Eu vi a mente dele. Perseguir é a paixão dele, sua obsessão, e ele quer ela, Alice, ela, especificamente. Ele começa sua perseguição hoje.

- Ele não sabe onde.

Ele interrompeu ela. - Quanto tempo você acha que vai levar pra que ele sinta o cheiro dela naquela cidade? Seu plano já estava traçado antes das palavras saírem da boca de Laurent. Eu fiquei ofegante sabendo á onde o meu cheiro o levaria. - Charlie! Você não pode deixá-lo lá! Você não pode deixá-lo. - Eu tentei sair da apatia.

- Ela está certa. - Alice disse.

O carro diminuiu um pouco.

- Vamos apenas olhar para as nossas opções por um momento - Alice persuadiu. O carro diminuiu de novo, mas notavelmente, e então nós subitamente subimos no acostamento da estrada, parando. Eu voei para a frente, e depois bati com tudo quando voltei para o banco.

- Não temos opções - Edward falou arrastado.

- Eu não vou deixar Charlie - eu gritei.

Ele me ignorou completamente.

- Nós temos que levá-la de volta - Emmett finalmente falou.

- Não. - Edward foi absoluto.

- Ele não se compara á nós, Edward. Ele não poderá tocá-la.

- Ele vai esperar.

Emmett sorriu. - Nós também podemos esperar.

- Você não viu, você não entende. Quando ele se compromete com uma perseguição, ele é

inabalável. Nós teríamos que matá-lo.

Emmett não pareceu aborrecido pela idéia. - Isso é uma opção.

- E a fêmea. Ela está com ele. Se isso se transformar numa luta, o líder se juntará a eles também.

- Nós somos um número suficiente.

- Há outra opção - Alice disse baixinho.

Edward de virou furioso pra ela, sua voz era um rugido devastador. - Não - há - outra - opção!

Emmett e eu olhamos pra ele em choque, mas Alice não parecia estar surpresa.

O silêncio durou um longo minuto enquanto Edward e Alice se encaravam.

Fui eu quem o quebrou. - Vocês querem ouvir o meu plano?

- Não - Edward rugiu, Alice olhou pra ele finalmente encolerizada.

- Ouçam - eu implorei. - Vocês me levam de volta.

- Não - ele interrompeu.

Eu olhei pra ele e continuei. - Vocês me levam pra casa. Eu digo ao meu pai que quero voltar pra casa em Phoenix. Eu faço minhas malas. Nós esperamos até que o perseguidor esteja observando, então nós fugimos. Ele vai nos seguir e deixar Charlie em paz. Charlie não vai colocar o FBI na cola da sua família. Aí vocês podem me levar para a droga do lugar que quiserem. Eles me olharam, atordoados.

- Realmente, não é uma má idéia. - A surpresa na voz de Emmett era definitivamente um insulto.

- Pode dar certo, e nós não podemos simplesmente deixar o pai dela desprotegido. Você

sabe disso - Alice disse.

Todos olharam para Edward.

- É perigoso demais, eu não quero ele á menos de duzentos metros de distância dela. Emmett estava super confiante. - Edward, ele não vai passar por nós. Alice pensou por um momento. - Eu não o vejo atacando. Ele vai tentar esperar até que nós deixemos ela sozinha.

- Não vai demorar muito até que ele se dê conta de que isso não vai acontecer.

- Eu ordeno que você me leve pra casa. - Eu tentei parecer firme. Edward pressionou seus dedos nas têmporas e fechou os olhos.

- Por favor - eu disse numa voz muito mais baixa.

Ele não olhou pra cima. Quando ele falou, sua voz parecia exausta.

- Você vai partir essa noite. Quer os perseguidores vejam ou não. Você diz pra Charlie que não aguenta passar mais nem um minuto em Forks. Conte qualquer história. Eu não me importo com o que ele diga pra você. Você tem quinze minutos. Você me ouviu? Quinze minutos a partir do momento que você entrar em casa.

Ele ligou o motor do Jipe, nós viramos indo de volta pra casa, os pneus cantando. A agulha do velocímetro começou a subir sem parar.

- Emmett? - eu chamei, apontando para as minhas mãos com o olhar.

- Oh, desculpe. - Ele me soltou.

Alguns minutos se passaram em silêncio, só se ouvia o barulho do motor. Então Edward falou de novo.

- É assim que as coisas vão acontecer. Nós vamos para a casa dela, se o perseguidor não estiver lá, eu a levo até a porta. Então ela terá quinze minutos. - Ele me olhou pelo espelho retrovisor. - Emmett, você cuida do lado de fora da casa. Alice, você fica na caminhonete. Eu ficarei lá dentro enquanto ela estiver. Depois que ela sair, vocês dois pegam o Jipe e vão dizer a Carlisle.

- Sem essa - Emmett interrompeu. - Eu tô com você.

- Pense bem, Emmett. Eu não sei por quanto tempo ficarei fora.

- Até que a gente saiba até onde isso vai, eu fico com você.

Edward suspirou. - Se o perseguidor estiver lá - ele continuou severamente. - Nós dirigimos direto.

- Nós chegaremos lá antes dele - Alice disse confiante.

Edward pareceu aceitar isso. Qualquer que fosse o seu problema com Alice, ele não pareceu duvidar dela agora.

- O que nós vamos fazer com o Jipe? - ela perguntou.

A voz dele tinha um tom duro. - Você vai dirigi-lo até em casa.

- Não, eu não vou - ela disse calmamente.

As palavras profanas impossíveis de escutar recomeçaram.

- Nós não cabemos todos na minha caminhonete - eu sussurrei.

Edward não aparentou me ouvir.

- Eu acho que vocês deviam me deixar ir sozinha - eu falei ainda mais baixo. Isso ele ouviu.

- Bella, só faça o que eu digo, só dessa vez - ele disse por entre os dentes trincados.

- Ouça, Charlie não é imbecil - eu protestei. - Se você não estiver na cidade amanhã, ele vai suspeitar.

- Isso é irrelevante. Nós iremos proteger ele, e é só isso que importa.

- E quanto á esse perseguidor? Ele viu a forma como você agiu. Ele vai saber que você está

comigo, onde quer que você esteja.

Emmett olhou pra mim, insultantemente surpreso de novo. - Edward, escute ela - ele persuadiu. - Eu acho que ela está certa.

- Sim, ela está - Alice concordou.

- Eu não posso fazer isso - a voz de Edward estava gelada.

- Emmet devia ficar também - eu continuei. - Ele definitivamente deu uma boa olhada pra Emmett.

- O que? - Emmett de virou pra mim.

- Você vai pegar ele mais facilmente se ficar - Alice concordou. Edward olhou pra ela incrédulo. - Você acha que eu devo deixar ela ir sozinha?

- É claro que não - ela disse. - Eu e Jasper ficamos com ela.

- Eu não posso fazer isso - Edward repetiu, mas dessa vez havia um traço de derrota na voz dele. A lógica estava começando a entrar na cabeça dele.

Eu tentei ser persuasiva. - Fique por uma semana - eu vi a expressão dele no espelho e emendei. - Alguns dias. Deixe Charlie ver que você não me sequestrou, então você começa a sua caçada á James. Tenha certeza de que ele está completamente fora da minha cola. Então venha me encontrar. Venha por uma rota alternativa, é claro, então Alice e Jasper poderão voltar pra casa.

Eu podia ver que ele estava começando a considerar a idéia.

- Te encontrar onde?

- Em Phoenix - é claro.

- Não. Ele vai ouvir que você foi pra lá - ele disse impaciente.

- E você vai fazer parecer que é lá que eu estou, obviamente. Ele sabe que vocês estarão comigo. Ele nunca vai acreditar que vocês vão me levar pra onde dizem que estão me levando.

- Ela é diabólica. - Emmett gargalhou.

- E se isso não funcionar?

- Existem sete milhões de pessoas em Phoenix - eu informei.

- Não é tão difícil encontrar uma lista telefônica.

- Eu não vou pra casa.

- Oh? - ele perguntou, um tom perigoso na voz dele.

- Eu sou velha o suficiente pra ficar sozinha.

- Edward, nós estaremos com ela - Alice lembrou ela.

- O que você vai fazer em Phoenix? - ele perguntou a ela severamente.

- Ficar dentro de casa.

- Eu gosto disso - Emmett estava pensando em cercar James, sem dúvida.

- Cala a boca, Emmett.

- Olha, se nós tentarmos derrotá-lo enquanto ela ainda estiver aqui, existe uma chance muito maior de alguém se machucar - ela vai se machucar, ou você, tentando proteger ela. Agora, se nós pegarmos ele sozinho... - Ele ficou quieto com um sorrisinho no rosto. Eu estava certa. O Jipe estava andando mais devagar agora que estávamos na cidade. A despeito da minha fala corajosa, os cabelos dos meus braços estavam de pé. Eu pensei em Charlie, sozinho em casa, e tentei ser corajosa.

- Bella - a voz de Edward estava muito suave. Alice e Emmett olharam pra fora pela janela. - Se você deixar alguma coisa acontecer com você, qualquer coisa, eu vou te responsabilizar completamente. Você me entendeu?

- Sim - eu engoli seco.

Ele se virou para Alice.

- Jasper vai conseguir lidar com isso?

- Dê algum crédito á ele, Edward. Ele está indo muito, muito bem, levando tudo em consideração.

- Você vai conseguir lidar com isso?

E a pequena e graciosa Alice levantou os lábios numa careta horrorosa e deu um rugido gutural que me fez colar no banco acovardada.

Edward sorriu pra ela. - Mas mantenha as suas opiniões pra si mesma. - Ele murmurou de repente.

19. DESPEDIDAS

Charlie estava me esperando acordado. Todas as luzes de casa estavam acesas. Minha mente estava bloqueada e eu estava pensando em uma maneira dele me deixar ir. Isso não ia ser prazeroso.

Edward parou devagar, bem atrás da minha caminhonete. Todos os três estavam

extremamente alerta, parecendo varetas de espingarda nos bancos, escutando cada som na floresta, olhando para cada sombra, sentindo cada cheiro, procurando por algo anormal. O motor desligou e eu continuei sentada, imóvel, enquanto eles escutavam.

- Ele não está aqui. - Edward disse tenso. - Vamos lá. - Emmett se inclinou pra me ajudar com os cintos.

- Não se preocupe, Bella - ele disse com uma voz animada. “Nós vamos cuidar das coisas aqui rapidamente.

Eu senti os meus olhos ficando úmidos quando eu olhei pra Emmett. Eu mal o conhecia, mas assim mesmo, de alguma forma, não saber quando eu o veria de novo depois dessa noite era angustiante. Eu sabia que esse era apenas um gosto fraco das despedidas ás quais eu teria que sobrevirem na próxima hora, e esse pensamento fez as lágrimas começarem a jorrar.

- Alice, Emmett - a voz de Edward era um comando. Eles escorregaram lentamente para a escuridão, desaparecendo instantaneamente. Edward abriu a porta e me segurou pela mão, então me cercou na proteção dos seus braços. Ele caminhou rapidamente até a casa, sempre com os olhos revistando a escuridão.

- Quinze minutos - ele avisou por baixo do fôlego.

- Eu posso fazer isso - eu dei uma fungada. Minhas lágrimas me deram uma inspiração. Eu parei na varanda e segurei o rosto dele com as minhas mãos. Eu olhei impetuosamente nos olhos dele.

- Eu te amo - eu disse numa voz baixa, intensa. - Eu sempre vou amar você, não importa o que vai acontecer agora.

- Nada vai te acontecer, Bella - ele disse igualmente impetuoso.

- Só siga o plano, está bem? Mantenha Charlie seguro pra mim. Ele não vai gostar muito de mim depois disso, e eu quero ter a chance de me desculpar depois.

- Entre, Bella. Nós temos que nos apressar. - A voz dele era urgente.

- Só mais uma coisa”, eu disse apaixonadamente. - Não ouça mais nenhuma

palavra que eu disser esta noite! - Ele estava se inclinando, então tudo que eu precisei fazer foi me esticar na ponta dos pés e beijar os lábios surpresos, congelados dele com toda a força que pude. Então eu me virei e abri a porta com um chute.

- Vá embora, Edward. - Eu gritei com ele, corri pra dentro e bati com a porta na sua cara ainda chocada.

- Bella? - Charlie estava vagando na sala de estar, então já estava de pé.

- Me deixe em paz! - Eu gritei com ele entre lágrimas, que estavam jorrando sem parar agora. Eu subi correndo para o meu quarto, batendo a porta e trancando com a chave. Eu corri para a cama, me jogando no chão para pegar a minha mala de viagem. Eu levantei rapidamente o meu colchão pra alcançar o estrado e pegar a meia velha onde eu guardava as minhas economias secretas.

Charlie já estava batendo na porta.

- Bella, você está bem? O que está acontecendo? - A voz dele estava assustada.

- Eu não agüento mais - eu gritei. Minha voz falhou no momento certo.

- Ele machucou você? - a voz de Charlie estava beirando a raiva.

- Não! - eu gritei alguns oitavos acima do normal. Eu virei para a minha penteadeira, e Edward já estava lá, silenciosamente tirando braçadas de roupas da gaveta e jogando elas pra mim.

- Ele terminou com você?

- Não! - eu gritei levemente mais ofegante enquanto jogava as coisas dentro da sacola. Edward estava jogando o conteúdo de outra gaveta pra mim. A mala já estava quase cheia agora.

- O que aconteceu, Bella? - Charlie gritou da porta, começando a bater de novo.

- Eu terminei com ele - eu gritei de volta, sem conseguir fechar o zíper da bolsa. As mãos capazes de Edward afastaram as minhas e fecharam o zíper suavemente. Ele colocou a alça cuidadosamente no meu ombro.

- Eu estarei na caminhonete, vá! - ele sussurou, e me empurrou em direção á porta. Ele desapareceu pela janela.

Eu destranquei a porta e empurrei Charlie com força, lutando com a minha bolsa pesada enquanto descia as escadas.

- O que aconteceu? - ele gritou. Ele estava bem atrás de mim. - Eu pensei que você gostasse dele.

Ele segurou meu cotovelo na cozinha. Ele ainda estava confuso, mas o seu aperto era firme. Ele me virou pra encará-lo, e eu podia ver pelo rosto dele que ele não tinha nenhuma intenção de me deixar ir. Eu só podia pensar em uma maneira para escapar, e isso envolvia machucá-lo tanto que eu me odiei só de pensar. Mas eu não tinha tempo, e eu tinha que mantê-lo a salvo.

Eu olhei para o meu pai, lágrimas frescas nos olhos pelo que eu estava prestes a fazer.

- Eu gosto dele, esse é o problema. Eu não posso mais fazer isso! Eu não posso mais fincar raízes aqui! Eu não quero acabar presa nessa cidade estúpida, chata, como a mamãe! Eu não vou cometer o mesmo erro idiota que ela cometeu. Eu odeio isso, não posso ficar aqui nem mais um minuto".

As mãos dele largaram meu braço como se eu tivesse o eletrocutado. Eu dei as costas ao seu rosto chocado, ferido, e comecei a andar para a porta.

- Bells, você não pode ir agora. É noite. - Ele murmurou atrás de mim. Eu não me virei. - Eu vou dormir na caminhonete se precisar.

- Espere só mais uma semana - ele implorou, com o rosto ainda chocado. - Renée vai estar de volta até lá.

Isso me pegou completamente despreparada. - O que?

Charlie continuou ansioso, quase tagarelando de alívio quando eu hesitei. - Ela ligou enquanto você esteve fora. As coisas não estão indo tão bem na Flórida, e se Phil não assinar um contrato até o fim da semana, eles vão voltar para o Arizona. O treinador assistente dos Sidewinders disse que eles podem não ter mais vaga para outro reserva. Eu balancei minha cabeça, tentando reagrupar os meus pensamentos agora confusos. Cada segundo que se passava colocava

Charlie mais em risco.

- Eu tenho uma chave - eu murmurei girando a maçaneta. Ele estava perto de mim, uma das suas mãos se estendeu pra mim, seu rosto confuso. Eu não podia mais perder tempo discutindo com ele. Eu ia ter que machucá-lo mais ainda.

- Me deixe ir Charlie - eu repeti as mesmas palavras da minha mãe quando ela saiu por essa mesma há anos atrás. Eu disse elas com a toda a raiva que consegui, e abri a porta.

- Não deu certo, tá bem? Eu realmente, realmente odeio Forks!

Minhas palavras cruéis fizeram seu trabalho, Charlie ficou congelado na porta, atordoado, enquanto eu saia noite afora. Eu estava com um medo horrendo do quintal da frente. Eu corri como uma selvagem para a caminhonete, visualizando uma sombra escura atrás de mim. Eu joguei minha bolsa na caçamba e abri a porta. A chave estava esperando na ignição.

- Eu te ligo amanhã - eu gritei, esperando mais que tudo poder explicar tudo nessa hora, mas sabendo que eu jamais poderia. Eu liguei o motor e dei a partida. Edward segurou minha mão.

- Encoste - ele disse quando Charlie e a casa já haviam desaparecido.

- Eu posso dirigir - eu disse entre as lágrimas que rolavam pelo meu rosto.

Suas longas mãos inesperadamente seguraram minha cintura, e o pé dele empurrou o meu do acelerador. Ele me passou por cima do colo dele, arrancando minhas mãos do volante, e de repente ele estava no banco do motorista. A caminhonete não vacilou nem um centímetro.

- Você não conseguiria encontrar a casa - ele explicou.

Faróis brilharam de repente atrás de nós. Eu olhei pra trás de nós, com os olhos arregalados de horror.

- É só Alice - ele me assegurou. Ele pegou minha mão de novo.

Minha mente estava cheia de imagens de Charlie. - O perseguidor?

- Ele ouviu o fim da sua performance - ele disse severamente.

- Charlie? - minha voz estava apavorada.

- O perseguidor nos seguiu. Ele está atrás de nós agora mesmo.

Meu corpo ficou gelado.

- Nós podemos despistá-lo?

- Não - mas ele acelerou enquanto falava. O motor da caminhonete gemeu em protesto. De repente, o meu plano já não parecia mais tão brilhante.

Eu estava olhando para os faróis de Alice quando a caminhonete balançou e uma sombra escura saltou do lado de fora da janela.

O grito percorreu a minha corrente sanguínea durante uma fração de segundo antes que Edward tapasse minha boca com a mão dele.

- É Emmett.

Ele liberou a minha boca, e passou o braço ao redor da minha cintura.

- Está tudo bem, Bella - ele prometeu. - Você vai ficar a salvo. Nós corremos pela cidade vazia em direção a auto-estrado que dava para o Norte.

- Eu não havia percebido que você estava tão chateada com a vida numa cidadezinha - ele disse convencionalmente, e eu sabia que ele estava tentando me distrair. - Parecia que você

estava se ajustando muito bem, especialmente recentemente. Talvez eu estivesse apenas me adulando por estar fazendo a vida mais interessante pra você.

- Eu não estava sendo boazinha - eu confessei, ignorando a sua tentativa de me divertir, olhando para os meus joelhos. - Foi exatamente aquilo que minha mãe disse quando deixou ele. Eu acho que você pode dizer que eu atingi abaixo da cintura.

- Não se preocupe. Ele vai te perdoar. - Ele sorriu um pouco, apesar do sorriso não ter alcançado os olhos dele.

Eu olhei pra ele desesperadamente, ele viu o pânico que havia nos meus olhos.

- Bella, vai ficar tudo bem.

- Mas não vai ficar tudo bem quando eu não estiver com você - eu sussurrei.

- Nós estaremos juntos de novo em alguns dias - ele disse, apertando o seu abraço em mim.

-Não se esqueça que isso foi idéia sua.

- Foi a melhor idéia, é claro que foi minha.

Seu sorriso de resposta foi vazio e desapareceu rapidamente.

- Porque isso aconteceu? - eu perguntei, minha voz era inquisitiva. - Porque comigo?

Ele olhou com os olhos vazios para a estrada. - É minha culpa, eu fui um bobo de ter te exposto daquele jeito. - A raiva na voz dele era dirigida pra si mesmo.

- Não foi isso que eu quis dizer - eu insisti. - Eu estava lá, grande coisa. Isso não incomodou os outros dois. Porque que esse James resolveu me matar? Tem, gente em tudo que é lugar, porque eu?

Ele hesitou, pensando antes de responder.

- Eu dei uma boa olhada na mente dele esta noite - ele começou com uma voz baixa. - Eu não tenho certeza de que havia alguma coisa que eu pudesse fazer pra evitar isso, uma vez que ele viu você. Isso é parcialmente sua culpa. - Sua voz estava torta. - Se você não cheirasse tão apavorantemente saborosa, talvez ele não tivesse se incomodado. Mas quando eu te defendi... bem, isso piorou muito as coisas. Ele não esta acostumado a ser contrariado, não importa o quanto o objeto seja sem importância. Ele se vê como um caçador e nada mais. Sua existência foi

consumida por perseguições, e um bom desafio é tudo o que ele pede da vida. de repente nós apresentamos a ele um lindo desafio, um grande clã de criaturas poderosas todas inclinadas a proteger um elemento frágil. Você não acreditaria em como ele está eufórico agora. Esse é o jogo favorito dele, e nós fizemos o

jogo ficar ainda mais interessante. - O tom dele estava cheio de repulsa.

Ele pausou por um momento.

- Mas se eu tivesse esperado, ele teria te matado lá mesmo - ele disse com uma frustração desesperada.

- Eu achei... que não cheirava igual para os outros... como cheiro pra você - eu disse hesitantemente.

- Você não cheira. Mas isso não significa que você também não seja tentadora para eles. Você é tão apelativa para o perseguidor, ou qualquer um deles, do mesmo jeito que você é

apelativa pra mim, e isso teria gerado uma briga lá mesmo.

Eu tremi.

- Eu não vejo outra escolha além de matá-lo agora - ele murmurou. - Carlisle não vai gostar. Eu podia ouvir os pneus passando pela ponte, apesar de não conseguir ver o rio no escuro. Eu sabia que estávamos perto. Eu tinha que perguntar agora.

- Como se pode matar um vampiro?

Ele olhou pra mim com olhos ilegíveis e com a voz repentinamente áspera. - A única forma de ter certeza é fazê-lo em fragmentos e queimar os pedaços.

- E os outros dois vão lutar com ele?

- A mulher vai. Eu não tenho certeza sobre Laurent. Eles não têm laços muito fortes, eles só

estão juntos por conveniência. Ele ficou com vergonha de James na clareira...

- Mas James e a mulher, eles vão tentar matar você? - eu perguntei com a voz crua.

- Bella, não ouse perder seu tempo se preocupando comigo. Preocupe-se apenas com a sua própria segurança e, por favor, por favor, tente não ser descuidada.

- Ele ainda está seguindo?

- Sim. No entanto, ele não vai atacar a casa. Não essa noite.

Ele virou na estrada invisível, Alice seguindo logo atrás.

Nós dirigimos até a casa. As luzes de dentro estavam brilhando, mas elas faziam muito pouco para aliviar a escuridão da floresta. Emmett abriu minha porta antes que a caminhonete estivesse parada; ele me tirou do banco, me agarrou como uma bola no seu peito largo, e me levou correndo pela porta.

Nós entramos na grande sala, Edward e Alice dos nossos lados. Todos eles já estavam lá; eles já estavam de pé com o som da nossa aproximação. Laurent ficou entre eles. Eu podia ouvir leves rugidos saindo da garganta de Emmett quando ele me colocou no chão ao lado de Edward.

- Ele está nos seguindo - Edward anunciou, olhando diretamente pra Laurent. O rosto de Laurent estava descontente. - Era isso que eu temia. Alice dançou até o lado de Jasper e cochichou no seu ouvido; seus lábios tremiam com a velocidade do seu discurso silencioso. Eles voaram pelas escadas juntos. Rosalie observou os dois, e então se moveu para o lado de Emmett. Seus lindos olhos eram intensos e, quando se fixaram em mim, furiosos.

- O que ele vai fazer? - Carlisle perguntou á Laurent com um tom arrepiante.

- Eu lamento - ele respondeu. “Eu temia que quando o seu garoto defendeu ela, que isso iria irritá-lo.

- Você pode pará-lo?

Laurent balançou a cabeça. - Nada pode parar James depois que ele começa.

- Nós vamos pará-lo - Emmett prometeu. Não havia duvida que ele estava falando sério.

- Você não pode pará-lo. Eu nunca vi nada como ele em meus trezentos anos. Ele é

absolutamente letal. Foi por isso que eu me juntei ao bando dele. O bando dele, eu pensei, é claro. O show de liderança não passava disso, um show. Laurent estava balançando a cabeça. ele olhou pra mim e depois de volta pra Carlisle.

- Vocês têm certeza de que vale a pena?

O rugido irado de Edward encheu a sala. Laurent deu um passo pra trás. Carlisle olhou gravemente para Laurent. - Eu temo que você terá que fazer uma escolha. Laurent compreendeu. Ele pensou por um momento. Seus olhos passaram por todos os rostos, e finalmente varreram a sala clara.

- Eu estou intrigado pelo estilo de vida que vocês criaram aqui. Mas eu não vou me meter nisso. Eu não sou inimigo de nenhum de vocês, mas não vou me colocar contra James. Eu acho que vou para o Norte - visitar aquele clã em Denali. - Ele hesitou. - Não subestimem James. Ele tem uma mente brilhante e sensos fora do comum. Ele está tão confortável no mundo dos humanos quanto vocês parecem estar, e ele não vai permitir que vocês se intrometam... eu lamento pelo que isso causou aqui. Lamento mesmo. - Ele fez uma reverência com a cabeça, mas eu vi quando ele lançou outro olhar confuso na minha direção.

- Vá em paz. - Foi a resposta formal de Carlisle.

Laurent deu outra olhada á sua volta, e então correu para a porta. O silêncio durou menos de um segundo.

- Quão perto? - Carlisle perguntou á Edward.

Esme já estava se mexendo; a mão dela tocou um teclado complementar acima de qualquer suspeita, e com um gemido, grandes venezianas de metal começaram a selar as paredes de vidro. Eu fiquei pasma.

- Á cerca de três milhas antes do rio; ele está circulando pra se encontrar com a fêmea.

- Qual é o plano?

- Nós vamos despistá-lo, e então Alice e Jasper levam ela para o sul.

- E então?

O tom de Edward era mortal. - Assim que Bella estiver longe, nós vamos caçá-lo.

- Eu acho que não há outra escolha - Carlisle concordou, seu rosto severo. Edward se virou para Rosalie.

- Leve ela lá pra cima e troquem de roupas. - Edward comandou. Ela olhou pra ele com um olhar lívido de descrença.

- Porque eu deveria? - ela falou. - O que ela é pra mim, além de uma ameaça que você

escolheu pra soltar entre nós.

Eu dei um passo pra trás pra me proteger do veneno da voz dela.

- Rose... - Emmett murmurou, colocando uma mão no ombro dela. Ela afastou ele. Mas eu estava observando Edward o tempo todo, conhecendo seu temperamento, preocupada com a reação dele.

Ele me surpreendeu. Ele desviou o olhar de Rosalie como se ela nem tivesse falado, como se ela nem existisse.

- Esme? - ele pediu calmamente.

- É claro - Esme murmurou.

Esme já estava ao meu lado em menos de um pulsar do meu coração, me colocando facilmente em seus braços e me levando pelas escadas antes que eu pudesse ficar chocada.

- O que nós estamos fazendo? - eu perguntei sem fôlego enquanto ela me colocava em um quarto escuro em algum lugar no segundo andar.

- Tentando confundir o cheiro. Não vai funcionar por muito tempo, mas vai ajudar você na saída. - Eu podia ouvir as roupas dela caindo no chão.

- Eu não acho que vou caber... - eu hesitei, mas as suas mãos já estavam abruptamente tirando a minha camisa. Eu rapidamente tirei meus jeans sozinha. Ela me passou alguma coisa que parecia como uma camisa. Eu lutei pra colocar os meus braços nos buracos certos. Assim que eu consegui ela me passou sua calça comprida. Eu coloquei elas mas não consegui tirar meus pés; elas eram longas demais. Ela inteligentemente enrolou as bainhas algumas vezes pra que

eu pudesse ficar de pé. De alguma forma, ela já estava usando as minhas roupas. Ela me puxou de volta para as escadas, onde Alice estava esperando, uma pequena maleta de couro estava na mão

dela. Cada uma delas agarrou um dos meus cotovelos e me carregaram enquanto voavam escadas abaixo.

Parecia que tudo já havia sido resolvido lá embaixo durante a nossa ausência. Edward e Emmett estavam prontos pra partir, Emmett carregava uma mala que parecia ser pesada sobre seu ombro. Carlisle estava passando algo pequeno para Esme. Ele se virou e passou a mesma coisa para Alice, era um pequeno celular prateado.

- Esme e Rosalie vão pegar a sua caminhonete, Bella - ele disse enquanto passava por mim. Eu balancei a cabeça, olhando cautelosamente para Rosalie. Ela estava olhando para Carlisle com uma expressão ressentida.

- Alice, Jasper, levem a Mercedes. Vocês vão precisar dos vidros escuros no Sul. Eles também balançaram a cabeça.

- Nós vamos com o Jipe.

Eu estava surpresa de ver que Carlisle pretendia ir com Edward. Eu me dei conta, com uma pontada de medo, que eles haviam planejado a festa da caçada.

- Alice - Carlisle perguntou. - Eles vão morder a isca?

Todo mundo olhou pra Alice quando ela fechou os olhos e ficou incrivelmente rígida. Finalmente ela abriu os olhos. - Ele vai seguir vocês. A mulher vai seguir a caminhonete. Nós seremos capazes de partir depois disso. - A voz dela era resoluta.

- Vamos lá - Carlisle começou a andar em direção á cozinha.

Mas Edward foi para o meu lado na hora. Ele me agarrou com o seu aperto de aço, me puxando contra ele. Ele pareceu não se dar de que a família dele estava olhando quando ele puxou meu rosto ao encontro do seu, fazendo meus pés saírem do chão. Pelo mais breve segundo, seus lábio estavam gelados e duros contra os meus. Então acabou. Ele me colocou no chão, ainda segurando meu rosto, seus olhos gloriosos queimando nos meus. Seus olhos ficaram vazios,

curiosamente mortos quando ele se virou me dando as costas. E eles foram embora.

Nós ficamos lá, os outros olhando em outras direções enquanto lágrimas silenciosas rolavam pelo meu rosto.

O momento de silêncio permaneceu, e então o telefone de Esme vibrou na mão dela. Ele voou para o seu ouvido.

- Agora - ela disse. Rosalie foi saindo pela porta sem outro olhar em minha direção, mas Esme tocou minha bochecha enquanto passava por mim.

- Fique segura. O sussurro dela continuou no ar enquanto elas saiam pela porta. Eu ouvi minha caminhonete começar a funcionar ruidosamente, e então ir embora. Jasper e Alice esperaram. O telefone de Alice já parecia estar em sua ouvido antes mesmo de vibrar.

- Edward disse que a mulher está na cola de Esme. Eu vou pegar o carro. - Ela sumiu por dentro das sombras por onde Edward havia saído.

Jasper e eu olhamos um para o outro. Ele ficou na entrada longe de mim... sendo cuidadoso.

- Você está errada, sabe. - Ele disse baixinho.

- O que? - eu me engasguei.

- Eu posso sentir como você se sente no momento, e você vale a pena.

- Não valho não - eu murmurei. - Se algo acontecer á eles, terá sido por nada.

- Você está errada - ele repetiu, sorrindo carinhosamente pra mim. Eu não ouvi nada, mas do nada Alice entrou na sala pela porta da frente com os braços abertos pra mim.

- Posso? - ela perguntou.

- Você é a primeira a pedir permissão - eu dei um sorriso torto. Ela me levantou nos seus braços esguios tão facilmente quanto Emmett, se curvando protetoramente sobre mim, e então nós voamos pela porta, deixando as luzes

brilhantes pra trás.

20. IMPACIÊNCIA

Quando eu acordei eu estava confusa. Meus pensamentos estavam nebulosos, ainda confusos com sonhos e pesadelos; demorou mais tempo do que devia até que eu lembrasse de onde eu estava.

Esse quarto era insípido demais pra pertencer á outro lugar que não um hotel. Os abajures de cabeceira, aparafusados ás mesas, eram uma pista muito clara, assim como as longas cortinas que combinavam com os forros de cama, e as paredes cobertas com uma tinta genérica aguada. Eu tentei lembrar de como havia chegado aqui, mas primeiro não me veio nada. Eu lembrava do carro preto brilhante, os vidros das janelas eram mais escuros do que os de uma limusine. O motor era quase silencioso, apesar de estarmos correndo na pista escura com o dobro da velocidade permitida por lei.

E eu me lembrava de Alice estar sentada á meu lado no banco de couro preto. De alguma forma, ao longo da noite minha cabeça acabou descansando no seu pescoço de granito. Minha aproximação não pareceu incomodá-la nem um pouco, e a sua pele fria, dura, era estranhamente reconfortante para mim. A frente da sua leve camisa de algodão estava fria, encharcada com as lágrimas que jorravam dos meus olhos, até que eles, vermelhos e doloridos, ficaram secos. O sono já havia desaparecido; meus olhos doloridos continuaram abertos apesar de a noite já ter finalmente acabado e de o sol já ter aparecido em algum pico na Califórnia. A luz cinza fraca, aparecendo no céu sem nuvens, machucou meus olhos. Mas eu não conseguia fechá-los; quando eu fechava, as imagens que apareciam vividas demais, como slides atrás das minhas pálpebras eram insuportáveis. A expressão devastada de Charlie - o rosno gutural de Edward, com os dentes á amostra - o olhar ressentido de Rosalie - o estudo nos olhos do perseguidor - os olhos mortos de Edward quando ele me beijou pela última vez... eu não agüentava vê-los. Então eu lutei contra o meu cansaço enquanto o sol aparecia mais alto no céu.

Eu ainda estava acordada quando passamos por uma pequena montanha através do sol, que agora estava atrás de nós, refletido nos telhados do Vale do Sol. Eu não tinha emoções suficientes sobrando para ficar surpresa por termos feito uma viagem de três dias em um. Eu olhei sem inexpressivamente para a expansão na minha frente. Phoenix, as palmeiras, o creosoto inferior, as faixas de pedestres na

horizontal no meio da rua, os campos de golfe enfileirados e os splashes de azul turquesa nas piscinas, todos submergiam numa leve névoa baixa, serras de pedra que não eram grandes o suficiente para serem chamadas de montanhas. As sombras das palmeiras se inclinavam sobre a rodovia - definidas, mais pontudas do que eu lembrava, mais pálidas do que elas deviam ser. Nada podia se esconder nessas sombras. A estrada clara, aberta, parecia benigna o suficiente. Mas eu não me sentia aliviada, não me sentia nem um pouco bem vinda ao lar.

- Qual é o caminho para o aeroporto, Bella? - Jasper perguntou, e eu vacilei, apresar da sua voz ser suave e sem alarmes. Esse foi o primeiro som, além do barulho do carro, a quebrar o longo silêncio da noite.

- Fique na 1-10 - eu respondi automaticamente. - Nós vamos passar bem na frente. Meu cérebro trabalhava muito devagar pela névoa da falta do sono.

- Nós vamos para algum lugar de avião? - eu perguntei á Alice.

- Não, mas é melhor ficar por perto, na dúvida.

Eu me lembro do início da curva ao redor do Sky Harbor Internacional... mas não lembro do final dela. Eu acho que foi aí que eu cai no sono.

Contudo, agora que eu tento me lembrar, eu tenho uma vaga impressão de ter saído do carro - o sol estava se pondo no horizonte - meu braço caiu sobre o ombro de Alice e ela firmou seu braço na minha cintura, me carregando enquanto eu tropeçava nas sombras mornas, secas. Eu não me lembrava desse quarto.

Eu olhei para o relógio digital na cabeceira da cama. Os números vermelhos diziam que eram três horas, mas eles não indicavam se era de noite ou de dia. Nem um pouco de luz escapava pela cortina fina, mas o quarto estava claro por causa da luz do abajur. Eu me levantei rigidamente e me arrastei até a janela, puxando as cortinas.

Estava escuro lá fora. Três da manhã então, meu quarto ficava de frente para um lado deserto da estrada e para o novo estacionamento do aeroporto. Era levemente confortante poder distinguir tempo e espaço.

Eu olhei para mim mesma. Eu ainda estava usando as roupas de Esme, e elas não me caiam nem um pouco bem. Eu olhei ao redor para o quarto, feliz por

encontrar a minha bolsa de viagem numa penteadeira baixa. Eu estava indo pegar as minhas roupas quando uma batidinha de leve na porta me fez pular.

- Posso entrar? - Alice perguntou.

Eu respirei fundo. - Claro.

Ela entrou e olhou pra mim cuidadosamente. - Parece que você poderia dormir um pouco mais - ela disse.

Eu só balancei a cabeça.

Ela se moveu até as cortinas e fechou elas seguramente antes de se virar pra mim.

- Vamos precisar ficar aqui dentro - ela disse pra mim.

- Tudo bem - minha voz estava rouca; ela estalou.

- Sede? - ela perguntou.

Eu levantei os ombros. - Eu estou bem. E você?

- Nada que não possa ser arranjado - ela sorriu. - Eu pedi comida pra você, está na sala da frente. Edward me lembrou de que você tem que comer mais frequentemente que nós. Eu fiquei mais alerta instantaneamente. - Ele ligou?

- Não - ela falou, e observou meu rosto cair. - Isso foi antes de irmos embora. Ela pegou minha mão cuidadosamente e me levou até a sala de estar da suíte do hotel. Eu podia ouvir leves ruídos de vozes vindos da televisão. Jasper estava sentado no canto da mesa, seus olhos assistiam as notícias sem nenhuma ponta de interesse. Eu sentei no chão perto da mesa de café, onde a badeja de comida estava esperando, e comecei a pegar as coisas sem me dar conta do que estava comendo. Alice se sentou no braço do sofá e começou a olhar para a TV de um jeito vazio que nem Jasper.

Eu comi devagar, olhando pra ela, me virando de vez em quando pra olhar rapidamente pra Jasper. Eu comecei a perceber que eles estavam rígidos demais. Eles nunca tiravam os olhos da tela, apesar de os comerciais já terem começado agora. Eu empurrei a bandeja para o lado, meu estômago estava abruptamente

inquieto. Alice olhou pra mim.

- Qual é problema, Alice? - eu perguntei.

- Não há nada errado. - Seus olhos eram grandes e honestos... e eu não acreditava neles.

- O que nós fazemos agora?

- Nós esperamos Carlisle ligar.

- E ele já devia ter ligado? - Eu podia ver que estava chegando perto. Seus olhos flutuaram para o telefone em cima da sua bolsa preta de couro e de volta pra mim.

- O que isso significa? - Minha voz termia e eu lutei para controlá-la. - Que ele não ligou ainda?

- Isso só significa que eles ainda não têm nada para nos dizer. Mas a voz dela estava uniforme demais, e o ar ficou mais difícil de respirar. Jasper estava de repente ao lado de Alice, mais perto de mim do que o normal.

- Bella - ele disse numa voz suspeitosamente confortante. - Você não tem nada com o que se preocupar. Você está completamente segura aqui.

- Eu sei disso.

- Então porque você está assustada? - ele perguntou confuso. Ele deve ter sentido a tenacidade das minhas emoções, mas ele não conseguia ler as razões por trás delas.

- Você ouviu o que Laurent disse - minha voz era só um sussurro, mas eu tinha certeza de que eles conseguia me ouvir. - Ele disse que James era letal. - E se alguma coisa der errado, e eles se separarem? E se alguma coisa acontecer com algum deles, Carlisle, Emmett... Edward... - eu engoli seco. - E se a fêmea machucar Esme... - minha voz havia ficado mais alta, uma ponta de

histeria estava começando a aparecer nela. - Como eu poderia viver comigo mesma sabendo que é minha culpa? Nenhum de vocês devia estar se arriscando por mim.

- Bella, Bella, pare - ele me interrompeu, as palavras dele vertiam tão rapidamente que era difícil compreendê-las. - Você está se preocupando com as coisas erradas, Bella. Confie em mim, nenhum de nós corre risco. Você já tem coisas de mais com as quais se estressar; não adicione isso tudo á preocupações desnecessárias. Me ouça! - ele ordenou quando eu desviei o olhar. - Nossa família é forte. Nosso único medo é perder você.

- Mas porque vocês deveriam.

Dessa vez foi Alice que interrompeu, tocando minha bochecha com seus dedos frios. - Já faz um século que Edward está sozinho. Agora ele encontrou você. Você não consegue ver as diferenças que nós vemos, nós que temos estado com ele há tanto tempo. Você acha que algum de nós vai querer olhar nos olhos dele pelos próximos cem anos se ele perder você?

Minha sensação de culpa foi diminuindo enquanto eu olhava para os seus olhos escuros. Mas mesmo com a calma se espalhando pelo meu corpo, eu não conseguia confiar nos meus sentimentos com Jasper lá.

Foi um dia muito longo.

Nós ficamos no quarto. Alice ligou para a recepção e pediu que cancelassem o nosso serviço de camareiras por enquanto. As janelas continuaram fechadas e a TV ligada, apesar de ninguém estar assistindo. O telefone prateado em cima da bolsa de Alice parecia ficar maior enquanto as horas passavam.

Minhas babás conseguiam agüentar o suspense melhor que eu. Enquanto eu me preocupava e andava pra lá e pra cá, eles só ficavam cada vez mais imóveis, aquelas duas estátuas cujos olhos me seguiam imperceptivelmente enquanto eu me movia. Eu me ocupei em memorizar o quarto; as listras padronizadas do sofá, bronze, pêssego, creme, dourado escuro, e então bronze de novo. As vezes eu olhava para as pinturas abstratas, ocasionalmente achando desenhos nas formas, como eu encontrava os desenhos nas nuvens quando eu era criança. Eu encontrei uma mão azul, uma mulher penteando o cabelo, um gato se estirando. Mas quando o círculo vermelho se transformou num olho me encarando, eu desviei o olhar.

Enquanto a tarde passava, eu voltei para a cama, simplesmente pra ter algo pra fazer. Eu esperava que estando sozinha no quarto, eu poderia me entregar aos terríveis medos que pairavam na minha consciência, impossibilitados de se

libertarem por causa da supervisão cuidadosa de Jasper.

Mas Alice me seguiu casualmente, como se por coincidência ela tivesse se cansado da sala ao mesmo tempo que eu. Eu estava começando a imaginar exatamente que tipo de instruções Edward havia dado á ela. Eu me estirei na cama, e ela sentou, com as pernas cruzadas, perto de mim. No início eu ignorei ela, repentinamente cansada o suficiente para dormir. Mas depois de alguns minutos, o pânico que estava se escondendo na presença de Jasper começou a aparecer. Nessa hora eu desisti da idéia de dormir rapidamente, me curvando numa pequena bola, abraçando minhas pernas com os braços.

- Alice? - eu perguntei.

- Sim?

Eu mantive minha voz muito calma. - O que você acha que eles estão fazendo?

- Carlisle pretendia levar o perseguidor tão longe para o Norte quanto fosse possível, esperar que ele se aproximasse, e então encurralar ele. Esme e Rosalie deviam ir para o oeste enquanto a fêmea ainda estivesse atrás delas. Se ela fosse embora, elas deveriam voltar pra Forks pra tomar conta do seu pai. Então eu imagino que se eles não podem ligar eles estão indo bem. Significa que o perseguidor está muito perto e eles não querem que ele os ouça.

- E Esme?

- Eu acho que ela já deve ter voltado pra Forks. Ela não vai ligar se houver alguma chance de que a fêmea ouça. Eu espero que eles todos estejam apenas sendo cuidadosos.

- Você acha que eles estão a salvo, mesmo?

- Bella, quantas vezes teremos que te dizer que não há perigo pra nós?

- Contudo, você me contaria a verdade?

- Sim. Eu sempre vou te contar a verdade. - A voz dela era intensa. Eu pensei por um momento, e decidi que ela estava sendo sincera.

- Então me diga... como é que você se tornou uma vampira?

Minha pergunta pegou ela fora de guarda. Ela ficou quieta. Eu me virei pra olhar pra ela, e a expressão dela parecia ambivalente.

- Edward não quer que eu te diga - ela disse firmemente, mas eu senti que ela não concordava com isso.

- Isso não é justo. Eu acho que tenho o direito de saber.

- Eu sei.

Eu olhei pra ela esperando.

Ela suspirou. - Ele vai ficar extremamente zangado.

- Isso não é da conta dele. Isso é entre eu e você. Alice, como amiga, eu estou te implorando. - E nós éramos amigas agora, de alguma forma, e ela já devia saber que seria assim desde o início.

Ela olhou pra mim com seus olhos esplêndidos, inteligentes... escolhendo.

- Eu vou te contar o lado mecânico da coisa - ela disse finalmente. - mas nem eu mesma me lembro do que aconteceu, e eu nunca fiz isso ou vi sendo feito, então fique consciente de que só

posso te contar o que eu sei na teoria.

Eu esperei.

- Como predadores, nós temos um excesso de armas em nosso arsenal físico, muito, muito mais do que aquilo que realmente necessitamos. A força, a velocidade, os sentidos aguçados, sem mencionar aqueles como Edward, Jasper e eu, que temos sentidos extras também. E então, como uma flor carnívora, nós somos atraentes para a nossa presa.

Eu estava muito rígida, me lembrando do quão sugestivamente Edward havia me explicado esse mesmo conceito na clareira.

Ela sorriu um sorriso largo, nefasto. - Nós temos outra arma um tanto quanto supérflua. Nós também somos venenosos - ela disse, seus dentes brilhando. - O veneno não mata, é meramente incapacitante. Ele se espalha lentamente, se

espalhando na corrente sanguínea, pra que, uma vez mordida, a presa sente dor física demais para escapar. Um tanto quanto supérfluo, como eu disse. Se nós estivermos tão perto, a presa não vai escapar. É claro que sempre existem exceções. Carlisle, por exemplo.

- Então... o veneno é deixado lá pra se espalhar... - eu murmurei.

- Levam alguns dias para a transformação estar completa, dependendo de quanto veneno há

na corrente sanguínea, de quão devagar o veneno entra no coração. Enquanto o coração continua batendo, o veneno se espalha, curando, mudando o corpo enquanto passa por ele. Eventualmente o coração para, e a conversão chega ao fim. Mas durante todo o tempo, durante cada minuto, a vítima estará desejando estar morta.

Eu tremi.

- Não é muito prazeroso, você vê.

- Edward disse que era uma coisa muito difícil de fazer...eu não entendi muito bem.

- Nós também somos como tubarões, de certa forma. Quando nós experimentamos o sangue, ou mesmo se tivermos apenas sentido o cheiro dele, se torna muito difícil não se alimentar dele. As vezes é impossível. Então veja, morder alguém de verdade, experimentar do sangue, isso começaria o frenesi. É difícil para os dois lados, a luxúria pelo sangue de uma lado, a dor horrível do outro.

- Porque você acha que não lembra?

- Eu não sei. Pra todos os outros, a dor da transformação é a memória mais forte da vida humana. Eu não me lembro de como é ser humana.

Sua voz estava severa.

Nós ficamos em silêncio, cada uma envolvida em seus próprios pensamentos.

Os segundos se passaram, e eu quase esqueci da presença dela, de tão envolvida

que estava nos meus pensamentos.

Então, sem aviso, Alice saltou da cama, pousando levemente nos seus pés. Minha cabeça deu um pulo e eu encarei ela, alarmada.

- Algo mudou. - A voz dela estava alarmada, e ela não estava mais falando comigo. Ela alcançou a porta ao mesmo tempo que Jasper. Ele obviamente estava ouvindo a nossa conversa e ouviu a exclamação súbita. Ele colocou as mãos nos ombros dela e a guiou de volta para a cama, sentando ela na beirada.

- O que você vê? - ele perguntou atentamente, olhando dentro dos olhos dela. Os olhos estavam focados em alguma coisa que estava muito longe. Eu sentei perto dela, me inclinando para entender sua voz rápida e baixa.

- Eu vejo um quarto. É longo, e tem espelhos me todo lugar. O chão é de madeira. Ele está

nesse quarto, e ele está esperando. Há dourado... uma faixa dourada por entre os espelhos.

- Onde é o quarto?

- Eu não sei. Está faltando alguma coisa outra decisão que ainda não foi tomada.

- Quanto tempo?

- Em breve. Ele estará na sala dos espelhos hoje, ou talvez amanhã. Isso depende. Ele está

esperando por alguma coisa. E ele está no escuro agora.

A voz de Jasper estava calma, metódica, enquanto ele interrogava ela cheio de prática.

- O que ele está fazendo?

- Ele está assistindo Tv... não, ele está passando uma fita de vídeo, no escuro, em outro lugar.

- Você consegue ver onde é?

- Não, é escuro demais.

- E o quarto dos espelhos, o que mais há lá?

- Só os espelhos, e o dourado. É uma faixa, ao redor da sala. E há uma mesa preta com um grande som e uma TV. Ele está tocando um videocassete lá, mas ele não está assistindo como faz na sala escura. Nessa sala ele só espera. - Os olhos dela vaguearam, e então se focaram no rosto de Jasper.

- Não há mais nada?

Ela balançou a cabeça. Eles olharam um para o outro, imóveis.

- O que isso significa? - eu perguntei.

Nenhum deles respondeu por um momento, e então Jasper olhou pra mim.

- Significa que os planos do perseguidor mudaram. Ele tomou uma decisão que vai guiá-lo ao quarto dos espelhos, e ao quarto escuro.

- Mas nós não sabemos onde esses quartos são?

- Não.

- Mas nós sabemos que ele não estará nas montanhas á Norte de Washington, sendo caçado. Ele vai enganá-los. - A voz de Alice estava vazia.

- Devemos ligar? - eu perguntei. Eles trocaram um olhar sério, indecisos. E então o telefone tocou.

Alice já estava do outro lado da sala antes que eu pudesse levantar minha cabeça pra olhar. Ela apertou um botão e colocou o telefone no ouvido dela, mas ela não foi a primeira a falar.

- Carlisle - ela respirou. Ela não pareceu surpresa ou aliviada, como eu estava.

- Sim - ela disse, olhando pra mim. Ela escutou por um momento.

- Eu acabei de vê-lo - ela descreveu de novo a visão que tinha acabado de ter. - O que quer que tenha colocado ele naquele avião... está levando ele para aquelas salas. - Ela parou. – Sim - Alice disse para o telefone, e então falou comigo. -

Bella?

Ela segurou o telefone na minha direção. Eu corri pra ele.

- Alô - eu respirei.

- Bella - Edward disse.

- Oh, Edward! Eu estava tão preocupada.

- Bella - ele suspirou frustrado. - Eu te disse pra não se preocupar com nada a não ser você

mesma. - Era tão incrivelmente bom poder ouvir a voz dele. Eu senti a nuvem de desespero enfraquecer e ir embora enquanto ele falava.

- Onde vocês estão?

- Nós estamos em Vancouver. Bella, me desculpe, nós o perdemos. Ele parece estar suspeitando de nós, ele está sendo cuidadoso o suficiente pra não ficar a uma distância que possamos ouvir os pensamentos dele. Mas agora ele foi embora, parece que ele entrou num avião. Nós achamos que ele voltou pra Forks pra recomeçar tudo. Eu podia ouvir Alice conversando com Jasper atrás de mim, as palavras rápidas dela saíam acompanhadas de um zumbido.

- Eu sei. Alice disse que ele havia escapado.

- Contudo, você não precisa se preocupar. Ele não encontrará nada que o leve a você. Você

só tem que esperar aí até que nós o encontremos de novo.

- Eu vou ficar bem. Esme está com Charlie?

- Sim, a fêmea esteve na cidade. Ela esteve na casa, mas só enquanto Charlie estava no trabalho. Ela não se aproximou dele, então não tenha medo. Ele está a salvo com Esme e Rosalie tomando conta.

- O que ela está fazendo?

- Possivelmente tentando encontrar uma pista. Ela vasculhou a cidade inteira

durante a noite. Rosalie encontrou ela no aeroporto, em todas as estradas ao redor, na escola... ela está

vasculhando, Bella, mas não há nada para encontrar.

- E você tem certeza que Charlie está a salvo?

- Sim, Esme não vai perder ele de vista. E nós estaremos lá em breve. Se o perseguidor chegar perto de Forks, nós pegamos ele.

- Eu sinto sua falta - eu sussurrei.

- Eu sei, Bella. Acredite em mim, eu sei. É como se você tivesse levado metade de mim com você.

- Então, venha pegá-la - eu desafiei.

- Breve, assim que eu puder. Mas eu vou te deixar a salvo primeiro. - A voz dele estava dura.

- Eu te amo - eu lembrei ele.

- Será que você poderia acreditar que, a despeito de tudo em que eu te envolvi, eu te amo também?

- Sim, na verdade, eu posso.

- Eu vou te buscar logo.

- Eu estarei esperando.

Assim que o telefone ficou mudo, a nuvem de depressão começou a pairar sobre mim de novo.

Eu me virei pra entregar o celular pra Alice, e encontrei Jasper inclinado sobre a mesa, onde Alice estava fazendo desenhos num papel com o emblema do hotel. Eu me inclinei no sofá, olhando por cima dos ombros dela.

Ela desenhou uma sala: longa, retangular, com uma sessão quadrada, mais fina lá no final. As placas de madeira estavam expostas na longitudinal em todo o chão da sala. Nas paredes, as linhas denotavam o espaço de um espelho para o outro.

E então, atravessando os espelhos, acima da altura cintura, uma longa faixa. A faixa que Alice dizia ser dourada.

- É um estúdio de Balé - eu disse, repentinamente reconhecendo as formas familiares. Eles olharam pra mim, surpresos.

- Você conhece essa sala? - A voz de Jasper parecia calma, mas havia algo por baixo dela que eu não podia identificar. Alice abaixou a cabeça para o seu trabalho, agora sua mão voava sobre o papel, o formato da saída de emergência no fundo da sala, o som e a TV numa mesa baixa que ficava no canto da frente da sala.

- Parece com um lugar que eu costumava freqüentar para ter aulas de dança, quando eu tinha oito ou nove anos. O formato é o mesmo.

Eu toquei o papel no local onde a parte quadrada aparecia, estreitando a parte de trás da sala. - É aqui que eram os banheiros, as portas passavam pela outra sala de dança. Mas o som ficava aqui - eu apontei o canto esquerdo - Era mais velho e não havia uma TV. Havia uma janela na sala de espera - você podia ver a sala nessa posição se você olhasse por ela. Alice e Jasper estavam olhando pra mim.

- Você tem certeza de que é a mesma sala? - Jasper perguntou, ainda calmo.

- Não, nem um pouco, eu creio que todos os estúdios de dança sejam parecidos, os espelhos, as barras. - Eu tracei as barras nos espelhos com o dedo.

- É só que o formato me pareceu familiar. - Eu toquei a porta, que ficava exatamente no lugar onde eu lembrava.

- Você teria algum motivo pra ir lá agora? - Alice perguntou, me tirando do devaneio.

- Não, fazem quase dez anos que eu não vou lá. Eu era uma dançarina horrível, eles sempre me colocavam no fundo dos recitais - eu admiti.

- Então não tem jeito disso estar ligado á você? - Alice perguntou atentamente.

- Não, eu nem acho que o dono seja o mesmo. Eu estou certa de que é algum outro estúdio de dança, em outro lugar.

- Onde era o estúdio que você freqüentava? - Jasper perguntou numa voz casual.

- Era na esquina da casa da minha mãe. Eu costumava ir andando pra lá depois da escola...

- eu disse, minha voz fugindo. Eu não perdi o olhar que eles trocaram.

- Aqui em Phoenix, então? - a voz dele ainda estava casual.

- Sim - eu sussurrei. - Rua cinqüenta e oito com Cactus.

Nós todos sentamos em silêncio, olhando para o desenho.

- Alice, o telefone é seguro?

- Sim - ela me assegurou. - O número vai ser localizado em Washigton.

- Então eu posso usá-lo para ligar para a minha mãe.

- Eu pensei que ela estivesse na Flórida.

- Ela está, mas ela vai voltar pra casa em breve, e ela não pode voltar pra casa enquanto... - Minha voz tremeu. Eu estava pensando no que Edward havia dito, sobre a fêmea ter estado na casa de Charlie, na escola, onde meus documentos estariam.

- Como é que você vai encontrá-la?

- Eles não têm números permanentes exceto em casa, ela tem que checar as mensagens regularmente.

- Jasper? - Alice perguntou.

Ele pensou. - Eu acho que não pode fazer mal nenhum, mas tome o cuidado de não dizer onde está, é claro.

Eu peguei o telefone ansiosamente e disquei o número familiar. Ele tocou quatro vezes, e então eu ouvi a voz a voz suave da minha mãe me dizendo pra deixar uma mensagem.

- Mãe - eu falei depois do bipe. - sou eu. Escute, eu preciso que você faça uma

coisa. É

importante. Assim que você escutar essa mensagem, me ligue neste número. - Alice já estava a meu lado, escrevendo o número pra mim em cima do desenho dela. Eu o li cuidadosamente, duas vezes. - Por favor, não vá a lugar nenhum antes que eu tenha falado com você. Não se preocupe, eu estou bem, mas eu preciso falar com você imediatamente, não importa a hora que você

receber esta ligação, está bem? Eu te amo, mãe, tchau. - Eu fechei meus olhos e rezei com todas as minhas forças pra que ela recebesse a mensagem antes de ir pra casa. Eu sentei no sofá, batucando no prato que continha as frutas, antecipando a longa noite. Eu pensei em ligar pra Charlie, mas eu não sabia se ele estaria em casa agora ou não. Eu me concentrei no jornal, assistindo histórias sobre a Flórida ou sobre o treinamento de Primavera - greves, ou furacões ou algum ataque terrorista - qualquer coisa que pudesse fazer eles voltarem mais cedo pra casa.

Imortalidade deve garantir paciência infinita. Nem Jasper nem Alice pareciam sentir a necessidade de alguma coisa pra fazer. Por algum tempo, Alice desenhou os traços da sala escura que ela havia visto, tudo o que ela podia ver pela leve luz da TV. Mas quando ela terminou, ela

simplesmente ficou olhando para o vazio das paredes, com seus olhos eternos. Jasper, também, parecia não ter nenhuma necessidade de se mover, ou de dar uma olhadinha pelas cortinas, eu sair correndo pela porta, como eu queria.

Eu devo ter pego no sono no sofá, esperando o telefone tocar de novo. O toque frio de Alice me acordou brevemente enquanto ela me carregava para a cama, mas eu já estava inconsciente antes de encostar no travesseiro.

21. TELEFONEMA

Eu podia sentir que era cedo demais quando eu acordei de novo, e eu sabia que os meus horários do dia e da noite estavam mudando lentamente. Eu fiquei deitada na minha cama ouvindo as vozes baixinhas de Alice e Jasper na outra sala. Era muito estranho que elas fossem altas o suficiente pra eu ouvir. Eu rolei até que meus pés tocassem o chão e então me arrastei até

a sala.

O relógio da TV dizia que havia acabado de passar das duas da manhã. Alice e Jasper ainda estavam sentados no sofá, Alice rabiscando de novo enquanto Jasper olhava por cima do ombro dela. Eles não olharam pra cima quando eu entrei, de tão concentrados que estavam no trabalho de Alice.

Eu engatinhei até o lado de Jasper pra espionar.

- Ela viu mais alguma coisa? - eu perguntei baixinho pra ela.

- Sim. Alguma coisa trouxe ele de volta á sala de videocassete, agora está claro. Eu observei enquanto Alice desenhava uma sala quadrada com vigas escuras que atravessavam o teto. As paredes eram cobertas de madeiras, um pouco escuras demais, fora de moda. Um dos lados da entrada era de pedra - uma lareira de pedra cor de broze que ficava entre a entrada de duas salas. Haviam uma grande janela na parede que dava para o Sul, e uma abertura na parede do lado oeste que dava uma visão para a sala de estar. O foco da sala por essa perspectiva, a TV e o videocassete, que ficavam equilibrados num aparedor pequeno demais, estavam no lado do corredor que ficava mais próximo do lado sul. Um sofá antigo ficava no lado contrário ao da TV, uma mesa de café redonda ficava na frente dele.

- O telefone fica aqui - eu sussurrei, apontando.

Os dois pares de olhos me encararam.

- É a casa da minha mãe.

Alice já estava fora do sofá, com o telefone na mão, discando. Eu olhei para a precisa descrição da sala familiar da minha mãe. Como não era do seu costume, Jasper escorregou pra perto de mim. Ele colocou levemente sua mão no meu ombro, e o seu contato físico pareceu fazer sua inflência calmante ser ainda mais forte.

O pânico ficou nublado, desfocado.

Os lábios de Alice estavam tremendo com a rapidez de suas palavras, o ruído baixo era impossível de decifrar. Eu não conseguia me concentrar.

- Bella - Alice disse, eu olhei pra ela entorpecida. - Bella, Edward está vindo te buscar. Ele e Emmett e Carlisle vão te levar para algum lugar, pra te esconder por algum tempo.

- Edward está vindo? - as três palavras eram como um manto de vida, que segurava minha cabeça pra cima durante um dilúvio.

- Sim, ele está pegando o primeiro vôo para Seattle. Nós vamos encontrá-lo no aeroporto e você irá com ele.

- Mas, minha mãe... ele veio aqui pra pegar minha mãe, Alice! - a despeito de Jasper, a histeria estava borbulhando nas minhas palavras.

- Jasper e eu ficaremos até que ela esteja a salvo.

- Eu não vou vencer, Alice. Vocês não podem cuidar de todas as pessoas que eu conheço pra sempre. Ele vai achar alguém, ele vai machucar alguém que eu amo... Alice, eu não consigo.

- Nós vamos pegá-lo, Bella - ela me assegurou.

- E se você se machucar, Alice? Você acha que vai ficar tudo bem pra mim? Você acha que ele só pode me machucar com a minha família humana?

- Alice deu um olhar cheio de significado pra Jasper. Uma pesada e profundo nuvem de legargia passou por mim e os meus olhos fecharam sem minha permissão. Minha mente lutou contra a nuvem, se dando conta do que estava acontecendo. Eu forcei meus olhos a se abrirem e me levantei, me distanciando das mãos de Jasper.

- Eu não quero voltar a dormir - eu falei.

Eu andei para o quarto e fechei a porta, bati ela na verdade, assim eu estaria livre para ficar despedaçada em privacidade. Dessa vez Alice não me seguiu. Por três horas e meia eu olhei para a parede, curvada como uma bola, me balançando. Minha mente estava dando voltas, tentando encontrar uma forma de sair desse pesadelo. Não havia escapatória, não havia como adiar. Eu só

podia ver um final aparecendo sombriamente no meu futuro. A única pergunta era quantas pessoas se machucariam até que eu chegasse la.

O único consolo, a única esperança que eu tinha, era que eu veria Edward em breve. Talvez, se eu pudesse apenas ver o rosto dele de novo, eu também poderia ver a solução que me iludia agora.

Quando o telefone tocou, eu voltei para a sala, um pouco envergonhada pelo meu comportamento. Eu esperava não ter ofendido nenhum dos dois, que eles soubessem o quanto eu estava

grata

pelos

sacrifícios

que

eles

estavam

fazendo

por

minha

culpa.

Alice estava atendendo ele tão rapidamente como sempre, mas o que chamou minha atenção foi que, pela primeira vez, Jasper não estava no quarto. Eu olhei para o relógio, eram cinco e meia da manhã.

- Eles estão entrando no avião - Alice me disse. - Eles vão aterrisar as nove e quarenta e cinco. - Só mais algumas horas para respirar até que ele estivesse alí.

- Onde está Jasper?

- Ele foi fazer o check-out.

- Vocês não vão ficar aqui?

- Não, nós vamos nos relocar para algum lugar mais próximo da casa da sua mãe. Meu estômago revirou desconfortavelmente com as palavras dela.

Mas o telefone tocou de novo, me distraindo. Ela pareceu surpresa, mas eu já

estava me aproximando, pegando esperançosamente o telefone.

- Alô? - Alice perguntou. - Não, ela está bem aqui. - Ela me passou o telefone. Sua mãe, ela murmurou.

- Alô?

- Bella, Bella - era avoz da minha mãe, num tom famíliar que eu já havia ouvido milhares de vezes na minha infância, toda vez que ficava na beira da calçada ou desaparecia de vista num lugar lotado.

Era o som do pânico.

Eu suspirei. Eu já estava esperando isso, apesar de ter tentado passar a mensagem da forma mais calma possível, levando em consideração a emergência da situação.

- Mãe, fique calma - eu disse na minha voz mais tranquilizadora, caminhando vagarosamente pra longe de Alice. Eu não tinha certeza de que conseguiria mentir convenientemente com os olhos dela grudados em mim. - Está tudo bem, tá legal? Só me dê um minuto e eu vou explicar tudo, eu prometo.

Eu pausei, surpresa por ela ainda não ter me interrompido.

- Mãe?

- Tome muito cuidado pra não falar nada até que eu diga. - A voz que eu ouvi agora não era familiar e era inesperada. Era uma voz masculina baixa, uma voz muito agradável, genérica, o tipo de voz que você ouve no fundo de um comercial de carros luxuosos. Ele falava muito rapidamente.

- Agora, eu não preciso machucar sua mãe, então por favor, faça exatamente o que eu disser e ela vai ficar bem. - Ele pausou por um minuto enquanto eu só ouvia, muda de horror. - Isso é muito bom - ele parabenizou. - Agora repita depois de mim, e tente parecer natural. Por favor diga ‘Não, mãe, fique onde você está'.

- Não, mãe, fique onde você está - minha voz mal passava de um sussurro.

- Eu vejo que isso vai ser bem difícil. - A voz estava divertida, ainda leve e

amigável. - Porque você não vai para outro lugar pra que o seu rosto não arruine tudo? Não há nenhuma razão pra sua mãe sofrer. Enquanto você está andando, por favor diga 'Mãe, por favor, me ouça'. Diga isso agora.

- Mãe, por favor, me ouça - minha voz implorou. Eu andei bem devagar para o quarto, sentindo os olhos preocupados de Alice na minhas costas. Eu fechei a porta atrás de mim, tentando pensar claramente apesar do terror que prendia meu cérebro.

- Agora, você está sozinha? Só responda sim ou não.

- Sim.

- Mas eles ainda podem te ouvir, eu tenho certeza.

- Sim.

- Tudo bem então - a voz de concordância continuou. - diga, 'Mãe, confie em mim'.

- Mãe, confie em mim.

- Isso está funcionando melhor do que eu esperava. Eu estava preparado para esperar, mas a sua mãe chegou antes do horário. É mais fácil assim, não é? Menos suspense, menos ansiedade pra você.

Eu esperei.

- Agora eu quero que você me ouça muito cuidadosamente. Eu vou precisar que você se afaste dos seus amigos; você acha que consegue fazer isso? Responda sim ou não.

- Não.

- Eu lamento ouvir isso. Eu esperava que você fosse um pouco mais criativa que isso. Você

acha que poderia se afastar deles se a vida da sua mãe dependesse disso? Responda sim ou não. De alguma forma, tinha que haver um jeito. Eu me lembrei que estavamos indo ao aeroporto. Aeroporto Sky Harbor Internacional:

lotado, pessoas atrasadas...

- Sim.

- Isso é melhor. Eu tenho certeza que não será fácil, mais se eu tiver a mínima impressão de que você tem companhia, bem, isso vai ser muito ruim para a sua mãe - a voz amigável prometeu.

- Você já deve nos conhecer suficientemente bem pra saber o quão rapidamente eu vou saber se você tentar trazer alguém com você. E como eu poderia lidar rapidinho com a sua mãe se esse fosse o caso. Você está me entendendo? Responda sim ou não.

- Sim - minha voz quebrou.

- Miuto bom, Bella. Agora aqui está o que você precisa fazer. Eu quero que você vá para a casa da sua mãe. Perto do telefone haverá um número. Ligue pra ele e eu te direi pra onde ir a partir daí. - Eu já sabia pra onde iria, e onde isso iria acabar. Mas eu seguiria exatamente as instruções dele. - Você pode fazer isso? Responda sim ou não.

- Sim.

- Antes do meio dia, por favor, Bella. Eu não tenho o dia inteiro - ele disse educadamente.

- Onde está Phil? - eu perguntei.

- Aw, tome cuidado, Bella. Espere até que eu te peça pra falar, por favor. Eu esperei.

- Agora, isso é importante, não deixe os seus amigos suspeitarem quando você voltar pra eles. Diga pra eles que sua mãe ligou, e que você conseguiu convencê-la a ficar longe de casa por mais algum tempo. Agora repita depois de mim 'Obrigada, mãe'. Diga agora.

- Obrigada, mãe - as lágrimas estavam chegando. Eu tentei afastá-las.

- Diga 'Eu te amo, mãe, a gente se vê logo'. Diga agora.

- Eu te amo, mãe - minha voz estava grossa. - A gente se vê logo - eu prometi.

- Adeus, Bella. Eu estou ansioso pra vê-la de novo. - Ele desligou. Eu segurei o telefone no meu ouvido. Meu corpo estava congelado de terror - eu não conseguia fazer meus dedos solta-lo.

Eu sabia que tinha que pensar, mas minha cabeça estava cheia com o som de pânico da voz da minha mãe. Os segundos foram se passando enquanto eu lutava pra me controlar. Lentamente, lentamente, meus pensamentos começaram a transpor a parede de tijolos que a dor havia construido. Para planejar. Eu não tinha escolhas, a não ser uma: ir para a sala espelhada e morrer. Eu não tinha garantias, nada pra dar que pudesse manter minha mãe viva. Eu só podia esperar que James se desse por satisfeito depois que James ganhasse o jogo, que derrotar Edward fosse o suficiente.

O desespero tomou conta de mim; não tinha como barganhar, não havia nada que eu pudesse oferecer ou recusar que influenciasse ele. Mas eu ainda não tinha escolha. Eu tinha que tentar.

Eu afastei o terror tão bem quanto pude. Minha decisão estava tomada. Eu não ganhava nada perdendo meu tempo agonizando por causa do desfecho. Eu tinha que pensar com clareza, porque Alice e Jasper estavam esperando por mim, e despistá-los era absolutamente essencial, e absolutamente impossível.

Eu estava subitamente aliviada por Jasper não estar lá. Se ele estivesse aqui pra sentir a minha angústia nos últimos cinco minutos, como era que eu ia evitar as suspeitas deles? Eu afastei o medo, a ansiedade, tentei sufocá-los. Eu não podia me dar ao luxo de sentí-los. Eu não sabia quando ele voltaria.

Eu me concentrei na minha fuga. Eu tinha que rezar pra que a familiaridade com o aeroporto funcionasse a meu favor. De alguma forma, eu tinha que manter Alice longe... Eu sabia que Alice estaria na outra sala esperando por mim, curiosa. Mas eu tinha que lidar com mais uma coisa em particular, antes que Jasper voltasse.

Eu tinha que aceitar o fato de que não veria Edward novamente, nem uma imagem do seu rosto pra levar comigo para a sala dos espelhos. Eu ai magoá-lo, e não podia dizer adeus. Eu deixei as ondas de tortura me lavarem por algum tempo, seguir seu caminho por um tempo. Então eu afastei elas também, e fui enfrentar Alice.

A única expressão que eu consegui controlar foi um olhar bobo, morto. Eu ví o alarme dela e não esperei que ela perguntasse. Eu só tinha um script, e agora não consegui improvisar.

- Minha mãe estava preocupada, ela queria voltar voltar pra casa. Mas está tudo bem, eu convencí ela a ficar longe. - Minha voz estava sem sem vida.

- Nós vamos cuidar pra que ela fique bem, Bella, não se preocupe. Eu me virei; eu não podia permitir que ela visse meu rosto agora. Meu olho caiu sobre uma folha vazia com o emblema do hotel em cima da mesa. Eu fui até

ela, um plano se formando. Havia um envelope lá, também. Isso era bom.

- Alice - eu perguntei lentamente, sem me virar, mantendo o nível da minha voz. -Se eu escrever uma carta para a minha mãe, você entregaria pra ela? Deixar na casa, eu quero dizer.

- Claro, Bella - a voz dela era cuidadosa. Ela podia me ver perdendo o controle. Eu tinha que controlar melhor as minhas emoções.

Eu fui para o meu quarto de novo, e me ajoelhei na mesinha de cabeceira para escrever.

- Edward - eu escrevi. Minha mão estava tremendo, a letra quase não era legível. Eu te amo. Eu lamento muito. Ele está com a minha mãe. Eu sei que isso pode não funcionar. Eu lamento muito, muito.

Não fique com raiva de Alice e Jasper. Se eu conseguir me afastar deles vai ser um milagre. Agradeça eles por mim. Especialmente Alice, por favor.

E por favor, por favor, não vá atrás dele. É isso que ele quer. Eu acho. Eu não vou conseguir aguentar se alguém se machucar por minha causa, especialmente você. Por favor, isso é a única coisa que eu posso te pedir agora. Por mim.

Eu te amo. Me perdoe.

Bella.

Eu dobrei a carta cuidadosamente, e a coloquei no envelope. Eventualmente ele ira encontrá-la. Eu esperava que ele pudesse entender, e me escutar, só dessa vez.

Então eu cuidadosamente fechei meu coração.

22. ESCONDE-ESCONDE

Levou muito menos tempo do que eu espera - todo o terror, o desespero, a dor do meu coração partido. Os minutos estavam se passando mais devagar do que o normal. Jasper ainda não tinha voltado quando eu retornei para Alice. Eu estava com medo de ficar no mesmo quarto com ela, com medo que ela adivinhasse... e com medo de me esconder dela pela mesma razão. Eu teria pensado que estava longe da possibilidade de me surpreender, meus pensamentos estavam torturados e desestabilizados, mas eu fiquei surpresa quando ví Alice se inclinar na mesa, agarrando a borda com as duas mãos.

- Alice?

Ela não reagiu quando eu chamei o nome dela, mas a cabeça dela estava se balançando lentamente de um lado para o outro, e eu ví o rosto dela. Seus olhos estavam vazios, ofuscados... Meus pensamentos viajaram para a minha mãe. Eu já estava atrasada?

Eu corri para o lado dela, me lançando automaticamente pra pegar na mão dela.

- Alice! - a voz de Jasper cortou, e então ele estava atrás dela, as mãos dele sobre as mãos dela, fazendo elas soltarem a borda da mesa. Do outro lado da sala, a porta estava se fechando com um click baixinho.

- O que foi? - ele quis saber.

Ela desviou o rosto de mim e o colocou no peito dele. - Bella - ela disse. A cabeça dela se virou pra mim, os olhos dela se prendendo aos meus, a expressão deles ainda estava estranhamente vazia. Eu me dei conta na hora de que ela não estava falando comigo, ela estava respondendo á pergunta de Jasper.

- O que você viu? - eu disse, e não havia pergunta nenhuma no tom vazio, sem importância da minha voz.

Jasper olhou pra mim asperamente. Eu mantive a expressão vazia e esperei. Os olhos dele estavam confusos enquanto passavam rapidamente do rosto de Alice para o meu, sentindo o caos... eu imagino que tenha sido pelo que Alice havia acabado de ver. Eu senti uma atmosfera tranquila pousar ao meu redor. Eu a

recebí bem, usando ela pra manter os meus sentimentos em disciplina, sobre controle.

Alice, também se recuperou.

- Nada, de verdade - ela respondeu finalmente, a voz dela incrivelmente calma e convincente. - Só o mesmo quarto de antes.

Ela finalmente olhou pra mim, sua expressão estava suave e reservada.

- Você queria tomar o café da manhã?

- Não, eu vou comer no aeroporto. - Eu estava muito calma também. Eu fui para o banheiro pra tomar um banho. Quase como se eu estivesse desenvolvendo o estranho poder de Jasper, eu podia sentir o desespero, bem dissimulado, selvagem de Alice para que eu saisse da sala, para estar sozinha com Jasper. Assim ela poderia dizer a ele que os dois estavam fazendo alguma coisa errada, que eles iam falhar...

Eu me aprontei metodicamente, me concentrando em cada pequena tarefa. Eu deixei meu cabelo solto, se torcendo, cobrindo meu rosto.

O sentimento de paz que Jasper criou funcionou e me ajudou a pensar com clareza. Me ajudou a planejar. Eu procurei na minha bolsa até que encontrei minha meia cheia de dinheiro. Eu coloquei tudo que havia nela no meu bolso.

Eu estava ansiosa para chegar ao aeroporto, e feliz quando nós saímos por volta das sete. Dessa vez eu me sentei sozinha no fundo do carro escuro. Alice estava inclinada na porta, seu rosto estava virado pra Jasper, mas por trás dos óculos escuros, seus olhos se viravam pra mim a cada segundo.

- Alice? - eu perguntei indiferente.

Ela estava sendo cautelosa. - Sim?

- Como isso funciona? As coisas que você vê? - eu olhei pra fora pela janela, e minha voz soou aborrecida. - Edward disse que não era definitivo... que as coisas mudam?

Dizer o nome dele era mais difícil do que eu pensei. Deve ter sido isso que

alertou Jasper, porque um flash de serenidade invadiu o carro.

- Sim... as coisas mudam - ela murmurou, esperançosamente, eu esperava. - Algumas coisas são mais certas que outras...como o clima. As pessoas são mais difíceis. Eu só vejo os caminhos onde as pessoas estão quando elas ainda estão neles. Somente elas podem mudar suas mentes, tomar uma decisão, não importa o quanto ela seja pequena, muda todo o futuro. Eu balancei a cabeça pensativamente. - Então você não conseguiu ver James em Phoenix até que ele decidiu vir pra cá.

- Sim - ela respondeu, cautelosa de novo.

E ela não tinha me visto na sala dos espelhos com James até que eu decidí ir encontrá-lo lá. Eu tentei não pensar no que mais ela havia visto. Eu tentei não fazer o meu pânico deixar Jasper ainda mais suspeito. De qualquer forma, eles iam estar me observando ainda mais cuidadosamente depois da visão de Alice. Isso ia ser impossível. Nós chegamos no aeroporto. A sorte estava comigo, ou talvez fosse somente pontos de desvantagem. O avião de Edward estava aterrisando no terminal quatro, o maior terminal, onde a maioria dos vôos desembarcava, então não era uma grande surpresa que o dele fosse aterrisar lá. Mas esse era o terminal que eu precisava: o maior o mais confuso. E havia uma porta no nível três que podia ser a minha única chance.

Nós paramos no quarto andar da enorme garagem. Eu guiei o caminho, por conhecer melhor o trajeto do que eles. Nós pegamos o elevador até o nível três, onde os passageiros desembarcavam. Alice e Jasper ficaram um longo tempo no balcão procurando os vôos que haviam chegado. Eu ouvia eles discutindo os prós e contras de Nova York, Atlanta, Chicago. Lugares que eu nunca havia visitado. E nunca visitaria.

Eu esperei pela minha oportunidade, impaciente, sem conseguir fazer meu pé parar de se mexer.

Nós nos sentamos numa longa fileira de cadeiras perto dos detectores de metal, Jasper e Alice estavam fingindo observar as pessoas, mas na verdade estavam observando a mim. Cada centímetro que eu me mexia na cadeira era acompanhado por olhares nos cantos dos olhos deles. Eu não tinha esperanças. Será que eu deveria correr? Eles ousariam me deter fisicamente nesse local público? Ou eles simplesmente me seguiriam?

Eu puxei o envelope sem lacre da minha bolsa e o coloquei em cima da bolsa de couro preto de Alice. Ela olhou pra mim.

- Minha carta - eu disse.

Ela afirmou com a cabeça e o colocou embaixo da bolsa. Ele a encontraria rápido o suficiente.

Os minutos foram se passando e o momento da chegada de Edward se aproximava. Era impressionante como cada célula do meu corpo parecia saber que ele estava chegando, e ansiava pela sua chegada.

Isso dificultou as coisas. Eu me peguei tentando inventar desculpas pra ficar, pra vê-lo antes e depois escapar. Mas eu sabia que isso era impossível se eu queria ter alguma chance de escapar.

Várias vezes Alice se ofereceu pra ir pegar meu café da manhã comigo. Depois, eu disse pra ela, ainda não.

Eu olhei para o painel de vôos, observando enquanto vôos após vôos chegavam no horário. O vôo de Seattle se aproximava a cada segundo do topo do painél. E então, quando eu só tinha meia hora para escapar, os números mudaram. O vôo dele estava dez minutos adiantado. Eu não tinha mais tempo.

- Eu acho que vou comer agora - eu disse rapidamente.

Alice ficou de pé. - Eu vou com você.

- Você se importa se Jasper vier? - eu perguntei. - Eu estou me sentindo um pouco... - eu não terminei a frase. Meus olhos já estavam selvagens o suficiente pra convencê-los do que eu não precisei dizer.

Jasper ficou de pé. Os olhos de Alice estavam confusos, mas, eu ví aliviada, não suspeitos. Ela deve estar atribuindo a visão dela á alguma manobra do perseguidor, e não a uma traição minha.

Jasper caminhou silenciosamente ao meu lado, sua mão na curva das minhas costas, como se ele estivesse me guiando. Eu fingi um pouco de interesse pelos poucos restaurantes do aeroporto, minha cabeça estava procurando aquilo que eu realmente queria. E lá estava ele, virando o corredor, fora da visão aguda de

Alice: o banheiro feminino do terceiro nível.

- Você se importa? - eu perguntei a Jasper enquanto passavamos. - Só vai demorar um momentinho.

- Eu vou ficar aqui - ele disse.

Assim que a porta se fechou atrás de mim, eu já estava correndo. Eu me lembrei da outra vez que me perdi nesse banheiro, porque ele tem duas saídas.

Do lado de fora das portas, eu tinha que correr uma curta distância até os elevadores, e se Jasper ficasse onde ele disse que ficaria, ele jamais poderia me ver. Eu não olhei pra trás enquanto corria. Essa era a minha única chance, e mesmo que ele me visse, eu tinha que continuar correndo. As pessoas me olharam, mas eu ignorei elas. Virando na esquina, os elevadres estavam me esperando, eu corri em frente, jogando minha mão nas portas que estavam se fechando de um elevador que estava descendo. Dentro, eu me espremi entre os passageiros irritados, e chequei pra ter certeza de que haviam apertado o botão para o nível um. Ele já estava aceso e as portas se fecharam.

Assim que a porta se abriu eu já estava fora de novo, e ouvi o som de murmúrios aborrecidos atrás de mim. Eu me controlei enquanto passava pelos guardas nos carroséis de bagagem, mas comecei a correr de novo quando as portas da saída começaram a aparecer. Eu não tinha como saber se Jasper já estava procurando por mim. Se ele estivesse sentindo o meu cheiro, eu só tinha alguns segundos. Eu pulei pra fora pelas portas automáticas, quase me chocando com os vidros porque elas se abriram devagar demais. Não havia nenhum taxí á vista na longa curva lotada.

Eu não tinha tempo. Alice e Jasper não demoraria a se dar conta que eu tinha ido embora, se é que já não haviam percebido. Eles me achariam num piscar de olhos. Um transporte público para o Hyatt estava fechando as portas a alguns metros de distância atrás de mim.

- Espere! - eu chamei, correndo, acenando para o motorista.

- Esse é o transporte para o Hyatt - o motorista disse confuso enquanto abria as portas.

- Sim - eu gritei, - é pra lá que eu estou indo. - Eu subí os degraus correndo. Ele

olhou curioso para as minhas poucas bagagens, mas então levantou os ombros, sem se importar o suficiente pra perguntar.

A maioria dos bancos estava vazia. Eu me sentei tão longe dos viajantes quanto foi possível, e olhei pra fora da janela enquanto primeiro a calçada, depois o aeroporto iam se afastando. Eu não pude deixar de imaginar Edward, onde ele iria ficar na pista quando descobrisse até

onde o meu cheiro ia. Eu não choraria ainda, eu disse pra mim mesma. Eu ainda tinha um grande caminho a percorrer.

Minha sorte continuou. Na frente do Hyatt, um casal de aparencia cansada estava tirando a última mala deles da mala de um táxi. Eu pulei pra fora do transporte e corri para o táxi, deslizando no banco atrás do motorista. O casal cansado e o motorista do transporte público olharam pra mim surpresos.

Eu disse o endereço da minha mãe ao surpreso motorista de táxi. - Eu preciso chegar aí o mais rápido possível.

- Isso é em Scottsdale - ele reclamou.

Eu joguei quatro notas de vinte no banco.

- Isso vai ser suficiente?

- Claro, garota, sem problemas.

Eu me encostei no banco, cruzando meus braços no colo. A cidade familiar começou a passar correndo por mim, mas eu não olhava para a janela.

Eu disse para mim mesma para manter o controle. Eu estava determinada a não estragar as coisas a esse ponto, agora que o meu plano estava completamente sucedido. Não havia motivo pra mergulhar em mais medo, mais ansiedade. Minha tarefa estava passada, agora eu só tinha que cumpri-la.

Então, ao invés de entrar em pânico, eu fechei meus olhos e passei os vinte minutos da viagem com Edward. Eu imaginei que tinha ficado no aeroporto pra me encontrar com Edward. Eu visualizei como eu ficaria na ponta dos pés, pra ver o seu rosto mais rápido. Como ele se moveria rapidamente, graciosamente entre as pessoas que nos separavam. E então eu correria para fechar os metros

restantes entre nós, descuidada, como sempre - e eu estaria nos seus braços de mármore, finalmente a salvo.

Eu me perguntei pra onde nós teríamos ido. Pra algum lugar á Norte, pra que ele pudesse sair durante o dia. Ou talvez algum lugar muito remoto, para que pudéssemos sair juntos no sol de novo. Eu imaginei ele numa costa, sua pele brilhando como o mar. Não importaria quanto tempo nós tivéssemos que nos esconder.

Ficar presa num quarto de hotel com ele seria uma espécie de paraíso. Tantas perguntas que eu ainda tinha que fazer pra ele. Eu podia falar com ele pra sempre, não dormir nunca, nunca sair de perto dele.

Eu podia ver o rosto dele tão claramente agora... quase ouvir a voz dele. E, a despeito de todo o terror e da falta de esperança, eu estava flutuando de felicidade. Eu estava tão envolvida nos meus sonhos de fuga, que perdi a noção dos segundos passando.

- Ei, qual é o número?

A pergunta do motorista perfurou minhas fantasias, deixando todas as cores escaparem das minhas adoráveis ilusões. Medo, vazio e dor estavam esperando pra preencher o vazio que elas deixaram pra trás.

- Cinqüenta e oito, vinte um - minha voz saiu estrangulada. O motorista olhou pra mim, nervoso por eu estar tendo uma crise ou alguma coisa assim.

- Então, aqui estamos. - Ele estava ansioso pra me ver fora do carro dele, provavelmente com medo que eu pedisse o troco.

- Obrigada - eu murmurei. Não havia necessidade de ter medo, eu lembrei pra mim mesma. A casa estava vazia. Eu tinha que correr; minha mãe estava esperando por mim, assustada, dependendo de mim.

Eu corri para a porta, me abaixando automaticamente pra pegar a chave embaixo do tapete. Eu destranquei a porta. Estava escuro lá dentro, vazio, normal. Eu corri para o telefone, ligando a luz da cozinha no caminho. Lá, no balcão branco, estava um número de dez dígitos escritos com uma letra pequena, organizada. Meus dedos tremiam no teclado, cometendo erros. Eu tive que desligar e começar tudo de novo. Dessa vez eu me concentrei só nos botões,

cuidadosamente apertando um de cada vez. Eu conseguí. Eu segurei o telefone na minha orelha com a mão tremendo. Só chamou uma vez.

- Olá, Bella - a voz calma atendeu. - Isso foi muito rápido. Eu estou impressionado.

- Minha mãe está bem?

- Ela está perfeitamente bem. Não se preocupe, Bella, eu não estou disputando ela. A não ser que você não tenha vindo sozinha, é claro. - Leve, divertido.

- Eu estou sozinha.

Eu nunca estive tão sozinha a minha vida inteira.

- Muito bom. Agora, você sabe onde é o estúdio de balé que fica na esquina da sua casa?

- Sim, eu sei como chegar aí.

- Bem , então, eu te vejo em breve.

Eu desliguei.

Eu corrí para a porta, pela porta, e para o calor escaldante.

Não havia tempo de olhar pra trás para a minha casa, e eu não queriam vê-la como ela estava agora - vazia, um simbolo de medo e não um santuário. A última pessoa a andar entre aquelas paredes familiares era o meu inimigo.

Pelo canto do meu olho, eu quase conseguia ver aminha mãe na sombra do eucalipto onde eu brincava quando era criança. Ou ajoelhada no monte de sujeira perto da caixa de correio, o cemetério de todas as flores que ela tentou plantar. As memórias eram melhores do que qualquer realidade que eu pudesse ver hoje. Mas eu corri pra longe delas, virei a esquina, deixando tudo pra trás.

Eu me sentia tão lenta, como se eu estivesse correndo na areia molhada, eu não parecia conseguir me impulsionar o suficiente no concreto. Eu tropecei várias vezes, caindo uma, me segurando com as mãos, arranhando elas na calçada, e então me levantando pra continuar correndo em frente. Mas pelo menos eu

consegui chegar na esquina. Só mais uma rua agora; eu corrí, o suor caindo pelo meu rosto, eu estava ofegante. O sol estava quente na minha pele, brilhando demais quando entrava em contato com o concreto branco e me cegava. Eu me sentí

perigosamente exposta. Mais impetuosa do que eu jamais sonhei ser capaz, eu desejava as florestas verdes, protetoras de Forks... de casa.

Quando eu virei a esquina, na Cactus, eu podia ver o estúdio, exatamente como eu lembrava dele. O estacionamento estava vazio, as venezianas verticais estavam fechadas. Eu não conseguia mais correr, não conseguia mais respirar; o esforço e o medo me esgotaram. Eu pensei na minha mãe pra manter meus pés se movendo, um na frente do outro.

Enquanto eu me aproximava eu consegui ver a subscrição dentro da porta. Estava escrito á mão num papel rosa escuro; dizia que o estúdio estava fechado para as férias de primavera. Eu toquei a maçaneta e virei ela cuidadosamente. Estava aberta. Eu lutei pra respirar e abrí a porta.

O saguão estava escuro e vazio, frio, o ar-condicionado estava funcionando. As cadeiras de plástico estavam expostas ao longo das paredes, e o tapete tinha cheiro de shampoo. O palco de dança oeste estava vazio, e eu podia ver pela janela de visão aberta. O palco de dança leste, a maior sala, estava com as luzes acesas. Mas as cortinas estavam fechadas na janela. O terror me pegou tão forte que eu estava, literalmente, presa por ele. Eu não conseguia fazer meus pés se moverem.

E então a voz da minha mãe me chamou.

- Bella, Bella? - o mesmo tom histérico de pânico. Eu me grudei na porta para ouvir o som da voz dela.

- Bella, você me assustou! Nunca faça isso comigo de novo! - a voz dela continuou enquanto eu corria pela sala longa, de teto baixo.

Eu olhei em volta, tentando descobrir de onde a voz dela estava vindo. Eu ouvi uma risada, e me virei pra ver de onde ela estava vindo.

Lá estava ela, na tela da TV, espalhando meu cabelo de alívio. Era o dia de ação de graçāo, e eu tinha doze anos. Nós tinhamos ido para a Califórnia, no ano

anterior á morte dela. Nós fomos para a praia um dia, e eu fui muito longe na beira do pier. Eu ví meus pés falhando, procurando equilíbrio.

- Bella? Bella? - ela chamou por mim amedrontada.

E a tela da Tv ficou azul.

Eu me virei lentamente. Ele estava em pé muito rígido perto da saída de emergência no fundo, então eu não havia notado ele antes. Na mão dele havia um controle remoto. Nós olhamos um para o outro por um longo momento, então ele sorriu.

Ele caminhou na minha direção, perto demais, e então passou por mim pra colocar o controle perto do video cassete. Eu me virei cuidadosamente pra observá-lo.

- Me perdoe por isso, Bella, mas não é melhor que a sua mãe não tenha que se envolver nisso? - a voz dele era cortês, carinhosa.

E então eu me toquei. Minha mãe estava a salvo. Ela ainda estava na Flórida. Ela nunca recebeu minha mensagem. Ela nunca sentiu medo pelos olhos vermelhos escuros no rosto anormalmente pálido que estava na minha frente agora. Ela estava a salvo.

- Sim - eu respondi, minha voz saturada de alívio.

- Você não parece estar com raiva por eu ter te enganado.

- Eu não estou. Minha súbita situação me encorajou. O que imporatava agora? Estaria acabado em breve. Charlie e minha mãe não se machucariam nunca, não haveria nada a temer. Eu me senti quase vertiginosa. Alguma parte analítica da minha mente me disse que eu estava perto de romper de tanto estresse.

- Que estranho. Você está falando a verdade. - Seus olhos me estudaram com interesse. Sua iris estavam quase pretas, só um pouco da cor rubi perto dos cantos. Sede. - Eu vou dar esse crédito ao seu bando, vocês humanos podem ser bem interessantes. Eu acho que consigo ver a graça de observar vocês. É impressionante, alguns de vocês não tem o menor senso de interesse por sí próprios.

Ele estava a alguns passos de mim, com os braços cruzados, me olhando cheio de curiosidade.

Não havia nenhuma ameaça no seu rosto ou na sua posição. Ele tinha uma aparência muito comum, nada de especial nem no seu rosto nem no seu corpo. Só a pele branca e os círculos embaixo dos olhos aos quais eu já estava tão acostumada. Ele usava uma camisa azul clara de mangas compridas e jeans de um azul desgastado.

- Eu acho que você vai me dizer que o seu namorado vai te vingar? - ele me perguntou, parecendo esperançoso.

- Não, eu acho que não. Pelo menos eu pedí pra ele não fazer isso.

- E o que foi que ele respondeu?

- Eu não sei - era estranhamente fácil conversar com esse gentíl caçador. - Eu deixei uma carta pra ele.

- Que romântico, uma última carta. E você acha que ele vai honrar seu pedido? - Sua voz estava um pouco mais dura agora, o sarcasmo casando com o seu tom educado.

- Eu espero que sim.

- Hmmmm. Então as nossas esperanças são diferentes. Veja, isso tudo foi fácil demais, rápido demais. Pra ser honesto, eu estou desapontado. Eu esperava um desafio muito maior. E, no final, tudo que eu precisei foi de um pouco de sorte.

Eu esperei em silêncio.

- Quando Victória não conseguiu pegar seu pai, eu tive que saber um pouco mais sobre você. Não havia nenhum sentido em correr o planeta inteiro a sua procura quando eu podia confortavelmente esperar por você no lugar de minha escolha. Então, depois que eu falei com Victória, eu decidi vir a Phoenix pra fazer uma visita a sua mãe. Eu ouvi você dizendo que estava indo pra casa. Primeiro eu nem sonhei que você estivesse falando sério. Mas depois eu imaginei. Os humanos podem ser muito previsíveis; eles gostam de estar em algum lugar familiar, algum lugar seguro. E seria a estratégia perfeita ir para o único lugar onde você não deveria estar se escondendo, o lugar pra onde você disse que iria.

Mas é claro que eu não tinha certeza, foi só um chute. Eu geralmente tenho um pressentimento em relação á minha presa, um sexto sentido, se você preferir. Eu escutei a sua mensagem para a sua mãe quando cheguei na casa dela, mas é

claro que eu não sabia de onde você estava ligando. Foi muito útil ter o seu telefone, mas pelo que eu sabia você podia estar até na Antártida, e o jogo não ia funcionar a não ser que você

estivesse por perto. Então o seu namorado pegou um avião pra Phoenix. Victória estava monitorando eles pra mim, naturalmente; num jogo com tantos jogadores, não se pode estar sozinho. E então eles me disseram o que eu esperava saber, que você estava aqui afinal. Eu estava preparado; eu já tinha assistido os charmosos videos caseiros. E aí foi só uma questão de blefe. Fácil de mais, você vê, realmente não se aplica aos meus padrões. Então, você entende, eu estava esperando que você estivesse errada sobre o seu namorado. Edward, não é?

Eu não respondi. O desafio já estava cansando. Eu sentí que ele já estava acabando de se regozijar.

O discurso não era pra mim mesmo. Não havia nenhuma glória em me derrotar, uma humana fraca.

- Você se importaria, muito, se eu mesmo deixasse uma carta para o seu Edward?

Ele deu um passo pra trás e tocou uma câmera do tamanho de uma mão que estava cuidadosamente posicionada em cima do som. Uma pequena luz vermelha indicava que ela já

estava ligada. Ele ajustou ela algumas vezes, abriu o visor. Eu olhei pra ele horrorizada.

- Me desculpe, mas eu não acho que ele será capaz de resistir me caçar depois que ele assistir isso. E eu não quero que ele perca nada. Era tudo pra ele, é claro. Você é simplesmente uma humana, que infelizmente estava no lugar errado, na hora errada, e com o grupo errado, eu devo dizer.

Ele deu um passo em minha direção, sorrindo. - Antes de começarmos... Eu senti uma pontada de náusea no meu estômago enquanto ele falava. Isso era algo que eu não estava esperando.

- Eu só gostaria de esfregar isso, só um pouco. A resposta estava lá o tempo inteiro, e eu estava com medo que Edward a visse e estragasse toda a minha diversão. Isso aconteceu, oh, há

muitos anos atrás. A única vez que uma presa me escapou. Veja, esse vampiro que estava tão apaixonado pela vítima, fez a escolha que seu Edward foi fraco demais pra fazer. Quando o velho que eu conhecia estava atrás da amiginha dele, ele roubou ela do asilo onde trabalhava, eu nunca vou entender essa obcessão que alguns vampiros têm por vocês humanos, e assim que ele a libertou ele a deixou em segurança. Ela nem pareceu notar a dor, a pobre criaturinha. Ela esteve presa naquele buraco negro da cela durante tanto tempo. Cem anos antes ela teria sido queimada numa estaca pelas visões dela. Na decada de 1920 ela foi jogada num asilo com tratamentos de choque. Quando ela abriu os olhos, forte com a fresca juventude, foi como se ela nunca tivesse visto o sol antes. O vampiro velho transformou ela numa nova forte vampira, então não havia mais motivo pra eu tocar nela. - Ele suspirou. - Eu destruí o outro velho em vingança.

- Alice - eu respirei, aturdida.

- Sim, sua amiguinha. Eu fiquei surpreso por vê-la naquela clareira. Então eu acho que o seu grupo vai tirar algum conforto disso tudo. Eu peguei você, mas eles têm ela. A única vítima que me escapou, uma honra, na verdade. E ela cheirava tão bem. Eu ainda lamento não ter podido prová-la. Ela cheirava ainda melhor que você. Desculpe, eu não pretendia te ofender. Você tem um cheiro bom. Floral, de alguma forma...

Ele deu outro passo na minha direção, até ficar a apenas alguns centímentros de distância. Ele levantou uma mecha do meu cabelo e cheirou ela deliciado. Então ele gentlimente colocou a mecha de volta no lugar, e eu senti os dedos gelados dele na minha garganta. Ela alisou rapidamente a minha bochecha com o polegar, seu rosto estava curioso. Eu queria tanto correr, mas estava congelada. Eu não conseguia nem balançar.

- Não - ele murmurou pra sí mesmo enquanto abaixava a mão - eu não entendo. Ele suspirou. - Bem, eu acho que devemos começar logo. E então eu vou poder ligar pra os seus amigos e dizer onde te encontrar, e a minha pequena mensagem.

Eu definitivamente estava passando mal agora. Havia dor se aproximando, eu podia ver nos olhos dele. Pra ele não seria suficiente ganhar, se alimentar e ir

embora. Não haveria um fim rápido como eu esperava. Meus joelhos começaram a tremer, eu eu temia que fosse cair. Ele deu um passo pra trás e começou a andar em círculos, casualmente, como se ele estivesse tentando ter uma visão melhor da estátua de um museu. Seu rosto ainda estava aberto e amigável enquanto ele decidia por onde começar.

Então ele rastejou pra frente, se arrastando daquele jeito que eu já conhecia, e seu sorriso prazeiroso cresceu lentamente, até que não era mais um sorriso e sim uma contorção dos dentes, expostos e brilhantes.

Eu não consegui me conter, eu tentei correr. Foi tão inútil quanto eu imaginei que seria, como meus joelhos já estavam fracos, o pânico tomou conta e eu tropecei no caminho á saída de emergência.

Ele estava na minha frente num flash. Eu não vi se ele usou as mãos ou os pés de tão rápido que foi. Um golpe destruidor atingiu meu peito, eu me senti voando pra trás, e então eu ouví o crash quando minha cabeça bateu contra os espelhos. O vidro rachou, alguns pedaços tremendo e alguns caindo no chão perto de mim.

Eu estava atordoada demais pra sentir a dor. Eu ainda não conseguia respirar. Ele andou lentamente na minha direção.

- Esse é um efeito muito bom - ele disse, examinando o estado do vidro, sua voz amigável de novo. - Eu achei que essa sala daria um toque visual dramático ao meu filmezinho. Foi por isso que eu escolhi esse lugar pra te encontrar. É perfeito não é?

Eu ignorei ele, lutando pra me equilibrar nas mãos e nos joelhos, rastejando até a outra porta.

Ele estava em cima de mim na hora, seu pé pisando com força na minha perna. Eu ouvi o estalo antes de sentir a dor. Mas então eu sentí, e então não pude segurar o meu grito de agonia. Eu me virei pra alcançar minha perna, e ele estava de pé ao meu lado, sorrindo.

- Você gostaria de repensar o seu último pedido? - ele perguntou prazeirosamente. A ponta do pé dele cutucou minha perna e eu ouví um grito penetrante, eu fiquei chocada ao perceber que ele era meu.

- Você não iria preferir que Edward tentasse me encontrar? - ele testou.

- Não! - eu resmunguei. - Não, Edward, não - então alguma coisa atingiu meu rosto, me jogando de novo na direção dos espelhos.

Além da dor da minha perna, eu sentí o rasgo do vidro na minha cabeça onde ele entrou. Então, uma umidade quente começou a se espalhar no meu cabelo com uma velocidade alarmante. Eu podia sentir ela inundar o ombro da minha camisa, podia ouví-la pingando no chão de madeira. O cheiro dela fez meu estômago revirar.

Apesar da náusea e do enjôo eu ví algo que me deu uma repentina, final ponta de esperança. Seus olhos meramente intencionados antes, agora queimavam com uma necessidade incontrolável. O sangue, espalhando o vermelho na minha blusa branca, formando rapidamente uma poça no chão, estava deixando ele louco de sede. Não importava o quanto as intenções fossem originais, ele não poderia continuar com isso por muito tempo. Que seja rápido agora, era tudo o que eu podia esperar enquanto o fluxo de sangue que saia da minha cabeça levava minha consciência com ele. Meus olhos estavam se fechando. Eu ouvi, como se estivesse embaixo da água, o rosno final do caçador. Eu podia ver, através dos longos túneis em que meus olhos haviam se transformado, a figura escura dele vindo na minha direção. Como meu esforço final, eu levantei minha mão num gesto instintivo pra proteger meu rosto. Meus olhos se fecharam e eu flutuei.

23. O ANJO

Enquanto eu flutuava, eu sonhei.

Onde eu flutuava, embaixo de uma água escura, eu ouvi o som mais feliz que minha mente poderia imaginar, tão lindo, tão animador, quanto era horrível. Era um outro rosnado; um rosnado mais profundo, mais selvagem que estava cheio de fúria.

Eu fiu trazida de volta, quase á superfície, por uma dor pulsante na minha mão meio levantada, mas eu não consegui achar o caminho o suficiente pra abrir os olhos. E então eu sabia que estava morta.

Porque, pela água pesada, eu ouvi o som de um anjo chamando meu nome, me chamando para o único céu que eu queria.

- Ah, não, Bella, não! - a voz do anjo chorava horrorizada.

Por trás daquele som desejado havia outro barulho, um horrível ruído de tumulto do qual minha mente se afastava. Um violento rugido baixo, um chocante barulho de estalo, e um som alto e agudo, de repente apareceram...

Em vez disso eu tentei me concentrar na voz do anjo.

- Bella, por favor! Bella, me ouça, por favor, por favor, Bella, por favor! - ele implorou. Sim, eu queria dizer. Qualquer coisa. Mas eu não conseguia encontrar meus lábios.

- Carlisle! - o anjo chamou, agonia na sua voz perfeita. - Bella, Bella, ah, não, por favor, não, não! - E o anjo chorava sem lágrimas, soluços despedaçados.

Um anjo não deveria chorar, era errado. Eu tentei encontrá-lo, dizê-lo que estava tudo bem, mas a água era profunda demais, estava me pressionando, e eu não podia respirar. Ouve um ponto pressionado na minha cabeça. Doeu. Então, quando a dor quebrou a escuridão chegando até mim, outras dores vieram, dores mais fortes. Eu chorei, ofegante, quebrando o caminho pela escuridão.

- Bella! - o anjo chamou.

- Ela perdeu algum sangue, mas o corte na cabeça não é fundo - uma voz calma me informou. - Cuidado com a perna dela, está quebrada.

Um

rugido

de

raiva

ficou

estrangulado

no

lábios

do

meu

anjo.

Eu senti uma coisa me cutucando do meu lado. Isso não podia ser o paraíso, podia? Havia dor demais pra isso.

- E algumas costelas também, eu acho - continuou a voz metódica. Mas as dores agudas estavam sumindo. Havia uma dor nova, uma dor escaldante na minha mão que apagava todas as outras.

Alguém estava me queimando.

- Edward - eu tentei dizer pra ele, mas minha voz estava muito pesada e lenta. Nem eu conseguia me entender.

- Bella, você vai ficar bem. Você pode me ouvir, Bella? Eu te amo.

- Edward - eu tentei de novo. Minha voz estava um pouco mais clara.

- Sim, eu estou aqui.

- Está doendo - eu solucei.

- Eu sei, Bella, eu sei - então na outra direção, angustiado - Você não pode fazer nada?

- Minha bolsa, por favor... Tape a respiração, Alice, vai ajudar - Carlisle prometeu.

- Alice? - eu gemí.

- Ela está aqui, ela sabia onde te encontrar.

- Minha mão está doendo - eu tentei dizer pra ele.

- Eu sei, Bella. Carlisle vai te dar alguma coisa, a dor vai parar.

- Minha mão está quimando! - eu gritei, finalmente escapando dos últimos vestígios da escuridão, meus olhos se abrindo. Eu não podia ver o rosto dele, havia algo escuro e quentinho que estava nublando meus olhos. Porque eles não

podiam ver o fogo e apagá-lo?

A voz dele estava amedrontada. - Bella?

- O fogo! Alguém apague o fogo! - eu gritei enquanto ele me queimava.

- Carlisle! A mão dela!

- Ele mordeu ela - a voz de Carlisle não estava mais calma, estava pasma. Eu ouví Edward prender o fôlego, horrorizado.

- Edward, você tem que fazer isso. - Era a voz de Alice, perto da minha cabeça. Dedos frios limparam a umidade dos meus olhos.

- Não! - ele berrou.

- Pode haver uma chance - Carlisle disse.

- O que? - Edward implorou.

- Veja se consegue sugar o veneno pra fora. A ferida ainda está limpa. - Enquanto Carlisle falava, eu podia sentir uma pressão maior na minha cabeça, alguma coisa cutucando e puxando o meu couro cabeludo. A dor que isso causava estava perdida na dor do fogo.

- Isso vai funcionar? - a voz de Alice estava tensa.

- Eu não sei - Carlisle disse. - Mas temos que nos apressar.

- Carlisle, eu - Edward hesitou. - Eu não sei se consigo fazer isso. Havia agonia na sua linda voz de novo.

- A decisão é sua, Edward, de qualquer forma. Eu não posso ajudá-lo. Eu preciso fazer esse sangramento parar aqui, se nós vamos tirar sangue da mão dela.

Eu me estorci na dor da tortura insuportável, o movimento fazendo a dor da minha perna queimar intensamente.

- Edward! - eu gritei. Eu me dei conta de que meus olhos estavam fechados de novo. Eu abri eles, desesperada para achar o rosto dele. E eu o encontrei. Finalmente eu conseguia ver o seu rosto perfeito, olhando pra mim, contorcido

numa máscara de indecisão e dor.

- Alice, me dê alguma coisa para parar a perna dela! - Carlisle estava curvado sobre mim, trabalhando na minha cabeça. - Edward, você precisa fazer isso agora, ou então será tarde demais.

O rosto de Edward estava cansado. Eu observei enquanto a dúvida dos seus olhos era subitamente trocada por uma determinação gritante. A mandíbula dele se apertou. Eu senti seus dedos frios, fortes, na minha mão que estava queimando, ele colocou ela no lugar. Então sua cabeça se inclinou sobre ela, e os lábios frios dele se pressionaram na minha pele. Primeiro a dor foi pior. Eu gritei e me contorci contra as mãos geladas que me seguravam no lugar. Eu ouví avoz de Alice tentando me acalmar. Alguma coisa pesada segurava minha perna no chão, e Carlisle segurava minha cabeça presa no vão do seu braço de pedra. Então, lentamente, minhas estorções se acalmaram enquanto minha mão ia ficando mais e mais entorpecida. O fogo estava diminuindo, se concentrando em um pequeno ponto. Eu senti minha consciência sumindo enquanto a dor diminuia. Eu estava com medo de cair nas águas escuras de novo, com medo de perdê-lo na escuridão.

- Edward - eu tentei dizer, mas eu não conseguia ouvir minha voz. Eles podiam me ouvir.

- Ele está bem aqui, Bella.

- Fique, Edward, fique comigo...

- Eu vou. - A voz dele estava tensa, mas de alguma forma triumfante. Eu suspirei contente.

O fogo havia desaparecido, as outras dores estavam adormecidas, vazando pelo meu corpo.

- Está tudo fora? - Carlisle perguntou de algum lugar distante.

- O sangue dela está limpo - Edward disse baixinho. - Eu pude sentir o gosto da morfina.

- Bella? - Carlisle me chamou.

Eu tentei responder. - Mmmmmmmm?

- O fogo foi embora?

- Sim - eu suspirei. - Obrigada, Edward.

- Eu te amo. - ele respondeu.

- Eu sei - eu respirei, cansada demais.

Eu ouví o meu som favorito no mundo inteiro: a risada baixinha de Edward, fraca de alivio.

- Bella? - Carlisle chamou de novo.

Eu fiz uma careta; eu queria dormir. - O que?

- Onde está a sua mãe?

- Na Flórida - eu suspirei. - Ele me enganou, Edward. Ele assistiu aos nossos vídeos. - O

ultraje na minha voz era uma entonação frágil de dor.

Mas isso me lembrou.

- Alice - eu tentei abrir meus olhos. - Alice, o vídeo, ele conhecia você, Alice, ela sabia de onde você tinha vindo. - Eu tentei falar urgentemente, mas minha voz estava grogue. - Eu cheirei gasolina - eu acrescentei, surpresa entre a neblina que havia no meu cérebro.

- É hora de mover ela - Carlisle disse.

- Não, eu quero dormir - eu reclamei.

- Você pode dormir, meu bem, eu vou carregar você - Edward me confortou. E eu estava nos braços dele, embalada no peito dele - flutuando, toda a dor havia desaparecido.

- Durma agora, Bella - foram suas últimas palavras que eu ouvi.

24. UM IMPASSE

Meus olhos abriram para uma brilhante, branca luz. Eu estava em um quarto que não me era familiar, um quarto branco. A parede perto de mim estava cobertas por longas venezianas verticais; acima da minha cabeça, as ofuscantes luzes me cegaram. Eu estava apoiada em uma dura, irregular cama - uma cama com grades. O travesseiro era liso e grumoso. Havia um irritante som de bip vindo de algum lugar. Eu tinha esperanças de que significasse que eu ainda estava viva. Morte não devia ser tão desconfortável.

Minhas mãos estavam completamente deformadas com tubos claros, e alguma coisa estava amarrada cruzando meu rosto, embaixo do meu nariz. Eu levantei minha mão para tirar aquilo.

- Não, não faça. - E dedos frios alcançaram minha mão.

- Edward? - Eu virei minha cabeça vagarozamente, e seu delicado rosto estava apenas à

uma polegada do meu, seu queixo apoiado na beira da minha grade. Eu percebi que eu estava viva, dessa vez com agradecimento e sublimidade. - Oh, Edward. Eu sinto muito!

- Shhhh - ele me silenciou. - Tudo está bem agora.

- O que aconteceu? - Eu não conseguia lembrar perfeitamente, e minha mente se rebelava contra mim enquanto eu tentava relembrar.

- Eu quase cheguei tarde demais. Eu podia ter chegado tarde demais - ele sussurrou, sua voz atormentada.

- Eu fui tão estúpida, Edward. Eu achei que ele estava com minha mãe.

- Ele enganou a todos nós.

- Eu tenho que ligar para Charlie e para minha mãe - Eu percebi pela neblina.

- Alice ligou para eles. Renée está aqui, bem, aqui no hospital. Ela está comendo alguma coisa nesse momento.

- Ela está aqui? - Eu tentei sentar, mas o giro da minha cabeça ficou mais rápido, e sua mão me empurrou gentilmente para o travasseiro.

- Ele vai estar de volta logo - ele prometeu. - E você tem que ficar tranqüila.

- Mas o que você disse a ela? - Eu entrei em pânico. Eu não queria ficar tranquila. Minha mãe estava lá e eu estava me recuperando do ataque de um vampiro. - Porque você disse a ela que eu estou aqui?

- Você caiu por dois andares de uma escada e por uma janela. - Ele pausou. - Você tem que admitir, isso podia ter acontecido.

Eu suspirei, e isso doeu. Eu olhei para baixo para meu corpo embaixo do lençol, para o grande bloco que era minha perna.

- O quão mal eu estou? - Eu perguntei.

- Você tem uma perna quebrada, quatro costelas quebradas, algumas fendas em seus ossos, machas roxas cobrindo cada polegada de seu corpo, e você perdeu um monte de sangue. Eles fizemos alguma transfusões em você. Eu não gostei disso, isso fez você cheirar completamente diferente por um tempo.

- Isso deve ter sido uma boa mudança pra você.

- Não, eu gosto de como você cheira.

- Como você fez isso? - Eu perguntei calmamente. Ele soube o que eu quis dizer de primeira.

- Eu não tenho certeza. - Ele olhou pra longe dos meus olhos curiosos, levantando minha mão enfaixada da cama e segurando gentilmente com a dele, cuidadoso em não romper o fio que me conectava aos monitores.

Eu esperei pacientemente pelo resto.

Ele continuou sem responder a minha contemplação. - Era impossível... parar - ele sussurrou. - Impossível. Mas eu fiz. - Ele olhou pra cima finalmente, com um meio sorriso. - Eu tenho que te amar.

- Eu não tenho um gosto tão bom quanto o cheiro? - Eu sorri em resposta.

Aquilo machucou meu rosto.

- Até melhor, melhor do que eu imaginava.

- Sinto muito - Eu me desculpei.

Ele levantou seus olhos para o teto. - De todas as coisas para se desculpar.

- Pelo que eu devia me desculpar?

- Por chegar muito perto de ficar pra longe de mim pra sempre.

- Sinto muito - Eu me desculpei novamente.

- Eu sei porque você fez isso. - Sua voz era reconfortante. - Era ainda irracional, é claro. Você deveria ter me esperado, deveria ter me contado.

- Você não me deixaria ter ido.

- Não - ele concordou em um tom amargo - Eu não deixaria.

Algumas memórias muito desagradáveis estavam começando a voltar para mim. Eu estremeci, e então recuei.

Ele estava instantaneamente inquieto. - Bella, o que aconteceu?

- O que aconteceu com James?

Depois que eu o separei de você, Emmet e Jasper tomaram conta dele. - Havia uma feroz conotação de pesar em sua voz.

Isso me confundiu. - Eu não vi Emmet e Jasper lá.

- Eles tiveram que sair do quarto... tinha muito sangue.

- Mas você ficou.

- Sim, eu fiquei.

- E Alice, e Carlisle... - Eu falei curiosa.

- Eles também te amam, você sabe.

Um flash de imagens dolorosas da última vez que eu tinha visto Alice me lembrou de uma coisa. - Alice viu a fita? - Eu perguntei ansiosamente.

- Sim. - Um novo som obscureceu a voz dele, um tom de ódio.

- Ela sempre esteve no escuro, por isso não conseguia lembrar.

- Eu sei. Ela entende agora. - A voz dele estava uniforme, mas seu rosto estava negro de fúria.

Eu tentei alcansar o rosto dele com a minha mão livre, mas alguma coisa me parou. Eu olhei pra baixo pra ver o tubo puxando minha mão.

- Ugh - eu estremecí.

- O que foi? - ele perguntou ansiosamente - distraído, mas não o suficiente. A escuridão não abandonou os olhos dele completamente.

- Agulhas - eu expliquei, desviando o olhar daquela que estava na minha mão. Eu me concentrei nos ladrilhos do teto e tentei respirar fundo a despeito da dor nas minhas costelas.

- Medo de agulhas - ele murmurou pra si mesmo por baixo do fôlego, balançando a cabeça.

- Oh, um vampiro sádico, tentando torturar ela até a morte, claro, sem problema, ela corre pra encontrá-lo. Um tubo na mão, por outro lado...

Eu revirei meus olhos. Eu fiquei satisfeita de ver que pelo menos isso não doia. Eu decidí

mudar de assunto.

- Porque você está aqui? - eu perguntei.

Ele olhou pra mim, primeiro a confusão depois a dor tocou os olhos dele. As sobrancelhas dele ficaram juntas quando ele fez uma careta.

- Você quer que eu vá embora?

- Não! - eu protestei, horrorizada pelo pensamento. - Não, eu quis dizer, porque minha mãe acha que você está aqui? Eu preciso lembrar da história direitinho pra quando ela voltar.

- Oh - ele disse, e a testa dele se suavizou num mármore de novo. - Eu vim pra Phoenix pra colocar algum senso na sua cabeça, pra te convencer a voltar pra Forks. Os olhos dele eram tão intensos e tão sinceros, que eu mesma quase acreditei nele. - Você concordou em me ver e foi dirigindo até o hotel onde eu estava com Carlisle e Alice, é claro de que estava aqui com a supervisão de meu pai - ele inseriu virtuosamente, - Mas você tropeçou nas escadas á caminho do meu quarto e... bem, você já sabe o resto. Porém, você não precisa lembrar dos detalhes; você

tem uma desculpa muito boa pra não se lembrar dos detalhes mais importantes.

Eu pensei nisso por um momento. - Tem algumas falhas nessa história. Como nenhuma janela quebrada.

- Na verdade não - ele disse. - Alice se divertiu um pouco demais fabricando as evidências. Tudo já foi cuidado de forma muito convincente, você poderia provavelmente até processar o hotel se você quisesse. Você não tem nada com o que se preocupar, ele prometeu, alisando minha bochecha com o mais leve dos toques. - Seu único trabalho agora é sarar. Eu não estava tão envolvida pelas dores ou pela névoa dos medicamentos pra não responder ao toque dele. O bipe do monitor pulou erraticamente - agora ele não era mais o único que podia ouvir o meu coração se comportando mal.

- Isso vai ser vergonhoso - eu murmurei pra mim mesma.

Ele gargalhou, e um olhar especulativo apareceu nos olhos dele. - Hmm, eu imagino... Ele se inclinou; o barulho do bipe acelerou selvagemente antes mesmo que seus lábios me tocassem. Mas quando me tocaram, mesmo que com a mais leve pressão, o bipe parou completamente.

Ele pulou pra trás abruptamente, sua expressão ansiosa se tornando de alívio enquanto o monitor reportava meu coração voltando a bater.

- Parece que eu vou ter que ser mais cuidadoso com você do que o normal. Ele fez uma careta.

- Eu não terminei de beijar você - eu reclamei. - Não me faça ter que ir até aí. Ele sorriu largamente, e se inclinou pra pressionar seus lábios gentilmente nos meus. O

monitor ficou louco. Mas então seus lábios se esticaram. Ele se afastou.

- Eu acho que estou ouvindo sua mãe - ele disse, sorrindo largamente de novo.

- Não me deixe - eu chorei, uma sensação irracional de pânico passando por mim. Eu não podia deixá-lo ir - ele podia desaparecer de novo.

Ele leu o terror nos meus olhos por um breve segundo. - Eu não vou - ele prometeu solenemente, e então sorriu. "Eu vou tirar uma soneca.

Ele saiu da cadeira de plástico ao meu lado e foi para um sofá de couro falso azul-turquesa reclinável que havia no pé da cama, inclinando ele pra trás, e fechando seus olhos. Ele ficou perfeitamente imóvel.

- Não esqueça de respirar - eu sussurrei sarcasticamente. Ele respirou fundo, os olhos ainda fechados.

Eu podia ouvir minha mãe agora. Ela estava falando com alguém, talvez uma enfermeira, ela parecia cansada e aborrecida. Eu queria pular da cama e correr pra ela, pra acalmar ela, pra prometer que estava tudo bem. Mas eu não estava em forma pra pular, então eu esperei pacientemente.

A porta abriu um pouquinho, e ela observou pela abertura.

- Mãe! - eu sussurrei, minha voz cheia de amor e alívio.

Ela olhou para a figura imóvel de Edward no sofá reclinável, e foi na ponta dos pés até

minha cama.

- Ele não vai embora nunca, não é? - ela murmurou pra sí mesma.

- Mãe, eu estou tão feliz de ver você!

Ela se inclinou pra me abraçar gentilmente, e eu senti lágrimas quentes rolando

nas bochechas dela.

- Bella, eu estava tão chateada!

- Me desculpe, mãe. Mas vai ficar tudo bem agora, está tudo bem. - Eu confortei ela.

- Eu estou feliz só por ver seus olhos abertos - ela sentou na borda da cama. De repente eu me dei conta de que não sabia quando era. - Por quanto tempo eu fiquei fechada?

- É sexta, querida, você esteve fora por algum tempo.

- Sexta? - eu estava chocada. Eu tentei me lembrar que dia era quando... mas eu não queria pensar nisso.

- Eles tiveram que te manter sedada por algum tempo, querida, você tem um monte de ferimentos.

- Eu sei - eu podia sentí-los.

- Você teve sorte porque o Dr. Cullen estava lá. Ele é um homem muito legal... porém novo demais. E ele parece mais um modelo do que um médico...

- Você conheceu Carlisle?

- E a irmã de Edward. Ela é uma garota adorável.

- Ela é - eu concordei sinceramente.

Ela olhou por cima do ombro para Edward, que ainda estava com os olhos fechados no sofá.

- Você não me contou que tinha tão bons amigos em Forks.

Eu bajulei e então gemí.

- O que dói? - ela perguntou ansiosamente, se virando pra mim de novo. Os olhos de Edward vieram na minha direção.

- Eu estou bem - eu assegurei aos dois. - Eu só tenho que lembrar de não me

mexer. - Ele voltou á sua sonora soneca.

Eu usei a vantagem da distração pelo comentário da minha mãe pra evitar que assunto não fosse para o meu comportamento menos-cuidadoso. - Onde está Phil? - eu perguntei rapidamente.

- Flórida, oh, Bella! Você nunca vai adivinhar! Quando estamos prestes a ir embora, as melhores notícias!

- Phil conseguiu um contrato? - eu adivinhei.

- Sim! Como você adivinhou! Os Suns, dá pra acreditar?

- Isso é ótimo, mãe - eu disse com todo o entusiasmo que pude, apesar de não ter a mínima idéia de quem ela estava falando.

- E você vai gostar tanto de Jacksonsville - ela esguichava enquanto eu olhava vagamente pra ela. - Eu fiquei um pouco preocupada quando Phil começou a falar de Akron, com toda aquela neve e tudo mais, porque você sabe que eu odeio o frio, mas Jacksonsville! É sempre ensolarado, e a umidade não é tão ruim assim. Nós achamos a casa mais fofa, amarela, com a ornamentação branca, e com uma entrada como a dos filmes antigos, e um enorme carvalho, e é só a alguns minutos do oceano, e você terá seu próprio banheiro.

- Espere, mãe - eu interrompí. Edward ainda estava com os olhos fechados, mas estava tenso demais pra fingir que estava adormecido.

- Do que é que você tá falando? Eu não vou para a Flórida. Eu vivo em Forks.

- Mas você não tem que viver mais, sua boba - ela riu. - Phil vai conseguir ficar mais parado agora... nós falamos muito sobre isso, e o que eu vou fazer é deixar de ir a alguns jogos, metade do tempo com ele, metade do tempo com você.

- Mãe - eu hesitei, imaginando o melhor jeito de ser diplomática sobre isso. - Eu quero viver em Forks. Eu já estou acostumada com a escola, eu tenho algumas amigas - ela olhou pra Edward de novo quando eu falei das amigas, então eu tentei outra direção. - Charlie precisa de mim. Ele fica sozinho lá, e ele não sabe cozinhar nem um pouco.

- Você quer ficar em Forks? - ela perguntou, desnorteada. Essa era uma idéia

inconcebível para ela. E então os olhos dela Foram parar em Edward de novo. - Porque?

- Eu te disse, escola, Charlie, ai! - eu levantei os ombros. Má idéia. As mãos dela flutuaram por cima de mim sem poder fazer nada, tentando encontrar um lugar onde ela pudesse segurar em segurança. Ela encontrou minha testa; não haviam bandagens lá.

- Bella, querida, você odeia Forks - ela me lembrou.

- Não é tão ruim assim.

Ela fez uma careta olhando pra frente e pra trás entre Edward e eu, dessa vez muito deliberadamente.

- É esse garoto? - ela sussurrou.

Eu abri minha boca para mentir, mas os olhos dela estavam me analisando, e eu sabia que ela veria além da mentira.

- Ele é parte disso - eu admiti. Eu não precisava contar qual era o tamanho da parte. - Então, você teve uma chance de conversar com Edward? - eu perguntei.

- Sim - ela hesitou olhando para a sua forma perfeitamente imóvel. - E eu quero falar com você sobre isso.

Uh-oh. - Sobre o que? - eu perguntei.

- Eu acho que esse garoto está apaixonado por você - ela acusou, mantendo a voz baixa.

- Eu também acho que sim - eu confiei.

- E como você se sente em relação a ele? - Ela escondeu muito mal a curiosidade na voz dela.

Eu suspirei, desviando o olhar. Não importava o quanto eu amasse minha mãe, essa não era uma conversa que eu queria ter com ela.

- Eu estou louca por ele. – Aí, isso parece com algo que uma adolescente diria

sobre o primeiro namorado dela.

- Bem, ele parece muito legal, e, minha nossa, ele é incrivelmente lindo, mas você é tão jovem, Bella... - a voz dela estava incerta; até onde eu podia lembrar, essa era a primeira vez desde que eu tinha oito anos que eu ouví alguma coisa aproximada de autoridade materna. Eu reconheci aquele tom razoável mas firme que nós tinhamos nas nossas conversas sobre homens.

- Eu sei, mãe. Não se preocupe. É só uma paixonite - eu acalmei ela.

- Isso mesmo - ela concordou, facilmente agradada.

Então ela suspirou e deu uma olhada cheia de culpa para o grande relógio redondo na parede.

- Você precisa ir?

Ela mordeu o lábio. - Phil deve ligar em pouco tempo... eu não sabia quando você

acordaria...

- Sem problemas, mãe - eu tentei não mostrar muito o alívio pra que ela se sentisse um pouco culpada. - Eu não vou ficar sozinha.

- Eu volto logo. Eu estive dormindo aqui, sabe - ela anunciou, orgulhosa de sí mesma.

- Oh, mãe, você não precisava fazer isso! Você pode dormir em casa, eu nunca iria reparar. - A onda de medicamentos pra dor fazia a minha concentração dificil mesmo agora, apesar de, aparentemente, eu ter ficado dormindo durante dias.

- Eu estava nervosa demais - ela admitiu timidamente. - Aconteceu algum crime no bairro, e eu não gosto de ficar lá sozinha.

- Crime? - eu perguntei alarmada.

- Alguém invadiu aquele estúdio de dança na esquina da nossa casa e tocou fogo nele - não sobrou nada! E eles deixaram um carro roubado lá na frente. Você lembra de quando tinha aulas de dança lá, querida?

- Eu me lembro - eu me arrepiei e estremecí.

- Eu posso ficar, bebê, se você precisar de mim.

- Não, mãe, eu vou ficar bem. Edward vai ficar comigo.

Pareceu que esse era o motivo pelo qual ela queria ficar. - Eu vou voltar á noite - isso pareceu tanto um aviso quanto uma promessa, e ela olhou para Edward de novo quando disse isso.

- Eu te amo, mãe.

- Eu te amo também, Bella. Tente ser mais cuidadosa quando anda, querida. Eu não quero perder você.

Os olhos de Edward continuaram fechados, mas um sorriso largo apareceu no rosto dele. Uma enfermeira invadiu o quarto nessa hora pra checar meus tubos e fios. Minha mãe beijou minha testa, deu uma tapinha na minha mão com o curativo e foi embora. A enfermeira estava checando o papel da minha avaliação e o monitor do meu coração.

- Você está se sentindo ansiosa, querida? O seu coração está parecendo um pouco rápido aqui.

- Eu estou bem - eu assegurei ela.

- Eu vou dizer á medica que está cuidando de você que você está acordada. Ela vai vir te ver em um minuto.

Assim que ela fechou a porta, Edward estava á meu lado.

- Você roubou um carro? - eu ergui minhas sobrancelhas.

Ele sorriu, sem arrependimento. - Era um bom carro, muito rápido.

- Como foi a sua soneca? - eu perguntei.

- Interessante - os olhos dele estreitaram.

- O que?

Ele olhou pra baixo enquanto falava. - Eu estou surpreso. Eu pensei que a Flórida... e a sua mãe... bem, eu pensei que isso era tudo o que você podia querer. Eu olhei pra ele sem compreender. - Mas você ficaria preso o dia inteiro em casa na Flórida. E você só poderia sair durante a noite, como um vampiro de verdade. Ela quase sorriu, mas não exatamente. E o rosto dele estava grave.

- Eu ficaria em Forks, Bella. Ou algum lugar assim - ele explicou.

- Algum lugar onde eu não te machucasse mais.

No início eu não toquei. Eu continuei a olhar pra ele com o olhar vazio enquanto as palavras se encaixavam uma a uma na minha cabeça como um horrível quebra-cabeça. Eu mal tinha consciencia do som do meu coração acelerando, apesar de que, a minha respiração que estava hiperventilando, me deixou consciente da dor aguda das minhas costelas protestando. Ele não disse nada; ele observou meu rosto cautelosamente enquanto uma dor que não tinha nada a ver com meus ossos quebrados, um dor que era muito pior, ameaçava me deixar aos pedaços.

E então outra enfermeira entrou propositalmente no quarto. Edward estava rígido como uma pedra enquanto ela olhava pra mim primeiro com um olho treinado e depois para o monitor.

- Está na hora dos remédios pra dor agora, querida? - ela perguntou carinhosamente, dando tapinhos no tubo de entrada.

- Não, não - eu murmurei, tentando esconder a agonia que havia na minha voz. - Eu não preciso de nada agora. - Eu não podia me dar ao luxo de fechar os olhos agora.

- Não precisa ser corajosa, querida. É melhor se você não se estressar; você deve descansar. Ela esperou, mas eu só balancei minha cabeça.

- Ok - ela suspirou. - Aperte o botão quando estiver pronta.

Ela deu uma olhada pra Edward e depois deu outra olhada ansiosa pra o monitor, antes de ir.

As mãos frias dele estavam no meu rosto; eu olhei pra ele com os olhos bem abertos.

- Shhh, Bella, acalme-se.

- Não me deixe - eu implorei com uma voz quebrada.

- Eu não vou - ele prometeu. - Agora relaxe antes que eu chame a enfermeira pra te sedar. Mas meu coração não conseguia se aquietar.

- Bella - ele acariciou meu rosto ansiosamente. - Eu não vou a lugar nenhum. Eu vou ficar aqui até quando você precisar de mim.

- Você promete que não vai me deixar? - eu sussurrei. Eu tentei controlar a minha respiração, pelo menos. Minhas costelas estavam reclamando.

O cheiro do hálito dele era um calmante. Pareceu diminuir as dores da minha respiração. Ele continuou segurando o meu olhar enquanto meu corpo relaxava lentamente e o bipe voltava ao ritmo normal. Os olhos dele estavam escuros, mais próximos do preto do que do dourado hoje.

- Melhor? - ele perguntou.

- Sim - eu disse cautelosamente.

Ele balançou a cabeça e murmurou alguma coisa impossível de entender. Eu achei ter entendido a palavra - Reação.

- Porque você disse isso? - eu sussurrei, tentando evitar que a minha voz tremesse. - Você

se cansou de ter que ficar me salvando o tempo inteiro? Você quer que eu vá embora?

- Não, eu não quero ficar sem você, Bella, é claro que não. Seja racional. E eu também não tenho problema nenhum em salvar você, isso se não fosse pelo fato de que sou eu que está te colocando em risco... que eu sou a razão pela qual você está aqui.

- Sim, você é a razão - eu fiz uma careta. - A razão pela qual eu estou aqui, viva.

- Por pouco - a voz dele era um sussurro. - Coberta de gaze e de gesso e quase impossibilitada de se mexer.

- Eu não estava me referindo á mais recente experiência de quase-morte - eu disse rugindo, irritada. - Eu estava falando das outras, você pode escolher uma.

- Se não fosse por você eu estaria dando um passeio pelo cemetério de Forks. Ele estremeceu com as minhas palavras, mas o olhar de perseguição não deixou os olhos dele.

- No entanto, essa não é a pior parte - ele continuou a sussurrar. Ele agia como se eu não tivesse falado. - Não ver você lá no chão... amassada e quebrada. - A voz dele estava chocada. - Não foi pensar que eu estava atrasado. Nem mesmo ouvir você gritando de dor, todas essas memórias insuportáveis que eu vou carregar comigo por toda a eternidade. Não, a pior parte foi sentir... saber que eu não podia parar. Acreditar que eu mesmo fosse acreditar você.

- Mas você não matou.

- Mas eu podia. Tão facilmente.

Eu precisava ficar calma... mas ele estava tentando se convencer a me deixar, e o pânico fluia nos meus pulmões, tentando sair.

- Me prometa - eu sussurrei.

- O que?

- Você sabe o que - eu estava começando a ficar com raiva agora. Ele estava tão teimosamente determinado a continuar na negativa.

Ele ouviu a mudança na minha voz, seus olhos se estreitaram. - Eu não pareço ser forte o suficiente pra ficar longe de você, então eu acho que você seguirá seu caminho... quer isso mate você ou não - ele acrescentou duramente.

- Bom - ele, porém, não prometeu, um fato que eu não deixei passar. O pânico só estava meio controlado; eu não tinha mais controle para segurar a raiva. - Você

me disse como parou... agora eu quero saber porque - eu quis saber.

- Porque? - ele perguntou cautlosamente.

- Porque você fez isso? Porque você não deixou o veneno se espalhar? A essas

horas eu seria como você.

Os olhos de Edward pareceram ficar completamente negros, e eu me lembrei que isso era uma coisa que eu nunca quis que eu soubesse. Alice deve ter estado preocupada com as coisas que descobriu sobre sí mesma... ou então foi muito cuidadosa com os pensamentos dela perto dele, claramente ele não sbia que ela tinha me enchido com todas as conversas sobre os mecanismos dos vampiros. Ele estava surpreso, e furioso.

As narinas dele inflaram e a boca dele parecia ter sido esculpida numa pedra. Ele não ia responder, isso estava claro.

- Eu serei a primeira a admitir que não tenho nenhuma experiência com relacionamentos - eu disse. - Mas me parece lógico... um homem e uma mulher tem que ser parecidos em algo... como, um deles não pode sempre estar sendo abatido e o outro salvando. Eles tem que salvar um ao outro igualmente.

Ele dobrou os braço do lado da minha cama e descansou o queixo nos braços. Sua expressão era suave, a raiva havia abrandado. Evidentemente ele havia decidido que não estava com raiva de mim. Eu esperava ter uma chance de avisar Alice antes que ele se encontrasse com ela.

- Você me salvou. - Ele disse baixinho.

- Eu não posso ser Lois Lane - eu insistí. - Eu quero ser o Superman também.

- Você não sabe o que está pedindo. - A voz dele era suave; ele olhava intencionalmente para a pontinha do travesseiro.

- Eu acho que sei.

- Bella, eu não sei. Eu já tive quase noventa anos pra pensar nisso e ainda não tenho certeza.

- Você queria que Carlisle não tivesse salvado você?

- Não, eu não desejo isso - ele parou antes de continuar. - Mas a minha vida estava acabada. Eu não estava desistindo de nada.

- Você é a minha vida. Você é a única coisa que eu me incomodaria em perder. -

Eu estava ficando melhor nisso. Era muito mais fácil admitir o quanto eu precisava dele. No entanto, ele estava muito calmo. Decidido.

- Eu não posso fazer isso, Bella. Eu não vou fazer isso com você.

- Porque não? - minha garganta arranhou e as palavras não sairam tão altas como eu havia planejado. - Não me diga que é muito difícil! Depois de hoje, ou eu acho alguns dias atrás... de qualquer forma, depois daquilo, isso não devia ser nada.

Ele olhou pra mim.

- E a dor? - ele perguntou.

Eu embranquecí. Eu não pude evitar. Mas eu tentei evitar que a minha expressão mostrasse que eu lembrava da dor... do fogo nas minhas veias.

- Isso é problema meu - eu disse. - Eu posso aguentar.

- É impossível aguentar a coragem a partir do momento que ela se transforma em loucura.

- Isso não é problema. Três dias. Grande coisa.

Edward fez outra careta quando as minhas palavras relembraram ele de que eu estava mais bem informada do que deveria estar. Eu observei ele reprimir, observei os olhos dele ficarem especulativos.

- Charlie? - ele perguntou curtamente. - Renée?

Os minutos se passaram em silêncio enquanto eu lutava pra responder a pergunta dele. Eu abri a minha boca, mas nenhum som saiu dela. Eu fechei ela de novo. Ele esperou, e a sua expressão se tornou trimfante porque ele sabia que eu não tinha nenhuma resposta de verdade.

- Olha, isso também não é nenhum problema - eu finalmente murmurei, minha voz não estava convincente, como sempre quando eu mentia. - Renée sempre fez as escolhas que funcionavam pra ela, e ela sempe quis que eu fizesse o mesmo. E a alegria de Charlie, ele está

acostumado a ficar sozinho. Eu não posso tomar conta dele pra sempre. Eu tenho a minha própria vida pra viver.

- Exatamente - ele cortou. - E eu não vou acabar com ela pra você.

- Se você está está esperando pra ficar comigo no meu leito de morte, eu tenho notícias pra você! Eu estava lá!

- Você vai se recuperar - ele me lembrou.

Eu respirei fundo pra me acalmar, ignorando o espasmo de dor que isso causava. Eu encarei ele, ele me encarou de volta. Não havia compromisso no rosto dele.

- Não - eu disse lentamente. - Eu não vou.

A testa dele se enrrugou. - É claro que vai. Você pode ficar com um cicatriz ou duas...

- Você está errado - eu insistí. - Eu vou morrer.

- Sério, Bella - ele estava ansioso agora. - Você vai sair daqui em alguns dias. Duas semanas no máximo.

Eu olhei pra ele. - Eu posso não morrer agora... mas eu vou morrer alguma hora. A cada minuto do dia, eu chego mais perto. Eu vou ficar velha.

Ele fez uma careta quando se tocou do que eu estava falando, pressionando seus longos dedos nas têmporas e fechando os olhos. - Isso é o que supostamente acontece. É assim que deve acontecer.

Aconteceria se eu não existisse, e eu não deveria existir.

Eu soprei. Ele abriu os olhos surpreso. - Isso é estúpido. Isso é como alguém que acabou de ganhar na loteria, pegando o dinheiro, e dizendo, 'Olha, vamos voltar a ser como as coisas deviam ser. É melhor assim'. Eu não vou aceitar isso.

- Eu não sou bem um premio de loteria - ele rugiu.

- Isso mesmo. Você é muito melhor.

Ele rolou os olhos e ajeitou os lábios. - Bella, nós não vamos mais continuar com

essa discussão. Eu me recuso a te amaldiçoar á noite eterna e esse é o fim.

- Se você acha que acaba aqui, você não me conhece muito bem - eu avisei ele. - Você não é o único vampiro que eu conheço.

Os olhos dele ficaram pretos de novo. - Alice não ousaria.

E por um momento ele pareceu tão assustador que eu não pude deixar de acreditar, Eu não podia imaginar uma pessoa corajosa o suficiente pra passar por cima dele.

- Alice já viu isso, não foi? - eu adivinhei. - É por isso que as coisas que ela fala aborrecem você. Ela sabe que eu serei como vocês... um dia.

- Ela está errada. Ela também viu você morta, mas isso também não aconteceu.

- Você nunca vai me pegar apostando contra Alice.

Nós olhamos um para o outro por um longo tempo. Estava silencioso, exceto pelo barulho das máquinas, o bipe, as gotas, o tique do grande relógio na parede. Finalmente a expressão dele se suavisou.

- Então onde isso nos deixa? - eu imaginei.

Ele gargalhou sem humor. - Eu acredito que se chama impasse.

Eu suspirei – Ouch - eu murmurei.

- Como você está se sentindo? - olhando para o botão da enfermeira.

- Eu estou bem - eu mentí.

- Eu não acredito em você - ele disse gentilmente.

- Eu não vou voltar a dormir.

- Você precisa descansar. Toda essa discussão não faz bem a você.

- Então desista - eu provoquei.

- Boa tentativa. - Ele alcançou o botão.

- Não!

Ele me ignorou.

- Sim? - o comunicador na parede respondeu.

- Eu acho que estamos prontos para mais remédios para a dor - ele disse calmamente, ignorando minha expressão furiosa.

- Eu vou mandar a enfermeira - a voz parecia muito entediada.

- Eu não vou tomar - eu prometi.

Ele olhou na direção do saco de flúidos ao pendurada do lado da minha cama. - Eu acho que eles não vão te pedir pra engolir nada.

O meu coração começou a bater forte. Ele viu o medo nos meus olhos e suspirou frustrado.

- Bella, você está sentindo dor. Você precisa relaxar pra se curar. Porque você está sendo tão difícil? Eles não vão mais colocar agulhas em você.

- Eu não estou com medo das agulhas - eu murmurei. - Eu estou com medo de fechar meus olhos.

Então ele sorriu o seu sorriso torto, e pegou meu rosto entre as mãos dele. - Eu disse que não vou pra lugar nenhum. Não tenha medo. Enquanto isso te fizer feliz, eu vou ficar aqui. Eu sorrí de volta, ignorando a dor nas minhas bochechas. - Você está falando de pra sempre, sabe.

- Oh, você vai superar isso, é só uma paixonite.

Eu balancei minha cabeça sem acreditar, isso me deixou tonta. - Eu fiquei chocada quando Renée comprou essa. Eu sei que você sabe mais que isso.

- Isso é a beleza de ser humano - ele me disse. - As coisas mudam. Meus olhos reviraram. - Não segure o fôlego.

Ele estava sorrindo quando a enfermeira entrou, segurando uma seringa.

- Com licença - ela disse bruscamente pra Edward.

Ele se levantou e cruzou o pequeno quarto, se encostando na parede.

Ele cruzou os braços e esperou. Eu mantive meus olhos nele, ainda apreensiva. Ele encontrou meus olhos calmamente.

- Aí está, meu bem. - A enferemeira sorriu enquanto enjetava o medicamento no tubo. - Você vai se sentir melhor agora.

- Obrigada - eu murmurei, sem entusiasmo. Não demorou muito. Eu pude sentir a sonolência invadir minha corrente sanguínea quase imediatamente.

- Eu acho que isso será suficiente - ela disse enquanto minhas pálpebras se fechavam. Ela deve ter deixado o quarto, porque alguma coisa suave e gelada estava tocando o meu rosto.

- Fique - a palavra saiu mal articulada.

- Eu fico - ele prometeu. A voz dele era linda, como uma canção de ninar. - Como eu já

disse, enquanto isso te fizer feliz... enquanto isso for o melhor pra você. Eu tentei balançar a minha cabeça, mas ela estava pesada demais. - N é a mesma coisa - eu murmurei.

Ele riu. - Não se preocupe com isso agora, Bella. Você pode discutir comigo quando se acordar.

Eu acho que sorri. - Tá.

Eu pude sentir os lábios dele no meu ouvido.

- Eu te amo - ele sussurrou.

- Eu também.

- Eu sei - ele sorriu baixinho.

Eu virei minha cabeça levemente... procurando. Ele sabia o que eu estava procurando. Seus lábios tocaram o meus gentilmente.

- Obrigada - eu suspirei.

- Á disposição.

Eu já não estava mais completamente lá. Mas eu lutei contra o torpor lentamente. Havia só

mais uma coisa que eu queria dizer pra ele.

- Edward? - eu lutei pra pronunciar o nome dele claramente.

- Sim?

- Eu aposto em Alice - eu murmurei.

E então a noite se fechou sobre mim.

EPÍLOGO: UM ACONTECIMENTO ESPECIAL

Edward me ajudou a entrar no carro dele, sendo muito cuidadoso com os detalhes de seda e chiffon, as flores que ele colocou nos meus cachos estilosamente elaborados, e o grande gesso na minha perna. Ele ignorou a expressão de raiva da minha boca.

Depois que ele me ajeitou, ele foi para o banco do motorista e saímos pelo caminho longo e estreito.

- Em que ponto você pretende me dizer exatamente onde estamos indo? - eu perguntei fazendo beicinho. Eu odiava surpresas. E ele sabia disso.

- Eu estou chocado que você ainda não tenha descoberto. - Ele jogou um sorriso de zombaria na minha direção, e a minha respiração ficou presa na garganta. Será que um dia eu ia me acostumar á perfeição dele?

- Eu mencionei que você está muito bonito, não mencionei? - eu verifiquei.

- Sim - ele sorriu largamente de novo. Eu nunca havia visto ele vestido de preto antes, e, com o contraste na pela pálida dele, a sua beleza era absolutamente surreal. Isso eu não podia negar, até o fato de que ele estava usando um smoking estava me deixando nervosa. Não tão nervosa quanto o meu vestido, ou o sapato. Só um sapato, já que o meu pé estava seguramente preso no gesso. Mas o salto agulha, preso apenas pelos laços de fita de cetim, certamente não iam me ajudar

quando eu tentasse me movimentar.

- Eu não vou mais voltar se Alice continuar me tratando como a Barbie porquinho-da-índia quando eu vier. - Eu estorqui. Eu passei a melhor parte do dia presa no banheiro estonteantemente grande de Alice, eu fui uma vítima desamparada enquanto ela brincava de cabeleireira e maquiadora. Quando eu tentava escapar ou reclamava, ela me lembrava que não tinha memórias de como era ser humana, e me pedia para não atrapalhar a sua vigorosa diversão. Então ela me vestiu com um vestido ridículo - azul escuro, cheio de detalhes e sem os ombros, com uma etiqueta francesa que eu não consegui ler, um vestido que combinava mais com uma passarela do que com Forks.

Nada de bom podia sair de uma vestimenta formal, disso eu tinha certeza. A não ser... mas eu estava com medo de colocar as minhas suspeitas em palavras, mesmo em minha própria cabeça.

Eu fui distraída pelo som do telefone tocando. Edward puxou o telefone do bolso do seu paletó, olhando brevemente no identificador de chamadas antes de atender.

- Alô, Charlie - ele disse cautelosamente.

- Charlie? - eu fiz uma careta.

Charlie tem sido... difícil desde o meu retorno á Forks. Ele compartimentou minha má

experiência em duas reações. Com Carlisle ele era quase idolatradamente grato. Por outro lado, ele estava teimosamente preso á idéia de que era culpa de Edward, porque se não fosse por culpa dele eu não teria ido embora de casa em primeiro lugar. E Edward estava longe de discordar dele. Nesses dias eu estava tendo regras que nunca tive antes: Toque de recolher... horários de visita. Alguma coisa que Charlie disse fez os olhos de Edward crescer de descrença, e então um grande sorriso apareceu no rosto dele.

- Você está brincando! - ele deu uma risada.

- O que é? - eu quis saber.

Ele me ignorou. - Porque você não me deixa falar com ele? - Edward sugeriu

com um prazer evidente. Ele esperou por um segundo.

- Olá, Tyler. Aqui é Edward Cullen. - A voz dele estava amigável, na superfície. Eu conhecia esse tom bem o suficiente pra ouvir a leve ponta de ameaça. O que é que Tyler estava fazendo na minha casa? A horrível verdade começou a descer sobre mim. Eu olhei novamente para o vestido inapropriado que Alice havia me forçado a usar.

- Eu lamento se houve alguma espécie de falta de comunicação, mas Bella não está

disponível essa noite. - O tom de Edward mudou e a ameaça ficou de repente muito mais evidente enquanto ele continuava. - Pra falar a verdade, ela não estará disponível noite nenhuma, quando

se tratar de alguém que não seja eu mesmo. Sem ofensa. Eu lamento pela sua noite. - Ele não parecia lamentar nem um pouco. E então ele fechou o telefone com um estalo, um grande sorriso no rosto dele.

Meu rosto e meu pescoço estavam vermelhos de raiva.

Eu podia sentir as lágrimas induzidas pela raiva começarem a encher meus olhos. Ele olhou pra mim surpreso. - A última parte foi demais? Eu não pretendia te ofender. Eu ignorei isso.

- Você está me levando para o baile! - eu gritei.

Agora era embaraçosamente óbvio. Se eu estivesse prestando um pouco de atenção, eu teria reparado a data nos cartazes que estavam decorando os prédios da escola. Mas eu nunca sonhei que ele me submeteria a isso. Será que ele não me conhecia nem um pouco?

Ele não estava esperando a força da minha reação, isso estava claro. Ele pressionou os lábios e revirou os olhos. - Não seja difícil, Bella. Meus olhos foram para a janela; nós já estávamos no meio do caminho para a escola.

- Porque você está fazendo isso comigo? - eu quis saber, horrorizada. Ele fez um gesto para o smoking. - Sério, Bella, o que você achou que estivéssemos indo fazer?

Eu estava mortificada. Primeiro, porque eu não vi o óbvio. E também porque minha a vaga suspeita - esperança, na verdade - do porque eu estivesse me arrumando o dia inteiro, enquanto Alice me transformava numa Rainha da beleza, estavam muito distantes da realidade. As minhas esperanças pareciam muito bobas agora.

Eu achei que havia alguma ocasião brotando. Mas baile! Essa foi a última coisa que passou pela minha cabeça.

Lágrimas de raiva rolaram pelas minhas bochechas. Eu lembrei com desânimo que estava descaracteristicamente usando rímel. Eu limpei rapidamente embaixo dos olhos pra prevenir qualquer mancha. Minha mão não estava preta quando eu a puxei; Talvez Alice soubesse que precisaria de maquiagem á prova de água.

- Isso é completamente ridículo. Porque você está chorando? - ele quis saber frustrado.

- Porque eu estou com raiva!

- Bella - ele usou toda a força dos seus ardentes olhos dourados em mim.

- O que? - eu murmurei, distraída.

- Me distraia - ele insistiu.

Seus olhos estavam derretendo toda a minha fúria. Era impossível brigar com ele quando ele trapaceava daquele jeito. Eu desisti sem glória.

- Está bem - eu fiz beicinho, sem conseguir sem tão efetiva quanto eu esperava ser. - Eu vou quieta. Mas você vai ver. Eu sempre estou aberta á mais má sorte. Eu provavelmente vou quebrar minha outra perna. Olhe pra esse sapato! É uma armadilha! - eu levantei minha perna como evidência.

- Hmmmm - ele olhou para a minha perna por mais tempo do que o necessário. - Me lembre de agradecer Alice por essa noite.

- Ela vai estar lá? - Isso me confortou um pouquinho.

- Com Jasper, Emmett... e Rosalie - ele admitiu.

O sentimento de conforto desapareceu. Eu não fiz muito progresso com Rosalie, apesar de estar em muitos bons termos com o seu as vezes marido. Emmett gostava de me ter por perto, ele achava que as minhas reações humanas bizarras eram hilárias... ou talvez fosse só o fato de que eu caia muito que ele achava engraçado. Rosalie agia como se eu nem existisse. Enquanto eu balançava a minha cabeça pra dissipar a direção que os meus pensamentos tinham tomado, eu pensei em outra coisa.

- Charlie está nisso tudo? - eu perguntei, suspeitando de repente.

- É claro - ele sorriu, e depois gargalhou. - No entanto, aparentemente, Tyler não estava.

Eu travei meus dentes. Como Tyler podia ter se iludido tanto, eu não podia imaginar. Na escola, onde Charlie não podia nos atrapalhar, Edward e eu éramos inseparáveis, exceto por aqueles raros dias de sol.

Estávamos na escola agora; o conversível vermelho de Rosalie era notável. As nuvens estavam finas hoje, haviam alguns finos raios de sol escapando no céu á oeste. Ele saiu e deu a volta no carro pra abrir minha porta. Ele levantou sua mão. Eu fiquei teimosamente sentada no meu banco, com os braços cruzados, sentindo uma punção secreta de presunção.

O estacionamento estava lotado de pessoas vestidas formalmente: testemunhas. Ele não podia me remover á força do carro como já teria feito se estivéssemos sozinhos. Ele suspirou. - Quando alguém tenta te matar, você é corajosa como um leão, e aí, quando alguém menciona dançar... - ele balançou a cabeça.

Eu engoli seco. Dançar.

- Bella, eu não vou deixar nada te machucar, nem você mesma. Eu não vou largar de você

em hora nenhuma, eu prometo.

Eu pensei nisso e de repente estava me sentindo muito melhor. Ele podia ver isso no meu rosto.

- Isso, agora - ele disse gentilmente. - Não vai ser tão ruim assim. - Ele abaixou e passou um dos braços pela minha cintura. Eu segurei a outra mão dele e ele me

puxou pra fora do carro. Ele manteu o braço apertado ao meu redor, me segurando enquanto eu mancava em direção á escola.

Em Phoeniz, eles fazem bailes em salões de hotéis. Esse baile era no ginásio da escola, é

claro. Possivelmente era o único espaço grande o suficiente para um baile. Quando nós entramos, eu dei uma risadinha. Realmente havia balões com formatos e ornamentos de papel crepe enfeitando as paredes.

- Isso parece um filme de terror esperando pra acontecer - eu ri silenciosamente.

- Bem - ele murmurou enquanto nos aproximávamos da mesa dos ingressos - ele estava carregando a maior parte do meu peso, mas eu ainda tinha que arrastar e empurrar o meu pé

para frente - tem mais vampiros presentes do que o necessário.

Eu olhei para o espaço de dança; um espaço grande havia se aberto no espaço, onde dois casais rodopiavam graciosamente. Os outros dançarinos se empurravam nos lados para dar espaço á eles, ninguém queria contrastar com o brilho deles.

Emmett e Jasper estavam intimidantes e indefectíveis em seus smokings. Alice estava arrebatadora num vestido de cetim preto com detalhes geométricos que abriam triângulos na sua pele branca da cor da neve. E Rosalie estava... bem, Rosalie. Ela estava além da imaginação. Seu vívido vestido vermelho era aberto nas costas, apertado na panturrilha onde se abria um detalhe flutuante, com um decote que ia do seu pescoço até a cintura. Eu senti pena de todas as garotas presentes, eu mesma incluída.

- Você quer que vá fechar as portas pra que você possa massacrar os moradores da cidade sem levantar suspeita? - eu sussurrei conspirando.

- E onde é que você se encaixa nesse esquema? - ele olhou pra mim.

- Oh, eu estou com os vampiros, é claro.

Ele sorriu com relutância. - Qualquer coisa pra se mandar do baile.

- Qualquer coisa.

Ele comprou nossos ingressos, e então me virou na direção da pista de dança. Eu me agarrei nele e levantei meu pé.

- Eu tenho a noite inteira - ele avisou

Eventualmente ele me arrastou pra onde a família dele estava rodopiando elegantemente, em um estilo que não se adequava nem um pouco á música que estava tocando agora. Eu observei horrorizada.

- Edward - minha garganta estava tão seca que eu quase não consegui sussurrar. - Eu honestamente não posso dançar! - eu podia sentir o pânico borbulhando no meu peito.

- Não se preocupe, boba - ele sussurrou de volta. - Eu posso. - Ele colocou meus braços ao redor do pescoço dele e me levantou pra colocar os pés dele embaixo dos meus. E então estávamos rodopiando também.

- Eu me sinto como se tivesse cinco anos de idade - eu sorri depois de alguns minutos de rodopio sem esforços.

- Você parece ter cinco anos - ele murmurou, me puxando mais pra perto por um segundo, assim meus pés ficaram á alguns centímetros do chão por alguns segundos. Alice encontrou meu olhar numa volta e sorriu me encorajando, eu sorri de volta. Eu estava surpresa de perceber que eu realmente estava aproveitando... um pouco.

- Ok, isso não é inteiramente ruim - eu admiti.

Mas Edward estava olhando na direção das portas, e o rosto dele aparentava raiva.

- O que foi? - eu me perguntei em voz alta. Eu segui o olhar dele, desorientada pelos rodopios, mas eu finalmente vi o que estava incomodando ele. Jacob Black, não de smoking, mas com uma camisa de mangas longas e de gravata, seu cabelo puxado pra trás no seu rabo de cavalo de sempre, estava atravessando a pista em nossa direção. Depois do primeiro choque do reconhecimento, eu não pude deixar de me sentir mal por Jacob. Ele estava claramente desconfortável, dolorosamente desconfortável. O rosto dele estava pedindo desculpas enquanto

seus olhos encontravam os meus. Edward rosnou bem baixinho.

- Se comporte - eu soprei.

A voz de Edward estava severa. - Ele quer conversar com você.

Jacob chegou até nós nessa hora, a vergonha e as desculpas ainda mais evidentes no rosto dele.

- Ei, Bella, eu estava esperando que você estivesse aqui. - Jacob soou como se ele estivesse esperando exatamente o contrário. Mas o sorriso dele estava tão cálido como sempre.

- Oi, Jacob - eu sorri de volta. - E aí?

- Eu posso atrapalhar? - ele pediu tentadoramente, olhando pra Edward pela primeira vez. Eu estava chocada de ver que Jacob nem precisou olhar pra cima. Ele já deve ter crescido uns cinco centímetros desde a primeira vez que eu vi ele.

O rosto de Edward estava composto, sua expressão vazia. A única resposta dele foi me colocar cuidadosamente nos meus próprios pés, e dar um passo pra trás.

- Obrigado - Jacob disse amigavelmente.

Edward só balançou a cabeça, olhando pra mim atentamente antes de se virar e ir embora. Jacob colocou as mãos na minha cintura, e eu coloquei as minhas mãos nos ombros dele.

- Nossa, Jake, qual é a sua altura agora?

Ele estava presumido. - Um e oitenta e quatro.

Nós não estávamos realmente dançando, minha perna tornava isso impossível. Ao invés disso ele se movimentava estranhamente de um lado pra o outro sem movermos os pés. Estava tudo bem; o súbito crescimento tinha o deixado parecendo meio desequilibrado e desordenado, ele provavelmente não era um dançarino melhor que eu.

- Então, como é que você veio parar hoje? - eu perguntei realmente curiosa. Levando em conta a reação de Edward, eu já podia advinhar.

- Você acredita que meu pai me pagou vinte pratas pra que eu viesse ao seu baile? - ele admitiu, um pouco envergonhado.

- Sim, eu acredito - eu murmurei. - Bem, pelo menos eu espero que você aproveite, pelo menos. Já viu algo que você gostasse? - eu caçoei, balançando a cabeça na direção de um grupo de garotas alinhadas na parede com os enfeites.

- Sim - ele suspirou. - Mas ela está acompanhada.

Ele olhou pra baixo pra me olhar nos olhos só por um segundo, então nós dois desviamos o olhar, envergonhados.

- Aliás, você está muito bonita - ele acrescentou, timidamente.

- Umm, obrigada. Então, porque Billy te pagou pra vir até aqui? - eu perguntei rapidamente, apesar de já saber a resposta.

Jacob não pareceu agradecido pela mudança no assunto; ele desviou o olhar, desconfortável de novo. - Ele disse que aqui seria um lugar 'seguro' pra conversar com você. Eu juro que o velho está enlouquecendo.

Eu me juntei á risada dele fracamente.

- De qualquer forma, ele disse que se eu te dissesse uma coisa, ele me daria o cilindro mestre que eu preciso - ele confessou com um sorriso envergonhado.

- Me diga, então. Eu quero que você termine o seu carro. - Eu sorri de volta. Pelo menos Jacob não acreditava em nada disso. Isso tornava a situação um pouco mais fácil. Na parede, Edward estava olhando o rosto dele, seu próprio rosto estava sem expressão. Eu ví uma garota do segundo ano com um vestido rosa olhar pra ele com uma tímida especulação, mas ele não pareceu estar consciente da presença dela.

Jacob desviou o olhar de novo, envergonhado. - Não fique com raiva, tá?

- Não tem jeito de eu ficar com raiva de você, Jacob - eu assegurei pra ele. - Eu não vou nem ficar com raiva de Billy. Só diga o que você tem que dizer.

- Bem, isso é estúpido, me desculpe, Bella, ele quer que você termine com o seu namorado. Ele me disse pra te pedir 'por favor'.

Ele balançou a cabeça com desgosto.

- Ele ainda é supersticioso, né?

- É. Ele ficou... meio fora de sí quando você se machucou em Phoenix. Ele não acreditou... - Jacob parou se sentindo embaraçado.

Eu revirei meus olhos. - Eu caí.

- Eu sei disso - ele disse rapidamente.

- Ele acha que Edward tem alguma coisa a ver com isso - eu não estava perguntando, e independente da minha promessa, eu estava com raiva.

Jacob não me olhou nos olhos.

Nós não estávamos nem nos incomodando em nos mexer com a música, apesar das mãos dele ainda estarem na minha cintura, e as minhas no pescoço dele.

- Olha, Jacob, eu sei que Billy provavelmente não vai acreditar nisso, mas só pra que você

saiba - ele olhou pra mim agora, respondendo ao novo tom severo na minha voz - Edward realmente salvou minha vida. Se não fosse por Edward e seu pai, eu estaria morta.

- Eu sei - ele aclamou, mas pareceu que as minhas palavras haviam afetado ele um pouco. Talvez ele seja capaz de convencer Billy disso, pelo menos.

- Ei, eu lamento que você tenha que ter vindo fazer isso, Jacob - eu me desculpei. - De qualquer forma, você ganhou as suas partes, não é?

- É - ele ainda parecia estranho... chateado.

- Tem mais? eu perguntei sem acreditar.

- Esqueça - ele murmurou. - Eu vou arrumar um emprego e conseguir o dinheiro sozinho. Eu olhei pra ele até que ele olhou pra mim. - Cospe logo, Jacob.

- É ruim demais.

- Eu não ligo. Me diga - eu insisti.

- Ok, mas, Deus, isso é ruim. - Ele balançou a cabeça. - Ele disse pra te dizer, não, pra te avisar, que, e são palavras dele, não minhas. - Ele levantou uma mão da minha cintura e fez pequenos gestos no ar - Ele estará observando. - Ele esperou timidamente pela minha reação. Pareceu uma coisa de algum filme sobre a máfia. Eu ri alto.

- Eu lamento por você ter que fazer isso, Jake - eu ri silenciosamente.

- Eu não me importei tanto assim. - Ele sorriu aliviado. Seus olhos estavam apreciativos enquanto vasculhavam rapidamente o meu vestido. - Então, eu digo pra ele que você o mandou cuidar dos assuntos dele? - ele perguntou esperançosamente.

- Não - eu suspirei. - Diga a ele que eu estou agradecida. Eu sei que as intenções eram boas.

A música acabou, eu tirei meus braços.

As mãos dele hesitaram na minha cintura, e ele olhou para a minha perna engessada. - Você

quer dançar de novo? Ou eu posso te ajudar a ir a algum outro lugar?

Edward respondeu por mim. - Está tudo bem, Jacob. Eu cuido dela. Jacob vacilou, e olhou com os olhos arregalados pra Edward, que estava bem ao nosso lado.

- Oi, eu não te vi aí - ele gaguejou. - Eu acho que a gente se vê por aí, Bella. Ele deu um passo pra trás, acenando sem vontade.

Eu sorri. - É, a gente se vê depois.

- Desculpe - ele disse de novo antes de se virar para as portas. Edward colocou seus braços ao redor do meu corpo quando a próxima música começou. Era um pouco agitada demais para dança lenta, mas isso não pareceu preocupá-lo. Eu coloquei minha cabeça no peito dele, contente.

- Se sentindo melhor? - eu caçoei.

- Na verdade não - ele disse resumidamente.

- Não fique com raiva de Billy - eu suspirei. - Ele só se preocupa pelo bem de Charlie. Não é

nada pessoal.

- Eu não estou irritado com Billy - ele me corrigiu com uma voz entrecortada. - Mas o filho dele já está me irritando.

Eu me separei pra olhar pra ele. O rosto dele estava sério.

- Porque?

- Primeiro de tudo, ele me fez quebrar minha promessa.

Eu olhei pra ele confusa.

Ele deu um meio sorriso. - Eu prometi que não ia me separar de você essa noite - ele explicou.

- Oh. Bem, eu te perdôo.

- Obrigado. Mas tem outra coisa. - Edward fez uma careta.

Eu esperei pacientemente.

- Ele te chamou de bonita - ele finalmente continuou, sua careta ficando ainda mais profunda. - Isso é praticamente um insulto, pelo jeito como você está hoje. Você está muito mais que linda.

Eu sorri. - Eu acho que você está sendo influenciado.

- Eu não acho que seja isso. Além do mais, eu tenho uma ótima visão. Nós estávamos rodopiando de novo, meus pés em cima dos dele enquanto ele me segurava bem juntinho.

- Então, você vai explicar a razão pra isso tudo? - eu imaginei. Ele olhou pra mim, confuso, e eu olhei significantemente para o papel crepe nas paredes. Ele considerou por um momento, e então mudou de direção, rodopiando comigo até a multidão de pessoas na porta dos fundos. Eu peguei uma olhada de Jéssica e

Mike, dançando e olhando pra mim curiosamente.

Jéssica acenou, e eu sorri de volta rapidamente.

Angela estava lá também, parecendo abençoadamente feliz nos braços do pequeno Ben Cheney; ela não olhava pra os olhos dele que era uma cabeça menor que ela. Lee e Samantha; Lauren olhando na nossa direção, com Conner; eu podia dizer o nome de todos os rostos que passaram rodopiando por nós. E então estávamos do lado de fora, na fria, e fraca luz do por do sol que estava sumindo. Assim que estávamos sozinhos, ele me pegou nos braços, e me carregou no chão escuro até que alcançamos os bancos embaixo das grandes sombras das árvores anciãs. Ele se sentou lá, me mantendo embalada no peito dele.

A lua já estava no céu, visível através das nuvens, e o rosto pálido dele brilhava na luz branca.

Sua boca estava dura, seus olhos confusos.

- O ponto? - eu perguntei suavemente.

Ele me ignorou, olhando para a lua.

- É o crepúsculo, de novo - ele murmurou. - Outro final. Não importa quanto os dias sejam perfeitos, eles sempre têm que acabar.

- Algumas coisas não têm que acabar - eu murmurei por entre os dentes, subitamente tensa. Ele suspirou.

- Eu te trouxe para o baile - ele disse lentamente, finalmente respondendo a minha pergunta. - Porque eu não queria que você perdesse nada. Eu não quero que a minha presença tire nada de você, se eu puder evitar. Eu quero que você seja humana. Eu quero que você viva a sua vida como se eu tivesse morrido em 1918 como eu deveria ter morrido. Eu tremi com as palavras dele, e então balancei a cabeça com raiva.

- Em que estranha dimensão paralela eu iria para um baile por vontade própria? Se você não fosse milhares de vezes mais forte que eu, eu nunca deixaria você se livrar dessa. Ele sorriu brevemente, mas o sorriso não alcançou os olhos dele. - Não foi tão ruim assim, você mesma disse isso.

- Mas isso é porque eu estou com você.

Nós ficamos quietos por um instante; ele olhava para a lua e eu olhava para ele. Eu queria que houvesse alguma forma de explicar pra ele o quanto minha vida humana era desinteressante.

- Você me diz uma coisa? - ele me perguntou, olhando pra mim com um leve sorriso.

- Eu não digo sempre?

- Só me prometa que você vai dizer - ele insistiu, sorrindo.

Eu sabia que ia me arrepender disso quase instantaneamente. - Tá bom.

- Você pareceu honestamente surpresa quando soube que eu estava te trazendo pra cá - ele começou.

- Eu estava - eu interferi.

- Exatamente - ele concordou. - Mas você devia ter outra teoria... eu estou curioso, para o que você pensou que eu estivesse me vestindo?

Sim, arrependimento instantâneo. Eu curvei os lábios, hesitando.

- Eu não quero te dizer.

- Você prometeu - ele protestou.

- Eu sei.

- Qual é o problema?

Ele sabia que era pura verginha que estava me segurando. - Eu acho que vai te deixar com raiva, ou triste.

As sobrancelhas se juntaram sobre os olhos dele enquanto ele pensava nisso. - Eu ainda quero saber. Por favor?

Eu suspirei. Ele esperou.

- Bem... eu achei que fosse algum tipo de... ocasião. Mas eu não achei que fosse uma coisa tão humana... baile! - eu ridicularizei.

- Humana? - ele perguntou vazio. Ele se prendeu na palavra chave. Eu olhei pra baixo para o meu vestido, dedilhando um pedaço de chiffon. Ele esperou em silêncio.

- Tudo bem - eu confessei rapidamente. - Então eu estava esperando que você tivesse mudado de idéia... que você fosse me mudar, afinal.

Uma dúzia de emoções passou pelo rosto dele. Algumas eu reconheci: raiva... dor... e então quando ele pareceu se recompor a expressão dele ficou divertida.

- E você pensou que isso seria uma ocasião black-tie, não pensou? - ele zombou, tocando a lapela do paletó do smoking dele.

Eu fiz uma carranca pra esconder minha vergonha. - Eu não sei como essas coisas funcionam. Pra mim, pelo menos, parecia mais racional do que um baile. - Ele ainda estava sorrindo. - Não é engraçado - eu disse.

- Não, você está certa, não é - ele concordou, o sorriso desaparecendo. "No entanto, eu preferia tratar disso como uma piada, do que acreditar que você estava falando sério.

- Mas eu estou falando sério.

Ele suspirou profundamente. - Eu sei. Você quer mesmo tanto assim?

A dor estava de volta nos olhos dele. Eu mordí meu lábio e afirmei com a cabeça.

- Tão pronta para isso ser o fim - ele murmurou, quase pra sí mesmo. - Pronta para esse ser o último crepúsculo da vida dele, apesar da sua vida estar só começando. Você está pronta pra abrir mão de tudo.

- Não é o fim, é o começo - eu discordei por baixo do meu fôlego.

- Eu não valho a pena - ele disse tristemente.

- Você se lembra de quando me disse que eu não me via muito claramente? - eu

perguntei, erguendo minhas sobrancelhas. - Você obviamente tem o mesmo problema.

- Eu sei o que eu sou.

Eu suspirei.

Mas o humor dele se virou pra mim. Ele curvou os lábios, e os olhos dele estavam sondando. Ele examinou meu rosto por um longo momento.

- Você está pronta agora, então? - ele perguntou.

- Umm - eu engoli seco. - Sim?

Ele sorriu e inclinou sua cabeça lentamente até que seus lábios frios passaram na minha pele, bem abaixo do contorno da minha mandíbula.

- Agora mesmo? - ele sussurrou, a respiração dele estava fria no meu pescoço. Eu me arrepiei involuntariamente.

- Sim - eu sussurrei, assim minha voz não teria a chance de falhar. Se ele achasse que eu estava blefando, ele ficaria decepcionado. Eu já havia tomado a decisão, e tinha certeza. Não importava que o meu corpo estivesse rígido feito uma tábua, minhas mãos curvadas nos punhos, minha respiração descompassada...

Ele gargalhou sombriamente, e se afastou. O rosto dele parecia desapontado.

- Você realmente acredita que eu desistiria assim tão fácil - ele disse com um leve tom de divertimento na voz dele.

- Uma garota pode sonhar.

As sobrancelhas dele se ergueram. - É com isso que você sonha? Ser um monstro?

- Não exatamente - eu fiz uma careta pela escolha das palavras dele. Monstro, realmente. - Eu sonho mais em estar com você por toda a eternidade. A expressão deve mudou, se suavizou e ficou triste pela súbita dor na minha voz.

- Bella. - Seus dedos lentamente traçaram os contornos dos meus lábios. - Eu

vou ficar com você, isso não é o suficiente?

Eu sorri por baixo dos dedos dele. - Suficiente por enquanto.

Ele fez uma careta pela minha tenacidade. Ninguém ia se render essa noite. Ele exalou, e o som foi praticamente um rosnado.

Eu toquei o rosto dele. – Olha - eu disse. - Eu te amo mais do que tudo no mundo junto. Isso não é o suficiente?

- Sim, é suficiente - ele respondeu sorrindo. - Suficiente pra sempre. E ele se inclinou pra tocar a minha garganta com seus lábios frios mais uma vez.